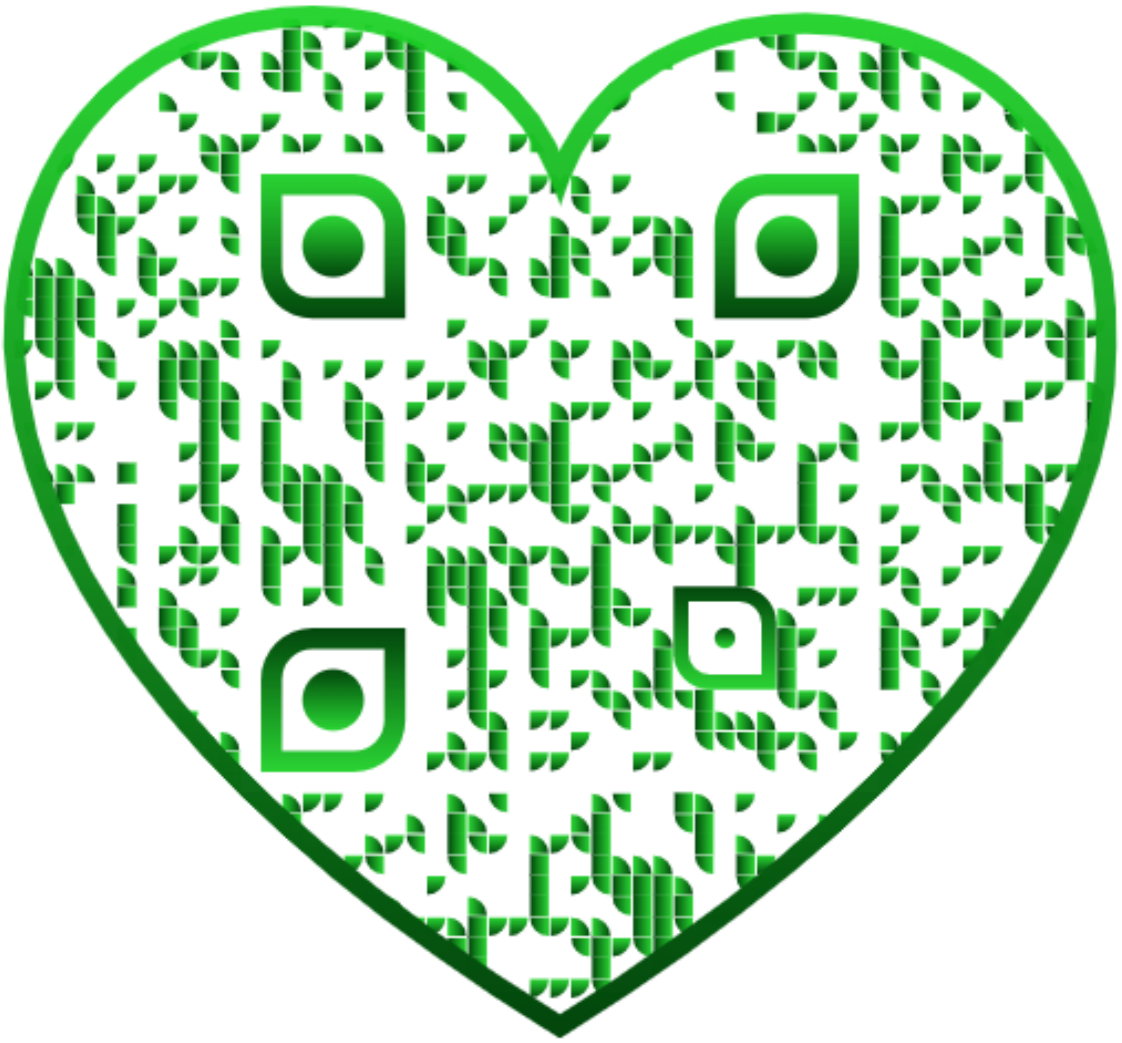
PETER HINCE

MINHA VIDA COM A MAIOR BANDA DE ROCK DO SÉCULO XX

QUEEN

NOS BASTIDORES

PRUMO



PETER HINCE

MINHA VIDA COM A MAIOR BANDA DE ROCK DO SÉCULO XX

QUEEN

NOS BASTIDORES

Tradução

Maria Elizabeth Hallak Neilson

PRUMO

SUMÁRIO

Prólogo

O show deve continuar

Mais uma, por favor – bis

Estados Unidos

Los Angeles

Japão

Distrações na estrada

Dias de maldição

Gravando

Montreux

Munique

Londres

Trens, barcos e aviões – ônibus, caminhões e carros

América do Sul

Sun City

Pensei que tivesse acabado

Agradecimentos

Caderno de fotos

Créditos

O Autor

PRÓLOGO

Queen nos bastidores é sobre uma banda de rock e o estilo de vida rock’n’roll, contado através da minha experiência trabalhando para o Queen no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Minha história é dirigida a qualquer pessoa que, alguma vez, tenha se perguntado como seria, de fato, passar a juventude viajando pelo mundo e convivendo com uma das maiores bandas de rock que já existiu.

Tive sorte de viver essa vida – e sobreviver. Alguns, infelizmente, não tiveram a mesma sorte, inclusive um gênio extraordinário, cuja influência sobre mim foi marcante.

Minha viagem é composta de muitas histórias, anedotas, observações e lembranças. Não é uma historiografia definitiva ou cronológica do grupo; escrevo apenas sobre minhas experiências em primeira mão e espero ser capaz de transmitir a sensação do que era estar com o Queen onde quer que fosse: no palco, nos bastidores, no estúdio, na gravação de clipes, ou no bar. Atenção, “especialistas” na banda: os shows ao vivo que relato incorporam elementos e incidentes de várias turnês realizadas ao longo dos anos. Não se trata da descrição de uma apresentação específica, mas de uma tentativa de exprimir e reviver a experiência de estar onde todo mundo queria estar – no palco com o Queen, como de fato aconteceu. Ao vivo.

Escrevi este livro por vários motivos. É possível que tenha sido um exercício de catarse. Todavia escrevi-o, principalmente, como um tributo – não apenas ao querido Freddie e a outros que já não estão mais conosco –, uma saudação a momentos maravilhosos e à nossa experiência compartilhada. Aqueles foram

dias mágicos de verdade, quando éramos jovens e pensávamos poder enfrentar o mundo e vencer. Isso acontecia quase sempre.

Meu livro é uma lembrança cálida de uma época em que tínhamos menos barriga e mais cabelos.

Se você quer fofocas sórdidas e revelações bombásticas, compre um tabloide. Se desejar se unir a mim em minha jornada, e deleitar-se com muitas risadas e surpresas ao longo do caminho, sinta-se à vontade – concedo-lhe passe livre a todas as áreas.

Talvez a minha fosse uma fama refletida – contudo, como era maravilhoso banhar-se naquela luz.

Assim, para lembrar uma frase que Freddie costumava usar com frequência: “Mexam-se. Vamos em frente!”.

O SHOW DEVE CONTINUAR

(A equipe de apoio está pronta – Onde está Fred?)

– Não vou conseguir! Simplesmente não posso continuar! Não adianta – o show *precisa* ser cancelado!

Freddie Mercury, o vocalista da banda de rock Queen, muitas vezes dizia ao seu amado público que gostaria de fazer sexo com cada um dos presentes. Bem, olhando para ele naquele momento, tinha-se a impressão de que fora exatamente o que fizera na noite anterior, inclusive com alguns de seus amigos. Além de haverem compartilhado as bebidas também.

O Queen está no auge do sucesso, e dos excessos. Um Fred pálido, de aparência frágil, encontra-se abrigado nos bastidores, no conforto do camarim. Lá fora, quase 20 mil ruidosos fãs de rock lotam o estádio, a menos de uma hora do início do show. Sr. Mercury está em um daqueles dias de mau humor, e ninguém se atreve a contrariá-lo. Apenas o ignoram, na esperança de que a nuvem se dissipe. Em vão.

Fred levanta-se, agita os braços dramaticamente e torna a expressar seus sentimentos em alto e bom som:

– Estou dizendo: *Não posso* fazer esse show, minha voz está fodida. Eu *estou* fodido!

O que você esperava, vociferando e se esgoelando desse jeito?

Brian May e Roger Taylor resmungaram palavras de apoio e tentaram acalmá-lo, enquanto o baixista John Deacon continuava estirado no sofá, ouvindo seu *walkman*, balançando a cabeça e sorrindo com um ar divertido. Nesse ínterim, o pessoal da “produção”, já inquieto, parou de lambiscar a

comida farta, disposta em inúmeros pratos sobre as mesas compridas, e começou a remexer em suas agendas atrás dos telefones dos advogados e das companhias de seguro. O rosto do *promoter* estava branco de pavor.

Fred está exatamente onde gosta – ocupando o centro de todas as atenções e representando o papel de diva com perfeição. A bicha desvairada. Essa cena já se desenrolou antes, porém desta vez parece que a coisa pode ser séria.

Um dos assistentes da banda folheia seu guia *Spartacus*[1] e, num tom animado, informa Fred sobre uma cabine telefônica, uma travessia de pedestres e uma loja de ferragens – todos pontos de encontro gay na região – sugerindo que poderiam perambular por ali depois do show. Fred, entretanto, não se deixa impressionar.

Um drinque talvez, para levantar os ânimos? Champanhe Moët, sua favorita? Não. Uma generosa dose de vodca? Não. O trabalho vai ser duro.

– Me dá um cigarro! – ele ordena a um de seus "assistentes".

Fred dá uma tragada rápida num cigarro com baixo teor de nicotina.

Isso *realmente* vai ajudar a sua voz…

Gerry Stickells, o astuto produtor da turnê, que até então se limitara a observar a situação à distância, aproxima-se e, candidamente, lembra ao sr. Mercury que um mundo de gente – na realidade os ingressos haviam-se esgotado – pagara um bom dinheiro e esperara muito tempo para vê-lo se apresentar naquela noite e não seria nada simpático desapontá-los. E Fred nunca fora o tipo de decepcionar seu público, certo?

Quanto a mim? Peter Hince (também conhecido como Ratty), *roadie* de Fred e John, e chefe da equipe de apoio do Queen. Estou ignorando todo esse melodrama e perambulando pelo camarim, uma vez que era uma das raras pessoas com acesso permitido àquela área durante o período anterior ao show. Fred se acalma um pouco enquanto pondera sobre as palavras do produtor. Entrega o cigarro a alguém para que o apague, toma um gole de mel quente com limão e, franzindo o cenho, senta-se amuado numa poltrona. Ele não fala nada e

os outros membros do grupo – produtor, assistente e *roadie* – o deixam quieto, pondo-se a fazer, animadamente, as mesmas perguntas de sempre:

“Como está o som no palco, agora que a multidão chegou? Os ingressos para o show desta noite estão *completamente* esgotados, *não estão*? Como está indo a venda dos ingressos para o resto da turnê? Também estão esgotados? O novo *single* já chegou ao primeiro lugar das paradas? A que horas começamos? A que horas terminamos? Está quente ou frio lá fora? Aquele zumbido desagradável dos monitores sumiu? É *mesmo* verdade que Van Halen tem mais luzes em seu show do que nós? E quanto ao merchandising da turnê… está funcionando?”

A qualidade do camarim do Queen variava de tamanho e estilo dependendo do local. Naturalmente os teatros possuíam camarins adequados, porém as instalações funcionais de estádios esportivos precisavam ser “repaginadas” antes de consideradas dignas de receber o Queen. O chão frio de concreto acabava coberto de carpete e tapetes, as paredes nuas revestidas de tecido, ou adornadas com quadros. Mobiliário, luminárias, flores e “objetos” contribuíam para tornar o ambiente mais aconchegante e descontraído para os artistas visitantes. Havia chuveiros adjacentes, espelhos para maquiagem e áreas destinadas a acomodar as malas com o guarda-roupa do grupo, além de um espaço central para relaxar, com mesas de comida e bebida encostadas num canto. Todavia, a despeito do conforto, os ruídos distantes da banda encarregada do show de abertura podiam ser ouvidos. Se por ventura alguém do Queen estivesse se sentindo tenso ou irritado, insistia para que o som do palco fosse abaixado a fim de que se preparasse em paz…

– E então, Fred? – arrisco-me a puxar conversa alegremente com um dos maiores *showmen* do mundo.

– Sim, querido, o que é? – ele responde com um pouco mais de energia, parecendo melhor.

– As músicas? Quais são suas escolhas esta noite?

– Ah. Sim, claro.

A bicha desvairada, por quem nutro o maior respeito, admiração – e exasperação – afinal decidira se apresentar. Nunca acreditei, de fato, que Fred iria desapontar o público, o resto da banda, ou a equipe de apoio – que passara as últimas 12 horas, ou mais, dando o sangue para pôr o espetáculo de pé – a fim de que ele pudesse saracotear durante algum tempo metido em trajes tolos. Como de costume, sr. Mercury iria até o fim movido pela força de vontade, autoconfiança e determinação.

Poucas pessoas podem abordar Fred enquanto se prepara para um show, mas eu o rondava mesmo quando cercado de pessoas "bonitas e importantes" e perguntava: "E aí? O que você está com vontade de tocar hoje?"

– Não sei. Por que você não adivinha?

– Você quer que eu adivinhe?

– Quero, Ratty, tente adivinhar! – Ele ria, jogando charme para a pequena plateia, que também ensaiava algumas risadas.

– Isso não é lá muito útil, é?

– Pois então não vou lhe dizer! – rebatia cheio de autoridade, novamente fazendo charme para seu séquito de convidados.

– Tudo bem, então – eu encolhia os ombros, sabendo tratar-se apenas de um joguinho que o agradava.

– Já que é assim, vamos partir para uma queda de braço! – Fred estufava o peito e flexionava os músculos.

– O quê?

Aqueles não acostumados ao nosso relacionamento se espantariam ao ver um *roadie* desgrenhado e irreverente ganhar a atenção de uma das maiores estrelas mundiais do rock. Em geral, Fred responderia com uma risada, agitaria as mãos no ar e sentenciaria, dramático:

– Ok, a escolha é *sua*!

Era uma tirada lisonjeira, porém nada produtiva. Então, eu sugeriria algumas canções do Led Zeppelin, um clássico dos Rolling Stones e "talvez você poderia

até tocar algumas de suas próprias músicas, Fred".

– Caralho!

Brincalhão, ele me bateria com uma toalha, ou com qualquer outra coisa que estivesse à mão, e me poria para fora do camarim gritando:

– As mesmas músicas da porra do último show!

Sua voz certamente parece um tanto melhor agora, Fred…

O *set list* estava pronto. O conteúdo daquela folha de papel configurava uma questão urgente para a equipe a medida em que a hora do show se aproximava; a seleção final sempre cabia a Fred, de acordo com o estado de sua voz. Não raro ele apenas gostava de criar um pouco de tensão – para manter todo mundo na linha. Às vezes referia-se ao *set list* como o "nosso repertório". Afinal, Freddie Mercury era um homem bastante articulado e tremendamente culto.

Scaramouche, and doing the fandango?

Extremamente inteligente e bem-educado.

Thunderbolts and lightning, appeared to be very frightening!

Um homem eloquente, que escreveu canções profundas, complexas, e cheias de significado.

He wanted to ride his bicycle…

Havendo sido despachado por Fred, cabia-me agora levar o *set list* para o pessoal pertinente da equipe de apoio, de modo que o pudessem conciliar com suas próprias listas, onde os títulos das músicas apareciam sempre abreviados. "Bohemian Rhapsody", por exemplo, tornava-se "Bo Rhap", "We Are the Champions" simplesmente "Champions". Com uma caneta esferográfica preta, anotavam-se quais canções eram descartadas ou acrescentadas.

As dicas para o Queen e a equipe de apoio apareciam em código, ao lado dos nomes das músicas. "Fat Ré", por exemplo, indicava que John deveria descer a afinação da corda Mi de seu baixo para Ré logo antes de tocarem "Fat Bottomed Girls". ("Fag B" significava apenas uma pausa para John e eu fumarmos um cigarro, pois Fred estaria fora do palco naquele momento e eu não precisaria

ficar de olho nele o tempo inteiro.) A irreverente equipe de apoio descaradamente renomeava as músicas do set list: “We Will Rock You” (Vamos abalar você) virava “We Will ROB You” (Vamos roubar você); “Now I’m Here” (Agora estou aqui) – “Now I’m Queer” (Agora sou veado); “I Want to Break Free” (Quero me libertar) – “I Want to Break Wind” (Quero peidar); “Flash!” (Clarão) – “Trash” (Lixo). E assim por diante.

O *set list* colado no topo do Steinway negro de Fred constituía a primeira “informação privilegiada” concedida a pessoas de fora durante a montagem do show. À medida que o piano de cauda – o primeiro item do equipamento da banda a ser colocado no palco – era “baixado” de sua enorme caixa de transporte e aguardava o encaixe da terceira perna, o time local já se punha a analisar e comentar as músicas que o Queen se propusera a tocar. Enquanto isso, este escriba estaria deitado sob uma tonelada de madeira, metal e imitação de marfim gritando para os outros “levantem essa porcaria” para que eu pudesse aparafusar a última perna.

Com o início do espetáculo se aproximando, as toalhas e bebidas para os membros da banda se refrescarem no palco encontravam-se agora estrategicamente dispostas: água e cerveja para Fred, cerveja para Brian e Roger e o bar nos bastidores para John, com água, cerveja, refrigerantes, vinho e quaisquer drinques ou coquetéis que ele desejasse na época – Southern Comfort, vodca ou tequila. Além das bebidas, um mix de nozes e chocolate M&M’s. Tudo discretamente localizado ao lado de sua mesa de controle, onde ele podia, simultaneamente, aumentar o volume e entornar um copo. Uma cópia do *set list* também estava colado ali para John e os outros consultarem – junto com os horários de abertura.

Na época áurea do Queen, em meados da década de 1970, havia taças de champanhe sobre o piano de cauda para Fred. Eu as guardava numa caixa, embrulhadas numa toalha velha e, pouco antes do show, limpava-as com a ponta da minha camiseta e as enchia de água da torneira.

Nunca champanhe. Certa vez, num lugar onde a água da torneira tinha cor muito duvidosa, resolvi encher as taças de Perrier, mas Fred me xingou, a água com gás o fez arrotar! Depois de um incidente, quando uma taça causou ferimentos numa pessoa do público, instruíram-me a substituí-las por taças de plástico. Ao ver aqueles artigos bregas, saídos de uma loja de festa, Fred ficou horrorizado e nós as trocamos por copos simples de plástico. Também passamos a preferir Evian ou ainda água mineral, quando nosso bufê dos bastidores tornou-se mais sofisticado.

Perto do início da apresentação, Brian seria levado até a sala de afinação nas coxias para afinar suas guitarras e aquecer os dedos. Invariavelmente estaria conversando com alguém e acabava tão empolgado que se esquecia quais guitarras já havia afinado, tendo que partir do zero.

O show está prestes a começar e Brian tenta, sem sucesso, plugar uma guitarra havaiana num afinador estroboscópico.

– Brian, esse é um instrumento acústico!

Ele sorri e afina a guitarra de ouvido.

Todas as guitarras de John e Fred seriam afinadas por mim, no palco, pois assim estariam mais próximas da temperatura e do ambiente em que seriam de fato usadas. Depois dos primeiros espetáculos de uma turnê, Fred e John quase nunca checavam o som, confiando o encargo à sua equipe. O que significava que podiam dormir mais.

Embora os integrantes do Queen fossem indivíduos confiantes, às vezes, em shows de grande porte ao ar livre, ou em ginásios gigantescos em cidades importantes ou novas, o nervosismo costumava se insinuar. Nesses momentos as brincadeiras de uma equipe de apoio irreverente os ajudariam a relaxar e a manter o alto-astral. O Queen conseguia rir de si mesmo e enxergar o lado engraçado de algumas das coisas pomposas que faziam, o que também os auxiliava a manter os pés no chão, visto estarem cercados de bajuladores prontos a garantir-lhes que tudo o que realizavam era maravilhoso e irrepreensível.

– O público está pronto, Fred.

– Ótimo. Como é que eles estão?

(*Como é que eles estão? Excitados? Entusiasmados? Irritados?*)

– A mim me parecem bastante simpáticos.

– Filho da mãe!

– Ah, a propósito, o novo álbum acabou de…

– Ganhar um disco de ouro? De platina? De platina *duplo*? – um dos membros do Queen interviria, áspero.

– Não, saiu em vinil.

– Vá a merda!

– Ouvi dizer que uma mulher em Slough comprou uma cópia.

– Dane-se, cara! Agora vamos em frente! Quando começamos?

Com o Queen louco para entrar em cena, o burburinho tornara-se crescente e podia-se sentir a onda de energia nervosa varrer os corredores das coxias. Com seu crachá de "Acesso a todas as áreas" pendurado no pescoço, a equipe de apoio percorria o palco para checar o equipamento e verificar se havia alguma "gostosa disponível" nas primeiras fileiras.

Nesse ínterim, o camarim do Queen já fora esvaziado, ali permanecendo apenas as pessoas indispensáveis enquanto a banda finalmente vestia-se, fantasiando-se e preparando-se para a intimidante e empolgante provação que estava por vir. Para exorcizar a tensão nervosa e aquecer as vozes, Fred e Roger gritavam um com o outro, os guinchos agudos lembrando um casal de gatos num beco escuro. Com um par de baquetas nas mãos, Roger batia em tudo e qualquer coisa sem cessar – inclusive em seu assistente e ex-*roadie*, Chris Taylor (também chamado de Crystal) a fim de esquentar os pulsos e conservá-los flexíveis.

Houve ocasiões em que o Queen se atrasou para entrar no palco, contudo, num show na Espanha, a culpa não foi deles. Joe Trovato, o iluminador da banda na época, andara bebendo tanto do vinho local – abundante e barato –, que não saía do banheiro nos bastidores. Num estado lastimável, achava-se sentado no

vaso, sem ter noção do tempo, quando ouviu uma batida à porta e uma voz conhecida e preocupada perguntar-lhe: “Tudo bem aí?”. Ao abrir a porta, Joe deparou com Fred e os outros do grupo – todos vestidos e prontos para entrar em cena. Com uma careta e um pedido de desculpas, ele ajeitou a roupa e assumiu seu lugar à mesa de iluminação.

Agora é hora do show, a hora do show do Queen, em torno do qual todo o dia de hoje girou. Importam apenas os próximos 120 minutos. Daqui a pouco o Queen estará no palco, na sua cidade, tocando para vocês – *somente para vocês*, os privilegiados possuidores de ingressos. As quatro figuras, cujos rostos apareceram em toda a mídia, estarão lá em cima, no palco, munidas de seus instrumentos, ao vivo e em cores. Eles cruzaram mar e terra, superaram todo tipo de obstáculos e ressacas para lhes proporcionar essa experiência pessoal especial. Certifiquem-se de desfrutá-la!

O palco está pronto; tudo no lugar, o carpete limpo, todos os equipamentos ligados e tinindo, todo mundo de prontidão em seus postos. A equipe de apoio está em posição – porém não envergando uniformes, a despeito das tentativas de nos fazerem vestir roupas que camuflassem nossa presença em cena. Influenciada por sua primeira visita ao Japão, a banda nos dera quimonos curtos e pretos com a palavra “Queen” escrita em vermelho, em caracteres japoneses, nas costas. Muito estiloso, porém nada prático, e seria difícil ganhar o respeito de um caminhoneiro de mais de 1,80 m de altura e 130 kg, ou de um carregador, metido nesse tipo de traje. Os operadores de holofotes no palco e encarregados da iluminação usavam macacão preto justo, todavia eu achava que o traje dificultava os movimentos e, como passavam o espetáculo correndo de lá para cá, calça jeans e camiseta me pareciam ideais, de preferência camisetas de brinde do Queen para mostrar alguma lealdade e respeito.

A checagem final dos instrumentos era feita em conjunto com a checagem dos canais – verificava-se se todos os instrumentos estavam colocados de volta nos canais corretos da mesa de som após haverem sido usados pelo grupo que

abriu o show e se tudo estava em ordem. É por isso que se ouvem, com frequência, acordes rasgando as guitarras, estrondos da bateria e dedilhar de piano antes de uma banda entrar no palco. Existe uma arte especial e um procedimento rigoroso para tais exercícios; conhecimento em exagero é perigoso, assim como a sua falta. Durante esse processo, não toque um fraseado conhecido, e muito menos um fraseado do Queen, caso contrário há o risco de enlouquecer o público, ganhar seus quinze segundos de fama e enfurecer a banda. Além do mais, você acabará taxado de “babaca” pelo resto da equipe. O melhor é tocar notas soltas e um ou dois acordes, pois dessa forma o público ainda poderá se enganar achando que você sabe mesmo tocar. Entretanto sempre existe uma tentação enorme de colocar o volume no talo e mandar alguns compassos…

Apesar do que pensam as pessoas, é de fato muito importante checar os instrumentos imediatamente antes do show, considerando que as coisas realmente mudam depois da passagem de som. O posicionamento dos alto-falantes tem que ser exato, ou a acústica sofre alterações. A desculpa clássica do engenheiro de som é a seguinte: “Não se preocupe, tudo estará perfeito quando o público chegar”. Qualquer tipo de transmissor pode entrar em operação e afetar o sistema *wireless* de guitarras e microfones. Temperatura e umidade costumam provocar problemas na afinação e desencadear um estrondo horrível na bateria. Devido à interferência, há o risco de o amplificador do Brian transmitir sinais de radiotáxi ou de estações de rádio, ou talvez o elevador de carga do prédio esteja sendo usado na mesma fase elétrica do sistema de som, e acabe transmitindo o ruído intermitente de motor de popa. Esteja certo de que todo tipo de demônio eletrônico sem explicação sairá das mais escuras profundezas do inferno apenas para atormentá-lo dois minutos antes do show.

“UM – UM – DOIS – DOIS”, Jim Devenney, responsável de monitorar o som do palco, gritou direto no microfone de Fred, um Shure 565 SD prata, sua marca registrada. O chamado familiar ecoou enquanto Devenney perambulava

pelo palco com a famosa haste: uma peça tubular cromada retirada do suporte do microfone que Fred usava como um acessório de palco, transformando-a em espada, guitarra, metralhadora, taco de golfe, taco de beisebol, ou o que ele quisesse. Mais comumente apresentava-o como “Meu pau, querido”.

O gerente de palco, após ter checado com o pessoal da equipe de apoio e constatado que tudo estava *definitivamente* pronto, entrou em contato com o camarim através do *walkie-talkie*, acionando a banda.

Uma última ida ao banheiro para esvaziar a bexiga, e o Queen, acompanhado de seus seguranças, as “meninas” figurinistas e assistentes, estava agora nas coxias, os artistas inquietos e loucos para soltar as feras. Pelos fones de ouvido, o eletricista da casa recebeu a mensagem para diminuir as luzes. Enquanto as luzes se apagavam, uma torrente de adrenalina invadiu a equipe de apoio e o público. O Queen seria arrebatado pela combinação dessa energia e pelo facho de luz direcionado para a Casa de Bonecas: uma armação de alumínio envolta em cortinas negras, localizada no canto direito do fundo do palco. Esse esconderijo de pouco mais de 2 m² servia para a banda descansar, ou se ocultar dos olhos da plateia quando não estivesse em cena. Nem mesmo o pessoal portador do crachá “Acesso livre a todas as áreas” tinha permissão para entrar ali.

A fita de introdução retumbou pelos alto-falantes e monitores, brigando para se equiparar ao nível do barulho do público, e as máquinas de gerar fumaça criaram a atmosfera necessária para que as luzes a retalhassem quando retornassem pulsantes à vida. Não havia mais como voltar atrás. As centenas de lâmpadas do equipamento do jogo de luz piscaram e bruxulearam, sem contudo reacender, só cintilando em toda sua intensidade quando o monstro metálico começou a ser suspenso no ar, cuspindo feixes multicoloridos.

O Queen tomou suas posições: Roger abaixado na banqueta, atrás do kit de bateria reluzente; Brian, com sua guitarra vermelha artesanal – plugada ao amplificador por um cabo enrolado, semelhante ao cordão umbilical –

permaneceu escondido atrás de um monitor grande e preto, à esquerda do palco. Depois que eu ajeitei o baixo Fender em John, este pôs-se a andar nervosamente para cima e para baixo atrás de uma pilha de caixas de som, como um pai ansioso no corredor da maternidade.

A fita de introdução deu a deixa para o trio detonar perfeitamente os acordes da música de abertura enquanto Brian e John pulavam cheios de vigor para dentro do palco. Após os compassos de abertura, Fred deslizou como um felino para fora da Casa de Bonecas e pegou a haste do microfone de minhas mãos, apossando-se do palco sem esforço. A gritaria do público atingiu outro patamar quando Fred tomou seu lugar inicial e o jogo de luzes atingiu a posição final, resplandecendo e flamejando num verdadeiro show de pirotecnia. A energia gerada era avassaladora. A ideia de “cegar” e “ensurdecer” a plateia funcionava toda vez.

O Queen está ali para entreter você! GRANDE show, GRANDES sucessos e, naquele momento – A MAIOR BANDA DO MUNDO! O Queen poderia até já ter se apresentado no local antes, todavia, assim como num encontro com uma ex-amante, existe sempre uma certa expectativa de ambas as partes – quão longe iremos? O ar vibra, carregado de energia e tensão sexual – quem tomará a iniciativa?

Fred. Ele era o mestre. Provocaria e seduziria seu público como um amante experiente, usando força, dissimulação e poder para assumir o controle. Atraindo suas conquistas para si, reduziria o ritmo e exporia a própria vulnerabilidade antes de arrastá-las para o píncaro da excitação e da consumação do ato.

Daí sua declaração: “Eu queria comer vocês todos”.

Uma promessa que ele se esforçava ao máximo para cumprir. Com meus olhos ajustados à penumbra, eu observava agora o acelerar da marcha orgástica. Lá íamos nós de novo – mais um dia de trabalho. Na maioria das noites, o Queen era muito bom, e às vezes absolutamente espetacular, ou não tão bom assim. Mas sempre, sem dúvida, uma tremenda banda ao vivo, emocionante de assistir. E o

segredo disso era bem simples: eles sabiam tocar. Haviam dominado e se dedicado aos seus instrumentos, alimentando uma crença firme na qualidade do que faziam. Quando o grupo saía em turnê depois do lançamento de um novo álbum, todos sempre procuravam dar o melhor de si para o público pagante, visto que aqueles quatro sujeitos ambicionavam, descaradamente, ser “a maior banda do mundo”.

A primeira música, é claro, transcorria um pouco tensa. Tudo estava funcionando ok? Parecia que sim. Eu ouvia bem, porém os músicos também se escutavam direito? Essa era a hora em que a gente costumava se entreolhar, o repertório de acenos, piscadelas e gestos indicando o nível de satisfação da banda. O desconforto causado pela fumaça e pela chuva de poeira provenientes das explosões pirotécnicas acabava ignorado à medida que a concentração se intensificava. A primeira canção sempre parecia terminar num átimo e em geral emendava na segunda, também acelerada, sem pausa ou introdução. Depois do acorde final dessa música, o Queen cumprimentaria o público, Fred gritando um estridente “Obrigado a VOCÊS!” antes de indagar:

– Vocês estão prontos para abalar?

– SIM!

– Vocês estão prontos para o rock’n’roll?

– SIM!

– OK – então vamos nessa (porra)!

Mais um (ou dois) números agitados mantinham a animação da plateia e então a primeira canção ao piano, que possibilitava ao público e a Fred um breve descanso, além de conceder a ele a oportunidade de me passar qualquer comunicado relevante.

– Diga a ele que está desafinado. Como posso encaixar minha voz???

– A quem você está se referindo, Fred?

– Você sabe! E o outro, ele não consegue nem acertar a batida! O que há de errado com ele?

Limito-me a assentir.

– Deixa pra lá, deixa pra lá. Como digo “Boa-noite” em flamengo? – Fred pergunta, ofegante.

– Está escrito à caneta nas costas da sua mão.

– Não posso enxergar nessa droga de escuridão, posso? (*Roadie*: leitor de pensamentos, bode expiatório e linguista infravermelho?)

– Não, e parece que sumiu por causa do suor.

– O quê?

– Hum… *Guten Soir, senoras?* – Encolho os ombros.

– Ah, foda-se! – Fred resmunga, optando pela saída mais segura: falar em inglês.

Uma troca acontecia entre mim e Fred: seu microfone por um drinque fresco de mel quente e limão. Um gole para aliviar a garganta e ele sentava-se, remexendo-se no banco para se ajustar ao instrumento. Esse era um momento crítico de avaliação: Fred estaria feliz com o desenrolar das coisas? Estaria tudo bem em seu mundinho mercurial? Enquanto ele dedilhava as teclas com suavidade, atirando comentários esporádicos para o público faminto, eu estava agachado na extremidade oposta, ou na curva do Steinway negro, observando-o cuidadosamente e tentando evitar que o brilho multicolorido e os reflexos hipnóticos na tampa do piano dispersassem minha atenção.

O resto da banda aproveitaria a oportunidade para recuperar o fôlego, tomar uma bebida e dar instruções sobre o som do palco. As instruções de John eram mínimas e em geral giravam em torno do tarol e dos pratos no seu monitor de solo. A primeira canção de Fred ao piano consistia numa das partes cruciais do show e, quando eu percebia *aquele seu jeito* – uma série de inclinações de cabeça, acenos de mão e expressões faciais –, sabia se desejava seu vocal mais alto, se o som do piano estava duro demais, se as escapadas da noite anterior o tinham cansado, ou até mesmo o que achara do modo como o resto da banda tocara… tudo isso transmitido pelos seus trejeitos. Aliás, um determinado gesto

seu assemelhava-se bastante ao aceno real de Sua Majestade a rainha.

Quando Fred girava os dedos, sinalizando estar com calor, eu ligava o ventilador sob o piano para refrescá-lo. E quando ele aquiescia com um aceno de cabeça, piscava e sorria para mim, era como se um irmão mais velho estivesse demonstrando confiança e apoio.

Admito, francamente, que aquilo me energizava, me estimulava, me fazia sentir bem. Como eu reagia? Levava na gozação, encenando, com Crystal, um showzinho de marionetes de luvas na ponta do piano, ou pondo na cabeça um boné de beisebol, dado por um fã no Japão, dotado de um par de mãos gigantescas batendo palmas. Saía de trás do piano e puxava a cordinha para operar as mãos, aplaudindo Fred junto com o público. Ele ria. Fred ria muito. Então me perseguia pelos bastidores para me dar um tapa, ou um soco. Em qualquer outro emprego, se seu chefe o agredir trata-se de um incidente sério, independente das circunstâncias. Porém, quando Fred me batia, via-se aquilo como parte do trabalho, uma maneira de liberar um pouco do excesso de energia. Além do mais, os golpes de brincadeira não machucavam. E, claro, eu tinha um corpo rijo na época.

A equipe de palco enxergava claramente o público exposto ao brilho da iluminação do espetáculo, porém não os membros da banda, constantemente com a luz forte dos refletores focada em seus olhos. Fred sozinho tinha uns doze ou mais holofotes sobre si, portanto conseguia avaliar a plateia apenas pela reação audível da mesma e pela sensação que esta lhe passava, não conseguindo ver nada além das primeiras fileiras. Mas isso bastava.

Comentários de Sr. Mercury após o show numa cidade provinciana dos Estados Unidos: “Você viu aquelas pessoas na frente? Você viu? Eram todas feias! *Não* quero esse tipo de gente num show do Queen!”

Então o público deveria passar por um processo de escalação antes da vendagem de ingressos para os concertos? Ok, vá conversar com o *promoter* sobre isso…

Era sempre tentador dar uma olhada na plateia e observar a reação das “pessoas feias”, ou checar as gostosas, entretanto, se Fred me pegasse espiando, me lançava um olhar demolidor. Eu deveria espreitá-lo feito um cão de guarda e estar preparado para correr até o palco a qualquer instante, pronto para desembaraçá-lo e ao seu microfone de quaisquer obstáculos, meio agachado para evitar ser percebido pelo público. Eu parecia padecer de um problema crônico de coluna, de forma que entre mim e os “feios” da primeira fila, formaríamos o perfeito Quasimodo.[2]

Todavia, quando no palco, Fred primava pela atenção e argúcia, mantendo-se a salvo de situações potencialmente embaraçosas de uma maneira prática, a despeito de ser traído por sua incontinência verbal. Não obstante, Brian vagava de um lado para o outro do palco, alheio ao que o cercava, entregue à sua música, deixando um rastro de cordão umbilical negro pelo caminho. Fred se esquivava habilmente, impedindo que seus cabos se enroscassem e inibissem a movimentação mútua. Enquanto Brian perambulava de lá para cá, ainda perdido em seu mundinho particular, Fred chegava a passar sua “haste” sob o cabo do outro para evitar que ficassem entrelaçados. E quando os fios inevitavelmente embaraçavam, ele punha o microfone no chão e arqueava as sobrancelhas, sinal de que queria o microfone reserva. Às vezes Fred sentava-se em cima de mim enquanto eu estava de quatro, pelejando para desatar o nó no meio do palco. Rindo, balançava-se para cima e para baixo. Muito engraçado, Sr. Mercury, mas agora chega… as pessoas estão começando a falar…

John não se envolvia nessa rixa de emaranhamento de cabos e em geral permanecia no fundo do palco ou no tablado do baterista. Nas turnês seguintes do Queen, passou a utilizar transmissores por radiofrequência Nady em todas as suas guitarras. Ele era formado em eletrônica – não havia como enganá-lo com problemas técnicos!

Contudo, uma das primeiras tentativas de usar um desses transmissores num dos baixos do John, no fim da década de 1970, não deu muito certo. Eu estava

experimentando o sistema de som da Schaeffer, a tecnologia de ponta da época, quando, após testar diferentes notas do baixo durante a passagem do som, indaguei a Trip Khalaf, engenheiro de som do Queen, pelo alto-falante:

– Como está o som? Tem muita compressão?

– Parece um jacaré peidando – foi a resposta nada entusiasmada.

De volta ao cabo… pelo menos por enquanto.

Fred sempre gostou de microfone com cabo, utilizando-o no palco como mais um acessório, agarrando-o e girando-o com diferentes graus de intensidade, estalando-o como um chicote, ou lançando-o como um laço. Apenas durante a última turnê do Queen, *Magic*, com seus vastos palcos e passarelas ao ar livre, ele começou a usar microfones sem fio.

– Hummm, sim, é muito moderno – exclamou ao ver a mais nova peça de tecnologia cara durante os ensaios. – E dá tesão também.

O microfone fálico da Sony era diferente do seu clássico Shure: mais longo, mais grosso e preto fosco, portanto um item que não destoaria numa sex shop do Soho.

O show da banda continuava com o *medley*, peças mais antigas e material novo, normalmente baseados no piano, o que ajudava Fred a ditar o ritmo. Após correr intensamente pelo palco, um holofote o focava na escuridão, desmoronado sobre o piano.

– ESTOU FODIDO! – ele berrava ao microfone, recebendo gritos de aprovação da multidão, que inspirava-o a se levantar e esfregar o quadril no instrumento, como se o estivesse penetrando, gesto que desencadeava mais furor na plateia.

Fred não se dirigia ao público quando ao piano, exceto para um agradecimento ocasional; ele gostava de fazê-lo do centro do palco, ou na passarela, com todos os holofotes focados em si. Era ali que podia utilizar seu corpo, presença e voz para se comunicar bem. Nunca se portava de maneira previsível e ocasionalmente surpreendia as fileiras da frente perguntando:

– Algum pedido especial?

Alguém certa vez pediu uma música antiga do Queen, que não fora incluída no show ao vivo:

– Tocar isso? Ah! Vai sonhando! – ele respondeu num deboche estridente, atirando a cabeça para trás e se afastando. “Vai sonhando!” tornou-se um bordão do Queen usado em muitas turnês. E além.

De volta ao piano, eu entregava a Fred mais uma bebida quente e calmante, conforme ele solicitara.

– Como estamos indo, como está tudo?

– Bem. Tudo ótimo, Fred.

– Bom, isso é bom, e assim deveria ser!

Entretanto, a resposta da plateia às vezes não correspondia ao esperado no show, então Fred obrigava-se a trabalhar ainda mais arduamente para ter o público na mão, como precisou fazer no primeiro show do Queen em Madri, em 1979. Seria de se esperar que uma plateia latina tivesse sangue quente e fosse mais receptiva. Não. Após cada canção, a reação e os poucos aplausos do público esvaíam-se rapidamente. Isso enfureceu Fred, que tentou outra estratégia: andou até a ponta da passarela e brindou os presentes com seu cálice de champanhe (cheio de água) e algumas frases esparsas no idioma local. Como não surtisse nenhum efeito, jogou a água em cima das primeiras fileiras, disparando:

– Tomem isso! Isso é por serem espanhóis!

Gesticulando para o engenheiro de som em meio à multidão passiva, berrou:

– AUMENTE O SOM!

Com o volume intensificado, Fred trabalhou fervorosamente para incitar os espanhóis, assim como o resto do Queen. Funcionou, e a partir daí o show e a resposta da plateia foram como Fred acreditava que deveriam ser. Fred sempre liderava pelo exemplo. Voltando ao piano no escuro, após ganhar a multidão e em meio aos gritos e berros que seguiam aos aplausos, ele bateu seu punho com

força na tampa do piano para emitir uma ressonância baixa e ecoante pelos amplificadores e declarou em voz alta, fora do microfone:

– É assim que se faz essa merda! – reassegurando a si mesmo seu magnífico talento e formidável presença.

– Está tudo bem agora, Fred?

– Sim, sim, porém diga a Brian para abaixar o volume, não consigo ouvir a droga da minha própria voz!

E *como* exatamente se convence um guitarrista de rock a tocar mais suave ou lentamente?

Dê a ele algumas partituras. No filme satírico *This is Spinal Tap* (Isto é Spinal Tap), o guitarrista de heavy metal mostra, orgulhoso, que seus amplificadores não vão apenas até 10 – o volume padrão – e sim até 11. Só um pouquinho extra, para quando precisasse. O volume de Brian May ia até 12 e meio. E ele sempre precisava de mais…

A reação? Todos os outros aumentavam o volume.

O QUEEN ERA ENSURDECEDOR NO PALCO.

Desculpe, por acaso eu disse “O Queen era ensurdecedor no palco”? Meus ouvidos são prova disso. Durante um exame de audição há alguns anos perguntaram-me se havia trabalhado num ambiente barulhento. Provavelmente terei de leiloar parte da minha memorabilia para comprar um aparelho auditivo decente na minha velhice.

Quando o Queen estava tocando bem ao vivo e de fato entrosado, havia uma pulsação que podia ser experimentada tão fortemente no palco que até mesmo um membro da equipe sentia-se parte da banda, ainda que de forma indireta. No palco, quando o Queen tocava, o som ouvido variava conforme sua posição. Não se escutava o som mixado e balanceado da frente; o que estivesse saindo do equipamento mais próximo sobrepujava o restante. As laterais do palco eram bons locais, pois a maior parte dos sons podia ser ouvida, porém ficar atrás da bateria dava uma perspectiva estranha. Escutava-se o som real da bateria

acústica sendo tocada, o som amplificado dos alto-falantes e então um estrondo e o eco de uma parede, ou do teto do local do show.

Atrás da “linha de fundo” dos equipamentos da banda era possível sentar, fechar os olhos e – mesmo com a perda da visão – sentir a energia e o bombardeio sensorial. O odor de géis coloridos queimando em centenas de holofotes, o aroma quente e eletrônico de amplificadores zumbindo e o sabor de fumaça e poeira presas na garganta. Você sentia as vibrações dos alto-falantes e o chute no peito quando o bumbo era golpeado. Era possível estender a mão e tocar tudo: as arestas ásperas e cantos arredondados das caixas de viagem, a trama grosseira do carpete do palco, o frio da água gelada nos recipientes das bebidas, o contorno macio e sensual dos corpos das guitarras e a queimação do cabo emborrachado do microfone de Fred enquanto eu o puxava e o enrolava bem. Era melhor evitar a área atrás da bateria quando Roger atirava sua cabeça para trás – pois ele costumava cuspir para o alto, limpando os pulmões do esforço de tocar e de vários cigarros Marlboro. Seu pobre *roadie* teria de enxugar seus pratos no dia seguinte…

O show prosseguiu com vários sucessos e canções novas do álbum mais recente até a metade do *set list*, quando aconteceriam os solos. Fred entoaria escalas vocais para o público aos brados, que responderia num tom ainda mais alto. Neste momento ele mostrava sua verdadeira presença de palco ao ser capaz de ter milhares de pessoas na palma da mão apenas com sua voz e seu carisma. Em geral o espetáculo incluía algum solo curto (felizmente) de bateria, quando Roger se transformava no Animal,[3] do *Muppets Show*, e um solo prolongado de guitarra que funcionava… Algumas vezes. (Os solos de Brian duravam uma eternidade.)

Momento de pausa: Roger descia do tablado e dirigia-se à Casa de Bonecas para descansar, tomar uma bebida e talvez uma tragada de oxigênio. Fred também relaxava ali: tirava a camisa, secava-se, mudava de roupa, bebia alguma coisa leve e então chupava uma pastilha de Strepsil, antisséptico para a garganta.

John não teria nenhum solo (solos de baixo são ainda piores que os de bateria) e perambularia por ali, fumaria um cigarro – que eu acendera para ele – atrás dos amplificadores, só parando para jogar amendoins em Brian, que continuava imerso em seu prolongado solo.

Em algum ponto, por volta do meio do show, havia um intervalo acústico: hora de sentar-se nos bancos na frente do palco. De vez em quando Roger apresentava-se para tocar tamborim, bumbo e cantar. Era a única oportunidade para os fãs de RMT (Roger Meddows Taylor) vê-lo com clareza além do final do espetáculo, quando os artistas iam à boca de cena agradecer os aplausos. Infelizmente ele não conseguia enxergar a plateia, pois sofria da vista e precisava usar óculos. “Blind Melon Taylor” (algo como “Melão Cegueta Taylor”) fora o apelido que recebera num estúdio de Montreaux, em 1978, quando ensaiava um número no estilo blues de Nova Orleans. Roger possuía muitos outros apelidos, o mais popular “Rainbow Man” (Homem Arco-íris). O mais fashionista do grupo, Rog estava sempre comprando roupas, a maioria das peças em cores muito brilhantes e ousadas, usadas nas combinações mais improváveis. (Ele poderia ter se candidatado ao papel título de *José e o deslumbrante manto de mil cores.*[4]

Alguns dos apelidos dos outros:

Freddie: Kermit – por causa do sapo Kermit, dos Muppets. Durante sua fase “balé”, em 1977, ele começou a usar collants brancos no palco e, quando exposto às luzes verdes, seu corpo ágil, metido naquela roupa colada, lembrava o personagem dos Muppets, em especial quando se sentava dos degraus do palco. “Halfway Up the Stair”?[5] (Ninguém se atrevia a chamá-lo assim, devo dizer). Após entrevistar Fred nessa época, a revista britânica *New Musical Express* publicou a manchete: *ESTE HOMEM É RIDÍCULO?* Conforme você pode imaginar, ele não ficou nada feliz, o que culminou em um longo período de relacionamento tenso com a imprensa.

Em geral a equipe referia-se a ele simplesmente como “Fred”, mas, quando

estava sendo difícil, o chamávamos de “The Goofy Toothed Rascal” (algo como o Patife Pateta Dentuço), ou quando estava sendo *muito* difícil, usávamos todo tipo de apelidos nada lisonjeiros, inclusive “Horsey” (Cara de cavalo). Nenhuma relação com os dentes de Fred, e sim com sua admiração pelo bailarino russo Vaslav Nijinsky.

“Quem?”, perguntava a equipe de apoio. “Ele não ganhou algumas corridas de cavalo?”

Fred inspirava-se nesse bailarino e em seus trajes – em especial os collants preto e branco – para os shows ao vivo do Queen. Mary Austin, namorada de muitos anos de Fred (ela o chamava sempre de Freddie, nunca Fred) e ainda morando com ele em 1977, o presenteou com um livro de capa dura sobre Nijinsky, com a dedicatória: “Para o verdadeiro artista que você é”.

E, como seria de esperar, assim como Fred, Nijinsky, o cavalo de corrida, era um campeão puro-sangue e colecionador de prêmios.

Brian: Percy – em homenagem a Percy Thrower, que se tornou nacionalmente conhecido apresentando programas de jardinagem na TV britânica. Brian era um entusiasta da natureza e jardinagem. Certa ocasião em 1976, quando fui lhe entregar um equipamento à noite, em sua casa em Londres, ele atendeu à porta em roupas esfarrapadas, uma lanterna na mão e a cabeleira cheia de folhas e gravetos. Estivera no escuro, cuidando de suas amadas árvores e plantas. Imediatamente o promovemos a “Jardineiro infravermelho” devido aos seus estudos acadêmicos em astrofísica e astronomia infravermelha.

John Deacon: Deaky ou Birdman (Ornitólogo). John cortara os cabelos no estilo militar no início da turnê nos Estados Unidos, em 1978, e ficara parecido com o Homem de Alcatraz, personagem do filme *Bird Man of Alcatraz* (*O homem de Alcatraz*), que conta a história de um detento, condenado à prisão perpétua, que se torna autodidata em pássaros. Ele levou a brincadeira com bom humor e vestiu o traje de prisioneiro que lhe entregamos na hora do bis.

O contingente gay tinha sua própria maneira de dar apelidos, atribuindo

nomes femininos a todos os homens da comitiva e quaisquer outros “amigos”. Então se refeririam a todo mundo como “ela”.

Outros apelidos do Queen:

Freddie Mercury: Melina (Melina Mercouri – referência à estrela de cinema grega)

Brian May: Maggie (Maggie May – canção de Rod Stewart)

Roger Taylor: Elizabeth (atriz Elizabeth Taylor)

John Deacon: Belisha (Belisha Beacon[6]…?)

Eu era chamado de Helen. Não pergunte por quê.

O ponto culminante do intervalo acústico ocorria quando Fred e Brian realizavam uma versão simplificada de “Love of My Life”. Era a hora da participação da plateia, que cantava junto, e um dos destaques do show. Na estrada, é fácil tornar-se bastante cínico e *blasé* em relação ao público pagante, como uma espécie de defesa mental. No entanto, ver e ouvir mais de 130 mil pessoas reunidas num estádio, cantando perfeitamente numa língua que não é a delas, era algo especial. Pode soar como um clichê, mas a música de fato transcende todas as barreiras.

A essa altura o show estava entrando na reta final, com grandes sucessos tipo “I Want To Break Free”, canções sacolejantes como “Hammer To Fall” e outras, a exemplo de “Radio Ga Ga”, com mais participação do público batendo palmas. Durante os ensaios de “Radio Ga Ga” para o espetáculo ao vivo, Fred substituíra a palavra *radio* por uma palavra equivalente a *fellatio* que rimasse. A troca levou a banda a cair na risada, porém o público nunca teve oportunidade de apreciar o improviso. Fred gostava de surpreender e provocar, mas, acima de tudo, amava se apresentar, e se apresentar bem.

Houve uma única ocasião em que realmente me decepcionei com a atuação de Fred no palco, pois para mim ele sempre foi um profissional perfeito.

Aconteceu no único show que a banda fez na Nova Zelândia, um espetáculo ao ar livre no estádio Mount Smart, em Auckland. Nova Zelândia: um belo país, todavia longe de ser um paraíso para roqueiros em turnês com sua carência de casas noturnas, drogas e mulheres fáceis, o que nos inspirou a sugerir que as autoridades pusessem o seguinte aviso no setor de imigração: “Deixe seus genitais aqui – você não precisará deles durante sua visita. A menos que goste de ovelhas. Há muitas possibilidades de escolha”.

Quando Fred entrou no palco, antes da fita de introdução, ele estava atrasado e claramente bêbado. Tédio ou más influências? Ambos. O atraso devia-se a Tony Williams (também conhecido como “sr. Hyde” (como o personagem de *O médico e o monstro*, livro de R. L. Stevenson), nosso “figurinista”, que o vestira com a calça ao contrário, de frente para trás, engano que só fora percebido quando Fred iniciaria a longa caminhada até o palco ao ar livre. Tony estava quase sempre embriagado e, com frequência acometido de tremores, pedia: “Meu caro, você poderia me ajudar a pôr linha nessa agulha?”. Homem encantador, que se transformava em sr. Hyde quando bebia. Nessas ocasiões, ser seu amigo já se convertia num trabalho em tempo integral.

No início do show, Fred estava rindo e esquecendo as letras das canções. Fora do ritmo, chegou a me perguntar que músicas deveria tocar, e como elas haviam soado! Entretanto, o espetáculo não foi um desastre e algumas músicas acabaram sendo bem executadas. Todavia Fred às vezes perdia o controle e o resto da banda sofria as consequências. O bis seria “Jailhouse Rock”, clássico de Elvis Presley, e convidou-se para dividir o palco Tony – não o “figurinista” bêbado e sim o Hadley, vocalista e líder da Spandau Ballet. Tony, um cara grande e despretensioso, então numa pausa de sua própria turnê, não sabia a letra! Um astro do rock que não sabe a letra de “Jailhouse Rock” de Elvis Presley?

Agachado junto ao Steinway de Fred, assistindo-o cantar com toda a alma, às vezes eu olhava a plateia e meditava sobre a vida, a morte, e o rumo da minha

própria jornada pessoal. O que eu faria? Qual era o sentido dessa vida? Por que eu estava fazendo aquilo? Em meus vinte e poucos anos, tornara-me uma espécie de "filósofo de piano". Aquela era a vida real? Ou uma colônia de férias? O penúltimo verso de "Bohemian Rhapsody", *nothing really matters…* (nada realmente importa…), passara-me a soar comovente enquanto eu refletia sobre a futilidade de toda aquela "coisa de rock" e no quão facilmente esgotados podemos ficar na estrada. Não obstante, quando a música terminava e todas as luzes se acendiam, iluminando os milhares de rostos em êxtase com "Bohemian Rhapsody", então eu pensava que aquilo realmente importava para algumas pessoas, sendo uma parte significativa de suas vidas naquele momento.

Em meio às minhas ruminações, o Queen partia para uma música agitada e minha introspecção evaporava. De volta ao trabalho, como de costume. A última canção do *set list* atingia o clímax com uma série de explosões pirotécnicas na frente do palco, aliás, responsabilidade minha. Não raro a queima acabava chamuscando fotógrafos e seguranças. Ok. Parte do jogo. Brian era o único outro membro da banda a se dirigir diretamente à plateia no decorrer do show, e apenas uma ou duas vezes. Em meados da década de 1970, antes da canção final, ele anunciava: "Gostaríamos de deixá-los onde sempre deixamos – no colo dos deuses". (Versão da equipe de apoio: "Gostaríamos de deixá-los onde sempre os deixamos – entediados e pedindo o dinheiro de volta!".)

O Queen saía do palco na escuridão, sob aplausos estrondosos, bateção de pés e gritos, largando-nos numa verdadeira terra de ninguém até o bis. Ao nosso redor, milhares de fósforos acesos e isqueiros, seu brilho varando o ar pesado, cheio de fumaça, pó pirotécnico e umidade. Carregada de energia, a atmosfera vibra. Chamas erguidas no alto se tornariam comuns, porém a primeira vez que deparei com isso foi nos Estados Unidos e só queria ficar ali parado, olhando, absorvendo tudo e vendo quanto tempo as luzes poderiam se manter acesas.

Que tal mais uma?

Bis?

1 *Spartacus International Gay Guide* – Guia de viagem voltado para o público gay, publicado anualmente desde 1970. (N.T.)

2 Referência ao personagem de mesmo nome de *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo. (N. T.)

3 Nome do baterista louco da “Dr. Teeth and The Eletric Mayhem (Dr. Dentes e a mutilação elétrica), banda fictícia do *Muppets Show*, que toca uma versão de “Bohemian Rhapsody”. (N. T.)

4 Musical escrito por Andrew Lloyd Webber e Tim Rice, baseado na história bíblica de José e seus irmãos. (N. T.)

5 “No meio da escada”, música cantada pelo sapo Kermit num dos episódios do Muppets Show. (N. T.)

6 Na Inglaterra, uma luz pisca-pisca dentro de um globo alaranjado, indicando um ponto de travessia de pedestres numa estrada, é chamada de “Belisha Beacon”. (N. T.)

MAIS UMA, POR FAVOR – BIS

(O dobro para mim)

Bis num show de rock é coisa certa – você sabe que vai acontecer uma segunda rodada. Ou terceira. Em meados da década de 1970, no bis da banda, Fred lançava rosas vermelhas para a plateia. Os espinhos eram retirados das hastes por um assistente; tarefa trabalhosa por sinal, e Fred reclamava que nunca havia rosas suficientes. Inevitavelmente sobravam alguns espinhos pequenos e as mãos delicadas de Fred acabavam picadas. Para melhorar a distribuição de flores, não estourar o orçamento e evitar quaisquer futuros derramamentos de sangue, as rosas foram trocadas por cravos, que eu conservava num balde de água escondido sob o piano.

A um sinal, corria para entregar um punhado das flores a Fred e, enquanto ele as atirava para o mar de mãos estendidas, eu levava seu microfone para o lado do palco e providenciava a próxima braçada. Finda a distribuição, cabia-me encontrá-lo a meio caminho do piano para devolver-lhe o microfone. Uma coreografiazinha simpática… Se estivesse num humor particularmente brincalhão, Fred pegava os baldes de plástico e, junto com os cravos, jogava a água sobre o público, sobre si – e sobre mim!

O bis das primeiras turnês do Queen incluía uma canção burlesca de Shirley Bassey, chamada “Big Spender” (*The minute you rolled up the joint… No momento em que você enrolou o baseado…*). Fred entrava em cena vestindo um quimono japonês bordado, o qual tiraria devagar, como um *stripper*, revelando o short de listras finas e suspensórios combinando. Num gesto dramático, puxaria a faixa do quimono que, naquele ponto, deveria soltar-se. Nem sempre isso

acontecia. Diante da plateia que lotava o Hammersmith Odeon (uma das principais casas de espetáculos em Londres), enquanto eu tentava freneticamente libertá-lo, sem perceber puxei seu short para baixo até a metade das pernas antes de cortar a faixa com um estilete afiadíssimo. Após esse episódio, tinha sempre à mão uma tesoura, mais segura e de fácil manipulação. A voz de Fred era suficientemente aguda, não havia necessidade de uma cirurgia improvisada pelo seu *roadie*.

Freddie Mercury mantinha todo mundo em estado de alerta numa turnê do Queen – todo mundo, inclusive a si mesmo. Espontâneo, quando menos se esperava mudava o padrão de seus movimentos, sua interação com o público e até a letra das músicas. Sempre que tocavam "Jailhouse Rock" como bis, esperávamos as novas palavras que ele adicionaria à língua inglesa. Fred meio que cantava e meio que cantarolava, enquanto balbuciava frases em compasso com a banda, improvisando um *boogie*. Os vocábulos que mais me marcaram foram "Shaboonga", "Shehbbahhh" e "Mmmmmuma muma muma muma muma muma muma muma muma muma muma – Yaatch!". O quê? Seria persa antigo? O dialeto de Zanzibar?

Quando questionávamos Fred de onde vinham e o que significavam essas palavras, ele respondia, na defensiva:

– Eu não canto isso de verdade, *canto*?

Cantava, sim, e a confirmação vinha do engenheiro de som, que tocava a fita gravada do show. Também mostrávamos a Brian que, quando ele iniciava seu solo de guitarra, soava como a música tema do seriado de TV Bonanza. Por fim, ficava claro caber a Roger e John a parte rítmica, sendo eles os responsáveis pela marcação do tempo.

"We Will Rock You", de Brian, rapidamente se firmou como o bis-padrão do Queen, seguido de "We Are the Champions", de Fred. Quando, no verão de 1977, Fred entrou no estúdio Shepperton Film para os ensaios de gravação antes do álbum *News of the World* e anunciou que tinha uma nova música sobre

futebol, foi recebido com cautela e um pouco de descrença – o que ele estaria fazendo agora? Do rock à ópera, às arquibancadas e aos *hooligans*? Pois funcionou. Fred pode ter sido um homem retraído e muitas vezes quieto e reservado, mas não quando exaltava os feitos do Queen: *We are the champions of the world!* (Nós somos os campeões do mundo!)

Tenho certeza de que ele conhecia o potencial de sua ideia de hinos esportivos e sabia que seria transferida com sucesso às apresentações ao vivo. Porém, realmente duvido que Fred tenha alguma vez jogado futebol ou frequentado um estádio (Os Rovers de Zanzibar?), entretanto ele decerto entendia a união envolvida em partidas de futebol, a paixão e o fervor. Apesar de sua criação privilegiada, comunicava-se bem com as pessoas comuns – os fãs. Via futebol na TV e amava todos os eventos esportivos. Seu time favorito, depois da Inglaterra, era o Brasil, com a habilidade cativante de seus jogadores, os sorrisos sempre estampados em seus rostos e o exército carnavalesco de seus fãs dedicados. Fred às vezes fazia algumas embaixadinhas quando alguém jogava uma bola no palco, e a chutava de volta com força e algum estilo. Imagino que poderia ter sido um meia-atacante, forte e interessante, atuando logo atrás do centroavante. O único esporte ao ar livre que me lembro de vê-lo praticar era tênis, que jogava com Roger sempre que surgia uma oportunidade.

Os esportes costumavam aparecer nos shows ao vivo do Queen e na primeira apresentação de “Champions”, no Madison Square Garden em Nova York, em dezembro de 1977, em que Fred subiu ao palco trajando um agasalho azul e branco e o boné de beisebol do New York Yankees. Os NY Yankees haviam acabado de vencer o World Series e, apesar do Garden estar localizado no quinto andar, a plateia de quase 20 mil pessoas fez tremer toda a estrutura com a força de sua reação. Fred era perito em beisebol de palco, praticando suas rebatidas com os diversos objetos lançados pelo público, acertando-os com seu *stand* de microfone invertido. Os japoneses são apaixonados por beisebol e adoravam quando Fred acertava *home runs* com as bolas de plástico coloridas que

gostavam de atirar no palco. Ele reagia devolvendo garrafas cheias de cerveja Heineken… Na turnê *Magic*, uma cena verdadeiramente mágica aconteceu no decorrer do segundo show em Munique. Além de aquela cidade ser o segundo lar do Queen, onde tinham montes de amigos, era o dia da final da Copa do Mundo de 1986, entre Alemanha e Argentina. A equipe de apoio local e o pessoal dos bastidores no estádio Olympiahalle estavam com os olhos grudados numa TV pequena. Empatado, o jogo foi para a prorrogação no momento em que o Queen entrava no palco, portanto sem saber o placar final da partida. O plano de mestre de Fred, caso a Alemanha vencesse, consistia em aparecer para cantar "Champions" vestindo o uniforme da seleção alemã e chutar algumas bolas para o público que, com certeza, estaria estático. Entretanto a Argentina ganhou e o clímax apropriado da última apresentação de Fred numa cidade que amava acabou lhe sendo negado.

O futebol é um esporte do povo e, a despeito de seus diplomas universitários e uma postura às vezes arrogante, o Queen era uma banda do povo. Todos sempre se empenhavam em apresentar o melhor espetáculo e mostrar a que vinham, desafiando as críticas. Tornou-se brega gostar do Queen e de sua música, talvez porque tivessem tanto sucesso. É difícil engolir isso na Inglaterra – pessoas que são populares *e* talentosas!

Para manter uma carreira no mundo da música você precisa ter, acima de tudo, qualidade e talento; determinação, convicção e resistência também são necessárias para atingir um nível alto e consistente. O Queen possuía tudo isso. E Fred em abundância.

Ele também tinha uma pilha de porcarias atiradas sobre si vindas de certo segmento da imprensa e dos tabloides, interessados apenas em suas fraquezas, estilo de vida e sexualidade. Embora um homem de personalidade forte, isso às vezes o magoava. Quando os fãs cobram um jogador de futebol talentoso porque ele está fora de forma, ou sem fazer gols, ele responde da maneira mais contundente – marcando o gol da vitória ou, ainda melhor, fazendo três gols

numa partida. Fred respondia à imprensa compondo mais um sucesso e o Queen ganhando outro disco de platina e recebendo críticas entusiasmadas pelo show ao vivo com recorde de público. Assim provavam ser, verdadeiramente, *"the champions"* (os campeões).

O bis com a música "We Are the Champions" sinalizava o fim do show: o jogo de luzes, com todas as lâmpadas brilhando intensamente, focava a plateia, à medida que fumaça e gelo seco cobriam o palco, engolfando a banda. Depois de agradecer os aplausos, encalorados e suados, os membros do Queen saíam de cena ao som do reconhecimento do público e de uma fita com "God Save The Queen". Os assistentes entregavam-lhes roupões enquanto rumavam para o camarim, onde iriam celebrar, ou discutir, ou sentar-se em pesado silêncio. Então, após um curto período, repetir ou alternar essas três opções.

Como haviam tocado naquela noite? Como tinham se saído? Nas noites em que o Queen tocava realmente bem, era algo de fato especial e mágico. Quando isso não acontecia, nós sabíamos e eles sabiam, porém a plateia jamais reclamava. Para os espectadores, nunca ia deixar de ser bom! Não obstante, certas cidades e locais sem dúvida faziam aflorar o melhor do Queen e de seu público, como os ginásios cobertos: Madison Square Garden, em Nova York; LA Forum, nos subúrbios de Los Angeles; Montreal Forum; Fest Halle, em Frankfurt e o Budokan, em Tóquio. As apresentações na Holanda e em Londres também me vêm imediatamente à cabeça, como lugares em que a banda sempre encontrava uma motivação extra. Na última turnê, *Magic*, em 1986, o grupo fez espetáculos ao ar livre, em espaços imensos, onde se superou. E considero os shows ao ar livre na América do Sul, em 1981, estupendos – o terceiro deles, em Buenos Aires, no estádio Velez Sarsfield, foi, na minha opinião, o melhor show ao ar livre jamais realizado pelo Queen.

Ninguém, exceto o pessoal mais próximo, tinha autorização para entrar no camarim após a apresentação, até o clima ser considerado adequado. De vez em quando, permaneciam apenas os quatro reunidos ali, discutindo a noite. Se as

coisas haviam ido mal no decorrer do espetáculo, os respectivos chefes de departamento seriam convocados para analisar a apresentação fraca. A maior parte da fúria inicial seria descarregada em cima de Gerry Stickells, diretor da turnê, com queixas sobre deixas perdidas, problemas de equipamento, som deficiente ou a padronagem do carpete do camarim.

Assim que a banda saía de cena, o espetáculo terminava. Exceto para *nós*, que ainda tínhamos outro show a dar e a atividade começava a sério no momento exato em que o Queen abandonava o palco, antes mesmo de a fita acabar e as luzes se acenderem. O palco precisava ser esvaziado o mais depressa possível e, até que isso acontecesse, nenhum equipamento – de som ou iluminação – "aéreo" seria baixado para o desmonte. Em primeiro lugar, fazíamos uma varredura rápida para ver que agrados ou itens interessantes haviam sido lançados pelo público. Os artigos variavam de acordo com o país em que estávamos e incluíam cartões ou cartas endereçadas à banda (encaixotados), moedas, baseados, chaveiros (guardados), bichos de pelúcia (guardados e depois explodidos na exibição pirotécnica), fitas cassetes (em geral guardadas para serem regravadas), desenhos da banda e poemas (encaixotados), cigarros, camisetas (às vezes guardadas) e calcinhas (conservadas e arquivadas).

Na turnê de 1980, nos Estados Unidos, algumas lâminas descartáveis foram atiradas no palco pelos fãs em protesto por Fred haver deixado crescer o bigode. Ele, claro, mandou-os à merda. Depois, enquanto conversava com o público no intervalo entre as canções, um "clone" bigodudo e de camisa xadrez colocou um círculo de metal aos seus pés, na ponta da passarela. Fred apanhou-o, ergueu-o no ar e indagou:

– O que nós temos aqui? É um anel peniano! Obrigado, querido.

Saindo do palco, ele entregou o objeto a mim. Achei parecido com uma argola para guardanapo. E já a estava colocando na minha caixa de ferramentas, que continha muitas surpresas, quando Paul Prenter, o assistente gay fominha da banda, rosnou em meu ouvido: "Me dá isso. Eu quero". Por mim, tudo bem, a

coisa teria acabado mesmo numa caixa de ferramentas com parafusos, porcas etc. Evidentemente Paul tinha outros planos para o anel, que sem dúvida incluiriam parafusos, porcas, rebites…

Encerrado o armazenamento do espólio, iniciava-se o "desmanche" numa ordem tensa porém organizada. As fitas adesivas despregadas eram enroladas em bolas compactas e atiradas em quem quer que estivesse por perto. Num átimo, a mão de obra local removia vestígios de quaisquer líquidos: copos com bebida, latas abertas etc., e os colocava em caixas grandes de plástico, atrás do palco. Como John sempre tinha uma ótima seleção de bebidas à sua disposição, parte dela seria consumida primeiro, como bônus. O técnico de som Tony "Lábios" Rossi era o primeiro da fila. O pão-duro Rossi, também apelidado de "Criminoso Amoroso", ao fim de três shows juntara restos de vinho tinto – de diferentes garrafas – suficiente para encher uma garrafa inteira. Quando indagado sobre a razão de ter agora um vinho duvidoso, safra 1980, arrolhado, explicou que planejava conquistar a empresária classuda, uma ruiva incrível. Uma empreitada e tanto para um malandro ítalo-americano da Pensilvânia. Armado com a garrafa de vinho e um pouquinho de erva que ele havia surrupiado, Rossi partiu para o Park Hotel, em Bremen, a fim de empreender sua grande sedução. Funcionou. Os dois até se casaram! Mas não durou muito.

Assim que o palco estava quase liberado e todo o meu material embalado em segurança, eu corria para o caminhão, a essa altura já com a rampa de acesso posicionada. Na companhia do motorista e de uma equipe de carregadores, começávamos a colocar a carga na carroceria, como se montássemos um quebra-cabeça. Em alguns lugares dos Estados Unidos, o sindicato dos carregadores permitia-nos, a equipe de apoio da banda, apenas orientar o trabalho, sem tocar nos caixotes. Eu não discutia, entretanto o ritmo ficava consideravelmente mais lento.

Durante o processo de carregamento, um dos maiores estorvos são os penetras: o pessoal que acompanha os shows de rock e tem uma ligação tênue

com esse mundo. De alguma maneira, estão sempre no meio do caminho! O elenco dos “ex-famosos que nunca foram famosos” inclui todo tipo de gente metida, interessada somente em ser vista nos bastidores (de preferência na companhia da banda, ou de celebridades visitantes), desfrutando da boca-livre, conseguindo convites para festas pós-show, passes exclusivos ou suvenires grátis. Qualquer coisa que os faça parecer ou se sentir importantes.

Os penetras adotavam uma atitude que dava a entender que o show tivera o único intuito de diverti-los. Faziam o gênero *roadie*? Não! Esses “canastrões” que se achavam importantes e se diziam amigos de amigos, jamais estiveram em espetáculos em Wurzburg, Newcastle ou Omaha, Nebraska.

Pelo menos nunca lhes foi autorizada a permanência no palco durante um show. O acesso ali restringia-se à equipe de apoio e, de vez em quando, permitia-se a presença de colegas muito próximos, esposas ou namoradas nas coxias.

– Ratty, temos um convidado especial esta noite. Dissemos que ele pode assistir ao show do seu lado do palco.

– De jeito nenhum! Essas pessoas só conseguem atrapalhar. Simplesmente não entendem. Tenho tanto a fazer durante o show e você sabe como Fred é. De jeito nenhum.

– Desculpe, Ratty, já falamos com ele.

– E eu já te falei! De jeito nenhum! Esse lado do palco tem que ficar livre para o meu trabalho.

– Ratty…

– Não, de jeito nenhum e ponto final. Você está me ouvindo?

– O convidado é Mick Jagger!

– Está bem então. Que será que ele gostaria de beber?

O castelo de um inglês é seu lar e o castelo de um *roadie* inglês é o palco – sua fortaleza e seu porto seguro, guardado durante o espetáculo pelos seguranças do Queen, um bando de americanos musculosos, verdadeiros armários, e de rapazes saídos, provavelmente, do East End[1] de Londres: Big Paul, Big Doug,

Tunbridge, Big Wally, Wally Gore, Big Terry, Big Black Vic – de fato, todos os seguranças americanos eram rapazes muito GRANDES mesmo. Houve uma época, em 1981, que os três seguranças de nossa turnê chamavam-se Wally: os três Wallies! Numa certa ocasião, o guarda-costas Mad Jack, figura assustadora, especialista em artes marciais, viu uma figura de aparência surrada à espreita, sob o piano de Fred. Não teve dúvidas: agarrou o fulano e arrastou-o para fora. Só que aquela criatura indistinta era eu. Jack não durou muito na turnê.

Outro segurança de curta duração foi um sujeito musculoso, cujas fotos reveladoras acabaram descobertas numa revista gay, que, é evidente, passou de mão em mão.

A comitiva da banda incluía, a pedido de Fred, um fisioterapeuta de Munique que o tratara enquanto se recuperava de uma lesão nos ligamentos do joelho, ocorrida em 1984, durante sua peregrinação obrigatória pelos bares e casas noturnas da cidade. Fred, compreensivelmente, receava que seu joelho não aguentasse os trancos aos quais o submetia no palco. Freddie Mercury era muitas coisas, porém, acima de tudo, um músico que cantava e se apresentava com o vigor de um atleta. Ele treinava? Trabalhava duro para entrar em forma antes das exaustivas turnês? Seguia uma dieta alimentar e um programa de exercícios? Não. Alguns alongamentos ocasionais e uma enorme autoconfiança. Além de algumas vodcas.

Dieter Breit, o fisioterapeuta, conhecido como “o Espevitado” – e considerado um luxo supérfluo por alguns – na realidade salvou Fred e inúmeros shows quando o joelho de Sr. Mercury encrencou em Hanover, no fim de 1984. Semanas mais tarde, ele também deu jeito numa torção de tornozelo feia sofrida por Roger, depois de uma queda em Sun City. Turnês são fatigantes para o corpo e o Espevitado cuidava com frequência das minhas costas, quando a coluna “enguiçava”. Em geral após ser jogado de um lado para o outro no saguão de um hotel por um dos seguranças americanos bêbados da nossa equipe!

Portanto, o tempo gasto no carregamento variava, dependendo do estado das

minhas costas, dos penetras, da facilidade de acesso do caminhão, da mão de obra local e se permaneceríamos na cidade e tínhamos o incentivo de uma boa festa para ir. O carregamento às vezes levava horas, mas em Tempe, Arizona, onde o caminhão podia encostar diretamente no palco e onde contávamos com uma equipe local bastante eficiente, não se passavam mais de 45 minutos entre o Queen deixar o palco e a carroceria do caminhão ser fechada, com o equipamento da banda lá dentro. Uma carroceria de mais de 13 metros de comprimento. Ou seja, mais de 30 centímetros ocupados por minuto, um recorde pessoal. Carregamento é um procedimento sujo e desagradável. Implica batidas nas pernas, arranhões, farpas, contusões e dedos presos. Enquanto eu trabalhava, certificava-me de ter sempre cigarros e bebidas na traseira do caminhão para suavizar um pouco as coisas para a mão de obra local. Carregar caminhões jamais era divertido, consistia apenas numa tarefa que precisava ser executada de bom humor a fim de que fosse levada a termo. Não obstante, quando estava frio e úmido, com temperaturas abaixo de zero, a experiência tornava-se verdadeiramente deplorável. Antiga Iugoslávia, 1979, meio do inverno: para me manter aquecido enquanto carrego o caminhão, Fred me oferece um presente, um conjunto de gorro e luvas de lã em cores brilhantes. Sinto-me comovido. Peças de tricô confeccionadas por artesãos locais e compradas numa cooperativa do Leste Europeu? Nada disso! Os artigos haviam saído diretamente de Zagreb, de uma filial da C&A.

Fora ainda adolescente, carregando um caminhão, que meu apelido surgira. Mandado fazer todos os trabalhos sujos, inclusive rastejar no espaço entre o equipamento empilhado e o topo da carroceria para encaixar algum item pequeno no vão, o motorista de caminhão daquela turnê do Mott The Hoople, em 1974, falou que com meus cabelos compridos, lisos e oleosos, além do meu corpo magrelo, eu parecia um rato correndo de lá para cá. “O Rato” virou “Ratty”, por cortesia de Brian May, um ano depois, no primeiro dia de ensaio do Queen. E o apelido pegara. Quando, naquele primeiro dia de ensaio, contaram a

Fred que seu novo *roadie* trabalhara para o Mott The Hoople e chamava-se Rato; Sr. Mercury, girando e balançando o pulso adornado com um bracelete prateado com formato de cobra, replicara, pomposo:

– Oh, não! Vou chamá-lo de Peter. – A intenção não durou muito.

Fred, sendo Fred, resolveu dar seu próprio toque à minha alcunha e, num viés francófono, tornei-me *Ratoise*. Ou, às vezes, quando ele queria se comunicar com um simples mortal (eu) e conseguir minha atenção, gritava com um falso sotaque *cockney*:[2] "Ex-rato!".

Fechada e lacrada a porta da carroceria, era hora de tentar fazer baixar o fluxo de adrenalina disparado pelo trabalho de organizar o equipamento depois de um show carregado de energia. Agora estávamos livres – até o próximo show. O que acontecia em seguida dependia de para onde estávamos indo e como. Se fôssemos dirigir, então eu queria partir imediatamente e não tocava numa única gota de álcool. Se fôssemos ficar na cidade, ou rumávamos para o hotel – atrás de banho e um pouco de loção pós-barba Brut – ou, caso não nos restasse tempo, íamos, metidos nas nossas roupas de trabalho, direto para a casa noturna, bar ou festa. Algumas mulheres gostam do cheiro de um homem suado, pelo menos é o que dizem por aí.

Feromônios ou algo parecido.

Não raro o Queen participava de shows múltiplos em alguns locais, o que nos permitia uma folga depois do trabalho noturno. Após deixar o equipamento protegido, seguro e trancafiado, nos dirigíamos ao camarim da banda, enquanto eles ainda estavam lá, relaxando. Além de bebidas de qualidade grátis e um lanche, talvez, essa era a oportunidade de uma conversa direta sobre quaisquer aspectos do show.

Dependendo de onde estávamos tocando, haveria convidados no camarim depois da apresentação, porém não muitos. Meus pais assistiram a alguns shows nas turnês pelo Reino Unido, em geral quando realizados na região central ou oeste da Inglaterra. Depois do espetáculo no NEC (National Exhibition Centre),

em Birmingham, levei-os até o camarim, onde Fred, enfiado num roupão, ainda estava descansando. Ele encheu minha mãe de atenções. Pondo-a sentada em seu colo, perguntou-lhe tudo a seu respeito e o que andava fazendo. A despeito de não ter uma família grande, ele era um homem de família e envolvia-se com os familiares das outras pessoas com um entusiasmo genuíno. Do lado de fora do camarim, meu pai conversava com John Deacon – ambos com latas de cerveja na mão – como se fossem velhos conhecidos. Brian e Roger também receberam meus pais calorosamente, tendo-os reconhecido e cumprimentado quando eles chegaram.

Minha mãe sempre me envergonhava, levando comida para mim.

– Mãe, eles nos alimentam aqui, sabe.

– Você está pálido. E muito magro.

– Bem, é trabalho duro. E não sou magro, sou esguio, estou em forma.

Uma iguaria caseira de sucesso eram seus vidros de cebolas em conserva, petisco que Trip Khalaf, o engenheiro de som americano do Queen, adorava muito.

Ele sempre a cumprimentava dizendo:

– Olá, senhora Hince. – Então apontava para mim, balançava a cabeça e completava: – Como é ser a mulher mais envergonhada da Inglaterra?

Ela levava a brincadeira com bom humor.

Se, após o show, fôssemos viajar de ônibus, tínhamos tempo de relaxar a bordo até o pessoal do som – com quem dividíamos o veículo – estar pronto para partir.

Em geral o Queen desocupava o camarim naquele momento, de modo que passávamos por lá para ver se sobrara alguma comida.

Nas primeiras turnês, em meados da década de 1970, antes de termos nossos próprios cozinheiros viajando conosco, havia sempre pouca coisa. O *promoter* pão-duro mandava seu auxiliar recolher o que a banda não consumira e que poderia ser reaproveitado no dia seguinte, sem dúvida cobrando por tudo outra

vez. Esse mesmo sujeito criticara a equipe de apoio do Queen, e decidimos que precisava de uma lição. Sabíamos que havia comprado uma camisa branca nova e a guardava no camarim por segurança. Nós a roubamos, jogamos na rua em frente à prefeitura de Newcastle e botamos fogo com fluido de isqueiro.

Quando ele perguntou se alguém vira sua caríssima camisa nova, entregamos-lhe fotos instantâneas de Polaroid mostrando a peça em chamas e os restos chamuscados. A partir de então, sempre nos deixava biscoitos e queijo à noite.

Na Europa, costumávamos atacar a despensa onde a "hora da manjedoura" – a refeição noturna – era servida por nosso fornecedor usual durante as turnês: Toad In The Hole of Barry Wales (algo como "Sapo no buraco de Barry Wales"). Barry Wales? Não um personagem cômico, e sim uma pequena cidade costeira na ilha Barry, ao sul do País de Gales, sede do estabelecimento. Bem sei que São David é o padroeiro do País de Gales, mas seriam *todos* os habitantes homens batizados em sua homenagem? O dono da empresa chamava-se Dave Keeble e seus cozinheiros Dave Thomas e Dave Lewis. Os três eram conhecidos, de forma coletiva e afetuosa, por "Dave, Dave e Dave". Conforme as turnês do Queen cresciam, contrataram um novo cozinheiro, Steve. Assim tornaram-se "Dave, Dave, Dave e não Dave"!

O Quarteto Galês, também denominado de "A Taffia,[3] Sabotadores Estomacais e Criminosos Culinários", preparava refeições reforçadas para sustentar uma equipe que trabalhava duro: bifes, tortas, espaguete à bolonhesa, chilli com carne, entre outros pratos. Para o bando sempre crescente de vegetarianos, serviam omeletes! Os cozinheiros também abasteciam o camarim do Queen, e "Dave × 3 +1" buscavam variar o cardápio básico utilizando produtos e especialidades regionais das áreas que visitávamos na Europa. O contingente americano da equipe sempre os atormentava pedindo um peru para comemorar o tradicional Dia de Ação de Graças, e o gerente de palco insistia que em Boston comia-se, por tradição, a melhor lagosta possível. No fim das

contas, contentavam-se com Thousands on a Raft (literalmente, Milhares na Jangada) – conhecido na *haute cuisine* como “feijão e torrada”. Aos produtos locais adicionavam-se acompanhamentos imprescindíveis trazidos da Inglaterra: Marmite (popular pasta a base de leveduras), HP Sauce (molho a base de vinagre de malte e tomates), molho inglês, geleia de laranja e mostarda inglesa.

Saciados com as sobras do camarim de nossos patrões, perambulávamos pelo lugar enquanto o palco era desmontado e o local rearranjado para o próximo evento. Entrar num estádio vazio àquela altura convertia-se numa experiência prosaica. O espaço amplo, onde apenas uma ou duas horas atrás uma multidão de milhares de pessoas ficara extasiada diante de um espetáculo hipnotizante, transformara-se agora numa cacofonia de cadeiras de metal sendo dobradas e empilhadas, máquinas industriais de limpeza zumbindo, caminhões e empilhadeiras manobrando, suportes de iluminação e correntes e uma infinidade de vozes esforçando-se para gritar instruções e vociferar insultos acima do barulho. Fumaça e poeira pirotécnica ainda pairavam no ar, misturando-se aos odores pungentes dos produtos de limpeza, aos gases emitidos pelas empilhadeiras e ao cheiro das pipocas esmagadas e abandonadas – tudo isso deixava um gosto enjoativo e adocicado na garganta. Amanhã seria outro dia e o frio casulo de concreto abrigaria os sonhos e as esperanças de uma outra parcela da comunidade e suas próprias paixões. Por ora, os gladiadores vitoriosos daquela noite haviam abandonado o coliseu e o gênio mágico estava em segurança, de volta em sua garrafa, pronto para ser acionado novamente no dia seguinte.

Os faxineiros uniformizados – imigrantes hispânicos e asiáticos –, que limpavam o chão e os banheiros nos ginásios dos Estados Unidos, com seus baldes de plástico amarelos fluorescentes, não se importavam com Fred Mercury, ou com qualquer show de rock, enquanto tentavam manter a América asseada. Queriam apenas ficar em casa com suas famílias e desfrutar de uma vida melhor, o sonho que os Estados Unidos lhes permitira realizar: ter uma boa

vida.

Espere um momento – o que eu estava fazendo com minha *própria* vida? Sim, era uma *boa vida*: viajar pelo mundo em meio à abundância de sexo, drogas e rock'n'roll, mas eu poderia ter me dedicado a alguma coisa de mérito: trabalhos beneficentes no terceiro mundo, pesquisas médicas, campanhas sobre o aquecimento global e poluição. Esses são assuntos sobre os quais me debrucei desde então – porém não naquele período, pois andava me divertindo muito. E como chegara aqui? Onde tudo começara? Num supermercado em Fulham, sudoeste de Londres. Não enquanto arrumava prateleiras, mas empilhava amplificadores e caixas acústicas.

O supermercado fora anteriormente um cinema, fechado no início da década de 1970. O "supergrupo" Emerson, Lake & Palmer passou a utilizar o prédio como um enorme depósito de equipamentos e o rebatizou de Manticore. Além de alojar os escritórios e toda a aparelhagem do ELP, o espaço também foi alugado por outras bandas importantes da época como escritório, local de gravações ou ensaios. As poltronas do cinema tinham sido retiradas e um carpete manchado e esfarrapado conduzia ao proscênio, amplo o suficiente para acolher grandes turnês de shows de rock de então. A despeito do isolamento térmico proporcionado pelas faixas de seda de paraquedas dependuradas do balcão sobre a velha plateia, o Manticore era um lugar terrivelmente frio e úmido no início de novembro de 1973, quando deparei com o Queen pela primeira vez. Eu estava trabalhando para a incrível banda de rock Mott The Hoople, logo após seu retorno de uma bem-sucedida turnê pelos Estados Unidos, e fiquei impressionado com toda a parafernália "made in USA" que Richie e Phil, *roadies* do Mott em tempo integral, haviam acumulado. Isso era tudo o que eu sempre quisera realmente fazer: ir para os Estados Unidos. E acompanhando uma banda seria a realização de um sonho – embalado ao som de sinos. Sinos da Liberdade.[4]

Aquecedores infravermelhos imensos, alimentados a gás, pouco conseguiam

aquecer o local de ensaio, assim a banda e a equipe usavam jaquetas pesadas, casacos e até cachecóis. Naquela altura, o Mott estava, provavelmente, no auge de sua carreira e pronto para embarcar numa extensa turnê pela Grã-Bretanha. Depois de alguns dias no Manticore, o Queen, que faria o show de abertura, apareceu para os ensaios. Parecia um pouco estranho que o Queen, contratado da EMI, excursionasse com uma banda da gravadora CBS, considerando que os artistas de apoio pertenciam, em geral, ao mesmo selo da atração principal. Todavia, aqueles quatro caras eram muito focados e bastante determinados. Podíamos estar todos tremendo de frio no Manticore, mas a rapaziada do Queen ensaiou vestindo as roupas do show, todas de seda fina, rendas e cetim. Até John Harris, o primeiro engenheiro de som da banda, trajava um terno de veludo preto e luvas sofisticadas para fazer a mixagem! E quem era aquele sujeito afetado e arrogante, rebolando pelo palco com a haste de um microfone e usando uma única luva de cota de malha?

O Queen tinha tempo apenas para um ensaio curto e, para ser sincero, não prestei muita atenção neles, pois estava ocupado fazendo chá, pintando coisas de preto, levando recados de lá para cá e desempenhando todas as tarefas esperadas de um “recruta” de 18 anos. Brian May foi o primeiro a se entrosar com a equipe do Mott e me deixou testar sua guitarra artesanal. Surpreendeu-me que ele não tivesse uma guitarra *adequada*: uma Gibson, uma Fender ou mesmo uma Guild, como os caras do Mott The Hoople. Brian também tocava usando moedinhas de cinco centavos em vez de palhetas. Assim concluí que, sendo o Queen um grupo novo, lutando com dificuldades, ele talvez não tivesse condições de comprar uma boa aparelhagem. Até seu amplificador Vox AC 30, velho e gasto, ficava em cima de uma cadeira caquética. Pareceu-me que havia sacrificado seus equipamentos pelas roupas Zandra Rhodes[5] que a banda vestia. Entretanto tão logo o ouvi tocar, parei de sentir pena! Nunca ouvira sons como aqueles – agudos e ricos – arrancados de uma guitarra. Brian era muito bom, pensei. O Queen tinha algo do Led Zeppelin, embora diferente.

Não me lembro de conversar com Fred Mercury na ocasião. Nome esquisito para um cantor de rock, pensei. “Freds” eram agricultores, construtores ou os fulanos jogando dardos no *pub*. Pouco sabia eu do efeito profundo que ele teria em minha vida no futuro. No decorrer da turnê de 1973, a equipe de apoio do Mott estabeleceu um relacionamento superficial com o Queen. Conversavam às vezes, sem de fato se misturarem. Roger demonstrava alguma boa vontade nesse aspecto, John era John, reservado, calado. E Fred era apenas Fred: mesmo naqueles primeiros tempos já se revelava um tipo singular. Comportava-se sempre como um astro.

Um grande astro.

Bandas encarregadas da abertura do show de turnês importantes deviam se manter no lugar que lhes cabia, porém, apesar de não ter ainda nenhum sucesso, o Queen se mostrou arredio, mesmo arrogante, fazendo uma série de exigências e irritando muita gente ao longo do caminho. O que não mudou, aliás. O pessoal da equipe de apoio os considerava um bando de esnobes e, apesar de eu gostar de algumas de suas canções, seu vocalista superconfiante e metido me irritava. O consenso entre a comitiva do Mott era de que o Queen *jamais* estouraria! No entanto, as namoradas dos caras me impressionaram: quatro mulheres atraentes, estilosas, que apareciam em alguns shows. A banda também usava roupas caras e chamativas.

No ano seguinte, o Queen fez a abertura dos shows do Mott nos Estados Unidos durante um curto período. Contudo, fui poupado da visão de seu vocalista rebolante de uma luva só porque estava trabalhando de novo para Mick Ronson – guitarrista de David Bowie – em sua turnê solo pela Grã-Bretanha. Assim, continuava sem realizar o sonho de viajar para os Estados Unidos. Dali um ano, surgiu uma oferta passageira de trabalhar para o Queen, como *roadie* de Brian May. Seu *roadie* tinha ido embora e precisavam com urgência de alguém que o substituísse para a turnê nos Estados Unidos. Todavia o sujeito voltou e me ofereceram outra função: cuidar dos tambores e do piano. Tambores: é como

montar modelos de construção. Pianos: uma quantidade absurda de cordas para afinar. Não, não me atraía, e não aceitei a oferta. Mais uma vez: NADA de Estados Unidos.

Mais tarde, depois de as várias formações do Mott The Hoople terem se esgotado, Richie, Phil e eu aceitamos o convite para trabalhar com o Queen, que preparava seu quarto álbum: uma pequena coletânea de canções intitulada *A Night at the Opera*. A banda estava começando a fazer sucesso e queria uma equipe de apoio experiente – além de um rapaz magrelo de 20 e poucos anos que sabia a diferença entre Les Paul e Les Dawson para se encarregar do baixo e do piano. (Bechstein? Não era aquela cerveja alemã?)

"Ele é jovem, ele é esperto, deixe-o cuidar de Fred." Obrigado, caras. Estávamos em meados da década de 1970: calça boca de sino, cabelões, salto alto, salto plataforma, cetim, veludo, roupa apertada, estrelas, *glitter* e *aquele* clipe para *aquela* canção. A matadora "Bohemian Rhapsody"! Gravado no palco 5 do estúdio Elstree Film no início de novembro de 1975, durante o intervalo de algumas horas no decorrer dos ensaios para a turnê; uma distração indesejável, na realidade. Estávamos trabalhando praticamente dia e noite para aperfeiçoar o novo show e aquilo era uma inconveniência, pois tínhamos que mudar as coisas de lugar, nos manter longe das câmeras, ficar quietos e esperar. Contudo, não foi tão ruim assim. Achei o resultado final bastante bom e os seis minutos de filme fizeram muito bem ao Queen. Provavelmente havia outras bandas com as quais eu teria preferido trabalhar, mas aquele se revelou um momento decisivo na minha vida e carreira. O Queen partiria numa turnê mundial e depois de mourejar na excursão pela Grã-Bretanha, eu, enfim, iria para os ESTADOS UNIDOS, e então para o Japão e a Austrália.

Minha ambição de rapaz fora correr o mundo com uma banda de rock, conhecer montes de garotas e me divertir. Dinheiro era secundário, um bônus. O Queen ambicionava ser a maior e melhor banda com o pé na estrada, mais uma vez o dinheiro era secundário. Ambos fomos bem-sucedidos. Eu não passava de

um garoto da classe trabalhadora que tivera sorte e, por trabalhar duro e ser leal, conservara uma sorte razoável. Conseguira encontrar uma alternativa à passar a vida numa fábrica e realizara muitas de minhas aspirações – a maior delas: ir para os Estados Unidos.

---

1 Área de Londres onde há grande concentração de pobres e imigrantes. (N. T.)

2 Típico da classe trabalhadora de Londres. (N. T.)

3 Taffia é o termo usado pelos nacionalistas galeses – que se opõem ao domínio inglês – para designar o suposto pequeno grupo de falantes de galês que comanda o país. (N. T.)

4 Referência ao Sino da Liberdade, exposto na Filadélfia, Pensilvânia. Um dos mais notáveis símbolos da Guerra de Independência dos EUA. (N. T.)

5 Designer inglesa. (N. T.)

ESTADOS UNIDOS

(Sejam gentis comigo, por favor)

Os Estados Unidos são um país grande – muito grande. E descaradamente abrigam e ostentam o melhor (e às vezes o pior) de muitas coisas que, a despeito de sua natureza, com certeza serão as MAIORES! Os Estados Unidos eram e ainda são *o* mercado a ser conquistado por qualquer banda de rock aspirante e, se você não conquistar aquele país, *realmente* não estourou. Nova York podia ser a Big Apple (Grande Maçã), porém nas décadas de 1970 e 1980 os Estados Unidos por inteiro assemelhavam-se a uma fruta madura, à espera de ser colhida. Entre as bandas de rock britânicas evoluiu uma espécie de ética colonialista segundo a qual, de alguma forma, parecia um direito histórico nosso saquear o novo mundo, como piratas bem-educados, e depois zarpar com o tesouro para casa – sem perturbar muito ninguém.

Fred, audaciosamente, queria ser a “Rainha dos Estados Unidos”. Entretanto, para conquistar o vasto, segmentado e não subjugado território, as turnês do Queen precisavam atingir todos os mercados: o centro-oeste roqueiro, o malemolente sul, as principais metrópoles cosmopolitas, as costas leste e oeste, e inúmeras cidades rurais que tivessem um ginásio. Devido à imensidão dos Estados Unidos, as turnês podiam durar vários meses, sendo particularmente cansativas no inverno. Em geral as datas eram marcadas por um agente corpulento, com um gosto por charutos cubanos e gordas porcentagens. Sentado em seu escritório elegante, com ar condicionado, o sujeito planejaria a turnê a esmo, embora com um mapa do continente à sua frente. Ao Queen, oferecia presentes caros e artigos de uso pessoal, além de refeições requintadas. À equipe

de apoio – neca! Ele não era muito popular, mas o Queen sim. Bastante. Quase de imediato, a banda tornou-se um tremendo sucesso nos Estados Unidos, conforme acontecera na Grã-Bretanha. A canção de Brian, “Now I’m Here” (Agora estou aqui), de 1974, tinha uma letra comovente sobre ser a nova noiva da América.

Bem, eu não alimentava nenhuma intenção de me casar, porém, pelo visto, a lua de mel já começara.

Para um *roadie*, excursionar pelos Estados Unidos era a cereja do bolo; uma recompensa por haver peregrinado por todas aquelas boates de segunda e salões desoladores da Grã-Bretanha numa van velha e estropiada, sem comer, sem dormir, sem nenhuma ajuda, e caso tivesse sorte, muita sorte, encerrando a noite na companhia de uma garota com cara de cavalo e dentes estragados.

Contudo, ir para os Estados Unidos nem sempre decorria de méritos próprios; muitas vezes tratava-se de estar com a banda certa na hora certa. Como costuma se dizer no meio: “Depende de quem você conhece ou chupa”.

Uma das grandes coisas sobre os Estados Unidos é seu otimismo constante; nada parece impossível. Se desejar fazer alguma coisa, basta pôr mãos à obra. Está tudo ali, ao seu alcance, se você o quiser. Isso, com certeza, me atraía.

Os Estados Unidos são um país jovem, com uma energia ilimitada, e não carrega o fardo e a tradição sufocante da “boa e velha Inglaterra”. E suas mulheres tampouco decepcionam. Elas eram ousadas e abertas à ideia de travar novas, e breves, amizades com o pessoal do mundo da música. Oba! Todavia, a banda para a qual você trabalhava tinha um papel fundamental no tipo de garota que seria atraída. Por sorte, o Queen não apenas era tremendamente popular, como também exercia aquela espécie de fascínio e mística que faziam as meninas quererem estar por perto. Sou eternamente grato por não haver acabado trabalhando para Cliff Richard[1] (sem nenhum desrespeito, sua santidade), ou para um grupo de folk.

Garotas altas, com cabelões, bocas, bundas e apetites *grandes*. Assim me

garantiram, não um cara num *pub*, mas alguns *roadies* que excursionaram pelos Estados Unidos e comeram o que havia de melhor. E eles não iriam mentir para mim, iriam? Que *estivessem* dizendo a verdade, *por favor*. Pois estavam. E até as feias tinham dentes bons.

Se você tinha cabelos compridos, um sotaque inglês *bonitinho* e trabalhava com uma banda de rock inglesa, pronto, estava feito. Eu pensei que havia morrido e ido para o céu.

Desde pequeno, sempre sonhei em ir aos Estados Unidos. Nenhum outro lugar me atraía, só queria ir para lá. Absorvera a cultura americana assistindo avidamente a todos os programas da TV americana exibidos na Inglaterra e folheava todas as revistas importadas de super-heróis. Divertia-me com as histórias do Batman e do Super-Homem, porém o que realmente gostava eram os anúncios de minissubmarinos para um homem só, óculos raios-X, sua própria colônia de formigas e outras novidades de que a Grã-Bretanha nunca ouvira falar. Essas coisas existiam mesmo? Aquelas revistas em quadrinhos ofereciam muitas oportunidades para as crianças americanas sortudas: venda 24 caixas de cartões e ganhe um kit de tambores Liverpool. Eu imaginava, de fato, que se podia conseguir qualquer coisa nos Estados Unidos, cujo estilo de vida parecia tão rico e glamoroso. Até seus cereais para o café da manhã pareciam mais excitantes. Sem dúvida a turnê também o seria.

No início de 1976, os Estados Unidos nos deleitou com hotéis decentes, ônibus leito, equipes de profissionais para carregar e descarregar os caminhões, bufês adequados nos shows, uma quantidade infinita de bebidas em caixas empilhadas e gelo que não derretia nunca, camisetas customizadas para shows individuais e trinta dólares por dia para cobrir despesas pessoais extras. Tudo isso me deu sensação de riqueza, poder e bem-estar. Gostei! E eu queria mais. Ansiava abrir a porta de uma daquelas geladeiras enormes, que são obrigatórias nas cozinhas americanas, e consumir todas as delícias ali estocadas.

FALANDO EM LÍNGUAS, COMENDO E BEBENDO COM PRAZER

Os EUA contavam com as instalações de comunicação mais amplas, com milhares de emissoras de TV e rádio, entretanto a maior parte do país permanecia assustadoramente provinciana. Isso se tornaria evidente à medida que o Queen se apresentava em cidadezinhas interioranas, onde a garçonete bem nutrida do bar, ou dos onipresentes Holiday Inn, Howard Johnson, ou de quaisquer outras cadeias de hotéis, exclamaria, depois de nos ouvir falar:

– Oh, puxa! Vocês são ingleses? Que legal. Digam-me, como vai a família real?

– Bem, obrigado.

– Vocês são todos de Londres? Então devem conhecer o Sr. Jones.[2] Ainda tem muita névoa?

Névoa! A visão estereotipada que os americanos costumavam ter de Londres geralmente provinha dos programas de TV e das contínuas reprises dos velhos filmes de Sherlock Holmes.

– Sim, senhora, continuamos engolfados numa neblina espessa, tudo é em preto e branco e eles ainda não pegaram Jack o Estripador, sabe.

– Sério…? Mas eu adoro o seu sotaque, é tão elegante! Fale alguma coisa para mim, em inglês britânico.

Não sou nenhum Rex Harrison,[3] *querida!*

– Ok, aqui vai algo com meu melhor sotaque britânico: que tal ir buscar a cerveja que pedi? Estou morrendo de sede!

Moradores curiosos sempre nos abordavam com a mesma tática.

– Vocês são da banda?

Como membros da equipe de apoio, estávamos ficando cansados das constantes insinuações de que podíamos ser músicos molengões. Assim retrucávamos: “Não, somos soldadores de Cincinnati”.

– Oh, isso é ótimo. Vocês estão na cidade para algum tipo de convenção?

– É, algo assim.

– Não… vocês estão brincando comigo, não é? Vocês *são* ingleses, certo?

– Certo.

– Vocês TÊM que ser uma banda. Os Beatles eram ingleses, sabe?

– Realmente, senhora, isto é fascinante. E tem razão, somos uma banda.

– Viu? Eu sabia. Qual é o nome da sua banda?

– Harry Sapateador e os Porcos Melequentos de Wigan.

– Harry Sapateador? Hum… será que conheço alguma música de vocês?

– Duvido, pois somos uma banda underground.

– Oh… bem, tenham um bom dia.

A ficha cai.

– Ei, vocês estavam me zoando. Vocês são todos do Queen, não é?

(As camisetas e jaquetas da banda, mais os crachás e faixas na cabeça que usávamos deveriam dar uma pista.)

– Não, nós *trabalhamos* para o Queen.

– Grande banda! Eu *adoro* aquela música que eles cantam, “Stairway to Heaven”. Porém não sabia que eram ingleses. Ok, me fale uma coisa, o vocalista, Mercury, é bicha, não é?

– Não, não – é tudo encenação – retrucaríamos. – Ele só tem um grande interesse em motos. E em motoqueiros.

– É, foi o que imaginei. Ele fica tão bonito vestido de couro preto, e tem um traseiro bonito também. Posso lhe trazer outra cerveja?

– Claro. Você gostaria de assistir ao show amanhã?

– Uau, pode apostar que sim! Saio do trabalho daqui a uma hora… e se você não estiver muito ocupado.

– Não. Acho que estou com algum tempo livre…

É extraordinário que tantas pessoas nunca souberam que Fred era gay, ou não

quiseram acreditar. Algumas nunca acreditarão. E, claro, que importância tem se ele era?

Alguém famoso, talvez Oscar Wilde (que era), ou Mark Twain (não sei), ou teria sido George Bernard Shaw? (um bom parceiro para Lawrence da Arábia…). Não sei qual, mas definitivamente um deles disse, certa vez, que os Estados Unidos e a Inglaterra eram países divididos por uma língua comum.

A palavra "*fag*" é um exemplo clássico. Para nós, na Grã-Bretanha, significa "cigarro", para os americanos quer dizer "veado". São muitas as vezes em que perguntei se podia fumar um "*fag*", ou indaguei "quais marcas de '*fag*' vocês têm?".

Como praticamente toda a equipe de apoio fumava, precisávamos encontrar alternativas para a nossa marca habitual de cigarros quando os duzentos Benson e Hedges King Size, comprados na *duty free*, acabavam. Winston ou Marlboro eram nossas opções preferidas e, às vezes, Kool mentolado. Todavia não peça vinte Winston nos EUA, ou o vendedor vai fitá-lo de um jeito estranho.

– Tem certeza?

– Sim. Vinte Winston, ou melhor, vou levar quarenta.

– Você tem dinheiro? – o sujeito indagou, desconfiado.

– Claro. – Afinal, seriam apenas alguns dólares.

Então percebi que nos EUA pedem-se "maços", não o número de cigarros que há dentro da embalagem.

Após um cigarro logo cedo, chegava a hora do café da manhã.

Tomar café da manhã nos Estados Unidos revelou-se uma introdução sutil ao estilo de vida americano. Muitos restaurantes e cafés adotavam um sistema "novo-mundo" em que era necessário "esperar para ser conduzido à sua mesa", o que não aconteceria antes que uma voz feminina, cortante como aço, o chamasse.

Nunca diziam "mesa para dois, ou quatro" – tratava-se sempre de um "grupo", ainda que de um só indivíduo.

– Senhor Hince, grupo de um, por aqui, por favor.

Depois de sermos conduzidos à mesa por “Oi, sou Sherri – sua *hostess* hoje”, com excessiva animação para aquela hora da manhã, logo nos descobríamos mergulhados na sombra do cabelão e do sorriso escancarado de “OI, SOU BOBBI!, sua garçonete esta manhã. Como vão vocês?”.

– Não dá para ver que estamos com um pouco de ressaca? – Caso alguém se esquecesse de Bobbi, a despeito da forma avassaladora como se apresentara, o crachá de plástico com seu nome – visível pelo menos a uns 15 metros de distância – preso no uniforme engomado trataria de lembrá-lo. Neste momento, ela também já estaria servindo os indefectíveis copos de água gelada e, enquanto examinávamos o cardápio plastificado, a escutávamos recitar a lista dos pratos especiais da manhã – literalmente recitar –, expondo os dentes sob uma armação de metal.

Em meio à indecisão da escolha, a garçonete ficava saltitando ao redor da mesa, feito uma Barbie avantajada a quem se dera corda.

– Ok, ok, o que posso servir-lhes, rapazes?

– Vou querer ovos, por favor.

– Como você os quer: cozidos, poché, mexidos, fritos com a gema mole, fritos com a gema dura, ou um omelete?

– Caramba! Quanta opção!

Seguiram-se demoradas discussões sobre como eu queria minhas linguiças, cortadas em pedaços pequenos ou inteiras, com nove variedades de batatas e grãos? O suco de laranja vinha em tamanhos pequeno, normal, médio, grande ou gigante. Então chegamos às bebidas quentes…

– Ótimo. E posso trazer café para todos?

– Não, eu gostaria de um chá.

– Pois não. Gelado ou quente?

– Quente, claro!

– Com creme ou limão?

– Nenhum dos dois. Com leite, leite frio.

– Você quer dizer meio a meio?

– NÃO. Com um pouco de LEITE: aquele líquido branco que sai das vacas!

– Ok, senhor, verei o que posso fazer… Serão contas separadas?

– Não, pagaremos em dinheiro!

– Entendido! Ei, vocês são divertidos. São uma banda, certo? – É, somos.

– E tenham um bom dia.

Por que eu iria querer ter um bom dia? Na "Terra dos Livres" não tenho o direito de ser melancólico? E uma xícara de chá americano era um fraco substituto da nossa bebida nacional.

Apesar das diferenças, a comida nos Estados Unidos era bastante convidativa para um jovem visitante com um paladar ainda não muito exigente e um sistema digestivo vigoroso. Estávamos na década de 1970, quando uma refeição sofisticada na minha terra significava filé e batatas fritas no Berni Inn. Não o filé do Texas, que mal cabia dentro do prato. Aliás, se você conseguisse comê-lo inteiro, podia comer outro grátis.

Eu jamais havia visto ou provado hambúrgueres tão deliciosos. Ou tão grandes. Precisávamos de ambas as mãos para segurá-los e o acompanhamento incluía batatas fritas, salada, guarnições, além de umas coisas, tipo conservas verdes, compridas e de odor pronunciado. Melhor deixá-las para lá.

Quando os *promoters* ofereceram um hambúrguer a Fred, como refeição da banda, ele replicara, com sua pose habitual:

– Hambúrguer? Vocês me *servirão* filé.

E assim foi feito.

Quanto às sobremesas…

Nos EUA, gelatina é "*jello*", enquanto nós, britânicos, dizemos "*jelly*" (para os americanos, "geleia"). É algo que costuma ser servido em festas infantis, exceto numa determinada ocasião, numa banheira do hotel Holiday Inn. Era uma noite suave de verão em Charleston, Virgínia, nos idos de 1980, quando uma

moça da cidade, depois de ser convidada por um membro da equipe de apoio para subir ao seu quarto – onde tomariam uma bebida e tal – confidenciou uma fantasia: entrar nua numa banheira cheia de gelatina líquida sabor cereja e esperar que o doce se solidificasse. Também queria que uma camada de chantilly fosse incluída na “sobremesa”.

Não pretendendo decepcionar a jovem, despachamos um taxista para a loja de conveniência mais próxima – um 7-Eleven – com um punhado de dólares e instruções de pegar o recibo…

Enquanto esperávamos o motorista voltar, a animada convidada sugeriu que a amarrássemos numa cadeira com tiras de velcro, em geral usadas para prender cabos no palco e que, por acaso, estavam à mão.

Ligamos para uma rádio FM local, só com programação de rock, e conversamos ao vivo com o DJ sobre nossas atividades no quarto do hotel. Sendo ele um cara legal, noticiou que qualquer garota com ideias afins, e querendo se divertir com a equipe do Queen, deveria se dirigir ao Holiday Inn.

Após dispensarmos nosso perplexo taxista com uma boa gorjeta e um passe para o show do dia seguinte, enchemos a banheira com água quente para dissolver a gelatina. Então a jovem entrou na banheira, deitou-se e relaxou. Quanto a nós, esperamos o doce solidificar.

Não é uma história da qual minha mãe se orgulharia, e estou convicto de que ela tampouco ficaria bem impressionada com a comemoração de meu 21º aniversário, também em solo americano. Em 23 de janeiro de 1976, no Holiday Inn de Waterbury, Connecticut, recebi o “atestado de maioridade” e muito mais. Naquele inverno rigoroso da costa leste, uma camada de neve cercava o hotel e o Palace Theatre, onde aconteciam os ensaios para a turnê seguinte.Todo mundo, inclusive o Queen, estava hospedado no Holiday Inn, o melhor hotel de Waterbury. Não sei o que passava pela cabeça de Fred, entrando e saindo do hotel e do local de ensaios metido numa jaqueta curta de pele e numa calça justa de cetim. Nós, da equipe de apoio, usávamos roupas térmicas. Brian, como

sempre naquela época, calçava tamancos e o vi escorregar e deslizar ao caminhar ao redor do Volvo P1800S, carro esporte de dois lugares igualzinho ao que Simon Templar dirigia no seriado de TV *O Santo*. Brian tinha um carro igual em Londres, embora de cor diferente. Aquele Volvo pertencia a Chuck, americano e um dos responsáveis pela iluminação do show. Indiferentes ao frio, os dois não paravam de conversar sobre o amor que dedicavam àquele veículo.

Sendo o mais novo de todos, estava acostumado a ser alvo de brincadeiras e para os meus 21 anos temia o pior. No final das contas, eu mesmo me transformei numa piada.

No bar do hotel, serviram-me doses enormes de conhaque e soda. Como raramente bebia na época, logo estava alto, interrompendo o guitarrista *cover* que tocava músicas *country* num canto: “OI, COLEGA! Que tal tocar “Close to the Edge”, do Yes! Vamos! Você conhece?

Aos risos, o pessoal da equipe pôs lenha na fogueira e não tardei a cair de cara no chão. Crystal, meu companheiro de quarto, me colocou na cama.

De pileque, desmaiei. Acordei algumas horas depois, tão enjoado que vomitei ao lado da cama *king size*. Passei uma noite horrorosa, virando de um lado para o outro, estourando de dor de cabeça, esparramado sobre os lençóis.

A alta concentração de fibras de náilon nos carpetes de hotéis nos EUA é notória por criar eletricidade estática e, quando você está em contato com metal – como colocando a chave na porta ou apertando o botão do elevador – bang! Leva um choque tão intenso que chega a ver faíscas.

Eu estivera rolando na cama, na maior aflição, com um pé arrastando no chão. Ao tornar a me virar, bati o pé na armação de metal da cama e… BANG! Uma descarga absurda me jogou para fora do colchão e caí exatamente onde vomitara. Tudo bastante desagradável.

Arrastei-me até o chuveiro. Nunca me sentira tão mal em toda minha vida, disso não tinha a menor dúvida. Embora conseguisse limpar um pouco da sujeira que fizera, o sentimento de culpa me atormentava. Seria terrível encarar as

camareiras encarregadas da limpeza do quarto. Hesitante, desci para tomar café e enfrentar a artilharia pesada dos meus sorridentes colegas.

– E então, como é ter 21 anos, Ratty?

– Uma droga – foi o que consegui murmurar.

– Vamos lá, tome um copo de leite. Vai ajudar a acalmar seu estômago.

A garçonete aproximou-se e indagou, num volume máximo de decibéis:

– O que posso lhe trazer, queriiido?

– Apenas um copo de leite, NÃO meio a meio, e minha juventude de volta, por favor – gemi.

Notando a minha urgência, ela trouxe-me o leite imediatamente.

Sorvi-o devagar, enquanto os outros continuavam a me lançar olhares hipócritas. Eu podia sentir o leite descendo e uma reação biológica, de resultado indeterminado, se desenvolvendo. Então, de súbito, o café da manhã de alguém sentado ao meu lado chegou: bacon, ovos, linguiça, batatas fritas, panquecas, waffles, melaço, torrada e geleia – tudo num mesmo prato.

A visão da comida e os odores me atingiram em cheio. Peguei minha conta e rumei para o caixa. Vomitei sobre a conta e a caixa registradora. Num tom débil, disse à atônita caixa para ficar com o troco. Retornei ao meu quarto e à cama, onde prometi a mim mesmo que nunca mais iria beber.

Mas bebi.

Troco

Durante minha primeira viagem aos Estados Unidos fui iniciado no costume de dar gorjetas. Na Inglaterra, eu o fazia ocasionalmente, apenas para arredondar a conta, ou porque não tinha troco. Além do mais, quase nunca tinha dinheiro para pagar contas, quanto mais dar gorjetas. Agora me pediam 15% do total ou mais!

Os carregadores oficiais de aeroportos *sempre* esperam gorjetas. Se você não

lhes der 1 dólar por volume carregado por uns meros 20 metros até o *check-in*, coisas estranhas podem acontecer à sua bagagem. Numa ocasião perdi todas as minhas malas ao regressar de uma folga nas Bermudas durante a longa turnê *Game*, em 1980. Sentia-me muito relaxado pois descobrira as alegrias do mergulho e considerara a experiência "melhor do que drogas". Despachei minhas malas, pronto para me reunir aos outros no aeroporto O'Hare, em Chicago.

Depois da mudança de aeronaves e longos atrasos, Jim Barnett, designer de iluminação do Queen e com quem eu viajava, pegou sua bagagem na esteira e juntos esperamos a minha – e esperamos, e esperamos, até aquele momento pavoroso em que a esteira para e a única mala não reclamada é retirada e colocada de lado. Um silêncio lúgubre se instala quando a compreensão do fato o atinge como um soco na boca do estômago: sua bagagem se perdeu. Era tarde da noite de um dia que fora muito comprido, com a perspectiva de duas horas de viagem de carro até Milwaukee ainda pela frente. Após preencher um formulário no escritório da companhia aérea, presentearam-me com um kit de emergência de cortesia, composto de miniescova de dentes, dentifrício, uma lâmina descartável, uma bisnaga de alguma coisa que deveria se transformar em espuma de barbear, um pente (pouquíssimo útil no meu caso, pois não costumava pentear os cabelos) e um único lenço. O lenço talvez porque já me encontrasse à beira das lágrimas.

No escritório de bagagem "extraviada" – "*não perdida, senhor, apenas temporariamente extraviada*" – garantiram-me que minhas malas seriam entregues no meu hotel, em Milwaukee, na manhã seguinte. Depois de alugarmos um carro, retirado num estacionamento enorme, repleto de veículos idênticos e sem graça, partirmos para Wisconsin. Na estrada, o carro não tardou a dar problemas, e começamos a perder velocidade (na realidade, havia pouco a perder, pois a velocidade máxima permitida era 90 km/h). Por precaução, resolvemos parar num posto de gasolina e o carro morreu.

Jimmy Barnett estava furioso, porém eu me sentia tão entorpecido devido às provações do dia, que limitei-me a rir, com ar incrédulo, e acender um cigarro. Enquanto aguardávamos que nos trouxessem outro veículo, Jimmy ia ficando cada vez mais enraivecido. Num rompante, no melhor estilo Basil Fawlty,[4] saiu do carro e pôs-se a chutá-lo, castigando-o por ter nos deixado na mão.

Depois tornou a sentar-se ao volante e continuou batendo no que estava ao seu alcance, para garantir que o veículo aprendesse a lição.

No dia seguinte, após umas poucas horas de sono, liguei quase sem parar do local do show para o hotel, a fim de verificar se minha bagagem chegara. Nada. Minhas malas passaram a correr atrás de mim uma semana inteira, brincando de pega-pega. Assim que eu saía de uma cidade, elas chegavam, de modo que sobrevivi à base de camisetas da turnê, artigos comprados em lojas de hotel, tolerância quanto à higiene pessoal e atos caridosos de pessoas do meu tamanho. A propósito, recusei a gentil oferta de Fred, que ensaiou me dar seus collants velhos e suportes atléticos. Também não aceitei os tamancos de Brian.

Todavia aceitei um drinque no bar de nosso hotel oferecido por Frank Sinatra (Júnior). Enquanto conversávamos à mesa, naquele ambiente comum, o cantor e músico – também em turnê – disse-me que gostava mesmo do Queen, mas que já teria deixado a cidade na data em que a banda iria se apresentar. Cara legal. E os cavalheiros enormes, de terno escuro, que não o largavam um único minuto, inclinavam a cabeça de leve sempre quando eu lhes sorria nervoso.

O belo Sul

Turnê após turnê, os Estados Unidos continuavam a me seduzir, pois me permitiam assistir, ao vivo, a coisas que só vira antes em seriados policiais da TV. A agitação efervescente de Nova York e o barulho das sirenes – de fato soavam como na TV, assim como o toque do telefone. Tudo igualzinho a *Kojak*![5]

Sair em turnê era uma tremenda aventura e eu aguardava ansioso o momento

de começar a cumprir o itinerário. Todas as grandes cidades: Los Angeles, Chicago, San Francisco, Dallas, Boston, Detroit e aquelas de que eu nunca ouvira falar, mas que possuíam nomes intrigantes como Fort Wayne, Indiana ou Des Moines, Iowa. Tudo me fazia vibrar: registrar-me no hotel, comer na estrada, numa parada de caminhoneiros, os dias de folga, os dias de show, os dias de viagem, todos os dias! Como eu gostava de ticar os estados que atravessávamos. No Sul, numa parada de caminhoneiros, conheci um homem fortão, de pescoço vermelho, que me contou ser seu trabalho raspar “bichos mortos” do asfalto da rodovia, “inclusive tatus”, ele declarara orgulhoso.

Texas: o maior estado da União, lar de tatus e um lugar selvagem e indomável, onde, em 1977, conheci a garota mais bela do mundo. Elizabeth Macy, natural de Dallas, alta, morena, com um pouco do exótico sangue de americanos nativos nas veias, um corpo escultural e os mais deslumbrantes olhos escuros, onde a gente queria se afogar.

Eu estava a fim dela. Acompanhava-a um camarada feio, louro, robusto, não de todo sem atrativos, embora atarracado. Isso acontece com frequência com meninas bonitas, cuja beleza se destaca ainda mais ao lado de sujeitos assim. Ela era o tipo com quem eu sempre acabava ficando, mas não naquela noite.

Havíamos enfrentado um dos invernos mais rigorosos dos EUA, quando bastava atravessar a rua do hotel para pegar o ônibus e nossos cabelos gelavam. Portanto, o mormaço do Texas, seguido da promessa de calor em Phoenix, Arizona, e alguns dias de folga consistiam em algo pelo qual esperar ansiosamente. Como por Elizabeth. Eu andava nas nuvens então. A vida era perfeita. Quando você não é o cara mais bonito da equipe, não muito bom em passar cantadas, e ainda consegue atrair a garota mais linda – e ela só quer ficar com você, a despeito dos “ladrões” que tentam roubá-la – é ótimo! Não durou. E acho que não tornei a vê-la.

Corria o ano de 1978. Durante os ensaios em Dallas para a turnê *Jazz*, eu estava me divertindo com a banda certa noite, numa suíte do Hilton, quando fui

“sequestrado” por uma garota com um sotaque arrastado. Ela estava tão bêbada que eu mal entendia suas palavras. Não que importasse. Seu estado de embriaguez, contudo, pouco prejudicava suas habilidades, de modo que deixamos o hotel em sua picape com o inevitável suporte para armas no bagageiro. Ela dirigiu tapando um dos olhos com a mão para “focar melhor” na estrada. Em seu apartamento, nos arredores da cidade, tivemos uma noite interessante juntos.

Ao acordar, encontrei-me sozinho na cama, sob um lençol fino de algodão branco. O sol matutino derramava-se pela janela e tudo ia bem no meu mundo. Olhei ao redor e notei uma espécie de baú de madeira aos pés da cama, um troço alto, com a parte superior abaulada e coberta por um pano. Gritei na direção da cozinha, perguntando se podia usar o telefone e escutei-a responder, quase num resmungo:

– Sim, e posso lhe servir o café?

Perfeito.

Peguei o telefone e liguei para a loja de música onde havia localizado um baixo Fender, vintage, de 1955, que John Deacon queria. Estava confirmando que passaria para buscá-lo quando o lençol da cama foi puxado e minha nova “quiçá futura ex-esposa” me deu um beijo de bom-dia – em dois lugares. Encerrei o telefonema e me virei. A bela sulista acabara de descobrir o objeto volumoso. Tratava-se de uma gaiola, agora aberta, o que permitiu aos seus ocupantes – um tucano, uma cacatua e alguns periquitos – saltitarem até a cama. Meu êxtase logo transformou-se em agonia. Gelei, e falei logo das minhas preocupações, enquanto continuava nu em pelo. Meus músculos relaxados enrijeceram e o que estava rígido brochou. Será que aqueles pássaros já tinham comido? E o que será que gostavam de bicar? Por um momento achei que estivesse num filme B de terror, em que uma harpia enlouquecida alimenta pássaros exóticos com o membro de rapazes.

– Você não precisa se preocupar. Eles não vão bicá-lo – ela me assegurou.

De volta aos ensaios no Centro de Convenções. Havíamos terminado de filmar um clipe curto com a nova iluminação para “Fat Bottomed Girls”, quando relatei a Fred a história da garota esguia e de bunda firme. Ele achou o episódio engraçadíssimo e chegou quase a chorar de tanto rir. Nunca o tinha visto rir assim. Conquista sexual e infortúnio é uma combinação irresistível. Então ele me relatou suas próprias aventuras da noite anterior… Creio que se encontrara com o time inteiro do Dallas Cowboys (ou algum outro grupo de homens musculosos com chapéus de cowboys). Não existe nada que se compare à sensação de quando a gente se sai bem e não dá nenhum vexame. Nas palavras de um outro integrante do Queen: “Ficamos leves e com um sorriso na cara”.

Na década de 1970, os Estados Unidos tinham certos estabelecimentos que sem dúvida punham um sorriso no seu rosto – as boates de “dança na mesa”, ou “bar das tetas” como eram conhecidas. Muito antes da *lap dance* ou *pole dance*, aqueles eram os bares onde garotas dançavam sobre as mesas dos frequentadores. E, sendo os EUA, esperavam gorjetas. Tudo bem para mim. Em geral elas faziam *topless* – dependia da lei vigente no estado. Alguns estados permitiam o *topless*, desde que os mamilos estivessem cobertos com algum adesivo cor da pele. Tais lugares eram bastante populares com a banda e a equipe e, sendo uma banda de rock inglês, nós imediatamente atraíamos muita atenção das garotas em estabelecimentos como The Harem Club, Patio Show Bar e The Kit-Kat na “Zona de Combate”[6] de Boston.

Todos nós queremos ser desejados, e ter meninas interessadas em dormir com você lhe dá uma sensação de poder deliciosa – uma reafirmação de seu charme, estilo, aparência e personalidade. Ou talvez seja o fascínio exercido pela perspectiva de um passe para os bastidores?

Mas era o sotaque inglês “bonitinho” que magicamente abriu tantas portas nos EUA – “Vocês, seus malditos britânicos com seu sotaque metido! Roubando nossas mulheres”, resmungavam alguns americanos membros da equipe, enciumados e rejeitados.

Eu enxergava aquilo quase como uma retaliação à ação dos vistosos soldados americanos que varreram nossas cidades e vilarejos durante a Segunda Guerra Mundial oferecendo meias de seda e chocolates às lindas moças da Inglaterra. Eles só queriam transar, assim como eu.

Agora, quanto a atrair mulheres, sempre achei meu nariz um tanto grande. Mas no mundinho do rock'n'roll – e talvez em mais nenhum outro meio, exceto no circo – isso pode ser um bônus. Inúmeros astros do rock têm nariz proeminente: Pete Townshend, Ronnie Wood, Jeff Beck e mesmo o de John Deacon ou o de Brian May dificilmente poderiam ser descritos como "pequenos". Todos eles eram guitarristas, o que ansiei ser quando adolescente enquanto tocava a minha Vox Stroller no quarto.

Infelizmente uma falta clara de talento, aliada à ausência de coordenação, além dos anos de dedicação e prática exigidas, acabaram detendo meu progresso como lenda do rock. Todavia, consegui aperfeiçoar algumas ótimas poses.

A oportunidade de ouvir música de graça e conhecer garotas: eis a razão pela qual entrei nesse negócio e não no mundo das companhias de seguro. E pensar que eu poderia ter continuado trabalhando numa fábrica… Quem sabe agora já não seria contramestre?

Os Estados Unidos me deram uma educação sexual e lá conheci algumas das mulheres mais belas que já vi. (Pelo menos é o que falei a elas na época.) As moças americanas foram uma parte importante nas turnês pelos EUA e uma lufada de ar fresco para um rapaz vigoroso de vinte e poucos anos, pois elas eram bem resolvidas emocionalmente e não o forçavam a passar por todo aquele ritual pré-coito, ou o ameaçavam de ruína financeira, como algumas mulheres inglesas. Entretanto, algumas meninas quase tinham que ser rebocadas, ao invés de pegas. Os EUA realmente produzem mulheres grandes e estas faziam poucos esforços para se vestir, recorrendo a terninhos e roupas de fibra sintética.

Uma mulher gorda, com barriga de cerveja, não é uma visão bonita, e tais senhoras avantajadas sempre usavam as menores roupas íntimas. Daí não é

muito difícil perceber de onde Brian May tirou o título da canção “Fat Bottomed Girls” (algo como Garotas de traseiro avantajado).

Olhando para trás, para as minhas fotografias da época – quando eu ainda cabia, com folga, num jeans tamanho 40, e pensava que a International House of Pancakes (Casa Internacional da Panqueca) servia comida requintada – as garotas continuam bonitas. Quando deitado de costas em meu quarto de hotel incapaz de dormir, e depois de contar todas as linhas e círculos do papel de parede, tento me lembrar de todas as meninas que conheci em minhas viagens na ordem em que surgiram. Conto até dez e acabo ficando confuso. Eu deveria ter feito anotações no itinerário.

Locais para tocar

Os shows em locais fechados nos Estados Unidos variavam muito. Iam de teatros tradicionais, com capacidade para umas poucas milhares de pessoas, a ginásios de esportes imensos, ou centros cívicos, capazes de abrigar mais de 20 mil fãs.

O War Memorial Auditorium, em Syracuse, no estado de Nova York, era um espaço único, com o arco do proscênio fixo, palco no estilo teatral e um salão cavernoso. A novidade daquele lugar ficava por conta das duas pequenas bandeiras americanas fixadas nas laterais do palco. Antes do início do show, as luzes diminuíam e os holofotes iluminavam as bandeiras, que tremulavam à brisa suave dos ventiladores elétricos. Então entrava uma gravação do hino nacional pelo sistema de alto-falantes. A maior parte do público ficava de pé e cantava junto, algumas pessoas com a mão sobre o coração. Isso é que era patriotismo!

Contrastando com os teatros antigos, havia a magnificência dos locais grandiosos, como o famoso Madison Square Garden, em Nova York. Essa construção fenomenal tem uma arena no quinto andar e observar mais de 20 mil pessoas subindo, entusiasmadas, os cinco andares para assistir a um show de rock foi sempre uma experiência incrível. O concreto literalmente tremia sob os

pés do público. Nas paredes dos corredores dos bastidores, imagens de conquistadores efêmeros: Muhammad Ali e outros grandes lutadores, Frank Sinatra – cuja foto estava realçada por um foco de luz – jogadores de basquete vitoriosos e astros do hóquei no gelo, além de uma profusão de expoentes da música, de Liberace a Rolling Stones. Apresentar-se no Madison Square Garden significava que você, sem dúvida, fizera sucesso nos Estados Unidos. E grande sucesso.

Há algo para todos em Nova York, e na quantidade desejada – dia ou noite. Após uma apresentação no The Garden, a festa pós-show, nos bastidores, incluía uma luta de mulheres na lama. Ao saber dos planos, Fred quis que anões bigodudos, metidos em short de couro, servissem os drinques. Em Nova York? NENHUM PROBLEMA!

As festas ali eram, em geral, um circo de celebridades, a lista de convidados indo de Bob Marley e Andy Warhol a Liza Minnelli. Juntei-me ao astro do tênis Vitas Gerulaitis e a um amigo comum para “cheirar uma carreira” numa saleta. A morte de Vitas significou a perda trágica de um homem muito educado.

O fim de uma turnê particularmente longa nos Estados Unidos culminou em Nova York, onde recebemos como bônus notas de cem dólares, logo convertidas no “pó branco”. Muitos da equipe de apoio sentaram-se numa sala, em meio à luminescência de Manhattan, com um mapa dos Estados Unidos sob uma mesa de tampo de vidro. O pó do “bolão” foi então distribuído em várias rotas, ligando a costa leste à oeste. Cada um escolhia sua combinação de caminhos e rodovias e debruçava-se sobre a estrada. Geografia nunca foi minha matéria favorita.

É UM CARA!

Nova Orleans é uma cidade americana que evoca o espírito de diversão e bons momentos, muitos dos quais vividos no histórico French Quarter (Bairro Francês); a região onde esvaecidas fachadas no estilo francês se unem ao refinamento americano, como se o futuro estivesse tentando, desesperadamente,

agarrar-se a uma pequena parte de seu passado herdado – antes que seja tarde demais.

O Marie Antoinette Hotel (um dos preferidos de Fred) costumava hospedar bandas de rock. Localizava-se perto da Bourbon Street, onde transitava gente de todo tipo. De uma coisa podíamos ter certeza: sempre íamos cruzar com alguns travestis. De fato, havia bandos deles e eram *muito* convincentes. Os travestis fervilhavam em Nova Orleans e mesmo o mais hétero do nosso grupo sentia-se curioso em relação a esses travecos: aquela ali seria ou não seria? Um dos integrantes da equipe, um ex-jogador de futebol americano – e americano de nascimento – levou "uma loura" deslumbrante da festa para seu quarto de hotel.

Tivemos nossas dúvidas.

– E então? O que você fez? – nós lhe perguntamos, incrédulos.

– Bem, eu estava muito alto e ela parecia linda, então só pedi um boquete.

O que "ela" executou com prazer, e devido ao tamanho descomunal de nosso colega, nenhum de nós se atreveu a chamá-lo de gay.

Certa vez, fui acordado pelos mesmos integrantes da equipe de som que estavam de partida para Baton Rouge, cidade vizinha e capital do estado.

– Ratty, depressa, depressa, venha ao quarto 103 e traga sua câmera e *flash*!

Sentindo o cheiro de alguma armação no ar, obedeci no ato. Enquanto nos aproximávamos do quarto em questão, mandaram-me ficar em silêncio.

O cara mais corpulento e agressivo da equipe de som não aparecera no *lobby* do hotel à hora combinada e seu telefone só dava ocupado, de modo que os outros resolveram bater na sua porta sem, no entanto, obter qualquer resposta. Após conseguirem uma chave mestra, entraram e depararam com a cena que eu deveria agora registrar com minha câmera: dois corpos nus, apagados na cama ainda não desfeita e intacta. Um deles era o nosso colega perdido, e o outro uma bela jovem loura, de lindos seios empinados e… genitália masculina!

Os dois estavam deitados juntos, ele com o braço ao redor "dela" e uma das mãos segurando firmemente o gargalo de uma garrafa de Jack Daniels. O

telefone, puxado da mesa de cabeceira e com o fio retesado, repousava sobre o peito cabeludo do sujeito. As cortinas estavam fechadas e as luzes dos abajures ainda brilhavam, criando uma atmosfera “romântica”. Eu jamais havia visto algo assim, tampouco os outros. A intensidade do flash e os ruídos da câmera não perturbaram os “bebês” adormecidos. Com as fotos batidas, corri para partilhar minha experiência com o resto da banda.

O produtor da turnê mandou fazer cópias das fotos e as distribuí a torto e a direito. Um travesti irritado aproximou-se de nosso ônibus, que se preparava para partir no início da manhã, e começou a gritar e bater boca enquanto esmurrava a porta. Decidimos manter a porta trancada. Indignada, “ela” resolveu arrancar a águia de metal, símbolo da empresa – e grande, por sinal – da frente do veículo. E não é que a extraiu dos rebites?! Com a peça debaixo do braço, saiu em desabalada correria pela Bourbon Street, perseguida por um furioso motorista…

Nova Orleans é a cidade do jazz. No decorrer da turnê de 1978, apropriadamente denominada *Jazz*, aconteceu uma magnífica festa de Halloween no Fairmont Hotel.

Os presentes ao evento, gente da imprensa, da mídia, das gravadoras, convidados VIPs etc., esperavam ser entretidos por todo tipo de artistas e garotas exóticas. Aliás, depois circulou bastante uma foto de Fred autografando a bunda nua de uma garota durante essa farra. À época, eu já estava até escolado quanto aos sinais a procurar para determinar o verdadeiro sexo de alguém: observar as mãos, o pomo de Adão, as orelhas e, claro, prestar cuidadosa atenção à voz. Levei essas dicas a sério quando, na festa, o objeto do meu desejo empoleirou-se no meu colo e tentou enfiar a língua molhada na minha orelha.

– Ratty, estou lhe dizendo, isso é homem, caralho! – alguém murmurou em meu ouvido.

– Não… Sério?

– Sim, é um cara!

Pedi licença e rumei para o ônibus da equipe de apoio, a fim de iniciar a longa viagem até o sul da Flórida.

Nosso ônibus estava sendo carregado com caixas de bebida trazidas da festa e o clima alegre imperava. Enquanto nos preparávamos para partir, uma garota, já a bordo, disse que queria seguir viagem conosco.

"É, mas e se for um cara?"

Alguém se ofereceu para confirmar o verdadeiro sexo da jovem metendo a cabeça sob sua saia comprida e esvoaçante. Não havia nenhum problema com a moça. Ao sair de sob a saia, nosso colega anunciou: "Sim, é mulher, porém olhem só isso aqui!"

Na sua mão, estava um passe para os bastidores, que a garota escondera na calcinha. Por quê? Não se vê algo desse tipo todos os dias. Outra loura de roupa colante foi convidada a embarcar conosco numa viagem ao desconhecido, todavia ela retrucou, numa voz de barítono: "Não posso ir para Miami vestindo apenas anágua".

Deus salve a América!

As festas do Queen tinham má fama, contudo uma única história é inverídica. Afirmou-se que numa determinada festa, em Nova Orleans, anões circularam no meio dos convidados com tigelas de cocaína presas à cabeça para o consumo dos farristas. Conforme declarei no documentário da BBC *Queen – Days of Our Lives* (Queen – Relato de nossas vidas), trata-se de uma rematada asneira! A história sem dúvida circulou para acrescentar drama à lenda do Queen. Mesmo Brian e Roger afirmaram nunca haver testemunhado cena tão bizarra. E os supostos anões também carregavam canudos nos bolsos para as pessoas consumirem a droga. Mais uma vez: pura idiotice! Qualquer um com alguma experiência nesse passatempo recreativo sabe que, quando a cocaína está numa tigela, não se usa um canudo para ingeri-la, e sim uma colherzinha, ou a ponta do cartão de crédito, ou uma palheta. Como Roger e outros afirmaram, havia sim um anão na festa da turnê *Jazz*, de 1978, em Nova Orleans, mas

deitado sob uma pilha de frios e carnes fatiadas – e ele tremia quando as pessoas se aproximavam da mesa. É isso!

EM DEUS NÓS CONFIAMOS

Havia na excitação de excursionar pelos Estados Unidos um laivo de ameaça, onipresente em todo o continente. Os EUA têm sido sempre associados à violência, seja no tocante a caubóis e índios, gângsteres, ou até aos filmes de Clint Eastwood. Os assassinatos de John Kennedy e de Martin Luther King eram lembranças nítidas da minha juventude, contudo a distância geográfica impediu que tais acontecimentos realmente me afetassem. Agora, entretanto, estava mais velho, um pouco mais sábio e perambulando pela praça Dealey, em Dallas, onde Kennedy fora morto. Tendo crescido numa cidadezinha pacata, sentia-me perturbado pelos constantes lembretes de perigo pessoal; portas de quartos de hotéis com olho mágico e correntes de segurança, espelhos convexos em elevadores, telas espessas de acrílico separando motorista e passageiro em táxis, avisos de que o motorista/atendente carregava consigo apenas 20 dólares de troco; policiais e guardas portando armas de cabos lustrosos, e tão evidentes que podia-se tocá-las.

Aquilo que no princípio me perturbara depressa tornou-se a norma, porém nunca cedi à complacência e estava sempre ciente de que as águas tranquilas de meu maravilhoso cruzeiro logo podiam se transformar em corredeiras, cuja força me tiraria do curso e me arrastaria para as rochas devastadoras. Uma das distrações da onipresente “ameaça” consistia na fascinante variedade de estações de rádio locais. Muitas tocavam apenas rock, o que era ótimo, em vista das limitadas e, principalmente, tendenciosas estações da Inglaterra.

As estações de rádio nos EUA tocavam músicas ininterruptas, com pouco palavrório ou intervenções dos DJs. Podiam-se escutar, corriqueiramente, coisas que, na Inglaterra, a gente teria que sair para comprar. Incrível. Também existiam inúmeras outras estações voltadas para diferentes estilos e gostos.

Agradava-me em particular aquelas do sul, especializadas em música *country*, os sotaques arrastados, preguiçosos, soavam afetuosos e abrasivos.

Os cantores *country* tinham os nomes mais bizarros, assim como as canções. Eis minhas três favoritas de todos os tempos (de artistas desconhecidos): “I’m So Depressed I Don’t Know Whether to Commit Suicide or Go Bowling” (Estou tão deprimido que não sei se me suicido ou vou jogar boliche), “If You Want to Keep yer Beer Cold Put It Next to my Ex-Wife’s Heart” (Se você quer manter sua cerveja gelada coloque-a perto do coração da minha ex-mulher) e “I’m Going to Hire a Wino to Decorate my Home” (Vou contratar um bebaço para decorar minha casa).

Pregadores leigos também tinham seus programas transmitidos, e era hilário imaginar as cenas enquanto “curavam” as pessoas no ar.

O afligido seria levado ao palco e o pastor o curaria de sua mazela através de uma combinação de imposição das mãos, intimidação vocal e histeria. Pernas rígidas e leve dor nas costas pareciam fáceis de resolver. O pastor, depois de cumprimentar o doente, perguntava-lhe que problema em particular o afligia e então afirmava que, como instrumento de Deus, iria, com certeza, ajudar a purificar e curar seu corpo e que uma doação para a sua igreja, a fim de continuar a obra de Deus, seria aceita com gratidão.

Ele apresentou uma mulher no ar, que lhe disse ser cega.

Alarmado, o pastor inquiriu:

– Cega?

– Sim, senhor, isso mesmo. Não posso ver.

– Nada?

– Não, senhor. Não consigo enxergar absolutamente nada.

Houve uma pausa e podia-se imaginar o pastor xingando seus auxiliares: “Como diabos vocês *a* deixaram subir aqui?”.

Não sendo possível voltar atrás, ele lançou a congregação num frenesi, declarando:

– Todos nós trabalharemos juntos com o Senhor para devolver-lhe a visão. Você crê?

– SIM.

– Você acredita? Você TEM que acreditar!

– SIM.

Em meio ao tremendo barulho gerado, o pastor estava gritando, berrando, batendo os pés e dirigindo-se à mulher com veemência:

– Você pode sentir minhas mãos?

– Sim.

– Você pode sentir o calor?

– Posso.

– Pode sentir o poder do Senhor?

– Sim.

– Você pode sentir as névoas se dissipando?

– Não…

– Ok… agora, pessoal, trabalhem juntos com o bom Deus para ajudar esta mulher desventurada – isso mesmo! Sinta o poder da cura – diga-me, minha filha, você pode ver algo clareando, alguma coisa aparecendo?

– NÃO.

Terceira tentativa. A vez da sorte.

– Sinta o poder, sinta o amor. Você consegue enxergar a poderosa luz do Senhor irrompendo?

– NÃO.

Corte para o intervalo comercial, enquanto os fiéis entram em polvorosa.

Carolina do Norte, Carolina do Sul e Georgia eram estados chegados a fogos de artifício. Durante todo o ano, lojas na beira da estrada ofereciam uma variedade enorme de embalagens coloridas da barulhenta e excitante pólvora – alguns pacotes equivalentes a cerca de um quarto de uma banana de dinamite.

Armas letais. Nós, adultos maduros e responsáveis que éramos, dávamos atenção a algum dos avisos de segurança? Não. O grupo se dividia em dois lados opostos e pegava em armas – dentro do ônibus da turnê. Deslizávamos pequenos foguetes e bombinhas sob a porta que separava a área comum dos beliches e lançávamos outros artefatos nas zonas de conflito, debruçando-nos para fora das janelas enquanto o ônibus avançava pela rodovia. Em 1978, numa viagem a Memphis – atravessando os estados dos fogos de artifício – nos abastecemos avidamente. Naquela noite, mal chegamos ao nosso destino, parte do grupo rumou direto para o estacionamento a fim de explodir os novos brinquedos, e a outra parte permaneceu no quarto, dedicando-se a disparar foguetes na rodovia movimentada. Após uma bela queima, que enfeitou a aprazível noite do Tennessee, o ar foi pontuado pelo ruído de sirenes e pelas luzes azuladas dos carros de polícia que se aproximavam rápidos. Melhor ir deitar.

Dali a algum tempo, às primeiras horas da manhã, bêbados e estimulados pelo momento, fizemos uma incursão com nosso arsenal e desencadeamos o armagedom no corredor do hotel: foguetes apontados para a janela do fim do corredor, bombinhas sob a porta de hóspedes e coisas rodopiantes e voadoras que queimaram o carpete e bateram no teto antes de saírem em disparada, fora de controle.

Nós já havíamos acordado e irritado seriamente os caras que iriam trabalhar cedo quando o *promoter* da turnê, Gerry Stickells, tendo recebido muitos telefonemas de reclamações, meteu a cabeça para fora da porta e gritou, sonolento e mal-humorado: “Parem com isso, porra! Os tiras estão a caminho!”.

Escutei o ruído da porta do elevador. Em instantes, surgia um segurança do hotel, acompanhado de um doberman. Num átimo, fechei a porta do meu quarto. Não gosto de cachorros.

Os mais maquiavélicos de nós guardaram alguns fogos de artifício nas respectivas caixas de equipamento com a intenção de os utilizar na turnê, com efeito máximo. Provavelmente durante a passagem de som, para divertir a banda.

Crystal, o *roadie* de Roger, usou alguns dos acessórios tubulares cromados dos tambores como lançadores de foguetes e incorporou à engenhoca uma sofisticada mira e alças para segurá-la, como se fosse uma minibazuca.

Tentar acertar o placar eletrônico, item fundamental em muitos ginásios esportivos, era uma atividade popular, porém o descontentamento dos dirigentes sindicais da casa aliado à ira do *promoter* da turnê cortou esse esporte. O abuso dos fogos de artifício era um exemplo clássico de homens se comportando mal e estupidamente, sem a devida consideração pelos outros. Parte de mim adoraria fazer isso tudo de novo.

A ideia de caras jovens viajando pelos Estados Unidos evoca imagens românticas do clássico de Jack Kerouac, *Pé na estrada*, ou do filme *Sem destino*, mas, na realidade, para nós da equipe de apoio não raro era o caso de viajar sem nada enxergar. Acordávamos no ônibus, dentro ou fora de uma enorme instalação de concreto, e passávamos as horas do dia trabalhando no interior penumbroso do lugar. Umas dezesseis horas depois de descarregarmos, estaríamos de volta à escuridão, viajando através da noite. Se, numa conversa, alguém mencionar uma cidade dos EUA como Kalamazoo, Michigan (uma possibilidade extremamente improvável, garanto-lhe), posso levantar a mão e dizer: “Eu estive lá”.

– É mesmo? E como é a cidade?

– Bem… Na realidade não sei.

Às vezes a única maneira de saber onde estávamos era quando Fred tomava o microfone e cumprimentava o público: “Boa noite, …, como estão vocês?”.

Se a cidade fosse o lar de um time de basquete ou de hóquei no gelo, então haveria pistas visuais sobre a identidade do local.

O jeito lógico de descobrir onde estávamos era recorrer ao itinerário da turnê, ou “livro das mentiras”. Nesse guia para sua vida nos dois meses seguintes ou mais, constava logo no início a cuidadosa declaração: “Todas as informações aqui contidas são válidas em tal data…, além da abreviatura ASE: a ser emitida.

E, ocasionalmente, a ser evitada. O itinerário era distribuído a todos os integrantes da turnê, escritórios de empresas pertinentes, famílias e sócios. Atribuía-se a cada membro da banda e da equipe de apoio um número, o qual constava nas etiquetas de bagagem, reservas de hotel, lista de quartos e, às vezes, no passe de palco. Adivinha quem era o nº 1? Ninguém. Para evitar discussões, em geral não havia o nº 1 em nossas turnês, ou então este cabia ao *promoter*, Gerry Stickells, de modo que os números da banda começavam a partir do nº 2. Fred, não raro, ficava sendo o nº 2. Algo a que não estava acostumado.

QUANTO MAIORES ELES FOREM, MAIS DURA É A QUEDA

La donna è mobile (A mulher é inconstante), de Verdi, remete à mais inconstante de todas as amantes do rock – a América. Depois do álbum *The Game* e da turnê de 1980, o Queen era um tremendo sucesso nos EUA: dois *singles*, *Crazy Little Thing Called Love* e *Another One Bites the Dust*, ocupando o 1º lugar de todas paradas (exceto as de música *country*), e uma canção adotada pelo time de futebol americano Detroit Tigers. O álbum *The Game*, no topo das paradas, e a vitoriosa turnê consolidara o sucesso da banda no país.

Em 1982, após o lançamento do álbum *Hot Space*, o Queen chamou Billy Squier, um roqueiro de Boston e velho amigo, para abrir o show; convite aceito prontamente e com alegria. Billy já havia alcançado um enorme sucesso com seu álbum *Don't Say No*, assessorado pela auspiciosa parceria do "M" triplo: Munique, Musicland[7] e Mack, o produtor do Queen. No início da turnê, ele lançou seu novo disco, *Emotions in Motion*, que contava com a participação do Queen nos *backing vocals* de algumas faixas. Na teoria, tratava-se do sonho de qualquer empresário. Com certeza os ingressos se esgotariam, assim, trabalhar com uma margem apertada de lucro não parecia um grande risco.

Billy era um admirador de longa data do Queen e, apesar de ter cacife para se lançar numa turnê solo, preferiu apostar na publicidade que essa dupla turnê atrairia.

O pacote Queen/Billy Squier parecia uma perspectiva excitante, mas, em algum ponto, tudo deu um pouco errado. Os *singles* de *Hot Space* não conseguiram projeção e o próprio álbum não estava vendendo feito água, mas encalhara. Certa noite, enquanto relaxava no nosso ônibus, antes do show, assisti à gravação de uma entrevista de Fred à TV local, um acontecimento raro, pois Fred não gostava de dar entrevistas sozinho. Durante a conversa, ele disse achar as canções de *Hot Space* boas, porém talvez o *timing* estivesse errado. Um comentário bastante pertinente, porque muito do conteúdo do álbum tinha um toque de discoteca e de *dance music*, na esteira do sucesso fenomenal de *locali*. Também não há dúvida de que Fred foi influenciado pelo fato de passar horas em discotecas gays, os ouvidos martelados por músicas com a mesma "batida". *Hot Space*, a despeito de ser bem produzido e executado, não era o que o público médio dos EUA queria do Queen na época.

Hot Space e seus ritmos arriscados converteu-se num ponto de virada; e embora seja fácil culpar a gravadora, aquele foi o último disco do Queen a sair pelo selo Elektra Asylum, nos Estados Unidos. A turnê prosseguiu morosa, entretanto surgiram tensões à medida que o álbum de Billy Squier vendia muito bem e suas apresentações eram também muito bem recebidas. O público que compra discos e vai a shows nos Estados Unidos pode ter memória curta e, apesar de ser faminto por novidades, com frequência resiste a mudanças em algumas áreas que considera sagradas. *Hot Space* não era *The Game* e os números falavam por si. Os EUA gostam que suas bandas de rock toquem ROCK!

Assim, talvez, lições tenham sido aprendidas e, apesar de a turnê não ter se convertido num fracasso, tampouco alcançou as altas expectativas. A excursão terminou em Los Angeles, em setembro de 1982, mas o Queen ainda deveria ir a Nova York para participar do prestigioso programa de TV *Saturday Night Live*. Como teríamos vários dias de folga até a gravação do programa, resolvi – depois de organizar a divisão dos equipamentos para a iminente turnê no Japão e a ida a

Nova York – redirecionar meu voo, fazendo uma escala em Seattle para ficar com uma velha "amiga". Durante aquela turnê, havíamos reacendido nossa amizade. Depois de receber minhas diárias, parti para uma pausa bem-vinda em Seattle. Minha amiga estava absolutamente deslumbrante ao me apanhar no aeroporto, em seu Jaguar E-Type.

Parecia uma cena dos filmes da década de 1960, quando pulei num conversível branco com uma bela garota sorridente, de pele clara, cabelos negros e óculos escuros, ao volante. Arrancamos rumo à rodovia aos risos, o vento soprando nossos bastos cabelos.

Austin Powers? Que nada!

Todavia a vida está sempre apresentando surpresas.

– Desculpe, Peter, não estou com cabeça para sexo agora.

– Ah, certo. Mas não é na sua cabeça que estou interessado neste momento – bem, é, mas, bem, você entendeu o que eu quis dizer… Deixa para lá, vou assistir à MTV.

Em Seattle, descobri a guitarra Dobro numa loja de segunda mão. Essa guitarra acústica clássica, de metal, estava precisando de alguns reparos e encontrava-se à venda por umas poucas centenas de dólares.

Eu sonhara ter uma Dobro desde que vira Peter Green, do Fleetwood Mac, aparecer no *Top of the Pops*[8] tocando uma introdução de "Oh, Well". Essas guitarras foram depois imortalizadas pela banda Dire Straits, que estampou uma foto das mesmas na capa de seu álbum *Brothers in Arms*. As Dobros são um ícone do rock.

Minha amiga me emprestou o dinheiro para comprá-la e depois a despachei para o escritório do Queen, em Los Angeles. Quando cheguei a Los Angeles, Brian May me convidou para passar o dia com ele e sua família à beira da piscina – um programa típico. Orgulhoso, apressei-me a levar minha nova aquisição para lhe mostrar.

Brian ficou doido com a guitarra. Disse que sempre quisera uma, que sabia

como consertar o *plate* solto dentro do corpo.

Um dos meus patrões a queria, que atitude me restava tomar? Com toda franqueza, ele realmente sabia tocar e fazer jus ao instrumento. Quanto a mim, tratava-se de um capricho, desejava tê-la como um troféu, uma escultura roqueira. Sucumbi. Isso acontecia com frequência, essa "escavação" de guitarras. Eu detectava guitarras raras ou interessantes, comprava-as para mim e então Brian me "assediava" emocionalmente para tê-las!

ADEUS, AMIGO VELHO

Depois de minha estada em Seattle, cheguei a Nova York pronto para retomar minhas funções na participação do Queen no *Saturday Night Live*. Apresentado pelo comediante e ator Chevy Chase, o show, misto de comédia, entrevistas e música, era um dos programas de maior audiência da TV americana, e o Queen não decepcionou: a banda tocou dois números e, conforme atesta o nome da atração, ao vivo – nada de *playback* ali. Os estúdios da NBC – no alto do Rockefeller Center, um prédio no estilo *art déco* no coração de Manhattan – eram fortemente sindicalizados, de modo que tínhamos que pisar em ovos ao mover e instalar os equipamentos. Perante o sindicato da TV, não passávamos de "consultores" e técnicos de som. Para esquentar a plateia antes da entrada do show ao vivo, fora escalado um jovem e ainda não famoso Eddie Murphy.

Enquanto eu afinava as guitarras nos bastidores, ele andava de um lado para o outro na minha frente, ensaiando suas falas e piadas.

– Tudo bem aí, colega?

– Sim, cara.

O Queen tocou "Crazy Little Thing Called Love" e "Under Pressure". A voz de Fred estava sofrendo os efeitos dos excessos cometidos em Nova York, contudo ele perseverou como sempre e a banda tocou bem sob a pressão do

intenso escrutínio, pois o show chegava a milhões de lares através de todo o continente. Essa viria a ser a última apresentação ao vivo do Queen nos Estados Unidos.

O Queen e os Estados Unidos mereciam-se um ao outro, e talvez necessitassem um do outro. Os dois eram grandes, vistosos, exuberantes, intransigentes, e é realmente lastimável que tal relacionamento tenha desvanecido, conforme aconteceu. Em 1984, o álbum *The Works* não foi apoiado por uma turnê nos EUA; a primeira vez que o Queen havia tomado essa decisão corajosa porém, no final das contas, suicida. A banda excursionou pelo resto do mundo e *The Works* obteve sucesso, mas não no lugar mais importante – a América. Talvez ambos se julgassem um maior que o outro? Uma amante precisa ser cultivada, cortejada. Em resumo, esforços têm que ser feitos. Tê-la seduzido no passado não significa que ela o irá acolher calorosamente só porque você esteve fora algum tempo.

Você deveria ter mantido contato – e a chama acesa.

---

1 Cantor pop britânico de muito sucesso no final dos anos 1950 e início dos 1960. Durante as seis últimas décadas emplacou mais de cem *singles* de sucesso. (N. T.)

2 Referência ao personagem Athelney Jones, detetive da Scotland Yard das histórias de Sherlock Homes. (N. T.)

3 Ator britânico de teatro e cinema, cujo personagem Henry Higgins, no filme *My Fair Lady*, era professor de fonética. (N. T.)

4 Referência ao personagem principal – interpretado por John Cleese – da série cômica da TV britânica Fawlty Towers. (N. T.)

5 Famosa série da TV americana (e de igual sucesso no Brasil), exibida de 1973 a 1978 e protagonizada por Telly Savalas, no papel do detetive Theo Kojak. (N. T.)

6 Nome dado ao bairro de “entretenimento adulto”. (N. T.)

7 Musicland Studios – gravadora localizada em Munique, Alemanha. (N. T.)

8 Programa da TV britânica, algo como “O top da música popular”, transmitido originalmente de 1964 a 2006. (N. T.)

LOS ANGELES

(Caldeirão fumegante – Bichas, doidos e esquisitões)

Los Angeles, Cidade dos Anjos. Não. Cidade dos Â*ngulos* – ângulos oblíquos. Tecnicamente, Los Angeles é parte dos Estados Unidos, mas é diferente de qualquer outro lugar. Qualquer outro. Dizem que quando Deus acabou de criar o mundo, Ele pegou o globo, chacoalhou-o algumas vezes e todos os pedaços soltos caíram no sul da Califórnia. Regiões de Hollywood (Hollyweird[1]), Beverly Hills, Santa Monica e o Vale Central são lares de alguns dos seres humanos mais estranhos do nosso planeta.

Há um aroma em Los Angeles que é único. No momento em que você chega ao aeroporto LAX, o odor o atinge: um misto de calor seco e fumaça de carro. Um cheiro agridoce, que fica na sua garganta. Os outros cheiros que impregnam LA são o do dinheiro, da libertinagem e o de peles cauterizadas em clínicas de cirurgia plástica. Ah, e o sopro onipresente do besteirol. Minha apresentação a Los Angeles e à sua gente bonita foi repentina. Tendo ouvido falar de suas mulheres ousadas, festas, piscinas e pôr do sol, mal podia esperar para saborear aquilo tudo. Até me imaginara conhecendo e namorando alguma glamorosa atriz de cinema! O mais perto que chegara disso antes fora deparar com “parentes” do Rin-Tin-Tin, ou do Champion, the Wonder Horse.[2]

O Continental Hyatt House Hotel, mais conhecido como “Riot House” (Casa da Baderna),[3] localizado no famoso Sunset Boulevard em West Hollywood, tinha, entre as bandas de rock ali hospedadas, a reputação de haver vivido uma época frenética e maluca. Sim, estou ali e é ótimo! Quando a noite cai, a rua ganha vida banhada em neon. Aliás, nunca parece noite em LA – há um brilho

constante onde quer que você esteja. Crepúsculo elétrico. De carro, o percurso era curto até o The Rainbow Bar And Grill, local de reunião dos adeptos do rock‘n’roll e seus discípulos. Mais tarde, devidamente felizes e quimicamente equilibrados, voltamos ao Riot House com algumas amigas novas. Alguns de nós se juntaram num quarto e estávamos provando uma erva californiana, quando minha parceira perguntou-me se eu não gostaria de experimentar algo especial.

– Sim, sim – respondi com entusiasmo juvenil. – E o que é?

– É uma curtição! Você inala. É um fluido cristalizado de embalsamamento.

Comecei a rir. Minha companheira pôs-se a rir também, comentando:

– Essa erva é bem forte, hein? Você já está chapado?

– Sim, devo estar. Achei que você tivesse dito “fluido cristalizado de embalsamamento”.

– Foi o que eu disse – ela retrucou, sincera.

– Puta merda! O que essa coisa fez com você? – Eu não tinha o menor desejo de ser preservado, ou qualquer parte de mim, num frasco de laboratório. Essa era a porta de entrada para um nível de experiência com drogas – incluindo aí PCP, pó de anjo e “a poderosa” heroína – que eu não queria transpor. Graças a Deus. Uma lata de *root beer* gasosa, um pacote grande de batatas fritas e uma noite diante da TV assistindo a *Happy Days* e *Gilligan’s Island* me farão muito bem, obrigado. Na minha primeira noite em Los Angeles, concluí que aquela cidade estava doente. Para um rapaz do campo, era tudo por demais desmedido para absorver. Porém eu meio que gostava, cara.

Peguei gonorreia pela primeira vez em LA. Embora os americanos prefiram designá-la como uma “doença social”, não havia nada de social na maneira como me senti, como se estivesse urinando giletes. Um risco ocupacional – e guarde a receita para efeitos do seguro-saúde. Tentei precisar quem me incluíra no Clube Gonorreia: Evelyn Fluido Embalsamador ou Roy Rogers (uma moça que se vestia de cetim vermelho – camisa e calça de cowboy com franjas – e me

cavalgava como se eu fosse o Trigger.[4] – Iupii!). Em vão. De modo que continuei a me divertir no Continental Hyatt House, na companhia de muitas garotas aficionadas do rock.

Numa manhã de 1976, no vestíbulo da Riot House, vi Paul Kossof, ex-guitarrista do Free, com sua banda da época, a Back Street Crawler. Sempre fui um grande fã do Free e fiquei bastante animado ao deparar com um de meus ídolos em carne e osso. Uma semana depois, Paul Kossof morreu tragicamente num voo de Los Angeles para Nova York.

Los Angeles converteu-se num centro importante para o Queen. Ali estava sua gravadora, a Elektra, e depois a Capitol, além de nosso escritório nos Estados Unidos, administrado por Gerry Stickells e sua GLS Productions, estabelecido no shopping center Crossroads of the World (Encruzilhadas do Mundo) no Sunset Boulevard (Bulevar Pôr do Sol). Só mesmo em LA para ter um endereço assim! A gravadora Elektra Asylum localizava-se no LA Cienega Boulevard, uma caminhada de poucos minutos do lugar onde costumávamos nos hospedar. Bryn Brydenthal era um tipo raro de executiva que se empenhava de fato em ser simpática com todos da turnê – em especial comigo e Crystal. Quando estávamos em LA, ela nos convidava para ir aos escritórios da gravadora e nos dava álbuns, fitas cassetes e outros brindes dos demais artistas contratados do selo, dentre os quais The Eagles, Jackson Browne, The Cars, The Doors e Warren Zevn. Nós não tínhamos nenhuma influência sobre o Queen na questão de gravadoras, porém Bryn sempre nos acolheu muito bem, e retribuíamos quando podíamos.

Sendo Los Angeles um bom lugar para levar a família, Brian, Roger e John adquiriram casas na cidade – desculpe, “lares”. (Ninguém mora apenas numa casa nos EUA; e sim num *lindo lar*.) Fred só conseguia absorver LA em pequenas doses, preferindo Nova York e tudo o que a intensa metrópole da costa leste tinha a oferecer. Portanto, embora houvessem sido muitos os ensaios da turnê em LA, as únicas sessões de gravações do álbum *The Works* aconteceram

na Record Plant, na Third Street. Na sala de controle daquela gravadora, escutei Fred dizer a coisa mais profunda que jamais o ouvira falar. Ele estava deprimido ao chegar para a sessão e seu humor parecia não melhorar. Evidentemente o problema, mais uma vez, girava em torno de sua vida amorosa. Quando alguém tentou animá-lo, ele estourou. Levantou-se da cadeira junto à mesa de som bruscamente e gritou, atirando suas palavras para Brian, Roger e John: “Está tudo bem para vocês. Vocês têm esposa e família. Eu *nunca* poderei ser feliz!”.

Passado o choque inicial, pensei que aquilo era algo muito triste para dizer e senti muito por ele. Havia tantas pessoas que se importavam com Fred de verdade, que realmente o amavam, mas ele ainda achava que nunca poderia ser feliz. Entretanto acredito que tenha encontrado alguma felicidade nos últimos anos de sua vida.

Dois Freds são melhores do que um

No decorrer das sessões de gravação na Record Plant, Fred Mandel, músico canadense que morava em Los Angeles, foi convidado a tocar em várias faixas do álbum *The Works*. Fred fora o tecladista de apoio na turnê anterior, *Hot Space*, em 1982, sendo muito respeitado como pessoa e profissional por todos da banda, por Mack e pela equipe de apoio. Dono de um talento fenomenal, trabalhava com tal velocidade que fazia seu trabalho parecer fácil. O que não era. Bastante impressionado com o “Fred 2”, o “Fred” principal convidou-o para tocar em seu projeto solo, *Sr. Bad Guy*. Fred Mandel também participou de projetos dos outros membros da banda, porém seu *input* para *The Works* foi notável. Coube-lhe tocar a introdução e o solo de “I Want to Break Free” no sintetizador e suas habilidades de tecladista contribuíram tremendamente para “Radio Ga Ga”, além de segmentos de “Hammer To Fall” e “Man on the Prowl”.

Outros dois caras costumavam rondar as gravações: Rod Stewart e Jeff Beck. Ambos apareceram no estúdio uma noite e começaram a improvisar com o Queen, um troço incrível. Algumas das melhores músicas de rock surgem de

sessões espontâneas e informais, quando ninguém está sob pressão, ou determinado a impressionar, embora esse material raramente seja liberado. Rod já havia se encontrado com o Queen em ocasiões anteriores e como, assim como Fred, era grande amigo de Elton John, sugeriu que os três formassem um trio denominado “Cabelo, Nariz e Dentes”! Na companhia de amigos, ele costumava frequentar o The Coroner, um *pub* na esquina da rua da Record Plant, e passamos a nos refugir lá também.

Outra tábua de salvação contra o tédio da vida no estúdio era a Oskos, no La Cienega Boulevard. Discoteca famosa, enorme, oferecia noites diversificadas – com luta de mulheres na lama, por exemplo. Também em Los Angeles, costumávamos aproveitar as folgas das gravações ou ensaios para assistir a shows de outras bandas! Todos nós – eu, Crystal, Jobby e os integrantes do Queen, inclusive Fred – estivemos juntos no Memorial Sports Arena para ver o The Who. Aquela foi a única ocasião em que vi Fred numa plateia! O Queen se acomodou na pista, no meio do público do ginásio, sem se cercar de seguranças nem nada. Eles realmente queriam assistir ao The Who. Quem não queria? Fui ao show do The Cars, no Memorial Sports Arena, com John e, variando as companhias – John, Brian e Roger – estive no The Forum para ver Robert Plant, AC/DC, Supertramp e muitos outros.

Navegando – Ninguém a pé em Los Angeles

A despeito de toda a sua superficialidade e badalação, existem algumas coisas incríveis em LA: praias. Não fui porque sempre acordava muito tarde. Tours pelos estúdios de cinema – nunca os fiz. Disneylândia – sim! E adorei. O sonho de uma vida inteira foi realizado quando passou-se a permitir a entrada de homens de cabelos compridos no parque. No início de 1977, dirigimos até Anaheim e pude ver Mickey e seus amigos. Também vivi uma situação interessante nas cavernas da ilha de Tom Sawyer, quando a garota com quem eu estava resolveu se intrometer na região da minha calça. Tio Walt Disney

certamente desaprovaria e deve ter se virado no túmulo, ou no nitrogênio líquido, ou onde quer que seja seu derradeiro repouso.

Um dos pontos altos de LA consistia em cruzar as ruas arborizadas num carro americano grande, com o braço para fora da janela exposto ao sol quente da Califórnia. No verão de 1980, eu estava fazendo exatamente isso ao descer o Santa Monica Boulevard numa caminhonete alugada. Era fim de tarde e, sintonizado na KLOS FM – minha rádio de rock favorita, 95. alguma coisa – achava-me indo buscar um alto-falante amplificado grátis para John Deacon numa loja especializada em equipamentos Sunn. Sentindo-me bem com o mundo, acendi um cigarro e joguei o fósforo fora. Logo escutei o som familiar de sirenes e, pelo espelho retrovisor, vi a viatura preta e branca da polícia se aproximando e me mandando encostar. Depois de haver assistido a todos os programas policiais de TV dos EUA, sabia o que fazer: devia ficar imóvel, calmo, e manter as mãos sobre o volante. Afinal, eu era inocente, certo?

A versão policialesca de John Wayne caminhou até minha janela aberta, inclinou-se, tirou os óculos escuros espelhados e indagou, numa voz arrastada:

– Era cigarro o que o senhor jogou pela janela?

– Não, não, eu não… eu joguei…

O tira notou meu cigarro ardendo no cinzeiro.

– Ah, sei, foi o fósforo, não? O senhor está ciente de que isso é crime pelas leis da Califórnia?

Naquele momento decidi bancar o turista estrangeiro, obtuso e pesaroso. Exagerando no sotaque britânico, retruquei:

– Sinto muitíssimo, policial. Eu não imaginava.

– Bem, senhor, com o nosso clima seco, temos problemas sérios de incêndios florestais. É lei estadual.

– Sim, senhor, compreendo perfeitamente.

– Posso ver sua carteira de motorista?

– Sim, claro, está aqui na minha bolsa.

CLICK!

Ergui a cabeça. A uns quinze centímetros de distância, uma arma ameaçava invadir meu espaço.

– Devagar, sem pressa, senhor.

Entreguei-lhe minha habilitação. O policial a olhou, virou-a do outro lado, olhou mais uma vez, tornou a virá-la. Então coçou o queixo de herói de filme de ação.

– Hum… inglês, hein?

– Sim, isso mesmo.

– Bem, senhor, sugiro-lhe usar o cinzeiro do carro no futuro.

Com essa pérola de sabedoria, ele partiu. Aguardei uns instantes, até meu traseiro tenso começar a relaxar. Por fim engatei a primeira e, cuidadosamente, desci a avenida.

Como a carteira de habilitação americana constitui um documento de identidade sempre fácil de ter à mão – e uma carta de motorista da Califórnia é um item especialmente legal de sacar da sua carteira num *pub* da Inglaterra – decidi seguir o conselho de John Deacon e obter uma. A primeira vez em que viajei para os Estados Unidos eu ainda não tinha idade suficiente para beber em alguns estados e sempre pediam para ver minha identidade. Havia também a vantagem adicional de poder usá-la para alugar carros fora dos EUA e de não ir preso até quitar a multa por estacionar em local proibido. Reservei um espaço na nossa agenda em Los Angeles para fazer o exame de motorista no meu carro alugado. Entretanto não tinha planejado sair para a balada com John Deacon e acabar no Playboy Club, em Century City, na noite anterior, quando o exame estava marcado para as nove horas da manhã do dia seguinte. Ainda assim, passei um tempão conversando e bebendo com uma atriz da série de TV *O Barco do Amor*, que era um pouco famosa. Mas quem não é em LA?

Depois de dormir pouco, dirigi, sonolento, até o Detran, entrei na fila para a prova teórica de múltipla escolha e paguei a taxa de 30 dólares. Caso você não se

saia bem no teste escrito, é possível voltar para o fim da fila, pagar novamente a taxa e tentar de novo. “Qual deve ser seu procedimento se uma pessoa cega, ou apoiada numa bengala, atravessar a rua na frente do seu veículo?” Eis duas das alternativas: “Desviar freneticamente para o lado oposto da rua ou calçada a fim de evitá-la” ou “Abaixar a janela e gritar para que saia do caminho!”.

Acertei o número necessário de questões para passar. Mandaram-me então trazer meu carro até a rua do prédio e esperar ali pelo examinador. Eu ainda me sentia um pouco atordoado devido à noite anterior quando minha examinadora – uma mulher enorme – saiu do prédio e pôs-se a caminhar na minha direção, com ar perplexo. Inclinando-se sobre a janela aberta do veículo, me informou que eu estacionara do lado errado da rua de mão única!

Já instalada no banco do passageiro, ela me explicou, numa voz séria e ensaiada, como o exame era justo, imparcial e que não haveria truques. Assenti e demos a partida, com meus 100 pontos intactos. À medida em que o exame ia progredindo, os pontos iam sendo deduzidos de acordo com os erros cometidos. Era necessário um mínimo de 70 pontos para ser aprovado. O teste de direção levou cerca de dez minutos e, literalmente, contornei o quarteirão algumas vezes.

Ao chegarmos numa rua transversal ela me pediu para “virar à esquerda, por favor”.

Aguardei o tráfego diminuir e fiz a conversão perfeitamente. Minha examinadora me encarou.

– Você acabou de ultrapassar com o farol vermelho.

Eu me esquecera por completo do semáforo suspenso.

– Pensei que podia cruzar o sinal vermelho na Califórnia, caso fosse possível fazê-lo com segurança.

– Não, senhor, aquilo é só para virar à direita. E, a propósito, o seu sotaque, você é da Inglaterra?

– Sim. Como a senhora é observadora – retruquei, forçando no sotaque.

– Oh, bem, suponho que o senhor não saiba muito sobre essas coisas.

Voltamos direto para o Detran e ela me aprovou com 80 pontos!

Caso eu houvesse falhado, poderia ter ido para o fim da fila, pagado a taxa de 30 dólares e tentado outra vez.

Restava-me agora tirar a fotografia de identificação, mas, como a máquina só batia uma única foto de cada pessoa, eu tinha apenas uma chance de sair com cara de criminoso, estúpido, molestador de crianças ou palhaço sorridente. Fiquei parecendo esses quatro, com um ar de Keith Richards num dia ruim. O rapaz da foto tinha o olhar assustado de alguém que acabara de acordar em Los Angeles, achando que os excessos da noite anterior estavam fazendo seus pés vacilarem – quando na realidade a natureza dos pequenos tremores era outra – um terremoto. Confesso que experimentei essa sensação em algumas ocasiões, e nunca soube discernir o que era o quê.

Seguindo adiante

Los Angeles é a terra de muitas Feras do Rock: mulheres que saboreiam o rock'n'roll e a sedução de seu consequente encanto. Aquelas garotas detinham o recorde de maior quantidade de carne espremida na menor quantidade de elastano, de cabelos mais armados, de vozes mais fanhosas e, suprema honra de colocarem mais lantejoulas e tachas por centímetro quadrado em couro negro, legítimo ou sintético, do que quaisquer outras criaturas no mundo. As Feras do Rock tinham fome de drogas, em especial as sedativas e hipnóticas, como Mandrix, o que lhes punha um sorriso permanente no rosto e deixava seus movimentos elásticos. O covil das Feras costumava ser algum apartamento desmazelado em West Hollywood, onde a geladeira enorme na cozinha estaria coberta de "troféus": passes de bastidores autocolantes de todas as bandas que já haviam passando pela cidade. De fato elas eram animais bastante sociáveis e, coincidência notável, conheciam todos os meus amigos que trabalhavam para outras bandas.

Certa noite, no The Rainbow, conheci uma dessas garotas. Chamava-se Bam-

Bam. Aparentemente seu apelido originava-se de um personagem, um bebê, do desenho animado *The Flintstones*. Eu havia entendido como “bang bang”,[5] e me parecera perfeito. Nós dois passamos algumas horas “agradáveis” juntos e então, no final de uma manhã resplandecente, ela me pediu para deixá-la no seu trabalho. Depois de cambalearmos até meu carro alugado, saímos do estacionamento subterrâneo cantando pneus, como nos seriados policiais na TV. Ela me mandou seguir pela Sunset Boulevard na direção de Beverly Hills e Bel Air. Ao entrarmos naquele reduto de ricos, Bam-Bam me pediu para encostar à esquerda. Parei defronte um imponente portão de metal. Agora deveria me inclinar para fora da janela e falar com uma pedra? Reparei bem e vi que era uma pedra falsa, com pequenos buracos. Falar com um pedaço de rocha? O que eu diria? Qual é o protocolo para uma conversa com mineral sólido? No entanto, não precisei abrir a boca, pois já havíamos sido captados pelas câmeras sobre a entrada e uma voz soou educadamente através da rocha, indagando em que poderia nos ajudar. Bam-Bam disse seu nome, explicou quem viera ver e o portão se abriu como num passe de mágica. Recebi instruções para dirigir devagar até a casa e não descer do veículo. Perguntei a Bam-Bam o que era aquilo tudo e ela, num tom casual, comentou que estávamos na Mansão Playboy, de Hugh Hefner! Depois saiu do carro e cruzou o limiar de uma enorme porta de madeira, desaparecendo no interior do arremedo de castelo. Ah, se as portas pudessem falar… Eu estava fascinado. Os seguranças do lugar, vestidos de preto e munidos de *walkie-talkies*, mandaram-me continuar em frente até o outro lado da propriedade. Logo atravessei portões automáticos e ganhei a rua. Senti-me um pouco ressabiado. Estivera no lendário palco das festas da Playboy e no entanto ficara com a sensação de ter passado pelo *drive-through* do McDonald’s. Não sei o que Bam-Bam fez na mansão e nunca abordei o assunto, porém presumo que não tenha sido convidada por suas habilidades na confecção de arranjos florais.

Beverly Hills, Sunset, Hollywood, Santa Monica, Laurel Canyon, Venice

Beach: os nomes de muitos lugares em Los Angeles soavam magnéticos aos ouvidos de um rapaz inglês mais acostumado com Factory Road e Abattoir Avenue. Sempre considerei “Cahuenga” um nome exótico de rua. Creio ter sido o nome de uma princesa americana nativa. Também era um dos locais com grande concentração de estúdios de cinema e TV em operação em Tinsel Town.[6] Preparando-se para a turnê *Game*, no verão de 1980, o Queen realizou alguns ensaios ali, num estúdio de cinema. No palco adjacente ao nosso, um fotógrafo especializado em carros estava trabalhando numa propaganda de pick-ups. Num dos intervalos do ensaio, saí de nosso palco para aproveitar um pouco do sol californiano e – BANG! Algo me acertou a cabeça. Desmoronei no chão. Teria levado um tiro? Afinal, estava nos Estados Unidos…

Atordoado e zonzo, vi o fotógrafo e sua equipe debruçados sobre mim, demonstrando grande preocupação – eu fora derrubado por um frisbee! Meu olho já estava começando a inchar e a mudar de cor quando retornei ao nosso palco para me sentar.

– Aqui, cara, dê umas “puxadas” nisso – disse Doug, o fotógrafo. – Deve ajudá-lo a relaxar.

Ele estava me oferecendo um “Brain Dart”, baseado feito de erva californiana. O troço me subiu à cabeça e precisei ir dormir dentro do estojo – revestido de espuma – do gongo de Roger para me curar do choque de ambas as experiências. Porém antes tentei convencer a banda de que eu me ferira numa briga, em vez de haver sido acertado por um disco voador de plástico. A despeito de entortar minha cara e minha mente, Doug e eu nos tornamos amigos de verdade e o somos até hoje.

Carisma de astro

Em Los Angeles não era incomum deparar com outros astros: Henry “Fonzie” Winkler, aparentemente um grande fã do Queen, assistia aos ensaios da banda encostado numa parede no fundo do estúdio, silencioso e reverente. No

The Rainbow Bar & Grill sempre costumávamos encontrar o pessoal ligado ao rock.

Certa noite, Stevie Nicks andava meio cambaleante pelo salão quando Crystal gritou:

– Ei, Stevie! Você me deve US$ 19,95!

Agitando os braços, ela caminhou até onde estávamos e desabou no assento. Esparramando-se sobre a mesa, indagou, a voz arrastada:

– O quê?

– Comprei seu último álbum ao vivo, o *Fleetwood Mac*, e é uma droga – retrucou Crystal. – Devolve o meu dinheiro.

John Belushi foi visto lá na noite em que infelizmente morreu. O ator e comediante Robin Williams, na sua fase mais louca, também frequentava o The Rainbow.

Em algum lugar, no fim do arco-íris, há um pote de ouro. Mas em LA, em geral, é um pote de bosta. Essa cidade realmente é capaz de engolir as pessoas e as cuspir fora sem compaixão ou preconceito. Ela é a fonte da juventude – se você puder pagar. A obsessão com a aparência jovem pode ser auxiliada por exercícios físicos exagerados, dedicação e uma rotina que exclua álcool, cigarro, drogas e comidas gostosas. Parece-me ridículo se submeter a todos esses sacrifícios e ainda respirar o ar sufocante, poluído. Não há lavagens intestinais, terapia de cristais, shiatsu, análise de regressão, acupuntura, leitura de runas ou terapia de flutuação que resolva isso. Todavia, creio que é possível ter seu signo do zodíaco oficial e legalmente mudado, caso seus planetas não estiverem alinhados harmoniosamente.

Uma maneira bastante comum em LA de conservar a juventude é via talão de cheque e médicos especialistas. A cirurgia plástica e de remodelação são populares entre os moradores de todas as idades e em geral isso se percebe. Reza a lenda que todos os cirurgiões plásticos do sul da Califórnia se reúnem e juntam todos os pedacinhos que cortaram, retalharam ou sugaram em lipoaspirações.

Então usam essa profusão de gordura, carne e tecidos para reconstruir o rosto dos apresentadores de televisão do horário diurno. E o dos rejeitados do canal de vendas. É o que reza a lenda.

Caso você sobreviva à poluição e aos honorários médicos em LA, ainda há problemas menores, como levar um tiro, ser assaltado, estuprado, esfaqueado, roubado ou processado. Processado provavelmente é o pior, e o mais comum.

As leis da Califórnia são muito rigorosas no que se refere a dirigir bêbado, o que é louvável, conforme constatou o advogado do Queen, um inglês da alta classe. Ao voltar de uma das turnês na América do Sul para Los Angeles, a fim de resolver alguns negócios, ele trafegava à noite por Hollywood em seu conversível alugado quando foi parado. O ás do Direito não tinha uma visão tão espetacular assim, sendo ligeiramente vesgo. Para piorar as coisas, havia pegado uma infecção ocular há pouco tempo. Os tiras o fizeram encostar e despejaram o discurso-padrão, porém o estado de seus olhos os convenceu de que o advogado devia ter bebido acima do limite permitido. De modo que o tiraram do carro e o levaram para a delegacia, não acreditando em sua pomposa explicação: “Vocês não percebem que estou com conjuntivite venezuelana?!”. Independentemente de qual fosse sua verdadeira condição, ele sem dúvida descobriu que uma noite na cadeia, com os piores elementos, é uma experiência impactante. Exatamente como frequentar escola pública. Bem, é o que dizem.

Os shows de rock em Los Angeles são um verdadeiro circo. O lugar para tocar era o “Fabuloso Forum” – o LA Forum, um ginásio coberto imenso, casa do time de basquete LA Lakers e do LA Kings, time de hóquei no gelo. O estádio, localizado em Inglewood, a uns trinta minutos de carro de Hollywood, tinha capacidade para umas 18 mil pessoas, a maioria delas constando da nossa lista de convidados. Se a banda tocasse três noites, possivelmente os ingressos vendidos seriam equivalentes a dois shows. Ok, estou exagerando. Dois e meio. Na turnê *Game*, de 1980, o Queen tocou quatro noites naquele mesmo local – algo inédito – e ainda poderia ter lotado mais um concerto. As festas pós-show

aconteciam no andar de cima, no Forum Club, e ficavam repletas de celebridades, de primeiro e segundo escalão, além de aspirantes, parasitas e esnobes – uma noite normal em Los Angeles.

Uma mulher de meia-idade, supostamente importante, californiana até a raiz dos cabelos – e elevada à potência máxima – me abordou.

– Oi! Você trabalha no palco com a banda, certo?

– É, algo assim.

– Simplesmente *adoro* a maneira como você interage com Freddie, o entendimento, a sincronia que vocês dois têm são perfeitos. Realmente é algo maravilhoso. Lindo.

Será que a mulher andara tomando o fluido cristalizado embalsamador? Por acaso estava se referindo a mim escondido atrás das caixas de som, ou agachado embaixo do piano até a hora de entregar ou receber o microfone de Fred? Então ela falou entusiasmada sobre as luzes, como eram "*tão* anos 80".

Estávamos em 1980.

LA leva seu besteirol a sério, e tem até discípulos.

Numa dessas "exibições de besteira" pusemos bombinhas numa tigela de vidro enorme, cheia de *hot chilli*, com um camarão grande em cima. Depois de acendermos as bombinhas, batemos rapidamente em retirada. As miniexplosões redecoraram a área circundante. Mal sabíamos nós que havíamos inventado uma nova forma de arte em LA: Serviço de Bufê Performático.

Tive meus 15 segundos de fama naquele mesmo Forum quando Fred, espontânea e descaradamente, resolveu me apresentar ao público durante a transição para a música "Crazy Little Thing". Sob a luz intensa de dezenas de refletores, ajudei-o a colocar a guitarra e depois ajustei o microfone, que escorregara da base.

Para manter a conexão com o público durante essa pausa não programada, Fred anunciou:

– Este é Ratty. Seu verdadeiro nome é Peter Hince – e me acompanha há

anos. Deixem-me apresentá-lo a vocês todos. Vamos, agradeça os aplausos, querido.

Escapuli do palco o mais depressa possível, porém fui seguido até meu esconderijo pelo facho dos holofotes. Estava sofrendo um sério ataque de “medo de palco”, e no entanto Fred continuou: “Ele não está no seu melhor esta noite. Você não lavou os cabelos hoje, lavou, querido?”.

– Apenas entre com a música, Fred.

Felizmente ele o fez.

“Crazy Little Thing Called Love” era a única canção em que Fred tocava violão no palco – um Ovation acústico de 12 cordas, na realidade um dos instrumentos-reserva de Brian. Os outros membros da banda e eu o havíamos persuadido a tocar violão no palco depois que a música fora lançada em 1979, pois além de acrescentar uma nova dimensão ao show, seria mais um acessório com o qual se comunicar com a plateia. Contudo, Fred fazendo pose com um violão acústico nunca convenceu muito – pose de macho e afins com violão requer um tipo diferente de violão.

De modo que lhe falei um dia:

– Fred, você parece um pouco veado tocando aquele violão acústico. A coisa não funciona.

– Você acha mesmo, querido?

– Sim. Definitivamente você parece veado com o violão.

– Bem, então precisamos dar um jeito.

– Que tal tocar uma guitarra Fender Telecaster, como Brian faz no solo da canção? A batida é bem anos 1950, a era da Telecaster. Brian toca uma preta. Sei o quanto você gosta de usar branco no palco. Vou lhe arranjar uma Tele branca.

Fred assentiu.

– Bom. Cuide disso para mim, Ratty.

E cuidei. Comprei uma Tele muito bonita em Nova York: branca, com braço de madeira clara. Ele a testou na turnê *Hot Space*, de 1982, contudo não

demorou a deixá-la de lado, por achá-la pesada demais. De fato o instrumento tinha o corpo notavelmente pesado, mais semelhante a uma Les Paul. Assim, após algumas tentativas, retornamos ao violão acústico.

De volta a Londres, liguei para o escritório da Fender no Reino Unido e convidaram-me para uma visita ao depósito. Lá inspecionei cada uma das Telecaster brancas estocadas numa sucessão de prateleiras cinzentas, até encontrar a mais leve de todas. Impressionou-me como o peso variava, a que escolhi pesava apenas um pouco mais que um violão acústico grande. Infelizmente o som não era o mais incrível, o timbre e harmônicos revelaram-se fracos – mas a leveza… Escolhi o calibre das cordas porque Fred, embora só usasse os dedos e nunca palhetas, costumava arrebentá-las, tamanha a força com que tocava. A partir da turnê *The Works*, ele passou a tocar essa guitarra em todos os shows do Queen. Mantivemos a Tele pesada como reserva.

Em Los Angeles todos nós precisávamos de algum lazer adicional. Um refúgio, e uma ilha de sanidade naquela "doidópolis" era o Barney's Beanery, em West Hollywood, um bar e restaurante despretensioso, famoso por sua seleção de cervejas do mundo inteiro, por seu chilli caseiro e por ter servido de locação para o seriado de TV *Colombo*. Ali o desgrenhado detetive (um pouco parecido com um *roadie*) comia seu amado chilli em paz. A gerência do estabelecimento mandara fazer camisetas com os seguintes dizeres na frente: "Barney's Beanery – o Original". Atrás lia-se: "Bichas, fiquem longe de Hollywood". Por causa de uma aposta, usei uma dessas camisetas no espaço reservado aos camarins, durante um show em 1976 no Santa Monica Civic, em LA, enquanto todos aqueles atores canastrões perambulam pela área com seu jeito afetado. Sem dúvida provoquei uma reação. Até nas caixas de fósforo do Barney's estava impresso: "Bichas, fiquem longe". Estávamos em uma era muito diferente.

HORA DE PARTIR

Los Angeles é um verdadeiro ímã para todos os estilos de vida alternativos e

cultos religiosos. Alguns nunca conseguiram sair do aeroporto.

– Você gostaria de comprar uma linda flor laranja? – algum bocó irritante e careca, metido num lençol tingido, lhe pergunta no aeroporto internacional de LA.

– Não. Gostaria de comprar uma vodca grande com laranja.

– Paz e amor, irmão.

– Rock’n’roll, cara!

– Hare Krishna, paz e amor.

– Harry Ramsden, sal e vinagre!

Hora de sair daquela “Terra da Fantasia”.

– Cartão de embarque, por favor. Corredor ou janela?

– Tanto faz. Desde que seja na área de fumantes.

---

1 Trocadilho usando a palavra *weird*, que significa “esquisito”, “bizarro”. (N. T.)

2 Referência à série da TV americana, transmitida de setembro de 1955 a março de 1956, sobre as aventuras de um menino de 12 anos e um cavalo selvagem chamado Champion. (N. T.)

3 O hotel – o preferido das bandas de rock em turnê nas décadas de 1960 e 1970 – recebeu este apelido devido ao comportamento desenfreado dos músicos. (N. T.)

4 Nome do cavalo de Roy Rogers (1911-1998), ator e cantor, chamado o “Rei dos Cowboys”. Ele fez quase uma centena de filmes e tinha um programa de TV, *The Roy Rogers Show.* (N. T.)

5 *Bang* em inglês também pode significar “transar”. (N. T.)

6 Algo como “Cidade de falso brilho”, apelido dado a Hollywood. (N. T.)

JAPÃO

(Homens altos e jovens à solta)

Do oeste, saindo do Aeroporto Internacional de LA, rumamos para o leste, sobrevoando a vastidão azulada conhecida no mapa como oceano Pacífico, indo de um lugar exótico para outro. Los Angeles com certeza fora um encontro com o forasteiro, porém o que estava por vir era igualmente estranho – e intrigante. O Japão, em meados da década de 1970, era ainda uma novidade, uma viagem ao desconhecido e um bônus empolgante para as poucas bandas convidadas a tocar lá. O Queen já era grande no Japão, antes mesmo de sua chegada.

"Você não vai gostar da comida", alertou-me sabiamente um veterano de uma visita anterior àquele país, a bordo do avião da JAL que nos levaria a Tóquio.

Ele tinha razão. A aeromoça impecável, com um sorriso de boneca, distribuiu travessas com arroz frio, peixe cru, picles roxo e algas marinhas. Peixe cru! Ora, eu gostava de um filé malpassado (arranque os chifres, limpe o traseiro e ponha no prato – acompanhado de batatas fritas), mas peixe cru? A perspectiva arrancou o sorriso do meu rosto. E as toalhinhas quentes, servidas gentilmente com a comida, tiraram a sujeira da minha cara.

Onde quer que fôssemos, seguia-se o polido ritual: alguém lhe entregava uma toalha pequenina, quente ou fria, e às vezes perfumada, para que você passasse de leve no rosto e limpasse as mãos. Para os *roadies*, pouco afeitos ao banho, um item bastante útil. Contudo usá-las para secar as axilas num restaurante não é coisa que se faça.

Limpo e muito bem disposto, eu não cabia em mim de entusiasmo e

expectativa enquanto nos preparávamos para pousar no aeroporto Haneda, as luzes de Tóquio brilhando lá embaixo como um manto espraiado. Na minha cabeça, soou o gongo cerimonial, anunciando a primeira chegada de Peter Hince à Ásia. Logo eu estaria testemunhando o que a Beatlemania deveria ter sido. O Queen, até então instalado na primeiríssima classe do Jumbo, estava agora sendo escoltado em meio à gritaria de milhares de fãs histéricos por seus seguranças japoneses: samurais metidos em ternos baratos e usando o que parecia um aparelho auditivo de plástico branco. Brian May elevava-se acima da multidão como um pé de feijão de topete encaracolado; Fred, Roger e John, de salto plataforma, também se assemelhavam a gigantes entre os japoneses. Só os cortes de cabelos, estilo 1970, já acrescentava uns bons 15 centímetros à sua altura. Hordas de fãs nos seguiram até o hotel, onde mais seguranças uniformizados os mantiveram à distância. Sentia-me como se estivesse num filme; tudo era tão surreal e eu estava tão fascinado com tudo, que não percebi nenhum sinal de *jet lag*. Adrenalina pura havia tomado conta de mim.

Sucedeu-se um bombardeio sensorial quádruplo: mais comida esquisita e suspeita, cenas tão bizarras quanto extremamente serenas, ruídos estridentes e aromas pungentes. Não tardei a descobrir um quinto componente desse leque, algo gostoso e convidativo.

“Cuidado! O índice de doenças sexualmente transmissíveis aqui é bem alto”, avisou-nos o velho sábio prudente.

Novamente ele tinha razão.

Numa consulta, a despeito da natureza de sua mazela, a primeira pergunta que um médico japonês lhe fazia era:

– Você está com secreção?

– Não, não! Não consigo escutar direito, meus ouvidos doem. O problema surgiu no voo para cá. Dói muito.

– Ah-ah. Seus ouvidos estalam quando você voa?

Aquela foi a época em que Benny Hill[1] e esse seu tipo de humor reinavam

soberanos. Chauvinismo? Eu não fazia a menor ideia do que isso significava então. Xenofobia? Não. Com certeza, não tínhamos nenhum medo de estrangeiros e realmente desejávamos conhecê-los, bastante de perto. Em especial as mulheres jovens.

Espionagem

A seguinte frase, falada em inglês por uma japonesa – com o devido sotaque – foi ouvida do quarto de um membro da equipe de apoio dedicado a entreter sua nova "amiga especial":

"Talvez você seja só um *roadie*, mas para mim é um astro de rock."

Pausa para visualizar o enorme sorriso do sujeito diante do comentário. A moça prosseguiu:

"Não sou *groupie*.[2] Tenho sentimentos também."

Obtivemos essas informações através da "Aranha de Tóquio": um microfone e transmissor de rádio pequenino descoberto enquanto percorríamos as galerias de lojas especializadas em produtos eletrônicos no bairro Akihabra, em Tóquio. Ao sintonizar numa rádio FM, tendo um gravador cassete embutido, a conversa podia ser salva para a posteridade. Uma vez instalado o grampo, em geral atrás de cortinas, e verificado o som, saíamos para nos divertir. Na volta, bêbados e segurando o riso, nos juntávamos num quarto, num andar mais alto, e sintonizávamos. Com a gravação completa, íamos dormir já antecipando a passagem de som do dia seguinte, com a banda. Quando todos estivéssemos reunidos, tocaríamos a fita. O Queen gostava de uma brincadeira maliciosa. De fato adorava. A vítima via-se forçada a escutar os pontos altos:

– Não sou um *playboy*, *baby*. Acho você realmente especial. Você gostaria de ficar aqui? Estou muito cansado.

– OH, É MESMO? – A equipe gritaria em uníssono.

– Claro que posso apresentá-la a Fred e Brian. Eles costumam vir ao meu

quarto.

– OH, É MESMO?

– Não, não sou casado. Nem sequer tenho namorada. Estive esperando alguém especial… como você.

– OH, É MESMO?

– Não, você não precisa ir embora, fique. Estou cansado. Não temos que fazer nada. Podemos simplesmente dormir. Confie em mim.

– OH, É MESMO?

Acessos generalizados de risos.

LONGE DE CASA

Embora todo esse contato com o exotismo nipônico fosse estimulante, às vezes nos sentíamos aliviados ao deparar com alguma coisa familiar e, por sorte, os japoneses dirigiam do lado certo da rua. Estou me referindo ao lado *correto*: o esquerdo. A polidez japonesa se revelou literal. A porta traseira do táxi, por exemplo, abria-se automaticamente para o passageiro, quando o veículo parava. Era reconfortante ver coisas escritas em inglês: McDonald's, Shakey's Pizza e English Pub. Sim, eu sei, triste, não? As revistas *Playboy* e *Penthouse* encontravam-se à venda, porém quando abertas descobria-se que a genitália das modelos fora rabiscada por equipes de mulheres munidas de canetas hidrográficas pretas. Não se permitia a exposição de pelos púbicos naquele país. Entretanto o "melhor" do material japonês – com uma predileção especial por garotas bem novas vestindo calcinha branca, amarradas e amordaçadas – circulava livremente.

Os contrastes culturais persistiram. Todos os shows do Queen seguiram um padrão diferente no Japão. As apresentações começavam sempre às 18h e nunca havia um número de abertura. O horário devia-se ao fato de que o público predominantemente jovem da banda poderia voltar para casa usando transporte

público numa hora conveniente. Aliás, uma enorme porcentagem dos fãs aparecia ainda vestindo elegantes uniformes escolares, algo considerado bem atraente por alguns integrantes mais quietinhos da equipe de apoio.

O impacto visual do show acabava reduzido porque fogos de artifício eram proibidos no país. As autoridades, rígidas, também vetavam blecaute total, pois as saídas tinham que permanecer claramente iluminadas e visíveis. Assim, a banda se infiltrava no palco ao crepúsculo, sob os olhares da maior parte da plateia, o que diminuía o efeito dramático de sua "grande entrada". Um certo vocalista, vestido de "mensageiro alado", não estava nada feliz com sua fantasia branca luminescente, colada ao corpo: "Ratty, apague essas luzes ou não vou entrar!". Soa-lhe familiar?

Ele entrou em cena e o público foi à loucura. As plateias japonesas são de um entusiasmo desenfreado e, entretanto, incrivelmente respeitosas. Não havia necessidade de barreiras ou de batalhões de seguranças para conter qualquer arremetida contra o palco. Simples pedestais demarcadores com corda ou fita bastavam. Como nas filas dos correios. Muito civilizado. Os honoráveis nipônicos e seu costume de se curvarem em reverência foi parodiado pela indecorosa equipe de apoio. Antes do início do espetáculo, um bando de *roadies* entrava no palco, se perfilava e se curvava perante o público. Os ocupantes das primeiras fileiras da plateia, tendo nos visto, levantavam-se e faziam reverência também. Nós repetíamos o cumprimento cortês e cada vez mais pessoas o retribuíam. A multidão, então, percebendo o que estava acontecendo, punha-se a rir e aplaudir. (Em algumas noites nossas reverências eram ainda melhores que as da banda!)

O público demonstrava sua apreciação atirando coisas no palco durante os shows, principalmente serpentinas, confetes e fitas coloridas, além de brinquedos, presentes e muitos cartões afetuosos e declarações de amor eterno por "Fleddie, Blian, Loger e John". Essas lembranças seriam recolhidas e guardadas em caixas destinadas ao respectivo membro da banda ao qual haviam

sido endereçadas – aliás, “membro” era um termo comumente usado pelos nipônicos: “Os membros já chegaram? Com qual membro você toca? Meu membro favorito é…”. John Deacon era muito popular no Japão e com certeza o maior membro do Queen no Japão. Eu sei disso porque o vi de sunga na piscina.

A maioria das caixas seria levada para o camarim do Queen onde, após o espetáculo, eles dariam uma olhada no conteúdo. “Isso tudo é muito bonito, mas onde estão as TVs Sony e as motos Kawasaki?”, brincava Roger. Queen: multimilionários, mas, com certeza, gostavam de brindes e de poupar algumas libras na compra de uma câmera, relógio digital ou gravador. “Você poderia *enfiar* isso no meio do equipamento para mim?” Guardávamos muitos dos presentes dos fãs junto com o equipamento e os figurinos a fim de levá-los para a Inglaterra, onde, no santuário do nosso depósito, no Elstree Film Studios, passávamos muitas horas agradáveis explodindo os bichos de pelúcia com pólvora e fogos de artifício. Se você nunca abriu a barriga de um pinguim de brinquedo, encheu-a de pólvora, meteu um foguete em seu traseiro, prendeu-o firmemente com fita adesiva, acendeu o pavio, afastou-se até uma distância mais ou menos segura e observou-o planar antes de explodir, então você ainda não viveu. Desculpe, Brian.

Para nós da equipe de apoio, a turnê no Japão em si já foi um bônus e, quando os ingressos para os shows no famoso Budokan, em Tóquio, se esgotaram, toda a comitiva recebeu uma gratificação do *promoter*. Os *promoters* da turnê do Queen, a Watanabe Productions (também conhecida entre nós como “What A Knob End”),[3] nos deram envelopes enfeitados com o logotipo da banda e caracteres japoneses em cores. Dentro havia várias centenas de ienes (cerca de 2 libras). “É a intenção que conta” e sim, era uma lembrança agradável, porém onde estavam os *walkmans* Sony, os relógios Seiko e as câmeras Nikon que o *promoter* concorrente dera às bandas e equipes que visitavam o país? Como a equipe local fez todo o trabalho físico, carregando e descarregando os caminhões de equipamento, é justo dizer que desfrutamos de uns dias relativamente

tranquilos no Japão, comparados aos da banda, que não apenas tinha que se apresentar como de costume, mas cumprir uma dura rotina de entrevistas, aparições na TV, sessões de fotos, promoção, *game shows*, inauguração de supermercados e afins. E tudo com um sorriso educado no rosto.

Certa vez, ao chegarmos ao lugar do espetáculo, o enxame de trabalhadores nipônicos que nos acompanhava – sempre munido de suas anotações volumosas e diagramações do equipamento – já havia cuidado de tudo, inclusive da montagem do equipamento, e até dos amplificadores e bateria. Infelizmente, eles montaram tudo de trás para frente, e também mediram a distância, de 7 metros, a partir do fundo do palco, não da boca de cena! Tudo em relação a um show japonês era muito ordenado e eficiente, com legiões de trabalhadores extras, fornecedores de refeições, caminhoneiros, organizadores, intérpretes, o pessoal responsável pelas viagens e os representantes dos *promoters*. Todos correndo de lá para cá.

Nos primeiros dias, quando a banda se sentia mais jovem, mais magra e mais bem disposta, eles faziam matinês às 14h, caso os ingressos para a apresentação das 18h houvessem se esgotado "devido à demanda popular", conforme se apregoava. Alguns dos locais dessas apresentações eram ginásios enormes em escolas, com capacidade para algumas milhares de pessoas. Ao sair da ocidentalizada Tóquio e viajar até aqueles ginásios (um mar de shorts e roupas íntimas brancas e apertadas) e locais que tinham sido palco de pungentes explosões nucleares, o Japão tornava-se ainda mais estranho, alienígena mesmo. Estávamos em meados da década de 1970 e muitos dos moradores dessas localidades, que nunca tinham visto ocidentais altos, com cabelos compridos ou louros, paravam na rua, boquiabertos, e nos apontavam. Provavelmente jamais haviam assistido à série de TV *Starsky e Hutch*. Ou visto calças boca de sino. A bordo de aviões da All Nippon Airways, ônibus e trem-bala, viajamos para cidades com alguns nomes familiares: Hiroshima, Nagoya, Osaka, e outros não tão conhecidos: Himeji, Yamaguchi, Sendai, Fukuoka e Kanazawa.

Na boate de Kanazawa (onde?), apropriadamente chamada Zoo (Zoológico), fomos bem recebidos, com entrada gratuita e bebidas de cortesia. Lugar de primeira. Depois de algumas rodadas, quando alguns de nós começaram a circular para conversar com algumas garotas, o gerente, educadamente, nos pediu para retornarmos à nossa mesa. Por quê? Não estávamos causando nenhum problema (ainda), as moças não estavam reclamando de nosso comportamento (ainda), então qual era o problema? A política da boate ditava: "Você só deve sentar-se à mesa onde se sentou ao entrar, e apenas na companhia das pessoas com quem chegou. Você pode permanecer sentado onde estava inicialmente, ou deve sair sem pagar".

A gente se encontra no hotel, garotas! Fora de Tóquio, levar mulheres para o quarto de hotel, a menos que elas também fossem hóspedes, era muito complicado e envolvia saídas de emergência, disfarces, suborno, corrupção e táticas diversionárias para acalmar os funcionários. Porém, quando alguém conseguia levar uma garota para o quarto, podia ter quase certeza de que arrumara sarna para se coçar. A moça passaria a segui-lo para todo canto feito um cãozinho.

Infelizmente, às vezes deparávamos com uma palavra da penúltima frase, em outro contexto: coceira, prurido. O velho sábio estava certo de novo. Clamídia e gonorreia grassavam. Por sorte aquela era uma época tranquila, pré-AIDS, quando uma injeção de penicilina, uma proibição de álcool e um pouco de culpa bastavam para curar uma doença sexualmente transmissível.

A POLÍCIA DO SEXO

Numa noite, no provinciano Japão, a Polícia do Sexo atacou! Aquela tropa – um bando de hipócritas que não tinham conseguido transar e agora, movidos pela inveja, deviam impedir, ou interromper, as atividades de quem se dera bem – irrompeu no quarto deste narrador, mas não o pegaram em *flagrante*, e sim dormindo… sozinho, pois minha parceira já se fora. Ela saíra cedo para

trabalhar: considerando sua aparência, devia assombrar casas. Costumávamos usar o *jet lag* como desculpa por acabarmos dormindo com alguma baranga. “Estou dizendo a vocês, não a achei *tão* feia assim.”

Essa mulher em particular era conhecida como “Crista Caiada”, porque parecia aplicar a maquiagem com uma pá de pedreiro. Alimentada pela adrenalina e não querendo se privar da diversão, a Polícia do Sexo arrancou os lençóis da cama, ergueu o colchão – eu continuava lá deitado, nu em pelo – e me carregou até o elevador. Quando chegamos à recepção, no térreo, a porta automática se abriu para algumas senhoras idosas japonesas, que estavam no hotel para um casamento. Acontece que um colchão é um item muito pesado e desajeitado para a gente pegar rapidamente e esconder nossa modéstia. Em especial quando há senhorinhas elegantes o encarando, incrédulas.

Muitas das fãs que conhecemos tinham o hábito encantador de nos deixar um suvenir original (além de alguma DST): seu crachá escolar. Aqueles crachás de metal, para serem afixados na lapela, eram lindos, alguns no formato de coração, com o monte Fuji entalhado. No verso, caracteres japoneses. Líder da turma? Com certeza a primeira da classe.

QUARTO NA HOSPEDARIA

A banda e nós, da equipe de apoio, em geral ficávamos em hotéis diferentes. Quartos de hotéis japoneses, como os próprios, eram compactos, e com frequência não havia sequer espaço suficiente para deixar a mala aberta. Apresso-me a esclarecer que a banda não se hospedava em lugares assim. Quanto a nós, muitos dos hotéis em que nos alojávamos tinham banheiros de plástico, onde tudo era moldado numa única peça: vaso, banheira e pia, com um desenho ilustrativo para explicar aos nipônicos como usar um vaso ocidental, pois agachar-se num buraco no chão continuava sendo o procedimento tradicional padrão.

Como viajávamos e nos hospedávamos separadamente, quase não víamos

Fred, Brian, Roger e o “membro grande” John, exceto nos shows, ou quando os vislumbrávamos em festas e boates.

Durante as turnês no Japão, normalmente fazíamos várias paradas em Tóquio e às vezes eu me instalava no quarto extra da suíte de John, no New Otani Hotel ou no Keio Plaza em Shinjuku, quando chegávamos tarde das noitadas.

As casas noturnas em Tóquio eram incríveis. Apesar de sermos um bando de rapazes se comportando mal, nos tratavam muito bem. A banda foi exaltada no The Lexington Queen, em Ropongi, um lugar badalado frequentado por modelos ocidentais. Mas as atividades da equipe de apoio se concentravam na Byblos, em Akasaka, uma discoteca que ocupava vários andares, com um DJ num “módulo espacial” que viajava num tubo de acrílico entre vários níveis. As bandas visitantes e suas equipes podiam ser tão animadas e ruidosas quanto queriam – só não tinham licença para agir de maneira violenta ou destrutiva. Nunca saía da nossa cabeça que todo leão de chácara japonês era especialista em artes marciais.

John, o único integrante do Queen que já vi ser realmente eficiente numa pista de dança, adorava “aparecer de repente e chacoalhar o esqueleto no Byblos” – em especial depois de uma tigela de saquê do tamanho de um disco-voador. Um ritmista com ritmo de verdade, eis o John “membro grande”. Ao entrar no Byblos, davam-nos as comandas para os drinques (batizados): Delightful King para os homens, Beautiful Lady para as mulheres. Nos fins de semana, o Byblos fervilhava com o “Sábado Delicioso”. A casa noturna tinha uma seção VIP: uma mesa redonda com bancos curvos ao redor. Certa vez, apareceu ali um famoso ator japonês, exibindo uma garota de pele de porcelana ao seu lado. Os dois sentaram-se na área VIP e ele pediu champanhe, uma bebida tremendamente cara no Japão. Sem que a celebridade nipônica soubesse, o *roadie* do baterista de outra banda, sentindo os efeitos dos excessos da noite, havia se esgueirado para debaixo dos bancos a fim de dormir e melhorar da ressaca. O garçom serviu o espumante num balde de prata e estava tirando a rolha quando, de súbito, uma figura desgrenhada se arrasta para fora da sua

“toca” e, apoiando as mãos na borda da mesa, vomita dentro do balde. Em seguida, rasteja para debaixo dos bancos outra vez e volta a dormir. O atordoado ator e sua acompanhante, compreensivelmente, decidem ir embora.

Por intermédio de minha namorada japonesa, conheci um gângster japonês numa boate em Tóquio. Ele era o dono do lugar e de várias outras casas noturnas. Conversamos, através de minha intérprete, e o sujeito me disse que detestava americanos, mas amava e admirava os ingleses por causa da cultura, de sua orgulhosa herança militar e pelo respeito que demonstravam pela família real…

“Olá, meu velho. Peter Hince, segundo conde de Hammersmith e Fulham. Prazer em conhecê-lo.”

Ganhamos bebida de graça, comida de graça, um chaveiro e carona para casa. Boates e bares pareciam pulular no Japão – e sem nenhuma discrição. Os gigantescos letreiros em neon o atestavam. Esse país magnífico, culto, oferecia diversão irreverente para rapazes numa época anterior ao politicamente correto. Aliás, a maneira como os nipônicos interpretavam o idioma inglês sempre nos soava cômica. Basta conferir o nome de algumas boates: Chicotada de Imagem, Clube, Ganso, Casa de Restauração, Clube Aberto, Clube Cérebro e, embora eu nunca tenha ido lá, o Clube Pé. Numa ocasião vi um jovem japonês com uma camiseta onde lia-se: “Vamos dirigir – Nova York-Los Angeles – Ok?”.

Porém havia tantas outras diversões maravilhosas no Japão que não incluíam zombaria, baladas, sexo e álcool, que usávamos muito do nosso tempo livre para visitar santuários, templos, palácios, e até nos tornamos mais corajosos, experimentando a culinária local.

Em Sapporo, serviam uma iguaria: enguias-bebês vivas boiando na cerveja. Isso estava longe de ser minha ideia de divertimento. Entretanto, os seguranças japoneses deleitavam-se em mastigar a cabeça das enguias antes de as engolir. Brian May, de tão chocado, despejou as suas no riacho ornamental adjacente.

Eu, pessoalmente, fiquei horrorizado diante de alguns “frutos do mar” em

Osaka, onde vi uma baleia enorme sendo rebocada por um barco até um canal. Em cima da baleia, vários trabalhadores já estavam despedaçando o corpo do cetáceo a machadadas.

As noites traziam as ruas e os frutos do mar à vida em autômatos de neon: caranguejos gigantes giravam suas pinças no alto, ao lado de camarões cor-de-rosa fluorescente, sorridentes e cantantes. Em lugares imensos, semelhantes a hangares, e em Galerias de Pachinko,[4] centenas de pessoas sentavam-se enfileiradas, petrificadas, diante das máquinas, observando milhares de bolinhas de metal trepidarem por canais e buracos e, muito raramente, caírem no receptáculo da *vitória*. Nenhuma habilidade aparente era exigida. Esquisito. Então vi a Máquina de Golpear Toupeiras! Aquele *entretenimento* eletrônico consistia em acertar a cabeça de toupeiras de plástico, com um taco de polo, quando estas apareciam em buracos aleatórios. Um golpe direto arrancava guinchos de dor do bicho e os pontos alcançados surgiam no painel. Uma boa terapia para descarregar as frustrações.

Nas cidades japonesas, as milhares de máquinas de venda automática também animavam as noites, prontas para abastecer seus habitantes de todo tipo de artigos: de cervejas e saquê a escovas de dentes e calcinhas usadas (brancas) de colegiais. Essas máquinas, intensamente iluminadas, converteram-se numa alegre distração quando eu retornava, cambaleante, ao meu hotel. Os dois drinques que *tive* que experimentar foram: “Tasty Drink (Drinque gostoso) – não havia nenhuma explicação sobre a bebida, apenas o nome, e “Pocari Sweat” (Suor Pocari)! Eu não tinha a menor ideia do que fosse “pocari”, quanto mais se transpirava! A máquina também disponibilizava a “Pocari Sweat Diet”. Ambos eram bebidas esportivas, adocicadas e, de fato, não ficavam tão ruins misturadas com vodca, na inexistência de outras opções. Contudo, mesmo no nosso estágio avançado de embriaguez, evitávamos os esquisitos lanches a base de frutos do mar desidratados, oferecidos pelas máquinas. Salgadinhos de lula desidratada? Com sorvete? Havia um popular prato japonês de que gostávamos, Shabu-

Shabu: carne e legumes cozidos em água fervente. Mas era o nome que atiçava a veia cômica do nosso grupo. “Shabu-Shabu” passou a ser usado como saudação, ou resposta, acompanhado de uma sacudidela da mão no ar, enquanto o braço se movia para frente e para trás – um cumprimento secreto *roadie*.

Nós não entendíamos japonês, mas, quando falávamos rapidamente no jargão do pessoal de turnês ou usávamos gírias *roadies*, ninguém tampouco nos entendia, fosse em Tóquio ou em Nova Jersey.

Esfregões

Ícones comercias do século XX apareciam ao lado de símbolos e costumes tradicionais do Japão, como a Casa de Banho.Tomar banho pode ser um ritual antigo e corriqueiro no Japão, entretanto não é assim *tão* corriqueiro entre as antigas equipes de *roadies* britânicos. Depois de um show em Hakata, em 1979, toda a nossa comitiva foi brindada com uma ida a uma casa de banho. O lugar escolhido pelo *promoter* tinha um nome original: O buraco no Clube Um. Os nipônicos nutrem uma paixão obsessiva por golfe, e dentro desse clube havia 18 “buracos”: cabines com porta de madeira, que lembravam a entrada de uma sauna. Grama sintética cobria o chão dos corredores e o número de cada “buraco” estava impresso em bandeirolas, que podiam ser giradas para mostrar que o local achava-se ocupado. Numa saleta no térreo, semelhante à sala de espera de um dentista, nos empoleiramos, nervosos, antes de sermos convocados para o andar de cima.

Essa revelou-se uma experiência inteiramente nova para mim pois, até então, sempre confiara apenas no meu “charme” para atrair mulheres – da minha escolha. Sentia agora o pavor de quem está prestes a se submeter a um tratamento de canal. Não precisava ter me preocupado. Minha *caddie* me levou, e meus apetrechos, para o Buraco 8. O cubículo era dividido em duas áreas: uma seca, com uma pequena cama, espelhos, frigobar abastecido de bebidas geladas e um aparador, com garrafas de uísque e copos cheios de cigarros. Na outra área

ficava uma banheira funda sobre um piso ladrilhado e dotado de ralos, além de um banco de madeira em forma de U e uma mangueira de altíssima pressão, com bicos intercambiáveis. A despeito de minha anfitriã não falar nenhuma palavra em inglês, nossa comunicação foi bastante clara enquanto ela banhava meu corpo por completo.

Após me enxugar, ela me fez sentar no banquinho de madeira, onde iniciou o "tratamento". A lembrança ainda traz lágrimas aos meus olhos. Lágrimas de alegria. O tal "tratamento" alternava-se com imersões na banheira, onde tinham sido adicionados sais perfumados e lindas rosas sem haste. Minha "esfregadora" oriental lavou meus cabelos, meticulosamente, e até escovou meus dentes. Em seguida, estendeu um colchonete no chão, similar aos que são usados para ginástica, espalhou uma camada de óleo quente e mel sobre ele e me mandou deitar em cima! Então de volta à banheira! Creio ter dado as tacadas direitinho. Enfim tinindo de limpo, retornei ao térreo, para uma sala repleta de rostos iluminados por largos sorrisos. Pelo visto eu perdera uma especialidade da casa, o mentol, mas não me importei. Sentia-me tranquilo, calmo e sereno como nunca. E com certeza mais limpo do que nunca.

Através de alguns relatos eu soube, poucos anos depois, que o lugar se incendiara. Talvez em decorrência de todo aquele atrito e fricção?

CAMARADA RATSKI

Terminada a turnê japonesa de 1982, no estádio de beisebol Seibu Lions, em Tóquio, o equipamento foi transportado para as docas no sul da cidade, onde passaria pela alfândega, seria colocado em contêineres marítimos para a viagem de dez semanas até o porto de Felixstowe, na Inglaterra.

Três representantes de cada um dos departamentos da banda – aparelhagem, som e luz – saíram do hotel Akasak bem cedo pela manhã e Mako, nossa intérprete, nos guiou até o porto comercial de Sakuragich. Lá encontramos o equipamento já descarregado e espalhado num armazém alfandegário daquele

vasto complexo. O manuseio do equipamento sem supervisão nunca consistia uma preocupação no Japão, pois as equipes locais eram muito meticulosas ao lidar com a aparelhagem. O representante de nosso *promoter* e o agente aduaneiro encontravam-se a postos, assentindo e fazendo reverências, e garantindo-nos que os funcionários da alfândega não tardariam a aparecer.

Enquanto aguardávamos, resolvemos dar uma volta pela área das docas, para espanto de nossos disciplinados colegas nipônicos. Grandes portos internacionais me intrigavam. Achava-os realmente fascinantes, com navios de todas as partes do mundo. Encostados no paredão do cais, artigos e mercadorias de lugares exóticos do planeta: caixas repletas de frutas de formatos estranhos e cores incríveis; na direção oposta, transitavam os produtos eletrônicos e de alta tecnologia, e filas de carros compactos, novos e reluzentes, prestes a iniciarem sua jornada comercial cruzando o Pacífico. Numa distância próxima, uma embarcação sobressaía: um enorme navio russo, ancorado orgulhosamente no canal. O sol de outono iluminava a foice e o martelo dourados contra o fundo vermelho. Eu nunca estivera na Rússia, e tampouco jamais vira algo tão russo, exceto os litros de vodca que consumíamos. Assim, ao deparar com algo concreto, saído de trás da Cortina de Ferro, a curiosidade me dominou.

Os funcionários da alfândega chegaram e, sem nenhum atraso ou inspeção, carimbaram a papelada para a liberação do equipamento. Enquanto eu carregava o contêiner marítimo, a muito competente equipe local cuidava de prender as caixas dos instrumentos firmemente, para protegê-los das intempéries durante a travessia do Pacífico e do Atlântico. Completado o carregamento e as outras tarefas sob minha responsabilidade, sugeri regressarmos a Tóquio a fim de pegarmos o voo noturno da JAL para Londres. Mako, a intérprete, me sugeriu tomar um táxi até a estação ferroviária e então um trem para Tóquio. Ela escreveria as instruções necessárias, em inglês e japonês, de modo que eu não ficasse confuso e me perdesse. O táxi que nos levara ao porto nos deixara no depósito onde estava o equipamento da banda. Entretanto agora, não tínhamos

como retornar rapidamente aos portões de entrada do lugar, os quais nem sequer conseguíamos enxergar de onde nos achávamos, em meio a centenas de armazéns e guindastes. Mako, na sua eficiência nipônica, recorreu aos estivadores e eles arranjaram uma bicicleta feminina antigaça. Sendo a perfeita anfitriã japonesa, Mako sugeriu que eu fosse na bicicleta, e ela andaria ao meu lado. Sendo eu o perfeito cavalheiro inglês, não pude aceitar a ideia. Mako insistiu. Tornei a recusar. Acabamos nos revezando no veículo, o que não se revelou muito eficiente. Por fim a coloquei no selim e fiquei de pé nos pedais. A cena pouco se assemelhava àquela romântica do filme *Butch Cassidy e Sundance Kid*, pois nos contorcíamos e trepidávamos em nosso trajeto até aos portões, diante dos estivadores pasmos e sorridentes.

Nós nos divertimos bastante e, ao alcançarmos nosso destino, ilesos, descemos da bicicleta às gargalhadas. Mako, tentando reprimir a emoção, apontou o taxi já à espera.

Despedi-me, mas ao atravessar os portões, os seguranças praticamente pularam sobre mim e me detiveram. No mesmo instante Mako interveio, e após um bocado de protocolo oriental, ela me explicou que os guardas pensaram que eu fosse um desertor do navio russo. Desatei a rir sem parar, não sendo imitado pelos seguranças. Eles pediram meu passaporte. Não o tinha comigo. Demonstrando presença de espírito, Mako improvisou. Pelos gestos, fingiu tocar uma guitarra imaginária, supus que estivesse me apresentando como alguém do mundo da música. Lembrei-me então de um passe de bastidores no bolso da jaqueta. Entreguei-o à minha intérprete, que o mostrou aos guardas como se fosse algum talismã antigo.

Funcionou. Depois de ambos seguranças me fazerem uma reverência, caminhei até o taxi – a propósito, o taxista usava luvas brancas – e rumamos para a estação de trem.

De volta ao hotel, confirmei meu voo e arrumei as malas. Na bagagem, meu espólio japonês, recentemente adquirido: artigos eletrônicos, quimonos,

xilogravuras e uma coleção de alimentos de plástico que os restaurantes costumavam expor em suas vitrines. Um táxi me levou até o distante aeroporto Narita e, enquanto fazia o *check-in*, avistei Fred e Phoebe, seu assistente pessoal, acompanhados por sua legião de guarda-costas peritos em artes marciais. Fred convidou-me para me juntar a eles no *lounge* da primeira classe (eu estava viajando na classe *roadie*). Fred adorava tantas coisas do Japão e permanecera um pouco mais no país para se dedicar um pouco às compras – não uma TV Sony, ou uma câmera Nikon, mas peças de arte e antiguidades. Ele era um homem de extremo bom gosto (com exceção de um ou dois de seus trajes usados no palco e em clipes) e possuía uma fabulosa coleção de arte em sua casa em Kensington. O voo da JAL para Londres fazia escala em Anchorage, no Alasca, para reabastecer. Além das longínquas montanhas cobertas de neve, para os passageiros em trânsito não havia muito o que se ver do aeroporto. Notei um pequeno bar e um gigantesco urso polar empalhado – de pé e com ar feroz – exposto numa vitrine de vidro.

Como não havia *lounge* de primeira classe para quem estivesse em trânsito, nos sentamos num banco à sombra do urso enorme, Fred espremido entre mim e o "urso fofinho", Phoebe. Dificilmente passaríamos por um time de seguranças do grupo de Operações Especiais: um bicha grandalhão, ex-figurinista do Royal Opera House, e um *roadie* magricela e desgrenhado. Porém, conseguimos deter a maior parte dos curiosos que nos apontavam a distância. Fred sempre preferia permanecer anônimo, porém nunca se recusava a dar um autógrafo quando lhe pediam.

Crystal, o *roadie* do baterista da banda, gostava de usar camisas de seda de babados e calça bordô de látex, parecendo, segundo o *promoter* da turnê, mais um travesti que um *roadie* com as suas roupas chamativas e cabelos arrumados com cuidado.

Certa manhã, Crystal estava alegremente assinando autógrafos para um bando de garotas japonesas na plataforma do trem-bala, quando as portas do

vagão, com uma precisão cronometrada, fecharam-se, imprensando-o. Nós rimos. A gente sempre ria dos infortúnios mútuos. O Japão foi o primeiro (e o único) lugar onde pediram meu autógrafo. Senti-me um tanto embaraçado.

– Você deve estar brincando.

– Não, mas eu te amo, *Latty*.

– Oh, está bem então. E *quantos* anos você tem?

Sempre muito novas (todavia na maioridade legal) e sempre usando calcinha branca.

O rato é o símbolo da boa sorte e da fortuna no Japão e a "Casa do Sol Nascente" continua a ser um grande sucesso para mim.

---

1 Ator e comediante britânico (1924-1992) que tornou-se muito conhecido através de seu programa na TV – *The Benny Hill Show.* (N. T.)

2 Pessoas, em especial mulheres jovens, que buscam intimidade emocional e sexual com músicos. (N. T.)

3 Trocadilho com a palavra "Watanabe". *Knob end*, além de significar "ponta", também pode significar "caralho". (N. T.)

4 Jogo japonês, misto de fliperama com caça-níquel. (N. T.)

DISTRAÇÕES NA ESTRADA

(Todo e qualquer dano deve ser ressarcido
– ou será deduzido da sua diária…)

Hotéis

Em turnês, os hotéis se tornavam nosso lar temporário – sem a obrigação de ter que limpar depois – o que era bastante conveniente. O Queen hospedava-se nos mais exclusivos palácios cinco estrelas disponíveis nos locais onde se apresentava e, caso não houvesse nenhum hotel adequado ali, se instalava na cidade "civilizada" mais próxima. A despeito do minucioso planejamento, um, dois ou mesmo os quatro membros da banda, muitas vezes se alojavam em hotéis diferentes, porque o papel higiênico não tinha a cor certa, ou o elevador estava sempre cheio, ou os Jardins Suspensos da Babilônia não podiam ser avistados da varanda de sua suíte no último andar. Quando em hotéis durante as turnês, ou gravações, o Queen, naturalmente, preferia se manter anônimo, assim, concebeu-se um sistema de apelidos também utilizado em etiquetas de bagagem e no livro de registro de hóspedes:

Freddie Mercury: Alfred Mason

Brian May: Chris Mullens ou Brian Manley

Roger Taylor: Roy Tanner ou Rudolph de Rainbown

John Deacon: Jason Dane ou Judge Dread

A equipe de apoio, que não usava pseudônimos (embora às vezes isso pudesse nos ter sido útil), costumava se alojar em estabelecimentos de redes

hoteleiras conhecidas: Holiday Inn, Marriott e Trust House Forte, do qual o Queen fora banido em 1979, no decorrer da turnê *Crazy* na Grã-Bretanha, devido ao leque criativo de danos causados em Liverpool e, em especial, a uma festa barulhenta em Brighton.

Em meados da década de 1970, um hotel da cadeia Holiday Inn era considerado uma verdadeira curtição. Nos Estados Unidos, fascinado por todas as coisas americanas, descobri que a cama no meu quarto oferecia um serviço chamado "Dedos Mágicos", ativado quando se colocava uma moeda de 25 centavos numa ranhura na parede. Então a cama estremecia levemente durante alguns minutos. A experiência me deixou um pouco enjoado e desorientado, um efeito que também podia ser produzido gastando bem mais de 25 centavos em bebidas.

No banheiro, havia uma mensagem pessoal da camareira: a srta. "Prezado Hóspede" me informou que o vaso sanitário tinha sido higienizado para a minha segurança e que um protetor de assento descartável fora colocado… Claro que tentei mijar sem respingar no papel celofane branco. O jato potente e controlável dos chuveiros quase fazia do banho uma experiência divertida, bem diferente daquele pinga-pinga do chuveirinho de mão lá de casa. Quando se passa tanto tempo em hotéis como eu passei, nunca mais é necessário comprar sabonetes, toucas e espuma de banho, kits de costura, xampú ou condicionador.

Entretenimento em casa

Quando na estrada, dias e noites de folga podiam sobrecarregar nossa imaginação. Após ter estado imerso num ritmo intenso de trabalho, costumava ser difícil quando não havia nada com o que se ocupar durante uma noite, ou mesmo por um ou dois dias. Portanto, comportamentos incomuns não eram nem um pouco fora do comum: técnicos de iluminação de bundas cabeludas desfilando pela recepção de calcinha, os mais recatados trajando vestidos; montadores de equipamento, bêbados, escalando a fachada de um hotel de 30

andares por pura diversão e 18 técnicos de som – chapados – usando orelhas de coelhinhas da *Playboy*, ou dentes de vampiro, no restaurante. Por razões práticas, os hotéis onde nos hospedávamos situavam-se perto dos locais dos shows. Talvez fosse conveniente, entretanto aqueles estabelecimentos com frequência localizavam-se fora da cidade, ou em áreas deprimentes e cinzentas, próximas a alguma rodovia movimentada, ou a um parque industrial. Não tinha muito o que fazer, exceto ficar à toa nos quartos, vendo TV, bebendo, fumando, jogando cartas e nos lamuriando sobre a vida miserável que escolhêramos; com certeza o trabalho para as outras bandas não seria melhor?

Quando a equipe resolvia se reunir num único quarto, o aconselhável era evitar ao máximo oferecer o seu próprio, pois as consequências eram sempre: acomodações danificadas e um cheiro azedo, misto de cervejaria velha e lugar para defumar peixe. Entediados, inventávamos modos originais de nos divertir, e quase sempre à custa dos outros. Por exemplo, obter a chave-mestra, que nos dava acesso a outro quarto, onde mudávamos os móveis de lugar, ou nos escondíamos até que seu ocupante voltasse com uma nova “amiga”. Então saíamos de nosso esconderijo e os pegávamos em *flagrante*. Isso ficava ainda mais divertido quando acompanhado de uma lixeira cheia de água fria e uma câmera. Colocávamos sachês de ketchup e de mostarda sob o assento do vaso sanitário, bem na ponta. Assim, quando a vítima se sentasse, seria recompensada por um jato pegajoso, vermelho e amarelo, que lhe escorreria pelas pernas. E não nos esquecíamos da brincadeira de envolver todo o vaso sanitário em filme plástico.

Um truque técnico, causador de tumulto num hotel da cadeia Trust House Forte, consistiu em abrir o painel de controle do elevador e trocar todas as conexões. Todos os números indicadores dos andares no hall foram retirados e também colocados em andares diferentes. Resultado: quem apertasse o oitavo andar, por exemplo, quando as portas se abrissem, o número no corredor indicava o terceiro, embora a pessoa estivesse realmente no sexto. Caos. O

gerente do hotel, à beira de um ataque de nervos, ameaçou nos botar no olho da rua, embora, de fato, ele não tivesse provas de nada.

O Hilton de Roterdã costumava ser um cenário contumaz de travessuras, já que estávamos sempre “animados” durante as viagens à Holanda, devido à qualidade das mercadorias ilícitas livremente disponíveis ali. Depois de retornar de um show, nossas opções de diversão limitavam-se a uma boate cara ao lado – cheia de empresários que, sem dúvida, achavam Barry Manilow o expoente da vanguarda –, ou o insosso bar do hotel. Como se percebe, um reduzido potencial de lazer. Conclusão, sem um pingo de sono e mortos de tédio, sem ter nenhum lugar para ir, resolvemos abrir as portinholas nos corredores que conduzem ao guarda-roupa do quarto, e onde o hóspede deixa seus sapatos no local delimitado por uma impressão de pés, caso deseje que o mensageiro os leve para ser engraxados. Como fosse necessária uma chave quadrada para abrir a portinhola, improvisamos com uma chave de fenda grande e chata. E agora? Trocar os sapatos com os de outro quarto? Seria divertido? Por que não tentar e rastejar até o interior do quarto? Seria mais divertido?

O espaço era tão apertado, que apenas eu e Dick “Bola Suja” Ollet – nossa “fera” em eletrônica – éramos magros e rijos o suficiente para caber, a despeito dos arranhões e escoriações nas orelhas. Agora que prováramos ser possível fazê-lo, entrando em nossos próprios aposentos, decidimos que o passo seguinte seria invadir o quarto onde um dos mais sossegados membros da equipe de apoio estaria dormindo. Bola Suja rastejou através do alçapão escolhido como um soldado desgrenhado e demente. Entretanto, mal acabara de entrar, já estava saindo pela porta principal do aposento, fechando-a com força e nos mandando bater em retirada – depressa e sem esperar o elevador. Devíamos ir pela escada de incêndio mesmo. Aquele não era o quarto de um dos nossos. Ao sair do guarda-roupa para sua entrada triunfal, ele acordara marido e mulher que dormiam em paz. O casal ficara evidentemente em choque – seria um ladrão? O amante da esposa? Com certeza não se tratava de um segurança do hotel…

Há um monte de estereótipos do comportamento de bandas de rock em hotéis, os quais em geral incluem danos e imagens de televisores sendo atirados pelas janelas. Talvez alguns deles até sejam verdade, mas os prejuízos ainda precisam ser ressarcidos. Roqueiros ricos podem arcar com os custos – os membros da comitiva, em geral, não. Embora não tivesse culpa, vi-me obrigado a pagar pelo estrago causado à mangueira de incêndio do Holiday Inn em Toledo, Ohio. Minha cota foi de 20 dólares. Também em Ohio fica Cleveland, um cinzento polo industrial no lago Erie. Não raro referem-se à cidade como "o erro no lago". Outrora casa do Richfield Coliseum e do poderoso sindicato dos trabalhadores do teatro, hoje casa do Hall da Fama do rock'n'roll e, em tempos idos, lar do Swingos Celebrity Inn. O Swingos, um refúgio no Centro-Oeste industrial, foi um dos primeiros hotéis temáticos, onde distribuíam camisetas para as bandas hospedadas, exibiam um piano coberto de pele cor-de-rosa choque no bar e toleravam o comportamento roqueiro nos quartos pintados de cores berrantes. Fred ocupava a suíte cor-de-rosa. Sério. No Swingos inventei o coquetel "Doctor's Comfort", em 22 de janeiro de 1977. Tarde da noite, após vasculhar as máquinas de venda automática dos corredores, com uma garrafa de Southern Comfort do estoque de palco de John Deacon, não consegui encontrar nenhum refrigerante à base de cola para misturar ao uísque, peguei um Doctor Pepper.[1]

"Esse cara é capaz de beber *qualquer* coisa", comentara minha acompanhante.

Mas com uma montanha do gelo tirado das máquinas enormes existentes em cada andar, o efeito do "Doctor's Comfort" revelou-se embriagadoramente eficaz.

Depois da última noite da turnê europeia, em Basileia, no verão de 1977, muitos da equipe estavam tão atordoados quanto financeiramente mais leves, consequência da conta alta, referente aos estragos causados, apresentada por um descontente *promoter*. Diárias suspensas até segunda ordem. A euforia começara

após o show no Sporthalle, quando a adrenalina corria solta na festa de fim de turnê, envolvendo as *strippers* habituais: garotas metidas em roupas de couro, brandindo chicotes sob a luz estroboscópica e alguma participação do público. Por sorte a bebida era grátis, já que o preço de um drinque na Suíça pode causar uma trombose na carteira. A celebração ainda continuava a toda quando eles regressaram ao hotel e destruíram todo o segundo andar, deixando uma camada de vidro estilhaçado pelo corredor afora. Nesse episódio, eu não passava de um espectador isento de culpa (para variar), e estivera descansando no quarto 208 o tempo inteiro, entregue a doces sonhos, curtindo uma paixão pela moça linda que conhecera.

Nós acabamos mantendo um romance à distância, porém eu soube que nosso caso estava com os dias contados quando descobri no apartamento dela, em Zurique, uma metralhadora, pistola e munição pertencentes ao seu ex-namorado. Péssimas notícias! Os rapazes suíços têm que prestar um ano de serviço militar e então, anualmente, retornam ao quartel para algumas semanas de reciclagem, tudo pago pelas ricas autoridades do país. De alguma maneira, não consigo imaginar a ideia pegando na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos. Amarelei. Hora de sair de cena. Minha garota suíça chegara até a me visitar algumas vezes em Londres, contudo após minha descoberta ficara claro que as armas no seu apartamento poderiam ser usadas para desencorajar a nossa relação. Decidi que o melhor seria deixar pra lá.

De volta a Basileia, onde o gerente do hotel estava fazendo um levantamento dos danos na companhia de um cambaleante, e ainda muito bêbado, diretor de palco, que assumira o papel de representante da equipe. Os dois percorreram o corredor, contando as luminárias quebradas.

– Veja! Tem mais duas luminárias ali – apontou o diretor de palco.

– Elas não estão quebradas – o gerente do hotel retrucou.

BÓIM – mão direita. CRASH – mão esquerda.

– Pois agora estão! – E ele ria, descontroladamente.

Os suíços, que em geral não são conhecidos pelo seu senso de humor, não esboçaram nenhum sorriso.

Caso você ganhe na loteria e tome gosto por armar confusões em hotéis, sugiro que, se decidir jogar um aparelho de TV pela janela, certifique-se de que o fio extensor seja bem comprido. Assim, quando o televisor atingir o chão, o estrondo será maior e melhor, provocando muitas faíscas coloridas, o que pode detonar todo o andar do hotel. Só não é recomendado mirar na piscina.

Não o pessoal da filmagem outra vez!

O videoclipe de “Bohemian Rhapsody” era considerado o embrião de uma peça promocional, concebido para uma nova era do negócio da música. Entretanto o Queen não levava cada um de seus clipes tão seriamente. Estes tinham se tornado uma necessidade, mas também, às vezes, uma inconveniência. Os clipes do Queen costumavam ser produzidos de maneira bastante espontânea e vários gravados onde quer que estivéssemos, não raro no meio de uma turnê, como “apresentação ao vivo”. Para nós, da equipe de apoio, isso significava abrir mão de dias de folga ou de tardes livres para arrumar o equipamento, enquanto preferíamos estar fumando atrás do palco.

Para o clipe de “Tie Your Mother Down”, do álbum *A Day at the Races*, havia muita fumaça e pirotecnia. A gravação aconteceu em fevereiro de 1977, em Miami, na véspera do show no Sportatorium, afetuosamente conhecido como “Cheiratório” devido à superabundância de substâncias importadas da América do Sul disponíveis. Fred estava vestindo o macacão branco, largo e disforme, com que iniciava o show antes de arrancá-lo e revelar o collant branco que vestia por baixo. Atendendo a um pedido dele, eu vasculhara Londres atrás de um macacão que fosse vários números acima do seu, o qual enfim achei numa loja de artigos militares em Euston. Felizmente essa foi minha única contribuição relevante para o figurino do Queen.

Tivemos que fazer o possível e o impossível para o bem das “artes visuais”

em outros locais, inclusive no Forest National, em Bruxelas – duas vezes! A primeira em 1979, para a gravação do videoclipe de “Don’t Stop Me Now” e, anos depois, em 1984, para o de “Hammer to Fall”. Em 1980, a banda gravou “Another One Bites the Dust” durante uma longa passagem de som na Arena Joe Louis, em Detroit, e Fat Bottomed Girls no Centro de Convenções de Dallas, em 1978. Na turnê *Crazy*, em 1979, filmaram o clipe de “Save Me” no Alexandra Palace, no norte de Londres.

A equipe de filmagem sempre parecia ter excesso de pessoal, provavelmente uma exigência do sindicato, e sempre que invadia o nosso domínio – o palco de um show ao vivo – revelava-se um pé no saco. Todos demonstravam pouca consideração ou respeito por nós, pelo cenário e equipamento da banda, e demoravam séculos para fazer qualquer coisa. Havia também garotas e rapazes “descolados”, correndo de lá para cá com pranchetas nas mãos e tentando se passar por importantes. Uns vinte de nós conseguiam desmontar o palco e carregar cinco caminhões de 12 metros em aproximadamente quatro horas, enquanto uma equipe de vídeo enorme levava uma eternidade para ordenar o material dentro de uma ou duas vans. Ao contrário dessa gente, não desfrutávamos do luxo de intervalos regulares após uma determinada quantidade de horas trabalhadas, ou de ganhar horas extras, ou horas extras dobradas.

Aquele velho ditado, “o show deve continuar”, era supremo para nós e seguíamos em frente a despeito de quaisquer problemas ou contratempos. Trabalhávamos até tudo estar certo e pronto, e não parávamos para tomar chá nos intervalos determinados pelo sindicato. Éramos maiores do que isso.

“Quero maior”

À medida que o Queen se agigantava, o mesmo acontecia com seus shows, e o tempo livre na estrada seria gasto desenvolvendo ideias para o espetáculo da próxima turnê. O Queen sempre foi pioneiro em equipamentos de iluminação e, durante os ensaios, Fred, em especial, trabalhava em estreita colaboração com o

designer de iluminação no visual e na dinâmica do show. Partia-se sempre do mesmo princípio: muita, muita luz – mais do que qualquer outra banda – e que se movimentassem! Na turnê *Crown*, de 1977, o Queen usou pela primeira vez um equipamento de iluminação móvel e no ano seguinte apareceu o "Forno de Pizza", ou "Bandeira Italiana", assim apelidado devido aos enormes agrupamentos de luzes vermelhas, brancas e verdes acoplados numa matriz em formato de leque que gerava calor suficiente para assar qualquer pizza de sua escolha. Esse design foi aprovado pela banda no camarim, depois de uma apresentação na arena Deutschlandhalle, em Berlim, usando um maço de cigarros e uma das mãos para ilustrar sua construção e movimento. É possível que várias anotações tenham sido feitas no verso do maço. Lembranças do Spinal Tap…[2]

Os dois pinos centrais – que seguravam a matriz –, projetados por computador, eram bastante pesados e difíceis de transportar. Nós os chamávamos carinhosamente de "Marie" e "Françoise", apelidos oriundos das noites solitárias na estrada, sem nenhuma companhia feminina. Na cama, você levantava as mãos à sua frente e se perguntava: "Quem vai ser hoje? Marie? (mão esquerda) ou Françoise? (mão direita)".

Quando esse equipamento de iluminação foi construído em Dallas, durante os ensaios, um visitante curioso apareceu para sondar o que estávamos fazendo – antes da chegada do Queen. O Genesis estava na cidade, sede da Vari-Lite, empresa especializada em sistemas de iluminação para palco da qual a banda era acionária. Geoff Banks, *roadie* do Genesis, que conhecia a mim e Crystal, perguntou se Phil Collins poderia dar uma olhada rápida nas nossas novas luzes, para checar se nós realmente tínhamos mais que o Genesis.

Genesis – no princípio: quando formulando novas ideias para os cenários dos shows, os designers e gerentes de produção nunca consultavam quem conhecia o Queen melhor e se encontrava mais perto da banda no palco: seus assistentes pessoais. Não raro desperdiçavam-se muito tempo e dinheiro com ideias que

jamais funcionariam na prática, em especial coisas que restringiriam a fluidez de Fred em cena. Eu poderia ter lhes poupado (ou, melhor, à banda) uma pequena fortuna.

O “pintomóvel” é uma daquelas ideias que nunca viu a luz do dia. Na realidade, tratava-se de um projeto imaginado por Fred (provavelmente num dos seus momentos turbinados). Sua ideia envolvia um tubo grande e rosado, em formato fálico que, como um foguete de parque de diversões, ficaria suspenso sobre o público e escondido por cortinas pretas. Logo antes do início do show, Fred colocaria um disfarce (um bigode falso?) e seria conduzido, através da plateia, a uma área segura, onde subiria até o “pintomóvel” por uma escada de corda. Quando as luzes da arena diminuíssem, ele, a bordo de seu “veículo” e iluminado por holofotes, seria propelido acima das cabeças erguidas dos fãs, na direção do palco. O “pintomóvel”, deixando um rastro potente de luz, estaria em curso para introduzir-se numa boca de fibra de vidro (com bigode?) no centro do palco, onde se consumaria um clímax espetacular.

“Fred, você só pode estar brincando, cacete!”

Uma das outras ideias de Fred para uma “entrada triunfal” acabou descartada de imediato. Ele queria ser carregado por escravos núbios sentado no esplendor de um trono dourado, cravado numa plataforma cheia de adornos, como se fosse Cleópatra.

“Fred, eu cuido do seu equipamento, corro de lá para cá para atendê-lo, rastejo sob o piano por você e arrisco perder um membro ou a vida, mas NÃO vou vestir uma tanga e besuntar meu corpo de óleo! E os outros tampouco o farão!”

Então ele se contentou com os seguranças fantasiados de Super-Homem levando-o nos ombros até o palco para cantar “We Will Rock You”.

Todas as bandas de rock precisam de uma plataforma de palco grande (chamada de “pódio”, no caso de Fred), além de escadarias e passarelas protuberantes que permitam aos integrantes de maior mobilidade se projetarem

sobre a plateia.

O cenário assemelhava-se a uma gaiola gigante de hamsters, com brinquedos selecionados para distrair os animais. Só faltava a roda, porém todos nós sentíamos como se estivéssemos girando numa.

Uma ideia dispendiosa que resistiu somente a dois shows, em 1982, foi o palco em declive, partindo de um conceito que permite ao espectador uma boa visão, mesmo do fundo da sala. Perspectiva, acho que é o nome correto… Parecia impactante, todavia, conhecendo Fred como eu conhecia, sabia que aquilo não duraria muito. Ele gostava de atuar em espaços sem obstáculos, planos e contínuos. O palco em declive causava problemas, principalmente durante os blecautes, na entrada ou saída de cena, e em especial quando Fred se sentava ao piano. Além de exigir demais dos músculos de Sr. Mercury, punha um bocado de tensão em seus tornozelos. Após o primeiro show em Gotemburgo, como Fred não estivesse nada satisfeito, resolveram experimentar uma versão menos inclinada no espetáculo seguinte, em Estocolmo. Também não funcionou. Furioso, ele interpelou o *promoter* depois da apresentação: “Stickells, não sou a porra de um cabrito montanhês. Livre-se disso!”.

A transportadora Edwin Shirley, empresa que servia o Queen na Europa, livrou-se do tablado, jogando-o no seu cemitério de rock’n’roll, em Kent. Edwin Shirley, a despeito de ser um tipo doidão, sempre estava pronto a nos atender, a qualquer hora e em qualquer lugar. Também conhecido como Shambles (Matadouro), esse aficionado do rock caía no sono em cima do prato durante refeições com a banda em restaurantes caros, costumava acabar expulso de estabelecimentos noturnos de reputação duvidosa por ser desenfreado demais e por se juntar às mulheres nas lutas na lama. Seu escritório só ficava a par de seu paradeiro quando as faturas dos cartões de crédito chegavam, mostrando as cidades e os países por onde ele andara recentemente. Grande sujeito!

Outra criatura do rock era o *promoter* alemão Mike Scheller. A exemplo de muitos de seus compatriotas, Mike trabalhava duro, mas também pegava

“pesado” na hora de se divertir. Conhecia todas as boates da Alemanha e possuía uma capacidade enorme de aproveitar a vida. Em 1982, seu aniversário coincidiu com os dois shows que a banda faria no Sporthalle, em Colônia, Alemanha. Depois do primeiro espetáculo, ele deu uma festa num lugar denominado Römerbad – O Banho Romano. Localizado num subúrbio, aquele porão de concreto sob um estacionamento nada tinha de inspirador. Até você entrar. Então deparávamos com uma decoração elegante, repleta de mármore e ladrilhos. Tão logo chegamos, instruíram-nos a nos despir e vestir roupões de banho, no estilo toga. Em seguida nos reunimos no bar, ao lado de uma pequena piscina de água fria. Como andáramos todos cheirando pó e tínhamos um ar de ansiedade, estávamos um pouco arredios – até tomarmos umas bebidas. Trip Khalaf quebrou o gelo mergulhando ruidosamente na piscina.

Famoso no quesito “cacete”, o membro de Trip, apelidado de “Destruidor de Lares”, de fato causava estragos quando ele dava suas cacetadas. O agito começou e a festa ferveu, pois éramos apenas nós, da equipe de apoio, a banda e as pessoas da comitiva mais próximas.

As garotas sem dúvida estavam animadas, uma vez que em geral costumavam lidar com homens de negócios gordos e carecas e clientes saídos do ramo de “plásticos e molduras”, ou então fulanos chatos e engravatados. Porém eis que surge agora um grupo de jovens do rock’n’roll que gostava de se DIVERTIR. Portanto, livres do estorvo dos negócios, as meninas entraram admiravelmente no espírito da coisa. No recinto havia uma pequena piscina elevada e ladrilhada, com água morna. Nadar ali com algumas garotas nuas e uma garrafa de champanhe Cristal vintage é uma lembrança terna. Mesmo Phoebe, o camareiro-chefe e solteirão convicto, estava nadando ao lado de uma das beldades. Sempre me pergunto se é assim no banho do vencedor do campeonato de Wembley. Bem, definitivamente marquei pontos algumas vezes, e um desses pontos com certeza nos levaria para a morte súbita.

Então, poderia eu fazer melhor que (sir) Geoff Hurst e marcar um gol de

bicicleta contra os alemães na minha versão pessoal do final da Copa do Mundo de 1966? Deveriam ter sido distribuídas medalhas depois de tudo: todos ganhadores e nenhum perdedor. Só a conta de bebida chegou a 30 mil dólares. Um bocado de dinheiro nos idos de 1982. O Queen significava EXCESSO em tudo. Em grande escala.

Relacionamentos

O relacionamento entre um *roadie* e seu chefe, que por acaso é um astro do rock, é como qualquer outra parceria onde haja intimidade, ou se estenda a longo prazo, tem altos e baixos. Os altos incluíam partilhar risadas e brincadeiras em locais como o Römerbad. O *roadie* funcionava, de fato, como uma espécie de criado pessoal e estando na linha de frente em geral tornava-se o para-raios do mau humor do patrão. Tais momentos costumavam ser os baixos. A maioria insignificantes e esquecidos com facilidade, porém às vezes dolorosos e desnecessários. Quando se aceita que músicos não são pessoas comuns, racionais, então a gente consegue lidar melhor com certas situações. John e eu éramos bem próximos e passei muito tempo em sua companhia, em especial socialmente. Ele me fazia confidências, algo raro em Fred. Em mais de uma ocasião, perguntou-me se meus pais ainda estavam vivos, pois lamentava haver perdido o pai quando menino. John costumava ser irreverente em relação ao que criara: “Bom, você entra numa banda… e ganha todo esse dinheiro! É ótimo”.

Entretanto, a despeito da minha estreita relação com John, considero os laços entre mim e Fred de alguma maneira mais profundos. Fred era nove anos mais velho do que eu, e isso parecia um bocado. Quando completei vinte anos, ele beirava os trinta. Eu o admirava, não apenas como chefe, ou cantor famoso, mas como pessoa. Homem inteligente, espirituoso, engraçado e, claro, extraordinariamente criativo. Além de obstinado e movido por um dinamismo incrível. Não raro, desdenhoso, contudo sempre capaz de ouvir alguém – e a mim. Ao longo dos anos, fiz-lhe sugestões que foram acatadas. Penso no nosso

relacionamento como amigável. Assim que comecei a trabalhar para o Queen, na turnê de 1975 no Reino Unido, o empresário me contou que Fred estava muito satisfeito comigo – um alívio logo de cara, e gratificante. O próprio Fred me disse que me achava precoce. Como eu desconhecia a palavra, imaginei que fosse ofensiva! Ao descobrir o significado do termo, tomei como um grande elogio vindo de alguém da estatura de Fred. Passei alguns ótimos momentos na sua companhia e demos muitas, muitas risadas juntos, embora houvesse ocasiões em que o clima ficava frio entre nós. De vez em quando ele podia ser áspero, seco, e praticamente ignorava as pessoas ao seu lado. Em geral isso acontecia quando sua vida amorosa ia mal. Quando Fred escolhia não reconhecer minha existência, eu também o ignorava, o que só servia para enfurecê-lo ainda mais. Nem eu, nem a equipe de apoio, entendíamos muito o estilo de vida gay.

"Como é que vocês lidam com todos aqueles veados ao seu redor?", as equipes de apoio de outras bandas costumavam nos perguntar. A resposta soava como uma bravata machista *roadie*, com matiz de homofobia. O fato de Fred ser gay, assim como Tony Figurinista, Phoebe – assessor de Fred –, e Paul Prenter, era bastante sabido. Mas o resto da comitiva compunha-se de héteros. Sempre havia puxa-sacos gays por perto, inclusive aqueles de Nova York, uns clones bigodudos, metidos em couro preto, a quem apelidamos de "Anjos Cor-de-Rosa". Eles colavam o passe de "Acesso a todas as áreas" no bolso traseiro da calça jeans apertadíssima. O líder dos Anjos Cor-de-Rosa chamava-se Thor, e fazia jus ao nome. Não era Thor o deus nórdico do trovão? Thor e seu clã sem dúvida causavam uma certa agitação nos bastidores, junto com as "Irmãs da Perpétua Indulgência", homens de bigode vestidos de freiras.

Se temos passarada para pássaros, manada para elefantes e cardume para peixes, qual seria o coletivo adequado para um ajuntamento de gays? As sugestões foram muitas, mas creio que "Amontoado de Homos" saiu vencedor.

A nervosa equipe de som construiu uma barricada com caixas de transporte ao pé da escada que conduzia ao palco e colocou uma placa onde lia-se: "Forte

Bicha", a fim de se protegerem do mundo alternativo lá fora. O contingente gay sempre via o lado engraçado dessas coisas e não esfregava sua sexualidade na nossa cara. Fred pode ter sido gay, porém era o *nosso* gay, pertencia à *nossa* equipe, era *nosso* companheiro, *nosso* artilheiro e gostávamos tremendamente dele. Nós o apoiaríamos e o defenderíamos, assim como faríamos em relação a Tony Figurinista, que viajava com a equipe de apoio.

A essa altura você pode ter chegado à conclusão de que os *roadies* eram nojentos, degenerados, bocas sujas, sexistas, chauvinistas, intolerantes, imbecis desmiolados. Talvez haja uma fração de verdade nisso. O corretor ortográfico não reconhece a palavra *roadie*, contudo oferece alternativas como "grosseiro", "arruaceiro", "bajulador". Sem comentários.

A despeito dos excessos e do comportamento dissoluto, a equipe de apoio sempre foi profissional e dedicada, e a farra nunca começava antes de o show estar encerrado e tudo guardado. Ninguém, jamais, ficou chapado durante um show, pois ninguém podia se dar a esse luxo diante de tantas responsabilidades. O Queen era uma máquina colossal que funcionava muito bem, bastante organizada e eficiente se comparada à maioria dos outros grandes shows na estrada. A equipe de apoio sentia-se, merecidamente, orgulhosa disso e muitos dos caras freelances do som, iluminação e produção estavam sendo disputados no mercado. Eu mesmo fui abordado com ofertas tentadoras por inúmeras bandas de peso, apesar de não estar na lista dos disponíveis.

Como um time de futebol, uma equipe de apoio é composta de diferentes tipos de personalidade, fracas e fortes, e todo mundo é alvo de zombarias. Longe de casa e em casa. Você precisa saber se defender e possuir determinação, disciplina, comprometimento, ritmo de trabalho, dedicação à causa da equipe e disposição, tudo isso temperado com um desempenho individual marcante. Ter na equipe músicos frustrados (e fracassados) nunca é uma boa ideia, pois eles tendem a passar o tempo tocando só para provar que são competentes – e deixando todo mundo tremendamente irritado. É muito mais produtivo ter um

roadie sem aspirações musicais, alguém que conheça a engrenagem pelo avesso e possa resolver os problemas de imediato. De qualquer maneira, as guitarras eram afinadas eletronicamente em afinadores digitais. Eu sabia trechos e *riffs* suficientes para passar o som de John e Fred, e um número similar de acordes daqueles caras incríveis do Status Quo. Talvez um a menos. Nunca poderia haver um fã do Queen entre os *roadies* – simplesmente não iria funcionar. Eu, e outros da equipe de apoio, gostávamos das músicas do Queen, mas não de todas. Éramos objetivos e, como tal, altamente profissionais. Alguém obcecado pela banda jamais conseguiria manter o distanciamento necessário. Duvido muito que um fã seria capaz de dizer a Freddy Mercury que ele estava sendo estúpido e o mandasse à merda. Eu o fiz – e tinha razão.

Mais de uma vez durante um show, quando lhe dava um branco, Fred me perguntava quais eram os acordes de uma determinada canção. Por sorte, sendo a maioria de suas músicas em mi bemol, eu lhe sugeria isso. O fato de eu o saber sempre parecia impressioná-lo.

Minha limitada habilidade musical foi inesperadamente posta à prova durante um show nos Estados Unidos, quando John acenou para mim no meio de uma música e aproximou-se de onde eu estava, perto de seu *rack* de controle. Então gritou ao meu ouvido:

– Preciso urinar. Tenho que ir ao banheiro.

– Ok. Eu resolvo isso.

O que quer que “isso” pudesse significar. Falei com seu segurança, que estava num canto do palco, e decidimos que tão logo a música terminasse, ele acompanharia John até o banheiro mais próximo rapidamente. Dei um jeito de chamar a atenção de John e levantei ambos polegares, sinalizando que, quando acontecesse o blecaute, no final da canção (gesticulei, cortando a garganta), ele deveria sair do palco e me entregar seu baixo. Passei a mensagem tocando uma guitarra imaginária – na realidade, um baixo imaginário.

Parecia uma boa ideia, exceto que ninguém mais da banda, os outros músicos

e em especial Fred, estavam a par do plano. A música acabou, houve o blecaute, John saiu do palco e me entregou seu baixo antes de descer correndo os degraus, seguido de seu guarda-costas, até o espaço cavernoso de concreto no fundo da arena. O público estava demonstrando seu entusiasmo e Fred se inclinava, agradecendo.

– Ei, vocês são ótimos!

Mais aplausos.

– A próxima canção foi composta por John Deacon.

Virando-se, Fred apontou para o lugar onde supunha que John estivesse. Ele não estava lá. Nesse ínterim, troquei de instrumento e peguei o baixo que John (assim esperava eu) usaria na música seguinte.

– Essa canção é para todos que gostam de dançar. Vocês estão prontos?

A plateia respondeu que sim.

– VOCÊS estão prontos!!!

Sim, o público estava, mas não John. Fred me olhou com ar perplexo, como se indagasse: “Onde diabos está John?”. Respondi-lhe com um sinal de positivo – não tenho a menor ideia por que fiz aquilo… Ele introduziu a canção: “Esta é ‘Another One Bites the Dust’!”.

Roger começou a batida e a banda aguardou o clássico fraseado do baixo para entrar em ação. E nada de John.

Lá estava eu, empunhando um baixo Musicman Stingray – ao vivo. Eu sabia aqueles acordes, eram bastante fáceis. Já os tinha tocado para passar o som com Roger e Brian. Não possuo nenhum talento para tocar da maneira devida, porém isso não me deteve.

– É isso aí. Estou gostando, estou gostando… – entoou Fred.

– Oh, Deus – gemi.

– Vamos, continue, adiante – Fred outra vez.

Depois dos meus poucos compassos iniciais, John retornou e o baixo foi devolvido ao legítimo dono.

John estava aliviado, mas nem de longe tanto quanto eu.

Saúde e eficiência

Esse incidente com certeza endureceu minhas artérias e me deu palpitações, entretanto permanecer em forma na estrada parecia-nos natural. Afinal, éramos todos jovens, no auge do condicionamento físico segundo acreditávamos e, naquela idade, todo mundo se julga imortal. Nós nos achávamos capazes de enfrentar o mundo e vencer, o que quase sempre acontecia. Não obstante, havia os costumeiros resfriados e gripes, além de pancadas decorrentes do trabalho, arranhões e contusões. Contudo, o show tinha que continuar e nós também, à base de adrenalina, estimulantes e injeções de vitamina B12. O próprio Queen, embora estivesse acima dos mortais comuns, também era suscetível a mazelas e na década de 1970, quando fazíamos muitos shows duplos, alguns precisaram ser cancelados porque as cordas vocais de Fred estavam sofrendo demais. Em 1977, John escorregou no banheiro de um hotel e atravessou o box de vidro – hum, cenas de *Psicose*.

Ele tocou nos últimos shows da turnê com a mão enfaixada, ainda com pontos, e analgésicos correndo-lhes nas veias. A saúde de Brian era um pouco delicada e, no início dos anos 1970, ele padecera de úlceras estomacais e hepatite.

Em 1982, Brian May e seu grande amigo Eddie Van Halen foram a uma festa juntos, quando as duas bandas se encontravam hospedadas no mesmo hotel em Portland, Oregon. A equipe de apoio do Queen também fora convidada, porém os armários anabolizados que cuidavam da segurança de Van Halen recusaram-se a permitir nossa entrada até mostrarmos identificação e convites. As bandas de rock americanas às vezes exageram e se levam a sério demais, algumas sendo escoltadas por um bando de homens de terno e óculos escuros, como se fosse uma comitiva presidencial. Todos os seguranças usavam *walkie-talkies* e receptores de ouvido e era cômico escutar as conversas:

“Ele está saindo do quarto, está agora se aproximando do elevador… as portas abriram-se, tudo limpo. Estamos a caminho do saguão. Todos de prontidão.”

Fala sério!

Brian de fato não era um festeiro empedernido como Eddie Van H, então ele acabou no banheiro, de joelhos, falando alhos e bugalhos ao “telefone” branco de porcelana. Num determinado momento, escorregou e cortou a cabeça, derramando um pouco de vinho. John “Tunbridge” Wells, seu guarda-costas (sem *walkie-talkie* ou mesmo um rádio) o resgatou e garantiu-lhe que não iria deixá-lo morrer.

Vendendo saúde é uma imagem que alguém dificilmente usaria para descrever o *roadie* de Brian May, Brian “Jobby” Zellis: franzino, com perninhas finas, pálido e um ar adoentado que nos lembrava refugiados. Um dia ele apareceu vestindo legging preta e uma jaqueta de couro branca nova, com uma gola grande e rígida, cheia de tachas, lantejoulas e outros brilhos. No mesmo instante Trip o apelidou de “Elvis Belsen”.[3]

Convenhamos, ninguém gosta de injeção e todo mundo abomina a ideia de agulhas grandes espetando seu traseiro. Alguém dos Cate Brothers, a banda de apoio, tinha contraído hepatite e assim toda a comitiva precisou ser examinada por um médico e em seguida tomar uma injeção. A desagradável notícia nos foi dada no Auditorium Theatre, em Chicago, onde, após o show, ficamos esperando ser chamados. Quando anunciaram meu número, aguardei no corredor do lado de fora do camarim-ambulatório temporário. Fred saiu esfregando o quadril, no rosto uma expressão indecifrável, misto de sorriso e careta. O que ele estava tentando dizer? No interior da sala, o médico remexeu na sua maleta preta e, sem erguer a cabeça, me mandou descer a calça jeans e a cueca até o meio das coxas e me inclinar sobre a mesa. Obedeci-o e vi seu reflexo no espelho da penteadeira. Oh, meu Deus! Ele estava vindo na minha direção com um troço do tamanho de um bonde. Aquela foi a última vez em que me abaixei num

camarim.

Uma mazela que afligia a mim e a muitos outros era a “bunda de show”, condição que aparece nos livros médicos como “escoriação” ou “assadura”. O movimento incessante e o suor de um dia de trabalho num jeans apertado resultava em virilhas e dobras do traseiro muito doloridas, a despeito dos banhos regulares e do uso de talco. Descobri um remédio simples que funcionava maravilhosamente: aplicar vaselina nas áreas afetadas. Certa noite, numa turnê na Europa, depois de desmontar o equipamento, eu estava padecendo de um caso sério de “bunda de show” e nem um pouco animado com a perspectiva de dirigir nosso carro alugado por umas oito horas até nosso próximo destino naquelas condições. Escapuli para o toalete com meu pote de vaselina, atraindo olhares enviesados de alguns membros da comitiva que me viram entrar no banheiro masculino com um pote grande de lubrificante, especialmente sendo eu o *roadie* de Fred… Na realidade, por eu ser *roadie* de Fred muitos fãs pensavam que eu fosse gay também. Depressa reagi aos boatos anunciando que eu com certeza não era gay – mas meus namorados sim.

Todas as preocupações sobre problemas de audição causados por concertos de rock não são sem fundamento, pois minha audição acabou definitivamente prejudicada pela estreita proximidade com a fonte de barulho no palco. Não havia qualquer conceito de saúde & segurança na época e shows de rock em geral não são um ambiente saudável ao qual alguém se exponha durante anos a fio: a fumaça, o gelo seco, o pó da pirotecnia são páreos para um fumante inveterado, ou um mineiro de amianto. O tremendo desgaste físico, além das contusões, batidas e arranhões, aliados às horas irregulares de trabalho e refeições, sob temperaturas extremas, fazem dessa uma vocação para rapazes durões. Caras jovens que bebem todo o estoque de saquê num voo para Tóquio e então assinam “arcebispo da Cantuária” no formulário de imigração. Ou num caso similar na Austrália, quando indagado se tinha antecedentes criminais, retrucou: “Eu não sabia que ainda precisava disso”. (“Por favor, me acompanhe,

senhor. Vamos conversar na minha sala. Você é alérgico a látex?”)

Mas entre esse mesmo bando de jovens durões havia aqueles que se queixavam por ter quebrado uma unha ao carregar o caminhão, ou que a chuva estava estragando a jaqueta de cetim nova da turnê, ou que não tinham adaptador para o secador de cabelos. E tinham o descaramento de chamar Fred de bicha!

É UMA VIDA DURA

Excursionar o fortalece física (se você trabalhar muito duro) e, com certeza, mentalmente. Também o protege das realidades do mundo lá fora. Receber cartas pessoais em hotéis era empolgante, embora um pouco inquietante, pois pouca gente tinha os itinerários e sabia para onde escrever. Durante uma conversa ao telefone com minha mãe, descobri que meu tio preferido estava muito doente, sem perspectiva de recuperação. Aquele irmão mais velho de meu pai sempre fora um parente com quem eu me identificava, talvez devido ao seu jeito pouco convencional, que se fazia de palhaço e não levava a vida muito a sério. Maroto, não podia ver um rabo de saia. É claro que fiquei triste, porém o fato de estar em turnê me poupou das visitas ao hospital, de ter que encarar os demais membros da família e de enfrentar um lembrete do que é inevitável. Algum tempo depois, enquanto eu ainda excursionava, recebi uma carta de minha mãe me contando que ele havia morrido. Novamente a turnê me poupou de mais sofrimento e do dissabor de um funeral. Blindado por minha outra família – a do rock’n’roll – eu me esquivei da intensidade dos dramas e acontecimentos pessoais, às vezes só vendo minha família uma vez ao ano.

A menos que você fizesse um tremendo esforço para se manter atualizado, assuntos da atualidade, catástrofes mundiais ou conquistas esportivas passariam despercebidos quando estávamos na estrada. Quando Margaret Thatcher foi eleita em 1979, excursionávamos pelo Japão e assisti a alguns noticiários no meu quarto de hotel. Entretanto tudo me soava surreal naquela língua estrangeira, com apresentadores excêntricos e esquisitos e gráficos coloridos ilustrando a

matéria. De alguma forma, parecia irreal. Todavia, ao retornarmos à Inglaterra, a Dama de Ferro estava firmemente plantada no poder.

Vivíamos num universo paralelo na estrada, não sabendo nem o dia certo da semana – e fazia diferença? Não tínhamos fins de semana livres, ou qualquer outra agenda a seguir exceto a do itinerário. Minha vida resumia-se a estar em trânsito permanente e me dedicava totalmente ao Queen. A carreira da banda me preservou de muitas preocupações domésticas: nada de esposa, filhos, carro ou até plantas para aguar. Minhas contas e outras despesas eram enviadas diretamente para o banco a fim de serem quitadas, minhas malas viviam encostadas numa das paredes do quarto e eu sabia, de cor, o número do meu passaporte e os detalhes do meu visto para os Estados Unidos. Estava sempre pronto para partir…

Minha carreira no mundo do rock, apesar de trabalhar duro, foi relativamente fácil. Eu era livre e desimpedido, assim limitava-me a seguir meu patrão e meu salário caía na minha conta todo mês. Mas olhando para trás, com a sabedoria e experiência que os anos nos trazem, entendo agora quão difícil era para a banda, tendo que equilibrar as pressões da fama e as enormes expectativas da vida doméstica. Família e relacionamentos podem facilmente absorver a maior parte de sua energia e devoção; assim, como você lida com isso quando integra uma das maiores bandas de rock do mundo? Alguma coisa tem que ser deixada de lado ao longo do caminho. Não raro é mais fácil tomar decisões quando se é jovem e tem poucas responsabilidades, porém é mais fácil cometer erros também.

Em geral, eu era feliz realizando meu trabalho, e quando a turnê estava indo bem – a gente estava se dando bem – o mundo se convertia num lugar maravilhoso. Contudo havia os dias em que você apenas queria jogar tudo para o alto e fazer outra coisa. Um trabalho normal. Esses eram conhecidos como os “dias de maldição…”.

---

1 Refrigerante com corante de caramelo. (N. T.)

2 Nome da banda fictícia que estrelou a comédia – com ares de documentário – *Isto é Spinal Tap*, lançada em 1984, que parodia e homenageia as bandas heavy metal em turnê. (N. T.)

3 Referência a Belsen, vila ao norte da Alemanha onde ficava o campo de concentração nazista Bergen-Belsen. Anne Frank, autora de *O diário de Anne Frank*, morreu em Bergen-Belsen. (N. T.)

DIAS DE MALDIÇÃO

(De quem é a porra da culpa, então?)

Na estrada, às vezes tínhamos aqueles dias em que os deuses conspiravam para fazer com que as coisas dessem errado, quando todos os espíritos do mal, duendes e um bando de monstrengos eram libertados de suas tocas diabólicas e não havia ciência ou lógica que os impedissem de disseminar caos, pânico, birras e artérias endurecidas. Além de um Sr. Mercury muito transtornado.

A principal razão para um "dia de maldição" costumava ser o mau funcionamento de equipamentos, mas quando se leva em consideração que um show do Queen envolvia bilhões de conexões individuais de componentes elétricos submetidos a constantes viagens, pancadas, mudanças de temperatura, vibrações e uso intenso, não é surpresa que, ocasionalmente, algo desse errado. Entretanto, tente explicar isso a Fred quando o microfone dele apresenta uma falha intermitente… Eis alguns desses momentos, felizmente raros, porém sombrios.

Chicago: Estádio de Chicago, 28 de janeiro de 1977

Esse foi um dos invernos mais rigorosos da história dos Estados Unidos e, embora alguns dos "durões" da equipe usassem legging (de tecido brilhante por sinal, surrupiadas dos baús dos figurinos de Elton John, guardados no nosso depósito no Elstree) sob a calça jeans para se aquecer, respirar chegava a doer, tamanho o frio. E não porque a legging estivesse apertada demais. Vindo do Canadá para Chicago, o caminhão que transportava o sistema de som Clair

Brothers e o piano de cauda Steinway de Elton John – emprestado a Fred para a turnê – acabou jogado para fora da pista durante uma tempestade de neve. Considerávamos aquela uma turnê importantíssima para o Queen, pois a banda estava começando então a tocar em grandes arenas, e Chicago era um polo importante. Sendo o estádio na cidade um verdadeiro templo do rock, os shows recebiam uma cobertura detalhada da imprensa e o Queen queria causar uma impressão forte ao se apresentar no espaço enorme, a casa dos Chicago Blackhawks – time de hóquei no gelo. Portanto, o infeliz incidente com o caminhão poderia significar um revés para os planos de conquistar os EUA. Assim, improvisou-se um segundo sistema de som, utilizando inclusive equipamentos importados do Canadá, de uma empresa concorrente da Clair Brothers. Estava tão gelado – devido ao vento vindo do lago, a sensação térmica chegava a quarenta graus negativos – que os cabos elétricos se tornaram rígidos a ponto de não poderem ser esticados corretamente e ameaçavam se romper por dentro. O revestimento de vinil, usado para cobrir o palco e fornecer uma superfície plana, acabou enrugado e rachado. Os ânimos não estavam muito bons e, para completar, o piano de cauda alugado não era tão grande como aquele a que Fred estava acostumado. Utilizando minhas peças de reposição, eu conseguira encaixar um aparelho para amplificar seu som, mas, enquanto a banda entrava em cena, eu não terminara de ajustar o aparelho e o afinador de piano tampouco finalizara seu trabalho!

A favor deles devo dizer que a banda não se queixou uma única vez e Brian gentilmente nos agradeceu pelos nossos esforços durante o show – o que arrancou aplausos da multidão. Justiça seja feita, o público de rock – e o público de rock dos EUA em particular – festeja praticamente qualquer coisa: “Graças à nossa equipe de apoio!” – Muitos aplausos. “Acabei de peidar” – Aplausos. – “Esta é uma grande cidade para o rock’n’roll!” – Aplausos mais entusiasmados ainda. – “Vocês são o melhor público que *já* tivemos!” – Verdadeira OVAÇÃO.

Um episódio também contribuiu para estragar a apresentação: alguém atirou

ovos no palco e Brian escorregou, pois o vinil ficara mais deslizante. Irritado, Fred ameaçou não continuar se certos “filhos da puta” não parassem. Como sempre, fomos até o fim. Em seguida, desmontamos o equipamento e carregamos o caminhão em temperaturas abaixo de zero e ventos de cortar a alma, que subiam pelas nossas leggings. Será que as costuras ainda estão retas?

Saarbrücken: Ludwigspark Stadion, 18 de agosto de 1979

O único show ao ar livre realizado em 1979, durante a gravação do álbum *The Game*, aconteceu num concerto em Saarbrücken.

O Queen era o ponto alto do evento, num palco onde se apresentavam artistas do porte do falecido Rory Gallagher (um dos guitarristas favoritos de Fred de todos os tempos). O show da turnê anterior, *Pizza Oven*, fora reestruturado para incluir muitos efeitos especiais: fogos de artifício, uma fonte de água no final da passarela que se projetava do centro do palco, pirotecnias extras e, claro, o usual e imenso equipamento móvel de iluminação.

Provavelmente o espetáculo já estava condenado desde o início: a equipe perdera o voo de conexão, que a levaria até Saarbrücken no pequeno avião a hélice, porque estivera ocupada demais examinando as mercadorias na *sex shop* Dr.Muller no aeroporto de Frankfurt.

O nosso hotel tedioso, adjacente ao Ludwigspark Stadion, pertencia à cadeia Novotel, também conhecido como SEM hotel. A passagem de som transcorreu bem, mas no dia do show choveu quase sem parar, o público revelou-se menor que o esperado e nenhum dos efeitos especiais funcionou: nem os fogos de artifício, nem a pirotecnia, nem a fonte. Houve uma falha total de energia elétrica durante a apresentação e, no final, o equipamento de iluminação travou: além de não se mover, todas as luzes se apagaram. Só se salvou uma coisa: Roger tinha tingido os cabelos e feito luzes, porém algo dera errado e seus cabelos ficaram verdes. O “baterista-papagaio” suscitou muito divertimento, em especial para Crystal, que precisava assistir e animar seu chefe durante a

confusão toda.

Aquilo tudo não resultou numa banda feliz, e um monte de contas de fornecedores não foi pago.

Indianápolis: Market Square Arena, 11 de setembro de 1980

O grande final de uma apresentação ao vivo do Queen consistia numa cadeia de explosões pirotécnicas na boca de cena, que Fred "detonava" usando a haste de seu microfone como se fosse uma varinha de condão. Nessa noite em questão, eu apertei os interruptores individuais para ativar o efeito e nada aconteceu. Fred surtou. Ele estivera tenso no decorrer do show porque os alto-falantes que deveriam permiti-lhe ouvir a própria voz no palco não correspondiam ao padrão desejado. A razão do descontentamento, contudo, envolvia um componente psicológico: Jim Devenney, o engenheiro predileto da banda, fora contratado anteriormente para fazer uma turnê mundial com o Fleetwood Mac, e também Trip, engenheiro de som com quem o Queen costumava trabalhar.

Ray, o substituto de Jim, era muito competente, porém Fred, e em parte os outros integrantes da banda, estavam lutando para obter o equilíbrio certo do som. Fred alegava não ser capaz de se ouvir com clareza, o que o obrigava a cantar mais alto. Resultado: sua voz sofria. (A solução mais simples, pedir a Brian para diminuir o volume dos amplificadores de guitarra – seu "muro da morte" –, estava fora de cogitação, pois ele tornaria a aumentá-lo). Fred explodiu. Precipitando-se no palco, atacou a caixa de controle e a mim com a haste do seu microfone. Eu nunca o vira assim. Parecia possuído!

Em seguida, durante o primeiro bis, o mundo desabou. Fred, ainda bastante exaltado, quebrou e destruiu tudo o que encontrou pela frente no palco, usando a haste do microfone como um facão. Por fim, descarregou sua ira diretamente na mesa de monitoramento dos alto-falantes para retorno. Ray saltara fora no

instante em que John atirara seu baixo contra a mesa e Roger arruinara a bateria. O segundo bis tampouco acalmou Fred, em especial porque teve que cantá-lo sem quaisquer alto-falantes no palco – todos haviam sido desligados.

A equipe do sindicato local, que operava os holofotes, ficou entusiasmada com o espetáculo, achando que tudo fazia parte da encenação! Nos shows de rock, as emoções fortes correm soltas e incidentes, provocadas no calor do momento, acontecem, sendo depressa esquecidos. No entanto aquilo fora longe demais.

Enquanto avaliávamos os estragos no palco, Gerry Stickells tentou manter a paz em ambos os lados. Fui convocado ao camarim e naturalmente expressei meu desagrado por haver sido tratado daquela forma, em especial porque só assumira a responsabilidade de ativar a pirotecnia movido por meu sentimento de lealdade para com a banda e também porque conhecia o ritmo e as canções muito bem – mas não fora eu quem montara a porra da engenhoca! O mesmo se aplicava aos efeitos estroboscópicos, às luzes na plataforma da bateria e às luzes da plateia: eu as operava por controle remoto. A rigor, não era parte do meu trabalho, e só assumira a responsabilidade porque conhecendo o *timing* tão bem seria capaz de desempenhar a tarefa de maneira correta. Fred estava irracional. Não acreditou que houvesse feito algumas coisas que fizera e insistiu que eu levantasse minha camisa para mostrar provas de qualquer ferimento que ele porventura me causara. Quando eu reiterei: “Você bateu em mim, Fred!”, ele limitou-se a dizer: “Então adeus, Ratty”.

Perplexos, os outros membros da banda não acreditavam no que estava acontecendo. Saí do camarim e voltei para o palco, para continuar a desmontar o equipamento. Ray e toda a equipe de som haviam se demitido em sinal de protesto e agora, pelo visto, eu tinha meu passe livre. Crystal afirmou que também estava caindo fora, a exemplo da maioria da equipe de apoio. Brian e Roger vieram atrás de nós e se esforçaram para nos apaziguar, garantindo que Fred lamentava muito o ocorrido e pedindo-nos para, por favor, ficar. Porém,

achávamos tarde demais. Por que o próprio Fred não viera falar conosco?

Gerry Stickells, sempre diplomático, pediu-nos para manter a calma e desfrutar dos próximos dois dias de folga antes de decidirmos como de fato nos sentíamos. Enquanto eu carregava o caminhão do Queen, pensando que aquela seria a última vez e imaginando com quais outras bandas poderia trabalhar, Paul Prenter apareceu correndo, o rosto vermelho como de costume, espumando e discutindo.

"Você não deve ir embora, ele precisa de você – você sabe disso", Paul rosnou ao meu ouvido, enfiando uma nota de 100 dólares na minha mão para eu comprar um grama de cocaína.

Os ônibus foram carregados com caixas de bebidas, numa tentativa de nos acalmar e subornar. Previsivelmente, todos nós acabamos muito bêbados, chapados e ferrados na viagem noturna até Hartford, Connecticut. Vomitar num banheiro químico fétido, num ônibus em movimento, não é recomendável, nem nada glamouroso. Mas demônios precisavam ser exorcizados.

Hartford ficava a uma curta distância de onde a família de Ray tinha uma casa de praia, assim alugamos um carro e partimos para um dia de descanso e de esfriar a cabeça. Na tarde seguinte, toda a banda apareceu para a passagem de som, inclusive Fred, que naquela altura da trajetória do Queen quase nunca comparecia à checagem de som. Sua primeira atitude ao entrar no ginásio foi dirigir-se à área onde Ray estava orientando a nova equipe de som. Em voz baixa, Fred desculpou-se. Um gesto raro e apreciado.

Fred jamais me pediu desculpas diretamente, todavia, nos próximos shows, às vezes piscava para mim, sorria, ou gesticulava como se dissesse: "Sim, ok, eu sei que estava fora de mim. Será que podemos seguir em frente?". Numa determinada ocasião, enquanto eu preparava as bebidas que ficavam no palco, ele brincou:

– Você não vai me envenenar, não é, Ratty?

– Não, Fred. Vou apenas trocar a água para vodca pura e gim.

– Assim está bem, querido. Vou ficar de olho.

Nós superamos o incidente.

Melbourne: Centro de Esporte e Lazer, 17 de abril de 1985

Durante as quatro noites de apresentação do show *The Works* na Austrália, o mundo desabou – luzes apagaram, alto-falantes arrebentaram, monitores desligaram e o pior e mais perceptível para o público: o microfone de Fred começou a chiar, distorcer o som e falhar enquanto ele estava ao piano. Oh, céus! Aquilo nunca havia acontecido antes. Num átimo, peguei seu microfone com haste sob o piano, liguei-o e o ergui, para que Fred pudesse cantar. Enquanto eu mantinha o microfone precariamente equilibrado, Tony "Lábios" Rossi, o encarregado dos microfones no palco, tentou trocar o microfone no piano. Tentativa fracassada. De modo que, quando Fred retornou ao palco para outra canção, todo o sistema precisou ser trocado de novo. (Descobriu-se posteriormente que o problema fora um cabo defeituoso, algo bastante incomum em se tratando de um microfone estático.) Quando Fred entrou no camarim após a apresentação, estava furioso. Aos gritos, falou: "E então todos aqueles *roadies* se juntaram ao meu redor, enfiando dezenas de microfones na minha cara! Eu não teria me importado se fossem paus – mas aquilo era ridículo!".

Sr. Mercury gostava de ser dramático. Melodramático, às vezes.

Como ele ainda continuava enfurecido depois do show, resolvemos ir todos para o Chevron Club afogar as mágoas, abastecidos com um pouco de cocaína local de baixa qualidade e altíssimo preço.

Lá fomos reconfortados pelos encantos das garotas australianas antes de retornar ao hotel, onde continuaríamos mitigando nossa dor. Quando minha parceira e eu por fim saímos da piscina na cobertura e rumamos para meu quarto, passava das 5h. Ela me ensinou algumas gírias nativas referentes à união sexual entre homem e mulher: "Vamos trepar? Já gozou? Que pau grosso!" (O

que não significa excesso de peso.) De repente, quando no meio da nossa paixão ela pôs-se a gritar? “Oh, Ratty, minha xoxota está pegando fogo, minha xoxota está pegando fogo!”, fiquei tão surpreso, que caí da cama rindo e machuquei as costas. Passei o dia seguinte sendo “endireitado” pelo fisioterapeuta da turnê.

GRAVANDO

(*Roadie* mata astro pop)

A despeito dos Dias de Maldição na estrada, as turnês eram essenciais para o sucesso de uma banda e aconteciam principalmente para promover os discos. Portanto, a próxima parada do Queen depois de vagar pelo mundo foi desenvolver e produzir um novo produto – um bom grama de vinil para os Shylocks[1] da gravadora.

Gravação: processo realizado em estúdios, onde discos são gravados para as gravadoras.

Gravadoras: lugares onde os discos dos artistas são fabricados, promovidos e distribuídos.

Executivos de uma gravadora: Um professor realizou uma experiência sobre como os cachorros e seus donos espelham o comportamento uns dos outros. Ele escolheu três pessoas de profissões diferentes e trancou seus respectivos cães numa sala – cada animal recebendo 12 biscoitos para cachorros. Passada uma hora, o professor voltou e avaliou o primeiro cão, que pertencia a um contador. O bicho colocara dois biscoitos ao lado de três biscoitos, e no meio fizera um sinal de +, usando outros dois biscoitos. À direita, havia uma pilha de cinco biscoitos: 3 + 2 = 5. Muito bom. Um sucesso. Então aproximou-se do cachorro do engenheiro civil, que construíra um pontilhão com seus biscoitos. “Excelente. Prova minha teoria.” Por fim chegou perto do cão do executivo de gravadora. O animal comera todos os seus biscoitos, trepara em cima dos outros dois cachorros, ficara o resto do dia de folga e, ao sair, ainda perguntara se não havia algumas camisetas para levar de brinde.

Nenhuma surpresa.

“Queen? Aquele negócio da “Bohemian Rhapsody”? Coisa legalzinha, porém fogo de palha. Eles não vão durar.”

“O clipe é legal, mas veja, o Glam Rock já era. Esse gênero de música acabou.”

Os cães falando merda.

Alguns desses vacilantes e bajuladores executivos de gravadoras tinham suas cabeças enterradas tão fundo no rabo do Queen que a banda poderia usá-los como chapéu. Ou coroa.

É engraçado: hoje há tantas “pessoas” nas gravadoras que afirmam ter “descoberto” o Queen e percebido o potencial maravilhoso dos seis minutos de “Bohemian Rhapsody” quanto o número de habitantes da China. E, claro, *nenhuma* delas *jamais* quis modificar a banda…

Faz parte do trabalho

Durante sua carreira, o Queen usou numerosos estúdios de gravação ao redor do mundo, onde aguentei incontáveis horas preso num limbo interminável. Era emocionante ser um dos poucos privilegiados a estar presente quando a banda desenvolvia e gravava novas canções? Não, na maioria das vezes quase morri de tédio. E pensar que tirei ótimas notas nas provas do meu primeiro ano do curso técnico apenas para ficar a postos, esperando, preparando chá, retirando embalagens vazias de comida chinesa e indiana e alimentando o parquímetro para um quarteto de músicos talentosos. Tempo perdido: eu poderia ser um torneiro mecânico licenciado agora.

Gravar um disco, assim como fazer um filme – outra indústria de glamour – é quase sempre enfadonho e repetitivo, quando se grava “tomada após tomada” até que tudo fique perfeito. E então mais uma vez, só para garantir. Durante a gravação de *A Night at the Opera*, o Queen me contratou como *roadie* em

período integral e passei muitos dias e noites em Londres, percorrendo os vários estúdios que a banda usava. Lembro-me de ter ido até Barnes, no sul de Londres, pegar uma harpa antiga para Brian tocar em “Love of My Life”, com uma mulher igualmente antiquada, quando falara comigo mesmo: “O Queen é uma banda de rock. Será isso rock’n’roll?”. Na sala de controle, eu ouvia fragmentos de “A Night at the Opera” sendo cantados e quando escutei outros trechos do que viria a ser “Bohemian Rhapsody”, imaginei que iriam usá-la como uma nova fita de introdução para os shows ao vivo. Errado: virou uma música de seis minutos razoavelmente bem-sucedida.

Diversos estúdios em Londres costumavam ser usados por suas diferentes características: sala com reverberação, sala sem reverberação, sala de controle, e até mesmo sala de recreação. Um estúdio capaz de causar uma sensação mágica era o Sarm, na Brick Lane em Whitechapel, local fora de moda no East End de Londres. Ali, num porão pequeno e insignificante, localizava-se o primeiro estúdio na cidade com equipamento para gravação em 24 canais. E ali o Queen produziu um material muito inovador.

O estúdio Wessex ficava numa velha capela reformada, em Highbury, norte de Londres, local onde, em 1976, deparamos com o punk pela primeira vez. Os Sex Pistols também tinham reservado o estúdio e, ainda desconhecidos, estavam fazendo suas primeiras gravações. Recordo-me de Johnny Rotten sentado num sofá marrom do lounge, vestindo macacão verde-limão de lã e jeans rasgado, com alfinetes de segurança enfiados em todo lugar disponível. Seus cabelos, tingidos de alaranjado, eram espevitados e cheios de laquê. Não obstante, parecia um tipo tranquilo, agradável – e não rosnou para mim quando perguntei se podia mudar o canal de TV. Apenas deu de ombros e concordou. O que foi todo aquele alarde sobre esses caras?

Certa tarde, quando o Queen estava trabalhando na sala de controle, Sid Vicious (Sid Mau) entrou, trôpego, mal-ajambrado, e interpelou Fred: “Você já conseguiu levar o balé às massas?”, referindo-se a uma determinada declaração

de Fred à imprensa.

Sem pressa, Fred levantou-se, caminhou até o sujeito e indagou, sarcástico: “Por acaso você é o Stanley Ferozinho, ou algo assim?”. Então pegou-o pelo colarinho e o atirou para fora. Punks selvagens uma ova.

Durante as sessões de gravação em Wessex, Fred, desafiando a cultura punk, comprou seu primeiro carro, um Rolls-Royce Silver Shadow. Eu dirigia um velho Morris Mini enferrujado… Ele estava tão animado e orgulhoso, que cismou de compartilhar seu novo prazer conosco. Meteu tantos de nós quanto possível dentro do veículo e mandou seu motorista dar um giro pelas ruas arborizadas de Highbury. Um dos passageiros comentou que a mascote do carro – a mulher prateada sobre o radiador – costumava ser alvo da cobiça de ladrões e sugeriu que Fred tivesse cuidado. Este reagiu com algum veneno: “Eu corto fora as mãos desses porras se os pegar!”.

A banda gravou “We Will Rock You” no estúdio Wessex. Os “bum-bum-tchans” do início da canção foram gravados utilizando todos os pés disponíveis no recinto, inclusive os dos *roadies*, pisando duro nas plataformas de madeira e batendo palmas sincopadas dentro da sala cavernosa. O resultado, embebido em eco, foi gravado em vários canais e recebeu um pouco da magia do engenheiro Mike Stone para criar uma introdução que se tornou um hino do mundo do rock e do esporte. Pessoalmente, acho essa canção um pouco assustadora. Quando eu estava na escola primária, no início da década de 1960, nós fazíamos fila de acordo com a idade todas as manhãs, numa sala de aula vazia e fria. O professor procurava se esquentar inclinando-se sobre o aquecedor a carvão enquanto escolhia a música do dia. Minha favorita era “We Will Rock You”(Nós vamos balançar você), um hino sobre manter o Menino Jesus feliz e contente. O mundo é um lugar engraçado.

Numa manhã bem cedo, quando o sol nascia… (Não, não é a introdução de outra canção tradicional) depois de uma longa sessão gravando “We Will Rock You”no estúdio Wessex, Brian, muito cansado, voltava para casa guiando seu

novo motivo de prazer e alegria, o Jaguar XJS. Havia uma fina camada de gelo no viaduto Marylebone e … opa! Brian saiu um pouco zonzo, porém ileso. O carro, contudo, acabou destruído. A “Fireplace” – seu verdadeiro orgulho, a famosa guitarra vermelha que construíra com seu pai – estava no porta-malas. Por sorte, o instrumento sofreu apenas danos leves, embora a caixa de fibra de vidro não tenha servido muito para protegê-lo. Após conversar com Brian, encomendei à CP Cases uma caixa capaz de aguentar um caminhão passando por cima. Infelizmente a caixa pesava tanto quanto um caminhão!

QUER BATER UM PAPO?

O Queen era muito competitivo e as discussões no estúdio muitas vezes revelavam uma rivalidade mesquinha com os sucessos de outras bandas.

– Parece que eles vão se apresentar três noites no Madison Square Garden.

– Hein? Eles *nunca* vão lotar o lugar. Os ingressos *nunca* vão esgotar.

– Eles já venderam tudo, Rog.

– Bem, então os ingressos devem ser muito baratos…

– Eu amo essa banda, e aquela música que está em primeiro lugar nas paradas.

– O quê? Você deve estar brincando. Aposto que só vão ter esse sucesso.

– Ainda assim gosto deles.

– O que você sabe dessa gente?

– Que eles venderam mais discos do que o seu último *single*…

– O quê? Jamais! Ligue para a EMI agora!

Entretanto, dois artistas estavam acima de quaisquer críticas: Jimi Hendrix e John Lennon. Dois ícones elogiados e reverenciados pelos membros do Queen por seu trabalho, estilo e atitude. Fred idolatrava Hendrix e, na década de 1960, vira-o tocar ao vivo sempre que possível. Amava os sons que o guitarrista tirava de seu instrumento e às vezes tentava imitá-lo, mas, aceitando não possuir as

habilidades fenomenais de seu herói, “atacava” sua guitarra acústica e cantarolava: “Taka, taka, taka, taka – chak, chak”. Gerry Stickells, diretor das turnês do Queen, fora *roadie* de Jimi Hendrix e depois seu diretor de turnês. Os dois tinham se mantido próximos até a morte prematura do artista. Não raro era Gerry, um grande diplomata, quem conseguia lidar com Fred, quando este estava sendo “difícil”. E Fred sempre se mostrara impressionado com a história de Gerry. Caramba, fora esse homem quem dissera a Hendrix que todas as bandas costumavam parar no posto de gasolina Blue Boar, na antiga rodovia A1.

– É como um clube, cara?

– Hum-hum… é…

Hendrix, de guitarra na mão, entrara no lugar esperando tocar com outros músicos.

Conseguiu ganhar somente uma fritada acompanhada de um molho espesso e alguns olhares *muito* estranhos de caminhoneiros.

PROPRIEDADE NO CAMPO

Meados da década de 1970: era de carpetes espessos, seringueiras e bandas de rock montando estúdios em casas de campo – para ficar longe de tudo.

O Queen optou por Farm Ridge, um local para ensaios em Surrey, onde a banda, seus parceiros e todos os *roadies* se instalaram. Depois de elaborar as ideias para o álbum *A Day at the Races*, rumamos para o estúdio The Manor, de Richard Branson, em Oxfordshire, a fim de iniciar as gravações. Aquele verão sufocante de 1976 com certeza nos fez sentir bem por estarmos longe de Londres, respirando o ar fresco do campo. Confirmando a imagem hippie Branson / Virgin, alguns funcionários do estúdio eram budistas e entregavam-se a uma cantilena no sótão (nós creditamos o zumbido incessante, que nos mantinha acordados, a alguma fita velha de Steve Hillage, ou Mike Oldfield). Esse foi o primeiro álbum que o Queen produziu assistido pelo veterano

engenheiro de estúdio Mike Stone.

Para aliviar a pressão entre as sessões de gravação, havia uma sala de TV, com três canais disponíveis. Numa época anterior ao videocassete, tínhamos que estar ali na hora. O *Benny Hill Show* costumava ser um dos nossos programas favoritos. Sem dúvida uma outra era. Também acompanhávamos os Jogos Olímpicos de Montreal e demos várias corridas, Fred em particular, do estúdio à sala de TV, para assistir às finais das provas ao vivo.

Numa noite, durante o jantar na imponente mesa do estúdio, Freddie recebeu um telefonema de sua namorada, Mary Austin. Ela retornara a Londres pela manhã e ligara para dizer que não estava se sentindo bem – uma infecção de ouvido. Havia muitos anos que os dois eram amantes e Mary sempre o apoiara, em todos os sentidos, desde os primeiros dias do Queen. Naquela época, os dois moravam juntos no recém-comprado apartamento de Fred, em Kensington.

Um ano depois, eles terminaram o relacionamento e Fred adquiriu um apartamento para Mary na sua rua, para que continuassem vivendo perto. Ela foi seu verdadeiro amor e manteve-se próxima, leal e solidária até a morte prematura de Freddie. De fato, Mary herdou a maior parte de seus bens.

– Eu TENHO que ir agora! Tenho que ir ver Mary! – ele declarou aflito, enquanto ainda estávamos à mesa.

Fred precisaria de um motorista, pois nunca dirigia, aliás, nunca sequer tentara aprender. Entretanto possuía opiniões definidas sobre carros. Quando, pouco antes do início das gravações do álbum, John mencionara pretender comprar um Ford Capri, Fred argumentara que não se tratava de um modelo adequado para um integrante do Queen. John acabara optando por um Jensen Interceptor, que se encontrava no pátio do The Manor.

Terminado o jantar, me pus à disposição para levar Fred a Londres, não num automóvel esporte de dois lugares, e sim na van da Administradora John Reid, que eu estava usando.

Em troca, recebi um rápido olhar de desaprovação de Sr. Mercury.

Diplomaticamente, foi-nos oferecido um veículo do estúdio, um Ford Cortina.

Com Fred sentado ao meu lado, partimos. Sentia-me um pouco desconfortável com os freios do carro, que pareciam frouxos e demoravam a responder. Durante a viagem, conversamos sobre música e assuntos gerais, porém eu percebia que Fred estava tenso – ele realmente preocupava-se com Mary e queria estar com ela o mais depressa possível. Ao nos aproximarmos de Londres, numa rotatória na rodovia A40, engrenei uma marcha mais baixa e apertei o freio. Nada. Caralho! Consegui manobrar e conduzir o veículo durante a maior parte do trajeto em torno da rotatória, até bater num monte de canos de esgoto. Enquanto lutava para controlar o automóvel, a provável manchete do *Melody Maker* veio à minha cabeça: *Roadie mata astro pop*. O veículo parou de repente. Fred e eu nos entreolhamos. Estávamos bem. Sem nenhum ferimento, sem nem mesmo um aranhão, ou escoriação.

Toc-toc.

– Que diabos…

Inúmeros rostos achavam-se pressionados contra as janelas do carro; eram ciganos que muitas vezes estacionavam suas caravanas ao longo daquele trecho da estrada. Após se certificarem de que estávamos ok, aconselharam-nos a sair logo dali, caso estivéssemos bêbados ou tivéssemos roubado o veículo. Estávamos ambos completamente sóbrios, e o carro fora da pista. Que atitude tomar? Fred assumiu o controle, resolveu pedir ajuda!

Não vi sinal da Associação de Automotores, ou do Clube Real de Automóveis. Tampouco enxerguei diante de mim o esquivo e estiloso mega-astro do Queen, mas apenas Fred, com a barba por fazer, vestindo calça jeans desbotada, tamancos brancos e um quimono preto de seda bordado, que um fã lhe dera numa turnê, meses atrás. Com os cabelos ao vento, caminhou na direção das luzes que brilhavam a distância, pretendendo ligar para seu motorista, Derek, e, talvez, para Mary também. Enquanto eu aguardava seu retorno, um motorista passou e parou, para indagar se eu estava bem. Num gesto cortês, se propôs a

chamar um reboque do telefone mais próximo. Ainda não existiam celulares na época. Eu esperei. E esperei.

Cerca de meia hora depois, Fred voltou e me contou a comédia de erros que se desenrolara. Ele batera na porta da primeira casa com que deparara, sendo reconhecido de pronto. Claro que lhe permitiram usar o telefone, e ainda ofereceram-lhe chá. Por delicadeza, aceitara. Então dera-se conta de que estava sem dinheiro (na realidade, como era de seu feitio, nunca carregava dinheiro consigo) e que não poderia retribuir a gentileza daquela gente. Em seguida, a eletricidade caíra e seus anfitriões foram à casa vizinha pedir algumas moedas para alimentar o medidor de energia e ferver a água. Só que não havia leite para o chá! Mais uma corrida à porta ao lado. Os vizinhos reconheceram Fred e se juntaram à festa do chá.

Quando Derek chegou ao local para buscar seu patrão, Fred me tranquilizou, explicando que também havia ligado para The Manor e alguém viria me pegar. Nós dois ainda sentíamos um pouco os efeitos do choque quando ele seguiu viagem para Londres. Sentado em cima da minha maleta coberta de adesivos, e fumando um cigarro atrás do outro, observei o carro do estúdio ser rebocado.

E eis que surge o comboio: Roger, Brian, John, o engenheiro, funcionários do estúdio, o pessoal da equipe de apoio e outros. Ao me avistarem, aquela figura solitária à beira da estrada, perguntaram para onde todo mundo, e todo o resto, tinha ido. Fred narrara o acidente do seu jeito teatral, dando a impressão de que ocorrera uma carnificina horrenda, e que do carro só restara uma massa de metal retorcido e carbonizado! A perícia determinou que os freios do veículo estavam defeituosos e nenhuma ação foi movida contra mim. Posteriormente, numa entrevista, Fred teve oportunidade de contar, de maneira dramática, como o incidente o afetara. Afirmou que toda sua vida passara diante de seus olhos, e que se perguntara quem iria cuidar de seus gatos. “E o *roadie* gritava!”

Fred me elogiou por ter conseguido controlar o veículo durante tanto tempo na rotatória e nunca me responsabilizou pelo acidente. Depois disso, ainda o

levei para muitos lugares diversas vezes, e até mesmo numa van velha!

Dores e sofrimento

Perder Fred teria sido um desastre, como também seria desastroso perder a gravação original de um álbum, com todo o trabalho feito até aquele momento. Além da gravação original, havia sempre uma cópia de segurança. Como acontece hoje com os computadores, quando todo o material é arquivado e guardado com *back-up*. A gravação original e a de segurança eram mantidas e transportadas separadamente, assim como os membros da realeza. Assim como o Queen.

Na era do vinil, antes do *sampling*, os músicos literalmente suavam e davam duro no estúdio. Roger, como baterista, precisava estar em boa forma física. Durante as gravações no estúdio Island, em Londres, ele andava se queixando de dores. Resolveram chamar uma massagista e apareceu uma mulher muito sexy, metida num uniforme branco engomado e salto alto. A fim de proporcionar-lhes alguma privacidade, isolamos uma pequena área do estúdio com "paredes" de telas. É claro que o engenheiro Mike Stone deixou os microfones ligados para captar o momento. Mas ela era, de fato, massagista profissional licenciada e Roger, de fato, estava sendo aliviado da tensão… nas costas e ombros. Os pobres bateristas com frequência são alvos de piadas.

"O que *roadies*, *groupies* e bateristas têm em comum? Todos eles são vistos na companhia de músicos."

Tampouco poupávamos os guitarristas e costumávamos tachá-los de difíceis e pedantes. "Como você sabe quando um avião cheio de guitarristas aterrissou? Ainda se escutam gritinhos mesmo quando os motores já foram desligados."

Baixistas só têm quatro cordas para se preocupar, portanto são em geral quietos.

E, evidentemente, nós *nunca*, *jamais*, zombávamos de Fred…

1 Referência ao personagem da peça *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare. O agiota Shylock empresta dinheiro ao seu rival Antônio estabelecendo como fiança 453 gramas da carne de Antônio. (N. T.)

MONTREUX

(Contas numeradas, queijo com buracos e humor zero)

Os cinco primeiros álbuns do Queen foram gravados na Grã-Bretanha. Entretanto, o governo trabalhista ia mal e possuía um pendor para cobrar impostos cada vez mais altos dos ricos astros do rock. Portanto, chegara a hora de uma mudança. A Suíça, tradicional reduto de exilados fiscais e contas bancárias numeradas, tinha um estúdio que parecia bom. Decidimos dar uma esticada por lá, convenientemente durante o ano fiscal da empresa.

"Um 'oi' de Montreux – bonita mas chata." Isto é o que diziam meus cartões-postais enviados da Suíça. Afinal, quantas bandas de rock suíças *você* consegue citar? (Cantores tiroleses de classe internacional talvez, porém não existiam muitos candidatos para o Hall da Fama do Rock'n'roll.) A Suíça tem ar puro e um estilo de vida regrado. Ordenado e eficiente, é um estado policial rico, temente a Deus e obediente à lei. Não é *exatamente* rock'n'roll, certo? Os engradados de cerveja disponíveis em 1978 ostentavam em três idiomas: *sans*, *ohne* e *senza* álcool. Não havia necessidade de nenhum diploma em linguística para entender.

É o início do verão de 1978 e o Queen pretende passar cerca de quatro meses naquele salutar clima fiscal, compondo e gravando as novas músicas exigidas pela gravadora, contadores e público. Sem pressão, não é? Os ensaios e gravações aconteceriam em Montreux e depois rumaríamos para o estúdio Super Bear, no sul da França, para finalizar os vocais, retocar alguns acordes e fazer as mixagens finais. Os planos para a turnê nos Estados Unidos, terminada a gravação do álbum, já se achavam em andamento, e também vinham sendo

alinhavados uma excursão pela Europa, um álbum ao vivo e uma passagem pelo Japão. Em seguida, mais um pouco de gravação, para encerrar o ano. *Queen – Esta é sua vida*. Bem-vindo à escala corporativa e ao cronograma anual.

Uma das noções mais românticas que se costumava ter a respeito do rock'n'roll era que a gente nunca sabia o que estaria fazendo com muita antecedência. Ainda que eu apreciasse o elemento surpresa, o próximo ano da minha vida já parecia traçado. Mesmo assim, houve espaço para o inesperado.

Jazz?

Montreux – cidade bonita como uma caixa de chocolate, às margens do lago de Genebra (Lac Léman) – é conhecida por seu Festival Internacional de Jazz, realizado num complexo onde, anos atrás, o cassino se incendiara, fato, aliás, que servira de inspiração para a música "Smoke on the Water" (Fumaça sobre a água) do Deep Purple. Ao lado desse edifício de concreto reconstruído, ficava um estúdio de gravação usado por grandes bandas de rock exiladas pelo ímpio coletor de impostos.

Eu fora sozinho para a Suíça, dirigindo uma van Ford Transit, para "preparar" nossa estada em Montreux. Pete Brown, coordenador de negócios do Queen, voara até Genebra e então se juntara a mim. A van estava carregada de bagagem, montanhas de itens pessoais de última hora, antecipando o longo período que a banda, seus parceiros e famílias passariam ali. Havia de caixas de fraldas descartáveis a brinquedos e aparelhos de som, além de outros artigos domésticos. Dali a alguns dias, chegou o caminhão com o equipamento e dois *roadies*, Richie Andersen e Crystal. Pouco depois, chegou a banda.

Para os ensaios do Queen em Montreux, tínhamos alugado a sede de uma tradicional escola de balé, de férias no verão. Descarregar o equipamento naquela rua íngreme, de paralelepípedos, provou-se complicado. O piano Steinway de Fred, pesando mais de uma tonelada em sua enorme caixa de transporte, balançou perigosamente ao ser manobrado na entrada da sala de

ensaio. As tábuas rangeram – nhéque, nhéque. As rodinhas das pernas furaram o piso de tacos, deixando o piano inclinado num ângulo interessante. Nenhum dano humano, porém muitos estragos no assoalho.

– Ai, olhe só para isso! Olhe só para isso! – exclamou horrorizada a gerente do estúdio, responsável pelo aluguel da escola de balé.

– Tivemos sorte, não?

– Sorte? Sorte? Você sabe que para alugar este lugar eu disse aos proprietários que estávamos com um pequeno grupo musical que queria "ensaiar um pouco". Este é um lindo piso antigo!

– Agora não é mais.

A equipe de apoio do Queen, então reduzida a duas pessoas (Richie, o *roadie* de Brian voltara para casa – ele estava abandonando a música e iria procurar um substituto), começou a arrumar o local, procurando criar um ambiente intimista e musical. Assim, distribuímos o equipamento em círculo, colocamos o Queen no meio e os deixamos em paz.

"Chá. Chá, por favor", o pedido ecoava até a cozinha no porão, um refúgio de todo o barulho oriundo do andar de cima. A banda tomava chá sempre. Fred e Roger: com leite e duas pedrinhas de açúcar. Brian: com leite e uma pedrinha de açúcar. John: com leite e sem açúcar.

Costumávamos levar para o nosso esconderijo secreto, na escola de balé, alguns produtos do comércio local: um chá tragável, um cachimbo suíço entalhado à mão e um "tabaco marroquino", não tão regional assim. O lago e as montanhas eram muito bonitos naquelas noites de verão, cara.

Depois de um baseado, nos armávamos com nossos passes livres e íamos para o Festival de Jazz. Apesar de nossas mentes "expandidas", ainda não conseguíamos entender o jazz. Todavia realmente gostei de uma apresentação de Ray Charles (tão logo ele se recuperou de ter andado sobre seu piano).

TRAQUINAGENS NO CHALÉ

Os alojamentos destinados à equipe de apoio do Queen ficavam espalhados ao pé das montanhas. Crystal e eu estávamos num apartamento de dois quartos e, no andar térreo, encontrava-se Geoff Workman, o engenheiro de estúdio que o produtor Roy Thomas Baker trouxera para ajudar com o álbum. Esses apartamentos – vizinhos a uma casa deslumbrante na vila Blonay – pertenciam à Mônica, uma mulher atraente de quarenta e poucos anos, da classe alta e dona de algum prestígio. Ela passou a ter problemas com as autoridades por não nos registrar como hóspedes pagantes. Os moradores locais costumavam se recolher por volta das 20h30. Nós não. Em vez de bater na nossa porta e nos pedir para calar a boca, ou abaixar o som, o pessoal das redondezas queixou-se diretamente à polícia.

– Toc-toc-toc!

Levantei minha cabeça cansada.

– Deve ser a droga do Geogg, querendo filar uma xícara de chá. Espere, estou indo!

Bocejando, cambaleei até a porta. Geoff Workman, que na manhã seguinte descreveu o estado de meus olhos como “uma cortina vermelha”, misteriosamente havia se transformado em dois policiais suíços enfiados em fardas apertadas e chapéus pontudos. Um deles me perguntou, em francês, por que estávamos fazendo todo aquele barulho, tocando música alta todas as noites e saltitando pela varanda.

– Desculpe…

Ele indagou o motivo de estarmos na cidade e quando iríamos embora.

– *La musique?* Em poucas semanas?

Ainda em francês, sua língua nativa, o policial pediu para ver nossos passaportes. Após inspecioná-los, ele disse que iria levá-los para verificações adicionais. Tomei-os de sua mão e citei, em inglês, a inscrição que consta no

interior dos passaportes britânicos: “Nós somos súditos de Sua Majestade” e “deve nos ser permitido livre trânsito, sem impedimentos”, portanto, VÃO À MERDA!

Bati a porta. Eles não voltaram. Resmungaram um bocado, fizeram montes de anotações e se afastaram para preparar um relatório.

O povo suíço é muito ordeiro, frio e de ficha limpa. Nós nos revelamos uma mancha desagradável em sua bela paisagem alpina. Nosso motorista de caminhão detestava tanto a limpeza compulsiva da Suíça, que ia acumulando todo tipo de lixo na boleia durante a turnê: maços de cigarro, embalagens de chocolate, sacos de batata frita, pedaços de papel e o conteúdo de seus cinzeiros transbordantes. Sempre que cruzava a fronteira da Suíça, ele jogava toda essa porcaria pela janela, dentro desse território neutro e antisséptico.

Contudo, Montreux oferecia alguma diversão. O *pub* White Horse era uma hospedaria no estilo inglês, inclusive com jogos de dardos. Mal terminávamos de jantar, Geoff Workman saía correndo do estúdio e descia a Rue Du Theatre na direção do *pub* gritando, à melhor maneira de Liverpool: “Vamos, estamos desperdiçando um tempo valioso para beber”. Nada de *haute cuisine* para Geoff, o autonomeado adido cultural da classe trabalhadora de Merseyside, e sim cerveja, hambúrguer, cerveja, fritas, cerveja, arroto, cerveja, cerveja. Entremeados por vários cigarros sem filtro.

O White Horse fechava cedo e depois de termos sido banidos da discoteca Hazyland – graças ao comportamento disparatado de Gerry Stickells numa visita-relâmpago – o único lugar de diversão que nos restou nos fins de noite foi a boate Hungaria, mais conhecida como “Vulgaria”, merecidamente, aliás. Tentar arrancar cigarros da boca de clientes bêbados com um chicote de *stripper* era um negócio desagradável. Por sorte o serviço médico na Suíça é bastante bom.

O exílio do Queen estava funcionando bem, cada um dos membros da banda instalado num chalé com sua respectiva família e aproveitando a estada. Brian,

Roger e John haviam trazido seus carros da Inglaterra e Derek, motorista de Fred, trouxera o Mercedes de Londres, embora não tivesse permanecido em Montreux para servir seu patrão. Diante da necessidade de um motorista para atender Sr. Mercury, o estúdio recomendou Valerius Panpobre. Quem? Valerius Panpobre, um americano em sua aventura europeia. Valerius Panpobre – alguma piada por acaso? Na realidade, não, o coitado se chamava realmente assim. Que azar. Seria crueldade caçoar do cara.

Portanto, ele se tornou Valerie Pau Podre.

FAZENDO O TRABALHO

O estúdio Mountain não era grande e, com certeza, estava longe de ser uma montanha; assemelhava-se mais a um montículo com um corredor minúsculo, uma sala de controle apertada e nada de sala de estar, ou de recreação. O estúdio em si ficava no piso acima da sala de controle, sendo de pequeno porte. A comunicação acontecia através de interfones e câmeras de circuito fechado de TV. Para a gravação do *Jazz*, tivemos a sorte de poder usar o The Salon, um espaço enorme e reservado do cassino. (Uma foto do lugar aparece na fotografia central do álbum). Pequenas áreas foram construídas para separar os instrumentos ao redor de um ponto central indicado pelo nosso produtor Roy, após seus cálculos matemáticos com um lápis e pedaços de barbante. Naquele "eixo do universo", instalou-se o bumbo e o resto do vasto conjunto de percussão de Roger.

As cabines de guitarra tinham piso de madeira para dar um som "vivo". Também colocamos um teto, feito de tapetes de lã de carneiro, sobre as paredes de tela. Esses pedaços esfarrapados de lã velha fizeram as cabines que havíamos construído parecerem um rebanho de iaques tibetanos. (Iaques tibetanos soltando mugidos dolorosos quando Brian e sua guitarra ululante estavam lá dentro.)

– Vamos tomar alguma coisa no White Horse?

– Sim.

Uma cerveja ou duas mais tarde e o iaque tibetano ainda continuava em trabalho de parto.

– É, soa muito bem, Brian! Quer tentar outra vez?

– Hum? Sim, acho que sim… Só mais uma vez, só para garantir.

– Ótimo. (Vamos tomar mais umas cervejas?)

Estávamos efetivamente “na estrada” no que dizia respeito ao equipamento, e os recursos locais eram tão limitados para alugar quanto comprar qualquer item, fosse por necessidade, ou capricho. Por isso, tínhamos trazido um trailer de 12 metros lotado de equipamento: dezenas de guitarras, baterias, amplificadores, efeitos especiais etc. – exceto um sintetizador. E no meio desse arsenal de instrumentos, campainhas de bicicletas. Visitamos todas as lojas de bicicleta da região atrás de campainhas com mecanismos e toques diferentes para formar a coleção usada na “Bicycle Race”, canção composta por Fred e inspirada pelos arredores.

O NAIPE DE SOPROS

Estar numa cidade pequena e modorrenta como Montreux, e sendo seus hóspedes mais fascinantes, nos converteu numa espécie de ímã para algumas das mulheres mais aventureiras. De modo que, além das campainhas de bicicletas, havia muitas outras coisas para apertar. E todas as belas receberam apelidos especiais.

Edam – como o queijo –, uma garota holandesa que residia na cidade; A Lebre – a menina usava um casaco de pele de coelho e trepava como um; Marty, de olhos grandes e esbugalhados nos fazia lembrar do comediante Marty Feldman; Peitão – nenhuma explicação necessária e, o onipresente, “Aquela periquita que você acha que comeu”. Eu tive um terno caso com uma *stripper* israelense que morava no Hotel Eidelweiss.[1] Garanto que ela não era nenhuma

Julie Andrews. Eu precisava ajudá-la a subir a escada estreita para seu quarto no sótão com seu "equipamento", que incluía uma escadinha com degraus acarpetados.

Depois houve a Renate (não é seu nome real), também conhecida como James Galway, pois, como o flautista, demonstrava possuir talentos maravilhosos, e exímio controle oral, ao segurar um instrumento. E também uma voz rouca e sexy demais: "Ele é como uma flauta comprida; ele, um saxofone; e ele – uma trompa! (Rapaz de sorte.)

"Ele? Apenas um flautim."

Sorrateiramente, consegui levá-la para meu apartamento na calada da noite, dizendo aos outros que não estava me sentindo bem e ia me deitar. A porta, porém, estava trancada. Imperturbável, e movido pelo desejo de desfrutar de uma sinfonia completa oferecida pelo naipe de sopros, estacionei a van sob a varanda e subimos no teto do veículo, de onde tentei empurrá-la para cima. Ela era *muito* bem equipada e quando montou no meu pescoço, esforçando-se para agarrar o parapeito da varanda, avistei uma velha adversária – a bruxa do outro lado da rua nos espiando, atônita, através das persianas.

– Toc-toc… Somos agentes da lei!

Não havia necessidade. Eu já fora punido. Uma visita ao médico e um curso intensivo sobre os melhores produtos farmacêuticos da Suíça resolveu a situação.

Existem muitos colégios exclusivos para garotas nessa região da Suíça, maiores de idade e vindas de todas as partes do globo. Uma menina do Oriente Médio, não inteiramente desprovida de atrativos e filha de algum árabe riquíssimo, traduziu a letra e deu a pronúncia correta para a canção de inspiração islâmica de Fred, "Mustapha".

– Me-está-pra-mijá – Estou prestes a estourar.

– Vocês estão tirando sarro da minha música, seu porra? De novo?

– Nós, Fred? Nunca!

Gravando

Um ano depois, o Queen comprou o estúdio Mountain, entretanto não aconteceram grandes mudanças. Eugene Chaplin, filho de Charles Chaplin – que vivera seus últimos anos numa esplêndida propriedade em Vevey – continuava trabalhando lá e nos convidou para passar o dia ao redor da piscina de sua bela residência. Embora a uma distância significativa, um apartamento, decorado no melhor estilo "crime e castigo" suíço foi anexado ao estúdio e o escritório do mesmo, do outro lado da rua do cassino, tinha, como todos os edifícios contemporâneos do país, o obrigatório abrigo antinuclear de concreto no porão. Naqueles *bunkers*, de portas seladas, ficava estocada uma determinada cota de comida e bebida, além de roupas de cama e provisões. Já o abrigo antinuclear do escritório costumava ter outra utilidade: servia para guardar vinhos e equipamentos de esqui.

Aileen, a gerente do estúdio, era natural de Montreux, uma garota atraente, de lábios carnudos, que falava um inglês excelente. Ela me disse que desejara aprender a língua desde pequena, ao ouvir os discos dos Beatles.

As fitas originais de 24 canais de um dos primeiros álbuns do Queen foram solicitadas dos cofres da EMI, em Londres: elas se faziam necessárias para resolver alguma pendenga em relação a um som em particular, ou como referência, ou para causar algum efeito ou, muito provavelmente, apenas para encerrar uma discussão. O material pedido chegou na data combinada, por uma portadora. Uma menina tímida apareceu no estúdio, já bem tarde, na companhia de Aileen. Todavia, mensageira novata, não tinha onde ficar naquela noite.

– Não se preocupe, vamos cuidar de você, querida – Crystal e eu nos oferecemos.

– Não. Tem um sofá-cama no escritório – interveio Aileen, toda protetora. – Ela pode dormir ali.

Colocamos a fita original para rodar imediatamente, e descobrimos que não era do álbum certo. Aliás, não era nem mesmo uma fita do Queen, e sim de Kate

Bush! E pensar que aqueles executivos das gravadoras em Londres ganhavam um dinheirão…

– Ei, isso aí não é neve do pico das montanhas, é o meu pó…

– Então tá… E quantas cervejas *sans* álcool você já tomou hoje?

– Não muitas, bem, talvez algumas, porque acho que acabei de ver Brian esquiando no lago…

Verdade. Sr. May, cujos dotes atléticos deixavam um pouco a desejar, dominara a arte de ser rebocado por um barco em alta velocidade, com dois pedaços de madeira (não tamancos!) atados nos pés. Fiquei bastante impressionado! Eu havia feito algumas tentativas e falhara miseravelmente – era danado de difícil.

Talvez tivesse achado mais fácil num lago em declive!

Au revoir la Suisse – Bonjour la belle France

Hora de ir embora. Foi uma longa viagem através da Itália até o estúdio Super Bear, no sul da França – especialmente tendo que aguentar Crystal e Geoff Workman, na maior ressaca, ao meu lado no banco da frente da van. À medida que descíamos as colinas e entrávamos em Nice, rumo ao nosso ponto de encontro na Promenade des Anglais, podíamos contemplar a esplêndida luminescência de Monte Carlo e Mônaco logo abaixo. Ao estacionarmos a van velha defronte do luxuoso Hotel Negresco, nos sentimos um pouco deslocados no meio dos Rolls-Royces, Ferraris e Bentleys. Davi, nosso contato do estúdio, nos informou que ainda tínhamos uma viagem de mais de uma hora pelas colinas de Berre-les-Alpes antes de chegarmos ao Super Bear. Como seria impossível manobrar o trailer de 12 metros, que levava o equipamento do Queen, pelas estradinhas sinuosas da montanha, tivemos que decidir o que seria imprescindível para finalizar a gravação. A bordo de uma van Citroën, bem grande por sinal, fizemos inúmeras corridas rápidas, para cima e para baixo,

enfrentando curvas fechadas sob o sol da Provença. Ao fim do dia, o equipamento necessário à gravação achava-se enfim instalado no seu devido lugar, montanha acima, e as caixas de transporte guardadas. Não demorou muito e Roy Thomas Baker deu um piti, alegando que o estúdio estava com um som muito "morto" e insistiu que os tapetes fossem tirados para revelar o chão de mármore "vivo". Assim, todo o equipamento precisou ser levado para fora de novo, onde havia pouco espaço e onde tudo era muito apertado. Para completar, o trabalho demorou uma eternidade. Para ajudar, começou a chover. Então – *então*, ele achou a sala *viva* demais. Tornamos a rearrumar o material. Produtores? O caralho…

Como o tempo estava se esgotando e a turnê nos EUA se aproximasse, a produção e o acréscimo de novos sons passaram a ser feito em três turnos – dia e noite.

Certa noite, fomos brindados com um evento astronômico especial, sobre o qual Roy e Brian sabiam tudo. A maioria de nós estava ansiosa para assisti-lo e o observamos através de um telescópio. Em seguida, desencadeou-se uma tremenda tempestade elétrica, que parecia interminável. Brian teve uma inspiração: com seu gravador portátil, gravou sons de trovões, relâmpagos e chuva para sua canção "Dead on Time".

Num turno da noite, enquanto Fred gravava o vocal principal, ele parou por alguns minutos para dedilhar o piano, à procura do tom que desejava. Enquanto aguardávamos na sala de controle, contei uma piada gay grosseira para Geoff, Roy e John – em cuja canção estávamos trabalhando.

De repente, uma voz aguda soou pelos alto-falantes do monitor:

– Qual é mesmo o final da piada, Ratty?

Sem que eu percebesse, Roy, propositadamente, mantivera o interfone ligado, e Fred escutara tudo pelos seus fones de ouvido. Agachei-me debaixo da mesa à espera de que o chão se abrisse e me engolisse, pensando: "Essa foi uma maneira nova de pedir minha demissão".

Todo mundo riu alto, Fred sorriu e fomos em frente.

Oh, a linha tênue que separa o humor do desemprego…

---

1 Eidelweiss, a flor símbolo da Áustria, é também o nome de uma das músicas do filme *A noviça rebelde*, estrelado por Julie Andrews e Christopher Plummer. (N. T.)

MUNIQUE

(Tenho nas minhas mãos um pedaço de papel – dentro de um envelope pequeno)

O ano iniciou-se com a gravação em Montreux e terminou com gravações em Munique, cidade que se revelou bem mais divertida que Montreux. Muito mais. Os suíços são neutros. Os alemães não. Tomar partido tende a tornar a vida mais interessante. München – o nome não me era estranho, mas onde ficava o lugar? Antes da turnê, eu nunca visitara a Alemanha ou, a propósito, qualquer outro país. Meu limitado conhecimento da Alemanha e de seu povo provinha da leitura de *Commando*, histórias em quadrinhos da minha época de criança, além de filmes de guerra, onde aprendi frases que seriam úteis em viagens:

"Achtung – Englischer Spitfire! Englander Schweinhund" e "A guerra acabou para você agora, Tommy!"

"Aha! Tome esse chumbo, Fritz!

"Buddaa-buddaa-buddaa…"

Quando, na minha infância, via meu pai, eletricista, bisbilhotando na parte detrás de nossa pequena TV em preto e branco, ele me dizia que estava limpando todos os índios baleados e mortos pelos cowboys. Então haveria montes de soldados alemães mortos lá dentro também? Foi diante dessa mesma TV, com a tela ampliada por uma lente colocada na sua frente, que os homens da família se reuniram em 20 de julho de 1966 para assistir ao maior triunfo esportivo da Inglaterra, quando vencemos a Alemanha Ocidental por 4×2 na final da Copa do Mundo.Toda essa informação só confirmava para uma mente jovem, sem nenhuma noção de ufanismo, que a Inglaterra tinha que ser uma nação superior.

No entanto, em vez de ser um país e um povo que me despertaria uma certa

desconfiança – com seus fuscas que faziam um barulho irritante, parecido com peidos (a enfermeira do bairro dirigia um e eu sempre desconfiava *muito* dela e de sua maleta preta) – ambos tornaram-se, para mim, muito queridos. Quando se passou a infância na Grã-Bretanha do pós-guerra, com parentes mais velhos que tomaram parte ativa no conflito, era fácil ser contaminado por atitude de persistente amargura. Amargo? Não, apenas "*ein Bier, bitte*".

AS COISAS QUE AS PESSOAS FAZEM

No fim da década de 1970 e nos anos 1980, quando em turnê pela Europa, as bandas de rock mais importantes costumavam se apresentar no Olympiahalee, ao lado do Estádio Olímpico de Munique. Todo mundo esperava, ansioso, os dias de folga em Munique, e não somente por causa das famosas cervejarias, onde se bebia *Stein* após *Stein* de cerveja espumante, comia-se *Bratwurst* e então caía-se de quatro e vomitava. Contudo, isso não era um problema, pois na maioria dos banheiros havia corrimões para guiá-lo e alças de metal para você segurar enquanto vomitava numa bacia grande. Depois lavava-se tudo facilmente com poderosos jatos de água. Muito eficiente, muito alemão.

Durante uma turnê do Queen, no rigoroso inverno de 1979, todos estávamos precisando de algum divertimento da pesada para escapar de nosso próprio "inverno do descontentamento".[1] Munique fora em nosso socorro e a banda ficara tão impressionada com a cidade que resolvera passar as últimas seis semanas do ano lá, gravando no estúdio Musicland. O ano havia começado com um governo trabalhista (impostos muito altos para pessoas com rendimentos elevados) e terminara com Maggie Thatcher (impostos menores para pessoas com rendimentos elevados), o que agradara ao Queen. Propriedade de Giorgio Moroder, produtor conhecido por seu trabalho com Donna Summer e outros artistas da *disco music*, o Musicland também acolheu os maiores artistas do rock, como os Stones, Led Zeppelin, The Electric Light Orchestra e Rory Gallagher (o guitarrista que Fred adorava – Taste, a banda de Gallagher no final da década de

1960, era uma de suas preferidas e uma grande influência).

O Queen não contava com produtor ou um engenheiro de som contratados para acompanhar as sessões, pois desejava que fossem experimentais e um pouco mais soltas do que as gravações nos estúdios anteriores, quando tendia-se para o padrão fixo de quatro canções de Fred, quatro de Brian, uma de Roger e uma de John, as quais seriam trabalhadas exaustivamente e aperfeiçoadas. Aquela fora a primeira vez que a banda entrara num estúdio sem nenhuma pressão de prazo, portanto, para as gravações de Munique, resolveram cuidar eles mesmos da produção e usar o engenheiro da casa – morador da cidade, por sinal –, um sujeito experiente chamado Mack, que nos últimos tempos trabalhara bastante no estúdio e ao vivo com o pessoal da Electric Light Orchestra. O Queen e Mack se deram bem de cara e este acabou assumindo a função de coprodutor. Mack, natural da Bavária, dono de uma calma eficiência, possuía um enorme senso de humor (ele conhecia e gostava de todos os episódios de *Fawlty Towers* – inclusive "daquele"[2]). O resultado dessas sessões culminou no sucesso fenomenal do álbum *The Game*.

Localizado no porão do imenso e inexpressivo Hotel Arabella, próximo ao elegante bairro de Schwabing, Musicland não causava grande impressão. A entrada, por uma porta preta de aço no piso térreo, conduzia a um lance de degraus acarpetados. O *bunker* Musicland era um lugar simples, nada luxuoso, porém as paredes recobertas de painéis de pinho barato criavam uma sensação acolhedora e familiar que, misturada à atmosfera da cidade, propiciou a elaboração de alguns dos melhores trabalhos do Queen. Havia uma pequena área de gravação, uma sala de controle adjacente, sala de estar e de jantar, uma oficina minúscula (que mais se assemelhava a um armário) destinada ao engenheiro de manutenção. Apelidado de "O Escritório", este era o lugar para telefonemas secretos, acordos secretos e todo tipo de outras coisas secretas. No corredor subterrâneo, perto da cozinha, ficava uma mesa de pingue-pongue. Ali, Fred trucidava qualquer desafiante com uma mão atrás das costas, ou com sua

mão esquerda “capenga”, quando realmente queria se exibir.

Outros tipos de entretenimento disponíveis para os exaustos eram as fitas de vídeo dos mais recentes sucessos da TV inglesa, como *Auf Wiedersehen, querido* (muito apropriado), os shows de Benny Hill e Kenny Everett, além, é claro, de *Top of the Pops* e outros programas musicais. Jogos de tabuleiro como Monopólio, Risco e xadrez, também costumavam ser populares. Fred, contudo, não se envolvia em nenhuma atividade que considerasse banal ou fútil, concentrando-se apenas naquilo que exercitava sua mente, ou exigia alguma habilidade ou conhecimento. Apaixonado por Scrabble, era muito bom no jogo. Desde pequeno, praticara-o com uma tia idosa. O tabuleiro de Scrabble o atraía feito um ímã e ele se intrometia no jogo dos outros, dando palpites ou sugerindo que começássemos uma nova rodada para incluí-lo. Qualquer que fosse o trabalho em que estivesse envolvido, abandonava-o – desperdiçando o tempo no estúdio que custava milhares de libras – para perseguir a fugidia palavra de sete letras. O vocábulo “laquear” o impressionou particularmente ao se encaixar na tábua. E a sugestão partira de mim!

Fred tinha o hábito de resolver as palavras cruzadas dos jornais ingleses, fazendo poses teatrais, com o punho cerrado erguido no ar, assim que solucionava as de nove letras – o que nunca demorava muito. Energizado e animado, desafiava, então, todo mundo para uma queda de braço. Sentado à mesa de jantar, enfrentaria quem se mostrasse disposto a encará-lo. Tive que deixá-lo ganhar, eu não iria deixar meu patrão passar vergonha, não é?

Durante esse período, tornei-me um entusiasta da fotografia e usei todas as minhas economias para realizar meu sonho de consumo: uma máquina Hasselblad de médio formato. Aquele belo projeto sueco de engenharia classicamente simples era o máximo! Eu treinava fotografando a banda e tinha também um adaptador moderno para tirar fotos Polaroid com o meu modelo CM 500. Fred mostrou-se intrigado. Ele adorava o processo instantâneo das câmeras Polaroid e na década de 1970 carregava a sua SX 70 para todo canto. Então Sr.

Mercury me mandou tirar fotos – com meu equipamento Polaroid *high-tech* – de seu mais novo adereço: o bigode! Fred o deixara crescer durante as sessões em Munique e, embora pudesse apreciar o resultado no espelho, desejava um registro em duas dimensões. Queria admirar impresso o que o mundo estava prestes a ver – e que se converteria em sua marca registrada nos anos 1980. Bati a foto e ele esperou entusiasmado a finalização do processo de revelação. Então arrancou a foto de minhas mãos e, referindo-se ao bigode, exclamou:

– Sim, eu adoro isso!

Devo dizer que, naquele momento, Sr. Mercury estava em minoria.

A GRANDE ESCAPADA

Durante as primeiras sessões "fuga-de-impostos" em Munique, regressei a Londres para uma breve estada, a fim de liberar da alfândega o restante do equipamento que chegara de navio do Japão. Terminada a função, e ansioso para retornar à Alemanha, recebi um telefonema.

– Ratty? – A voz estridente de alguém do escritório soou por demais amigável.

– Sim?

– Há algo mais para você levar para Munique.

– Que surpresa. E o que é? É pesado? Vou ter que passar a mercadoria pela alfândega?

– É, Freddie.

Fred, que também estivera em Londres por alguns dias, não tinha ninguém para acompanhá-lo na viagem de volta. Eu me importaria de fazê-lo? Fred nunca viajava sozinho; sempre havia alguém ao seu lado e se hospedando num quarto adjacente no hotel. Ele precisava de uma pessoa com quem conversar, ou para protegê-lo? Bem, viajar na primeira classe da British Airways não seria nada mau, assim, aceitei.

É óbvio que do ponto de vista prático não me restava escolha. Infelizmente, devido a uma greve em Heathrow, todos os voos se atrasaram muito. Fred começou a ficar ansioso, pois os dias em que poderia permanecer no Reino Unido sem estar sujeito a pagar o imposto de renda tinham se esgotado, de modo que precisava partir. Já.

Cumprindo meu dever, plantei-me no balcão da British Airways, no Terminal Um, até ter notícias positivas. Quando, enfim, nosso voo para Munique recebeu luz verde, telefonei para Fred e ele veio correndo de Kensington, pela M4, para se encontrar comigo. Era um dia ensolarado, em Londres e em Munique, e alguns cálices de champanhe durante o voo se mostraram bem-vindos. No aeroporto de Munique fomos recebidos por Peter, um cara da cidade que servia de motorista para Fred num Mercedes alugado. Com um sorriso no rosto, rumamos para nosso lar, o Hotel Hilton, na zona leste. Reinstalado em sua enorme suíte, Fred quis tomar banho antes de seguir para o Musicland. Liguei para o pessoal e anunciei que “o próprio” estava de volta e não tardaria a chegar ao estúdio.

Na banheira, Fred estava cantarolando, batucando e gritando nomes de acordes:

– Ré – sim, e Dó e Sol. Ratty, depressa, venha cá.

– Hum, você quer que eu entre aí, Fred? Não sei não.

– Não, não! Dê-me um violão! Agora!

Ele saiu do banheiro enrolado numa toalha, ainda pingando, e correu para a sala da suíte, onde lhe entreguei seu surrado violão acústico, que sempre ficava à mão no caso desses impulsos criativos. Por alguns instantes Fred dedilhou o instrumento – nunca o vi usar palheta, nem mesmo no palco. Percebendo a urgência do momento, ele insistiu que corrêssemos para o estúdio, onde mandou parar tudo o que estava em andamento. Então convocou a banda e contou, entusiasmado, de sua nova ideia, na qual começaram a trabalhar e a gravar imediatamente. A canção chamava-se “Crazy Little Thing Called Love”, um dos

singles de maior sucesso do Queen em todo o mundo.

Foi um privilégio ter estado lá com ele. Entretanto, por mais que eu o conhecesse, por mais que me sentisse aceito, por mais que tenha conquistado sua confiança e o cercado de cuidados, raramente me senti de fato à vontade perto dele. Durante um período de quase 20 anos, nós desfrutamos de grandes momentos sociais juntos, porém sempre havia algum tipo de tensão. Pura e simplesmente, Fred possuía uma aura. Sempre – quer no palco, diante de 130 mil pessoas, quer palitando os dentes à mesa do café, ou gemendo por causa da ressaca. Quando ele entrava num lugar, qualquer lugar, a gente sabia que estava na presença de alguém especial. Alguém único. Mágico.

Em Munique, muitas vezes testemunhei a maneira mágica como Fred evocava a inspiração. Quando à procura de uma palavra, um verso, um acorde, uma ideia, uma lembrança ou qualquer outra coisa que pudesse contribuir para seu trabalho, ele apoiava a cabeça entre as mãos, os dedos ligeiramente abertos. Então agitava os dedos de leve – como se estivessem vibrando. Caso se achasse sentado, colocava os cotovelos sobre a mesa e mantinha o olhar abaixado, o tempo inteiro com as mãos espalmadas e os dedos tremulando, como se fossem antenas sintonizadas com uma força invisível. Resmungava consigo mesmo e não demorava muito para encontrar o que estava procurando. Então levantava-se de um salto, batia palmas com um estrondo e em geral soltava um berro, “SIM!”.

Era algo extrordinário.

A despeito de estar constantemente na companhia do Queen, eu não era imune a me deixar impressionar pela fama. Conheci muitos astros do rock e celebridades, mas posso dizer que nenhum deles tinha a presença de Fred. E, na realidade, ele era uma pessoa muito reservada e tímida.

Alguns trocados

Nossas atividades em Munique necessitavam de financiamento, muito

financiamento. As contas do estúdio iam diretamente para o escritório do Queen em Londres, o Raincloud Productions. Todavia precisávamos de dinheiro vivo para bancar os gastos locais. O Queen usava o Banco Coutts – os banqueiros *daquela* outra Rainha, a do Reino Unido. Pouco antes de começarem as gravações em Munique, fui ao Coutts, em Knighsbridge, em frente à "lojinha" de esquina favorita de Fred, a Harrods, a fim de retirar dinheiro para as despesas. Eu tinha procuração como signatário para receber verbas previamente aprovadas pelos contadores ou por John Deacon, que supervisionava grande parte dos arranjos fiscais da banda. Estacionei a van Ford Transit próximo ao banco e saracoteei até à histórica instituição. Havia tanta gente tão importante entrando e saindo dali que me senti algo deslocado. Após dar meu nome a um distinto funcionário de fraque, este pegou minha identidade, a ficha com minha assinatura, e dirigiu-se aos fundos do estabelecimento, tal qual uma figura saída de um conto de Dickens. O sujeito reapareceu com maços de marcos alemães numa bandeja de prata, entregou-os a mim e perguntou se eu precisava de um envelope.

– Nãão, companheiro, vou enfiar tudo na minha bolsa – respondi, pondo-me a contar as notas.

Isso não pareceu causar boa impressão em Jeeves,[3] que tossiu algumas vezes. Presumi que não era de bom-tom ser tão vulgar a ponto de contar dinheiro no Coutts, mas continuei contando o equivalente a 40 mil libras esterlinas (um monte de dinheiro na década de 1980). Estava tudo lá.

Casa, comida e chateações

Nosso lar em Munique, o München Hilton, situava-se num ponto atraente, próximo ao Englischer Garten, com o rio Isar correndo ao lado – um bom alvo para os itens jogados de nossas varandas. Aquelas tampas redondas de alumínio, que cobrem os pratos servidos nos quartos para manter a comida quente, revelaram-se muito adequadas aerodinamicamente. Esse hotel quatro estrelas

costumava hospedar diversas bandas em turnês, porém nos tornamos verdadeiros residentes, e devo ter passado um ano de minha vida ali. Sempre ocupávamos os mesmos quartos e suítes, para nos sentirmos em casa. Fred e seu assistente pessoal, Phoebe, ficavam na vasta suíte presidencial no último andar, apelidada de SPP (Salão Presidencial de Pederastas), onde Sr. Mercury, como realeza, mantinha sua corte. Roger e seu assistente, Crystal, dividiam a segunda melhor suíte, conhecida como HH (Habitat Hetero).

Brian ocupava uma suíte duplex sozinho, enquanto John e eu sempre reservávamos os quartos nº 826 e 828, ou 828 e 830, com portas de conexão. Instalei um sistema de som e um pequeno televisor e videocassete para John, que com frequência distraía a gente. A gerência do hotel demonstrava bastante tolerância em relação ao nosso comportamento e ao fluxo constante de gente esquisita e convidados que passavam pela recepção a toda hora. Certa vez, entrando cambaleantes no hotel lá pelas cinco horas da manhã, descobrimos uma bola de futebol e nos pusemos a chutá-la no corredor, tentando recriar nosso triunfo da Copa do Mundo de 1966.

O gerente apareceu, esbaforido:

– Meus amigos, meus amigos, por favor, se vocês quiserem jogar *ze fussball*, por favor, joguem ali – ele apontou para o saguão.

Hein? Onde estava a lógica disso? Não eram os alemães famosos pela lógica?

– *Nein*, é melhor vocês jogarem aqui, porque quando jogam lá em cima acordam os outros hóspedes. Por favor, continuem.

Numa ocasião, alguns hóspedes descontentes reclamaram do barulho constante vindo de uma de nossas suítes. A gerência do hotel imediatamente recomendou que eles se hospedassem noutro lugar.

Tínhamos um acordo favorável com o hotel: deveríamos pagar a conta na íntegra, no momento do *check-out*, em dinheiro vivo: os marcos alemães que Jeeves me trouxera numa bandeja no Banco Coutts.

– Hum, isso é pouco embaraçoso, *herr* gerente. Eu não posso pagar a conta, não posso sequer pagar os extras. Gastamos todo o dinheiro por aí e com… coisas. Mas a banda vai pagar.

– Ah, muita diversão! *Ja*? *Kein* problema, *herr* Hince. Apenas traga dinheiro com você na próxima vez.

O gerente do hotel era um cara que, para se divertir, dirigia um ônibus de dois andares na pista de corridas Nürburgring. Competitivamente. Isso sim é muita diversão!

À medida que o hotel veio a conhecer nosso padrão de trabalho e diversão, passou a não enviar camareiras para arrumar nossos quartos até a noite, permitindo-nos, assim, dormir sem interrupção durante o dia. Certa vez, um delirante Paul Prenter afirmou que seu estoque de cocaína fora roubado por uma camareira e substituído por sal, e noutra oportunidade queixou-se de que outro lote tinha "estragado" e que precisara jogá-lo fora, ficando, portanto, sem nada. O fato não agradou Fred, que agora, quando o estoque estava zerado, queria dar uma cheirada. De qualquer modo, fora o dinheiro de Fred que pagara pelo pó. É verdade que as drogas podem alterar a mente… Pouco vimos do hotel no decorrer dos invernos rigorosos da Bavária, quando voltávamos para casa com o sol raiando e tornávamos a sair ao entardecer – e nem sequer folgávamos nos fins de semana. Em geral, no meio ou no final da tarde, antes de sairmos para o estúdio, tomávamos um típico café da manhã inglês.

Os músicos chegavam separados para a refeição e Fred ou aparecia arrastando os pés, ou saltitante. Quando surgia taciturno, emitindo apenas uns grunhidos, sabíamos que devíamos ficar quietos e lhe passar o molho Tabasco para seus ovos – para ajudá-lo a dar uma arrancada no seu dia. Quando o víamos entrar saltitante, então era tranquilo indagar como estava.

Às vezes ele me perguntava primeiro.

– E aí, alguém comeu você ontem à noite?

– Na realidade, eu comi alguém – eu respondia, sorrindo.

– Eu também! Eu também! – ele gargalhava.

Esqueça os ovos, ponham a vodca para fora. Se Fred podia lidar como isso, eu me imaginava capaz também.

Munique, turnê *Magic*, 1986. De volta ao Hilton. Hora da festa!

Na manhã do primeiro dia do show, sentia-me péssimo. Estava, então, com mais de 30 anos (só um pouquinho mais) e, para meu desapontamento, meu corpo já não se recuperava da mesma maneira. A aspirina e a chuveirada quente de nada adiantaram para me ajudar a acordar. Como último recurso, resolvi tomar um copo de Brausen Tabletten Vitamina C, uma bebida gasosa convenientemente colocada no frigobar do quarto. Quando cheguei ao saguão, meu estômago já castigado começou a ter sérios problemas com aquele líquido laranja gasoso. Ia acabar vomitando, mas onde? Enfiando-me no meio de uns arbustos perto da entrada, vomitei na jaqueta da turnê. Caramba! Ao retornar ao saguão para me sentar e relaxar, o porteiro abriu um largo sorriso:

– Sentindo-se melhor agora, *her* Hince?

Nunca mais voltei lá.

Já que estamos falando desse assunto, "nauseados em Munique"… Em 1984, os ensaios preliminares para a turnê *The Works* aconteceram no estúdio Arri Film, quando também começou a trabalhar o novo *roadie* de Roger. "Shag Nasty" (algo como "Encardido"), conforme o sujeito acabou conhecido, foi levado para desfrutar das delícias de Munique e parecia estar aguentando bem a prova inaugural, até Brian May lhe oferecer uma carona em seu Mercedes até o Hotel Hilton. Com Brian e Jobby na frente, Shag deitou-se no banco detrás e vomitou sobre todo o assento.

Dia seguinte:

Roger Taylor: "Shag, você andou afinando minha bateria?!"

Shag Nasty: "Oh, não, Rog! Sei quão minucioso e preciso você é ao lidar com seu equipamento e eu jamais sonharia em mudar suas configurações. Só dei uma apertadinha".

Demitido no fim da turnê.

UM POUCO DE ENTRETENIMENTO LEVE

Para quebrar o tédio das gravações, saíamos à noite. Primeiro rumávamos para o Café d'Accord em Schwabing, ou o Café München, na Leopold Strasse, onde o maître sempre se deliciava oferecendo-nos a especialidade da casa – uma garrafa grande de schnapps regional, contendo uma víbora seca. A víbora era colocada viva ali dentro e o frasco tampado. Enquanto o réptil morria, reagindo ao álcool tóxico, cuspia seu veneno (e provavelmente merda também) para o schnapps. Encantador! Segundo o folclore local, se você ingerisse um copo da bebida diariamente, viveria até os cem anos. De qualquer forma, mais do que a víbora.

Esse ritual funcionava como um prelúdio da nossa ida ao Sugar Shack, uma boate onde não se tocava música típica de discoteca. Era um estabelecimento bastante singular e em todos aqueles anos em que esbanjamos nosso tempo à noite, nunca encontramos nada que nos satisfizesse tanto quanto o Sugar Shack. Ocupando vários andares de um edifício antigo avarandado na Herzogspital Strasse, o lugar tinha, na melhor tradição dos grandes clubes noturnos, uma porta discreta encravada num nicho. Quando tocávamos a campainha, abria-se uma janelinha e um par de olhos anônimos varria a escuridão e nos espreitava, verificando se éramos dignos de entrar ali. Assim que a porta se abria, nós passávamos reto pela chapelaria, cumprimentávamos os porteiros e subíamos rapidamente a escada caracol, enfeitada com luzinhas, até a entrada da "arena" (os mais vaidosos de nosso grupo demoravam um pouco mais arrumando os cabelos diante das paredes espelhadas). No salão, predominava um clima sombrio, com uma iluminação sutil na área do *lounge* e do bar, e luzes mais brilhantes direcionadas para a pista de dança central. O som excelente, sempre alto, a música vigorosa e baseada no rock. O DJ Bernd não falava com ninguém. Limitava-se a tocar faixas seguidas de álbuns e alguns *singles*. Ele escolhia um

material ótimo, com montes de coisas desconhecidas e importadas. O Queen se inspirou muito no que ouviu ali.

O Sugar Shack era um lugar de alto-astral, que ficava aberto até as 4h da manhã (oficialmente), com som, atmosfera e bebidas incríveis. Elegemos como nossa preferida uma vodca russa, Moskovskaya, servida numa garrafa com rótulo verde. O que mais poderíamos desejar? MULHERES. Pois Munique não nos decepcionou, apresentando-nos algumas das garotas mais lindas, elegantes, chiques, simpáticas, divertidas, sexy e afáveis do mundo: a Chapeleira, a Pugilista, a Tucano, a Companhia Aérea Belga, a Tagarela, a Motoqueira, a Cinzeiro, a Secreta, Pernocas, a Periquita Harolda, Horace, Bridget Bardot, a Imensa, Adolf, a Presa, a Árvore, a Cabeleireira, Roy Orbison, Baby Baby, Orelhas de Mickey Mouse e a Supergarçonete. Um grupo misto de fêmeas, por assim dizer. Vigorava entre nós um sistema de pontos machista que concedia a vitória a quem comesse mais meninas. Seduzir uma garçonete do Sugar Shack valia cinco pontos, o máximo na nossa escala. Recentemente Brian falou do "profundo problema emocional" de todos nós em Munique. E ele tem razão. Eu não estava em nenhum relacionamento permanente naquela época, ainda que o desejasse. E cheguei bem perto disso em Munique – algumas vezes.

Um dos caras que trabalhava no clube – vou chamá-lo Otto – era alto, magro, duro na queda, o tipo que vestia sempre a obrigatória calça de couro, camisa de seda aberta no peito e medalhão de ouro. Um grande sujeito com um passado obscuro, porém capaz de fazer qualquer coisa para você, apesar do hábito de respirar no seu ouvido enquanto berrava – para se fazer ouvir acima do barulho reinante: "Mas escute, estou lhe dizendo, estou lhe dizendo!". Otto passara algum tempo na prisão, embora ninguém nunca lhe perguntasse por que, ou como conseguira as cicatrizes espalhadas pelo corpo, pouco visíveis na penumbra da boate. Raramente havia qualquer confusão no Sugar Shack. Costumávamos descer a escada, no fundo do salão, até seu escritório para beber ou consumir alguma substância ilícita importada. Então ele nos informava: "Esta

aqui é boa, você ingere e não sente tanto, até que a coisa nos pega de mansinho… He… he… he!”. Em geral, ele estava coberto de razão.

Um dos principais motivos de o Queen gostar tanto daquela casa noturna era porque ninguém os assediava atrás de autógrafos, ou os encarava, ou os apontava, ou os fazia sentir desconfortáveis com seu *status*. Ali os tratavam bem, porém com discrição. Fred costumava aparecer depois, visto que os clubes de cavalheiros que gostava de frequentar fechavam mais cedo. Então, “família e amigos” saíam juntos e trôpegos pelos fundos, para enfrentar a luz do amanhecer. Ao voltar para o hotel, percorríamos as ruas de mão única da cidade no piloto-automático, entretanto, numa madrugada de inverno, quando eu dirigia o Volvo do John, derrapamos no gelo que cobria a rampa de saída rumo ao Hilton. Sem o controle do veículo pesado, batemos em alguns carros estacionados em ambos lados da rua até parar. “Não nos mate, Ratty”, lembro-me de escutar John dizer. Não os matei e, por sorte, saímos ilesos. Quando descemos e estávamos avaliando os danos, tivemos que pular rapidamente para o passeio porque outro carro vinha desgovernado na nossa direção, deslizando na fina camada de gelo. A mesma cena se repetiu com outros veículos, inclusive com o BMW de Brian, guiado por seu *roadie* Jobby. Como o sólido carro sueco de John ainda se achasse em condições de trafegar, continuamos até o hotel, onde nos reunimos na suíte de Fred para tomar uma bebida reconfortante. Havendo visto o Volvo danificado, Roger e Crystal entraram assustados, ansiosos para saber o que havia ocorrido. Então se vangloriaram, informando-nos que também tinham enfrentado a camada fina de gelo na pista, mas graças à combinação de motorista excepcional com a tração nas quatro rodas do Range Rover, a magnificente ala da bateria salvara o dia!

Ao inspecionar os estragos à fria luz da manhã, notei que faltava uma das calotas do Volvo. Expliquei a John que, como tínhamos, efetivamente, “fugido da cena do acidente”, seria melhor tentar encontrá-la. Despachado o Volvo para a oficina, voltamos ao local, protegidos pelo manto da escuridão e pelo anonimato

de um carro alugado. Após estacionarmos a uma distância discreta, vasculhamos toda a área gelada, rindo como colegiais. Não demoramos a achar a calota e, ainda rindo como se houvéssemos estado roubando maçãs no pomar do vizinho, corremos para o carro e partimos. Imagino que a calota esteja até hoje no fundo do rio Isar.

Relações exteriores

Cuidado com presentes de grego, e rancores. Também tomem cuidado com modelos casadas com gregos loucos – e um deles em especial. Após ligações perigosas e tomado pela luxúria, por pouco um dos membros de nossa equipe de apoio não acabou metido numa tragédia grega. Certa noite, a modelo de pernas torneadíssimas apareceu numa suíte do Hilton, onde dávamos uma festa. Ela estava coberta de hematomas, resultado da surra que o marido lhe aplicara. O sujeito, aliás, não parecia disposto a parar por ali, tendo depois confrontado o amante da esposa no Sugar Shack. Otto interviera e quando o grego fora embora, nos dissera: “Eu o conheço, tenham cuidado. O homem é louco, anda sempre com uma faca. Ele não voltará mais aqui. Deixem pra lá. Deixem pra lá”.

Com a saída para Londres marcada para o dia seguinte bem cedo, tivemos que enfrentar uma noite assustadora, com Zorba tramando sua vingança violenta enquanto vandalizava automóveis caros. Conseguimos sair em segurança e nosso colega evitou virar um kebab grego.

Quanto a mim, envolvi-me num triângulo amoroso. O namorado da moça – um DJ enraivecido – ficou à espreita na porta do Hilton e viu aquela com quem morava entrar no hotel e sair muitas horas depois. Por ironia do destino, a outra garota com quem eu estava saindo era secretária no escritório desse mesmo DJ. E os dois descobriram tudo.

Uma das meninas que eu conhecia me apresentou a Tomi, um desertor russo, traficante de drogas. Como ele desertara, nunca perguntei, mas suspeitei de que estivesse envolvido com os militares; a arma – de uso restrito do exército – em

seu apartamento era um bom indício. Merda! Não gosto de armas. O que eu estava fazendo ali? Sou um *roadie*. Não me meto nesse tipo de absurdo!

O desertor morava numa quitinete no térreo de um prédio perto da Leopold Strasse. Encontrei-o sentado no meio da cama, apenas de cueca (na realidade, sempre que fui visitá-lo só o vi vestido assim), os longos cabelos encaracolados soltos e desgrenhados e, a julgar por seus olhos, imaginei que não houvesse dormido na véspera, ou até mesmo na antevéspera. Teria sido este um dos melhores soldados do Exército Vermelho? Na sala, rodeando-o, havia pequenos viveiros de vidro com bichos de aparência assustadora: lagartos, camaleões e répteis não identificáveis – e os viveiros não tinham tampa! Ignorando minhas preocupações, Tomi me convidou para acompanhá-lo numa "degustação". Apanhou então uma das cartas de baralho esparramadas sobre a cama, esmagou um montículo de cocaína e o dividiu em três carreiras sobre a capa desbotada de um LP. Depois de nós três cheirarmos, e a droga fazer efeito, peguei um maço de notas – 100 marcos alemães – e o troquei por uma caixinha preta e seu conteúdo, conforme o combinado ao telefone.

Tornei a visitá-lo várias vezes e foi sempre uma experiência intrigante. Deparei com pessoas imóveis, de olhar fixo e que nunca emitiam um único som, escutei batidas em código à porta no meio da noite, testemunhei trocas furtivas de envelopes por sacolas e mensagens cifradas ao telefone. Um dia, quando meu estoque zerou, liguei para Tomi. Alguém atendeu e disse que ele não estava. Identifiquei-me e indaguei quando poderia encontrá-lo.

– Tomi está de férias – foi a resposta.

– Então ele regressará em breve? – insisti.

– Não. Ele tirou umas férias muito longas.

Aha! A ficha caiu e sofri um pequeno ataque de pânico. Desliguei depressa. Presumi então que Tomi estivesse instalado agora numa outra residência de um único cômodo, mas como jamais se expunha ao ar livre, não iria notar a diferença. Até resolver dar uma olhada em redor… e perceber que estava na

cadeia.

LA DOLCE VITA

Em 1984, enquanto estava em Munique gravando *The Works*, o Queen enfim aceitou o convite que recebia todo ano para abrir o Festival de San Remo, na Itália. Aquele verdadeiro fenômeno nacional, o programa de maior audiência da TV italiana, era uma vitrine para artistas pop que dublavam a própria canção perante os jurados. Os astros internacionais convidados também dublavam suas músicas. Apesar de muito popular na Itália, o Queen nunca tocara lá, pois durante a década de 1970 e início de 1980 não raro aconteciam boicotes, motins, sabotagens, roubos, sendo inclusive bastante provável que o artista acabasse não sendo pago. Com a situação política do país estabilizada, a banda planejou shows para a turnê seguinte e, do ponto de vista de relações públicas, fazia sentido passar uns dias na Riviera, desfrutando da *dolce vita*.

Numa manhã de inverno bem cedo, ainda com os olhos pesados de sono, saí do Hilton com Paul Prenter. Pegamos um avião para Gênova onde, depois de nos encontrarmos com os representantes da gravadora italiana da banda, fomos visitar San Remo e avaliar o teatro. O lado técnico era minha responsabilidade: montagem do palco, instalação de luzes extras, plataformas para bateria etc. Paul se encarregaria das discussões referentes a acomodações em hotel, transporte, imprensa, entrevistas e assim por diante. Como convidado, o Queen abriria o festival nas duas noites e, como de hábito, estava ansioso para causar uma impressão poderosa. Nós não havíamos recebido nenhuma orientação, simplesmente concluímos que o que quer que fosse feito teria que ser o melhor – e “grandioso”. Na companhia de nossos contatos, como convém em se tratando da Itália, tivemos um almoço bem decente.

Depois de visitarmos o local, ficou combinado que alugaríamos algumas luzes adicionais, uma plataforma para elevar a bateria e uma bateria Ludwig, de uma empresa em Milão. Portanto, traríamos da Inglaterra somente as guitarras

de Brian, os baixos de John, o microfone com haste de Fred, além de uma pele, com o atual logotipo do Queen, para a frente do bumbo. Tudo resolvido, seguimos de carro para Milão. Antes, porém, de partir para Londres, Paul pediu que alguns estimulantes fossem disponibilizados para a nossa estada em San Remo. Sem problemas.

Este escriba (otário que sou) iria voar para Milão antes do show com um monte de libras para fechar o negócio, certificar-se de que tudo estava certo com o equipamento e então dirigir até San Remo, no sul.

Ao chegar ao aeroporto Linate, de Milão, de onde sairia meu voo para Munique, eu me perguntava se todos aqueles carrinhos Fiat deveriam realmente ser guiados em áreas urbanas como se fossem Ferraris. Após ser revistado por seguranças portando metralhadoras, submetido a um interrogatório e ter declarado o valor de todo o dinheiro alemão que trazia comigo, por fim me deixaram passar e comprar meus duzentos cigarros na *duty free*. No meu cartão de embarque Alitalia, apareceu "Mônaco" como sendo meu destino.

– Então onde fica o portão de embarque para Munique, *signora*?

Uma mão de unhas benfeitas apontou para o portão "Mônaco".

– Não, meu amor – Munique – na Alemanha – compreende?

Um indiferente dar de ombros italiano. Coletaram meu cartão de embarque e me vi sendo empurrado para a porta e o ônibus que nos aguardava para nos levar até a pista. Sentindo-me quase à beira do pânico, procurei indícios do nosso destino. "Munique, München – Alemanha?…" Subi a escada do avião. Como não sabia para onde estava indo, perguntei à aeromoça:

– Esse avião vai para Munique?

– *Si*, sim, vai para Mônaco – Munique.

– Ah, entendi. Ele para em Mônaco no caminho.

– Não, senhor, este é um voo direto. Munique e Mônaco são o mesmo lugar.

Mônaco revelou-se a palavra italiana para Munique. Muito confuso esse negócio de língua estrangeira.

O voo sobre os Alpes foi ruim. Muito ruim. Entretanto, nem as garrafas e sacolas caindo os impediram de servir a refeição. Sei o quanto a comida é importante para os italianos, porém quão reconfortante pode ser um lanchezinho envolto em plástico num voo onde os relâmpagos nos permitem enxergar as asas da aeronave balançando loucamente?

Contando com a banda, dezoito pessoas formavam a comitiva que viajou de Londres para a Itália para uma estada de quatro ou cinco dias. Talvez gente demais para um programa de TV no qual quatro músicos dublariam as próprias canções. Mas, caramba, era o Queen – grande banda – primeira vez na Itália – querendo impressionar. Parti para Milão com antecedência, com os poucos milhares de libras sacados no Banco Coutts para "pequenas despesas", além do baixo de John, o microfone com haste de Fred – despachado com a bagagem – e um par de peles frágeis para o bumbo, com o logotipo do Queen, que eu levaria a bordo. Por precaução, resolvi adicionar algumas peles extras, de tamanhos diferentes, no caso de os italianos errarem as dimensões do bumbo. O que aconteceu.

Eu havia requisitado um assento junto à janela e, ao entrar no jato da Alitalia, perguntei onde seria seguro colocar as peles do bumbo. Pelo visto, não tinha lugar nenhum. Meu assento já se encontrava ocupado por uma mulher italiana imensa, vestida de preto, com um terço grudado nos dedos e um bigode que rivalizava com o de Fred. Ela se recusou a arredar pé dali – em qualquer idioma. Expliquei meu dilema com as peles e argumentei que, sentado à janela, poderia guardá-las rentes ao assento.

– Impossível. Elas devem viajar com a carga – disse a aeromoça.

Tentei de novo, desta vez usando o nome de San Remo.

– San Remo?

– Sim – *gruppo* – música: Queen.

Palavras mágicas. "Mamma Itália", com seu bigode e axilas correspondentes foram despachados para a parte detrás do avião. Minha própria sogra é italiana,

porém, felizmente, em nada parecida com aquela.

Chegando a Milão, retirei a bagagem, pesei minhas opções e caminhei para a fila de “nada a declarar”. Fui parado bruscamente e solicitado a abrir o estojo do baixo e o restante da bagagem. Os funcionários da alfândega esfregavam as mãos e me olhavam como se dissessem: “Você está nos gozando? Com essa cara de muambeiro e tentando passar pela fila de “nada a declarar”?

Saquei das palavras mágicas:

– San Remo. Queen.

– *Ah, si, la musica bella*. Sem problemas. *Benvenuto a Italia!*

Feliz por ter evitado um novo confronto aduaneiro, saí lépido com meu carrinho para o saguão de desembarque, onde fui recebido pelo estiloso contato de nossa gravadora local, o mesmo da reunião anterior. (O sujeito envergava Armani, eu vestia o refugo do Exército e Marinha britânicos.) Como já nos tínhamos encontrado anteriormente, ele pensou que isso lhe conferia o direito de me beijar. Com certeza eu não ia compactuar com um absurdo desses! Entendo que os italianos sejam pessoas ardentes, mas não foram eles que inventaram o homossexualismo? Ou talvez tenham sido os gregos? Enfim, como disse, acabei me casando e entrei para uma família italiana, tendo, habitualmente, que beijar homens, mulheres e bigodes…

Espremidos dentro de uma daquelas caixas de metal automotivas fabricadas em Turim, nos dirigimos a Milão. Foi-me assegurado de que tudo estava “magnífico” e que um encontro já fora marcado para adquirirmos a “mercadoria” de que a comitiva necessitava. Esplêndido. Hora de tomar um *vino*? Não?

– Você quer trocar dólares, ou libras agora?

– Não – retruquei orgulhoso. – Não é preciso. Já tenho tudo em libras.

– Você está louco? É ilegal importar ou exportar libras acima de um determinado montante. (Naquela época, cerca de 200 libras).

– Passei sem problemas pela alfândega. E, pensando bem, eles não viram o

dinheiro.

– Você é muito sortudo, *signore*. Os fiscais teriam confiscado o dinheiro e, sem dúvida, você teria sido multado e provavelmente preso.

Oh-oh-oh! Mamma mia!

Aquela fora por pouco. Em seguida me apresentaram a uma terceira pessoa, que me falou quantos milhões de libras deveriam ser desembolsados pela mercadoria.

– Ok, está tudo aqui. Podemos ir.

– Peter, é melhor você não participar do encontro.

– Desculpe, amigo, não vou entregar maços de dinheiro a ninguém sem poder verificar, pessoalmente, o que estou recebendo em troca.

Então me explicaram, *muito às claras*, quem eram os sujeitos com a mercadoria: ternos escuros… Sicília… algo desagradável deixado na sua cama (algo desagradável estava prestes a ser deixado na minha calça).

– Neste caso, vou permanecer aqui com um cappuccino. Tem alguma coisa em inglês para eu ler?

Havendo, pouquíssimo tempo atrás, evitado uma prisão italiana, decidi pular fora da reunião com a máfia. Nosso enviado regressou com pedras enormes, pareciam pedaços de mármore italiano. Descamamos um pouco e experimentamos. Não houve a menor necessidade de pedir o dinheiro de volta. Com a cabeça a mil poderíamos facilmente ter corrido a pé até San Remo.

Quando enfim cheguei ao meu destino, já à noite, Paul Prenter ainda estava acordado, me esperando, ou melhor, esperando pela branquinha. Ele pegou tudo de mim, colocou sobre o piso de madeira e, com um cinzeiro de vidro do hotel, pôs-se a martelar as pedras. O cinzeiro se espatifou enquanto lascas de cocaína voavam para todos os lados do quarto. De quatro no chão, Paul tentava, desesperadamente, recuperar cada partícula. Às vezes a cocaína é uma droga muito asquerosa.

No dia seguinte, a comitiva da banda chegou e o Festival se transformou

numa grande festa.

Transferiram-me dos meus aposentos no Hotel Royal para um quartinho minúsculo no anexo do hotel, pois uma pessoa “de fora” do grupo, sendo considerada mais importante do que eu, TINHA que ter um quarto no alojamento principal. A partir deste momento, comecei a refletir sobre o quanto eu era apreciado e valorizado, e se queria continuar fazendo aquele trabalho por mais tempo.

Blondie, um amigo nosso de Munique, também foi se encontrar conosco, na qualidade de representante oficial das roupas esportivas Puma. Ele levou de presente para Fred um colete vermelho e justo, feito a mão, com um puma branco bordado na altura do coração, e ficou encantado quando Fred o usou no palco, diante de uma audiência de milhões de telespectadores.

Então, praticamente não existia nenhum patrocínio, ou marketing. O Queen acabava ganhando montes de roupas esportivas da Puma, Nike e Adidas, e às vezes as vestia, ou não. Era uma época muito diferente.

Outros artistas ingleses também se apresentaram em San Remo, incluindo Paul Young e Culture Club. Fiquei surpreso com o tamanho de Boy George. Em geral, os artistas e as bandas são filmados debaixo para cima, um ângulo que faz as pessoas parecerem maiores e mais corpulentas. Muitos astros do rock e vocalistas são, na realidade, baixinhos e magrelos. O “Boy” não, o homem se assemelhava a uma rocha.

Considerou-se o show em San Remo um enorme sucesso para o Queen, o que não me surpreendeu. A popularidade da banda na Itália devia-se, sobretudo, à “Bohemian Rhapsody”. Existem muitas teorias sobre o sentido dessa canção, mas eu sei a verdade. Em diversas ocasiões perguntei a Fred: “E então, a ‘Bo Rhap’ é sobre o quê?”.

Ele cortava o assunto: “Oh, você sabe, querido… é sobre isso e aquilo”.

Desvendando o mistério…

Na realidade, a música fala sobre a Itália e sobre a influência da magnificente

cultura desse país sobre Fred. Basta pensar nas palavras da letra: "*Mamma mia*" – vocábulos italianos, claro. *Galileo*, *Figaro*, *Magnifico*? Tudo italiano. *Scaramouche* – uma cobertura de pizza de Nápoles. *Fandango* – um piloto de Fórmula 1 da Ferrari, *Bismilah* – um designer de moda de Milão. E *Belzebu* era um atacante do Juventus. O sentimento puro dessa miniópera se resume ao seguinte: "Às vezes eu queria nunca ter ido a Roma".

Agora você sabe.

VOLTAR AO TRABALHO – TALVEZ

Enquanto isso, em Munique, a gravação continuou (um pouco) e a disciplina afrouxou. O estúdio não estava sendo usado, digamos, a pleno vapor, e também servia de café, sala de bate-papo, ponto de encontro, sala de jantar, área de lazer, suíte para assistir vídeos e, ocasionalmente, um lugar para gravar músicas. Uma vez que as bases foram gravadas, os quatro membros da banda quase não eram vistos juntos. Eles apareciam para cuidar das próprias canções, para colaborações, para tocar em outras músicas, ou apenas para comer e se reunir com o pessoal. Não raro, voavam até Munique, trabalhavam um pouco e retornavam a Londres.

Numa ocasião, quando não estávamos gastando um absurdo para usar o Musicland esporadicamente, surgiu a necessidade de algumas horas de trabalho no estúdio, além da intervenção do produtor Mack. "I Want to Break Free" fora escolhida para ser lançada após o sucesso de "Radio Ga Ga", e coube a John supervisionar e produzir a versão LP, de 12 polegadas. Porém, descobrimos que o Musicland já havia sido reservado para outro artista. Voei para Munique com John e, neste ínterim, Mack encontrou outro estúdio profissional – o Union, na Allescher Strasse. A mixagem, com sua introdução de sintetizador subindo lentamente, tornara-se tão popularizada, que o *single* de 7 polegadas foi retirado para ser relançado com a nova mixagem.

Quando John e eu, além do resto do Queen, estávamos de volta a Munique,

na Musicland, para continuar a gravação definitiva do *The Works*, novamente nos instalamos no Hotel Hilton.

Quarto 828. Uma batida à porta.

– Quem é? – São quase 5h da manhã e estou acompanhado!

– Ratty, é John.

– Sim, John?

– Estou cheio disso. Vou cair fora.

– Vai regressar a Londres?

– Não.

– Você está… deixando a banda?

– Não. Vou para Bali amanhã. Isto é, hoje. Porém preciso de dinheiro.

(*Você* precisa de dinheiro?)

– Certo… bem, você é o patrão, o dinheiro é seu, e está guardado numa maleta. Podemos pegá-lo quando o estúdio abrir. Bali? Ok, bem, ouvi dizer que é muito legal. Quando você volta?

– Não sei. Ligo para você. Eu preciso de um tempo. Ok, vou fazer o *check-out*. Vamos colocar minha bagagem no seu quarto. E é melhor você contar ao resto da banda. Por favor.

– Você é o chefe…

Mais tarde, naquele dia, anunciei:

– Fred, John foi para Bali.

Eis a deixa para Mr.Mercury pular sobre a mesa de jantar e cantar “Bali High”, do musical *South Pacific*, no seu melhor estilo grandioso-operístico.

Além de dar a notícia de sumiços de membros da banda, minha rotina diária incluía visitar a banca de jornais do Hotel Arabella e comprar o que restasse dos jornais ingleses, despachados para a Alemanha diariamente de avião. Como só chegassem à hora do almoço, tratava-se de um arranjo conveniente para nós, pois nunca saíamos da cama antes. Eu também comprava uma variedade enorme

de revistas internacionais para a banda folhear, e todas as publicações de música, em qualquer idioma.

Fred descobriu uma foto sua, num show ao vivo, estampada na página dupla de uma revista e passou a exibi-la no estúdio. Ele e os outros não raro criticavam as imagens de outras bandas.

– Caras, olhem só o Sting! *Ela* está posando sem camisa de novo!

Fred sempre queria que lessem seu horóscopo (Virgem) no jornal para ele, e às vezes pedia que lessem outros signos também (provavelmente o de pessoas que lhe eram próximas, ou de alguém em quem estivesse interessado na época). Li o horóscopo de John, para tentar descobrir quando este voltaria de Bali… John acabou me ligando, uma semana depois, pedindo-me para reservar-lhe um quarto no Hilton e perguntando se eu poderia buscá-lo no aeroporto de Munique. Ele apareceu com a pele descascando e descamando, devido a sérias queimaduras de sol. No mesmo instante o apelidamos de Snakeman (Homem-Cobra).

Fred ou ficava muito animado com as previsões do horóscopo, ou as rejeitava feito lixo. Então pedia vodca. Não *uma* dose, apenas vodca.

Todo mundo bebia vodca, que, aparentemente, é uma bebida "limpa" e, se for de boa qualidade, menos agressiva ao sistema digestivo – pelo menos é o que dizem. Toda a banda consumia a vodca com tônica e os *roadies* com suco de laranja. Éramos mais jovens e nossos fígados aguentavam melhor – a maior parte do tempo. Brian também gostava de vodca, embora tivesse dificuldade para ser pontual após uma noite na balada. Ele não fumava, jamais usava drogas e mantinha uma dieta saudável, portanto, fazia esforço para se cuidar.

Toda a equipe de apoio fumava, além de Roger. Fred e John, outrora não fumantes, haviam desenvolvido o hábito na década de 1980. Em seguida Roger, depois de várias tentativas, por fim conseguiu abandonar o cigarro. Nunca achei que fumar combinasse com Fred. Havia, na época, um elemento *cool*, de macheza, ligado aos cigarros. Fred, contudo, não metia o cigarro no canto da

boca, como James Dean, nem o mordia como Clint Eastwood. Tampouco o erguia no ar e o deixava arder, a exemplo de Marlene Dietrich e outras estrelas de Hollywood. Não, tenho que admitir que Fred fumava como uma colegial, tragando bem de leve e com urgência, nunca o deixando na boca muito tempo e o segurando com a ponta dos dedos. Evidentemente ele jamais comprava seu próprio maço, de modo que estava sempre filando cigarros de todo mundo.

Munique, sua gente e seus lugares, nos inspiraram a todos e, em particular, uma canção de Brian, “Dragon Attack” (*The Game*, 1980).

Composta por Brian May, inspirada por Munique.

Leve-me de volta para a Sugar Shack, quando quiser.

---

1 A mídia inglesa referia-se àquele inverno de 1979 nestes termos por motivos políticos. (N. T.)

2 *Fawlty Towers* é uma *sitcom* britânica produzida pela BBC, lançada em 1975. No sexto episódio da série, denominado *Os alemães*, havia a frase “Não mencione a guerra” que tornou-se um bordão. (N. T.)

3 Referência ao personagem de mesmo nome, criado em 1915, dos contos e romances de P. G. Wodehouse. Jeeves, o mordomo do aristocrata Bertie Wooster, virou sinônimo do serviçal perfeito. (N. T.)

LONDRES

(Lar doce lar – isto é, não mais que um dia em seis, para efeitos fiscais)

A CAMA DE FRED

De Munique para Kensington – via West Ham. Fred estava sempre comprando coisas por impulso, e em geral coisas caras. Em 1980, durante as gravações em Munique, sr. Mercury adquiriu móveis para quarto *art déco*, estilo que apreciava muito. O mobiliário, conchas estilizadas em tons pastéis rosa e pêssego, deveria ser transportado para a Inglaterra junto com o equipamento de estúdio do Queen. Resultado: coube a mim organizar a papelada para exportar a mercadoria e acompanhá-la pelos diversos países pelos quais porventura passasse. Uma verdadeira dor de cabeça, pois significava misturar os equipamentos da banda, que constavam num guia de importação temporária de bens, com os troços de Fred sendo exportados da Alemanha para a Inglaterra e, ainda por cima, cruzando outros países. Merda de papelada… necessária, porém chata. As dificuldades foram agravadas pelo fato de a viagem acontecer num fim de semana, quando alguns serviços alfandegários não estavam disponíveis em todos os postos de fronteiras. A rota de volta para casa costumava obedecer ao tradicional itinerário: Frankfurt, Colônia, Bélgica – entrando por Aachen. Então passávamos às pressas por Bruxelas e seguíamos para Ostend, onde aguardávamos a balsa para Dover. Entretanto, naquela ocasião, não pudemos fazer esse trajeto e tivemos que acertar um caminho mais tortuoso através da Holanda. Mais uma maldita dor de cabeça!

Assim, não me restou outra escolha senão viajar no caminhão, deixando

meus colegas aguardando a hora de voar para casa na classe executiva ao entardecer.

Queria que vocês estivessem aqui!

Quando, exaustos, Gerry, o motorista, e eu nos aproximávamos da fronteira Alemanha-Holanda, pedi-lhe que encostasse em qualquer lugar onde eu pudesse achar um telefone. Precisava ligar para o agente da transportadora local, que iria nos encontrar na fronteira. Avistei um bar, pulei da boleia do caminhão e corri para o outro lado da estrada deserta. Naquele fim de tarde de verão, o bar pouco iluminado estava vazio, a não ser pelas três ou quatro garotas razoavelmente atraentes. Com meu alemão meia-boca, indaguei se poderia usar o telefone e expliquei que pagaria a chamada. Enquanto completava a ligação, a menina do bar gesticulou para mim: Você quer beber algo? Com meus olhos mais acostumados à penumbra, reparei no mobiliário recoberto de veludo vermelho e nos enfeites dourados. A ficha caiu: aquilo devia ser um bordel e eu um cliente em potencial. Ao telefone, o agente me mandou seguir direto para a fronteira, a poucos minutos dali, onde nos encontraríamos. De modo que me desculpei pelo incômodo, paguei pelo telefonema e, com uma pontinha de pesar, subi outra vez na boleia.

Atravessamos a Holanda, entramos na Bélgica e chegamos ao porto de Ostend já noite fechada. Tínhamos perdido a última balsa. Palavras como “leal”, “burro” e “mal pago” vieram-me à mente enquanto eu tentava dormir encolhido no banco do passageiro do caminhão estacionado no cais, à espera da primeira balsa da manhã. Minha boca tinha gosto de latrina e um banho logo seria desesperadamente necessário.

Chegando a Londres, com as costas e o orgulho feridos, largamos tudo no depósito do Queen, na Transportadora Edwin Shirley, no West Ham, e fui para casa de metrô, ainda vestido com a mesma roupa de dois dias atrás.

Entrei no apartamento e não tardei a receber uma ligação do escritório do Queen:

– Os móveis de Fred chegaram? Estão ok?

Após eu confirmar que tudo estava bem, explicaram-me que Fred queria seus móveis entregues imediatamente. E muito obrigado!

Entretanto, havia um problema: eu não teria acesso à van da banda porque esta estava em manutenção. Mas isso não era desculpa, “a cama de Fred DEVE ser entregue já”, insistiu Paul Prenter.

Quase me arrastando, atravessei metade de Londres até a Transportadora Edwin Shirley. Eles concordaram em me emprestar uma van VW. Quando Jobby e eu chegamos à casa de Fred, nos mandaram pôr tudo no apartamento de Mary, no fim da rua.

Nessas alturas, após dois dias de viagem, sem conseguir dormir direito, sentia-me tão completamente acabado que mal me mantinha acordado. Como os móveis estavam sendo levados para a casa de Mary pelo motorista de Fred e alguns outros homens, expliquei a Jobby que iria estacionar a van na esquina, porque estávamos parados em fila dupla. Anoitecia e, para me distrair, comecei a brincar com os controles do carro, ligando e desligando as luzes para ver como funcionavam. Acendi um cigarro e me recostei no banco para descansar, quando, de súbito, um cara de aparência sisuda bateu no vidro da janela. Fitei-o com ar incrédulo, tão grande era o meu cansaço. O sujeito mostrou-me seu crachá de policial e abaixei a janela.

– Este veículo é seu, senhor?

– NÃO.

– O que o senhor está fazendo aqui?

– ESTOU ESPERANDO ALGUÉM.

– Qual é seu nome e endereço?

Enquanto eu dizia meu nome e fornecia o endereço da Queen Productions, mais daqueles sujeitos à paisana e de aspecto ameaçador se juntaram ao redor da van. Pelo rádio, os policiais confirmaram o registro do veículo e checaram se eu tinha ficha criminal. Então mandaram-me sair do carro e entregar as chaves.

Protestei veementemente, dizendo não gostar do jeito que estava sendo tratado. TUM! Fui empurrado com força contra a van, o barulho surdo refletindo a depressão que meu corpo criara na lataria. Uma voz muito próxima, e muito alta, anunciou: “Isso pode ser fácil ou difícil”, portanto, o que eu iria preferir? “Fácil” pareceu-me bom. Abri a porta traseira da van para que dessem uma olhada. Exceto por uns pedaços de papelão, não havia nada ali, porém um dos caras entrou e vasculhou o recinto, enquanto outro checava a frente do veículo. Naquele momento Jobby chegou. Indagaram-no se me conhecia e se poderia confirmar meu nome e endereço. Jobby lhes deu meu endereço de casa!

Pronto! Agora eu estava atolado na merda por ter fornecido informações falsas. No entanto, após algumas conversas urgentes pelo rádio, os policiais perderam o interesse em nós e desapareceram tão depressa quanto haviam surgido. Descobri que eram agentes da Divisão Especial e como o cerco à embaixada iraniana em Kensington – situada a uns dois minutos dali – acontecera recentemente, eles estavam à procura de qualquer coisa fora do comum na área. Ficar piscando as luzes da van numa rua perto da embaixada bombardeada lhes parecera incomum o suficiente para justificar uma verificação.

ONDE É O LAR...?

A despeito de ter sido incomodado pelos serviços de segurança, foi bom retornar a Londres, onde as pessoas falavam inglês direito e podíamos entender o que passava na TV também. Londres era nosso lar, ou pelo menos o lugar onde todos nós vivíamos entre as turnês e sessões de gravação. Mesmo quando não estava na estrada, a banda raramente descansava; ocupava-se compondo, concedendo entrevistas, participando de sessões de fotos, debatendo questões, planejando, organizando etc. Eu permanecia sempre de plantão para realizar tarefas domésticas e profissionais: correr atrás de aparelhos musicais e equipamentos eletrônicos novos, levar lixo do jardim para a rua, entregar objetos de decoração – de excelente bom gosto – nas casas de Fred ou de Roger; todo

tipo de coisas, modernas e antigas, para o lar de Brian e tudo, inclusive pia de banheiro e móveis franceses de quarto, para a residência de John. Sobravam para mim até os consertos do telefone de Fred e de seu sistema hi-fi ancião.

– Ele não é maravilhoso? – Fred se desmancharia aos ouvidos de Mary Austin.

Mary era maravilhosa também; uma dama encantadora de se ter por perto. Na verdade, todas as esposas, namoradas e parceiros do Queen, incluindo David Minns, Joe Fanelli e Jim Hutton, sempre foram muito cordiais com a equipe de apoio. Eles apreciavam uma boa bebida e uma boa risada como a maioria de nós e encontravam tempo para um bate-papo e algumas brincadeiras onde quer que estivessem no mundo.

Em 1976, após a turnê *Night at the Opera*, a banda finalmente tinha ganhado um pouco de dinheiro e se mudado dos apartamentos alugados para a terra da hipoteca e da casa própria. Fred comprou um magnífico apartamento duplex em Stafford Terrace, em Kensington, a poucos minutos de carro de seu antigo apartamento em Holland Road. Quanto a mim, fui convidado para fazer a mudança de suas "bugigangas". Uma honra.

No caminho para a casa de Fred, a polícia me parou (algo que me aconteceria com frequência através dos anos) perto do famoso Rainbow Theatre, na Seven Sisters Road, por estar dirigindo numa pista de ônibus e, portanto, cometendo uma infração. O fato de ter cabelos compridos e aparência desleixada só confirmava minha culpa.

A lei regulamentando os corredores de ônibus era nova e, apesar de violá-la não ser crime passível de detenção, ou de suspensão, havia uma multa pesada (para a época, 1976), de 10 libras.

Devido à eficiência da polícia, cheguei um pouco atrasado ao apartamento de Fred, desculpei-me com Mary e nos pusemos a zanzar entre o velho e o novo "*chez* Mercury", enquanto Mary se ocupava com a administração das contas, serviços etc. Fred estava nalgum outro lugar, gastando sua recém-conquistada

riqueza com coisas lindas e *artigos* para decorar a nova morada “mercurial”.

Na mudança, transportei um item importante: uma pequena caixa azul de ferramentas, arrumadíssima. Porém os apetrechos pertenciam a Mary, visto ser ela a única capaz de trocar uma tomada, ou um fusível! Terminado o serviço, Mary me abordou e, discretamente, me entregou um pouco de dinheiro, dizendo: “Obrigada por sua ajuda, e aqui está algo para pagar a multa. Mas não conte nada a Fred”.

Se havia uma certeza ao visitar Fred era tomar uma xícara de chá, sempre Earl Grey e nunca de saquinhos. Sem dúvida era muita sofisticação para um *roadie* acostumado com uma “caneca de uma infusão qualquer”. Rapidamente, passei a apreciar o sabor e o aroma da bergamota perfumada (ao contrário de Crystal, que o descrevia como “mijo fragrante”). O chá vinha servido em xícaras de porcelana – com pires! No entanto, jamais a mão mercurial o preparou. A tarefa sempre coube a Mary, Joe, Phoebe ou quem quer que estivesse mais perto da cozinha.

Transporte

Dirigir uma van Transit pela cidade na década de 1970, com um ou dois *roadies* a tiracolo, nos fazia sentir como Regan e Carter em *The Sweeney*,[1] confiantes e irreverentes em relação à autoridade. Simplesmente estávamos executando nosso trabalho. Fim de papo.

Podia ser divertido conduzir uma van pelas ruas de Londres, porém não era muito útil para atrair garotas. Na realidade, um fato nada surpreendente, considerando o estado repugnante dos veículos das bandas. A parte da frente vivia sempre cheia de maços velhos de cigarros, embalagens de chocolate, pedaços de papel, sacos de batatas fritas, tiras de celofane etc., e o cinzeiro transbordava de bitucas. O painel, coberto por uma grossa camada de graxa e sujeira, tornava a possibilidade de incêndio algo concreto, um fato comprovado nos meus primeiros dias na estrada com Phil e Richie, quando trabalhávamos

para Mott The Hoople. Parados num engarrafamento, na frente de um caminhão de três toneladas, no meio de uma rodovia, tendo comido nossa dieta-padrão de *roadies* – tudo frito com feijão, e mais uma porção extra de feijão ao lado – Phil assumiu o volante. Enquanto descansava, Richie começou a soltar gases em profusão. Achando aquilo muito engraçado, resolveu incendiar os peidos. Assim, escorregou um pouco no banco do passageiro e apoiou os pés sobre o painel. Em seguida, acendeu um fósforo, segurou-o perto da bunda coberta pela calça jeans, e soltou um longuíssimo e fedido peido. O jato de metano causou uma chama substancial que incendiou o celofane, e as chamas rapidamente se espalharam pelo painel inteiro e seu conteúdo. Em pânico, Phil conduziu a van para o acostamento enquanto batíamos as mãos em tudo ao nosso redor tentando apagar o fogo. Passamos o resto da viagem com as janelas abertas para nos livrar do mau cheiro dos puns e do painel de plástico queimado.

Outro caso envolvendo vans e funções corporais aconteceu quando eu trafegava pelo centro movimentado de Londres. De repente, minha bexiga começou a reclamar sem cessar. Após consultar-me numa clínica especializada recentemente, o médico me receitara alguns comprimidos para tratar de uma "infecção urinária" recorrente. A medicação, porém, tinha um efeito colateral: de tempos em tempos, todo o sistema urinário era "enxaguado" – conclusão: eu estava explodindo de vontade de mijar! Preso no trânsito pesado e quebrando a cabeça para lembrar a localização do banheiro público mais próximo, percebi que não ia aguentar segurar a urina. Estacionei com duas rodas, ilegalmente, sobre a calçada numa via principal e abri a porta traseira da van onde havia uma pilha de multas de estacionamento irregular ainda metidas em seus sacos plásticos à prova de intempéries. Agachado, e enquanto o trânsito fluía ao meu redor, consegui encher alguns sacos e ainda fechá-los direitinho. Mais tarde, no mesmo dia, os sacos foram despachados da janela da van num alvo apropriado.

O Queen sempre passava o Natal em casa e uma das utilidades da van consistia em retirar da residência de Fred, e entregar nas casas do pessoal da

equipe de apoio, um engradado de bebidas variadas que ele gentilmente nos mandava. Um cartão costumava acompanhar o presente. O meu preferido era um rosa fluorescente, que Fred fizera com uma foto sua em preto e branco que saíra na capa da revista *Vogue*. Dentro, estava impresso: “Desejo a você um Feliz Natal e um Feliz Ano-Novo, de sua orgulhosa, beiçuda, vaidosa e posuda puta velha”. Então ele acrescentava uma mensagem pessoal, escrita à mão. Isso não tem preço.

TRAJES EXECUTIVOS E BABACAS

O *roadie* é a antítese do homem de negócios bem-vestido, então qual é a razão da moda – no início da década de 1970 – que nos fez carregar pastas pretas?

O que a gente poderia colocar nelas? Bem, os *roadies* do alto escalão até são desculpados, pois levavam consigo folhas de despesas, recibos, cadernetas, itinerários, passagens etc. Porém, para os outros, a pasta não passava de um acessório pretensioso onde guardar cigarros e sanduíches. As pastas nunca permaneciam pretas por muito tempo, sendo rapidamente enfeitadas com adesivos e etiquetas que iam daqueles promocionais das lojas de música até passes de palco de algum lugar legal. À medida que a carreira de um *roadie* florescia, esse mosaico engrossava, com os rótulos mais cotados exibidos na parte superior.

Assim, o adesivo fininho de um hotel em Bruxelas era substituído por um passe de palco “transado” de um show em Los Angeles, ou um excêntrico QUEEN – JAPÃO. TURNÊ 79. Essas pastas costumavam ser exibidas pela cidade, em especial subindo e descendo pela Tottenham Court Road, Shaftesbury Avenue ou Denmark Street, onde se concentrava a maioria das lojas voltadas para os profissionais da música.

Eu sempre carregava minha pasta para as “reuniões” no escritório do contador, às quais comparecia vestido da maneira habitual, jeans e camiseta.

Entretanto, nunca punha uma jaqueta da turnê do Queen. Envergar uma jaqueta de cetim bordada na cidade costumava ser visto como um embuste. Quanto a usá-las em turnês não havia problema, pois poderia ajudar a comer mulheres. Ser interessante por associação com pessoas mais interessantes ainda era ser interessante. O contador do Queen no Reino Unido, Keith Moore, pertencia à classe alta e também se considerava interessante por associação. Homem alto e forte, com óculos enormes "*a la* Michael Caine", atendia vários clientes do meio musical no seu espaçoso escritório, vizinho ao Hotel Hilton, em Kensington. Apesar de bem-educado, tinha pouca elegância ou bom gosto e, como tantos naquela época – que gravitavam ao redor do mundo do rock'n'roll – acabou seduzido pelo glamour desse estilo de vida. Certa vez, surgiu no Madison Square Garden, em Nova York, metido num terno branco brilhante – e o sujeito de terno branco parecia muito mais engraçado que as comédias Ealing.[2] Na festa de aniversário de 30 anos de Fred, no restaurante Country Cousins, na King's Road, em Chelsea, Keith sentou-se ao meu lado e de Crystal. Ele estava acompanhado de uma mulher a quem claramente queria impressionar, mostrando quão legal se julgava ser.

Minha formação foi essencialmente da classe trabalhadora; contadores, advogados e banqueiros nunca transitaram no meu universo pois se achavam acima de mim, devido ao inerente sistema de classes vigente. Então, eu acreditava que, de alguma forma, eles eram mesmo superiores a mim. Minha opinião atual é bem diferente.

A podridão naquela empresa de contabilidade começou a emergir quando descobri que um de seus funcionários havia me enganado sobre um apartamento que eu estava comprando, fazendo-me perder tanto o dinheiro quanto o imóvel antes de desaparecer a bordo de um carro esporte, que não lhe pertencia porque não o pagara, para nunca mais ser visto. Para piorar, o cara nem sequer era contador formado, apenas um ladrão que também roubara coisas do seu local de trabalho. E, ainda mais grave, o sujeito tinha forjado duas assinaturas do Queen,

em cheques da firma, e desviado o dinheiro para os próprios bolsos. Gradualmente, a banda retirou todos os seus negócios daquela empresa e, em seguida, adotou um sistema diferente para cuidar de suas finanças, inclusive contratando os serviços de um respeitável escritório de contabilidade da cidade. Ao conferir minhas anotações no livro de despesas, Peter Chant, o novo contador, comentou:

– Tudo parece muito benfeito, mas o que significa S & C para dinheiro pago?

– Oh, isso? Suborno e corrupção.

Ele riu, antes de me recomendar:

– Ok, mas, por favor, tente conseguir recibos assinados quando puder, e não pelo Sr. Miguel Mouse, ou P. Into.

O que aconteceu com Keith Moore? O ex-contador do Queen acabou cumprindo pena por roubar cerca de 6 milhões de libras do baixista quase escocês Sting.

De fato, conheci Sting numa festa da empresa de Keith Moore, em 1977. Fui apresentado a ele por Andy Summers, um excelente guitarrista de estúdio que eu conhecera em turnês anteriores. Estávamos então na era punk, e Andy – ostentando cabelos tingidos de loiro – me contou que os dois tinham formado uma nova banda, The Police. “Eles nunca vão chegar a lugar nenhum”, falei com Crystal ao retornarmos à van. Em minha defesa, devo dizer que ainda não os tinha ouvido tocar. Aliás, durante a turnê do Mott, em 1973, eu fizera o mesmo prognóstico a respeito do Queen e já *os* tinha escutado tocar inúmeras vezes. Uma carreira numa gravadora, no departamento responsável pela identificação de potenciais artistas e repertório, não era uma opção para mim.

Astros pop

John, Brian e Roger gostavam de ver as outras bandas que tocavam em Londres. Fred nunca ia a shows de rock, preferindo assistir a balés ou óperas. Ou

então ficava em casa, feliz da vida, diante da TV.

Na companhia de John, fui ver Bruce Springsteen em sua turnê de 1980, *The River*. O show, na arena Wembley revelou-se sensacional. Terminada a apresentação, nos dirigimos à área do bar nos bastidores e bebemos com o pessoal da imprensa e grande parte do mundinho da música de Londres, ansiosos para passar algum tempo com Bruce. Pouco depois, o empresário de Bruce se aproximou e perguntou a John se ele gostaria de dizer um "oi" ao artista.

"Claro, eu adoraria."

Levaram-nos até uma das muitas salas no corredor dos bastidores. O lugar estava vazio, exceto por algumas cadeiras e uma mesa de massagem. No ar, pairava o cheiro de loção de massagem. Serviram-nos cerveja e disseram-nos que "o Chefe" viria logo. Bruce chegou sozinho e nós três conversamos um tempão, tomando cerveja. Lá fora, o mundo da música de Londres em peso clamava para vê-lo. Ele era um cara realmente legal, e comentou que costumava viajar com um massagista para ajudá-lo a manter o corpo tonificado e preparado para enfrentar sua agenda pesada. Parecia existir um respeito profissional mútuo entre Bruce e o Queen, pois a Roger, que assistira ao show na véspera, também foram concedidas as mesmas gentilezas.

Pouco mais de um ano depois, eu estava no Sunset Marquis, um hotel silencioso e pacato em Los Angeles, quando, ao passar pela recepção, vi o sr. Springsteen entrando. Ele me notou e caminhou direto ao meu encontro, apertou minha mão, falou como era bom me rever e perguntou pela banda. Fiquei pasmo!

Bruce Springsteen conhece milhares de pessoas, mas lembrara-se de mim, um humilde *roadie* que estivera na companhia de um baixista famoso. Com certeza um homem de quilate superior.

CONFORTOS DO LAR

Roger tinha casas em Londres, porém sua residência preferida ficava no campo, em Mill Hanger, (apelidada de “Coat Hanger” – Cabide) no condado de Surrey. A propriedade refletia todo o estilo de vida de um astro do rock: piscina, pista de kart, máquinas de fliperama, mesa de sinuca, bar e *jukebox*. Um de seus vizinhos era Rick Parfitt, do Status Quo, que construíra um pequeno estúdio anexo à sua casa. Como Rick, Rog e John combinaram uma *jam session*, coube a mim levar John e suas guitarras no esplendor de uma van Ford Transit. Rick tinha seus Porches estacionados defronte da casa e os chamava de seus “brinquedos gigantes Tonka”.[3] Depois de gravarem algumas ideias na fita, Rick sugeriu que rumássemos para o *pub*, a fim de nos refrescarmos. Fomos a pé, atravessando campos cultivados e pequenas trilhas. Um disco de ouro do Status Quo reluzia como peça decorativa principal do bar. Rick, frequentador habitual do local, apresentou Rog e John ao dono do estabelecimento e murmurou: “Está vendo esses dois caras aqui? Eles são quase tão famosos quanto eu”.

Mais tarde, quando levava John de volta para Londres na van, fomos detidos por um policial que estivera escondido nas sombras do restaurante Little Chef. John, que bebera um pouco, ficou nervoso, porém eu – ao volante e completamente sóbrio – disse-lhe não haver motivo para se preocupar. Além do mais, eu estava acostumado a ser parado por autoridades e sabia lidar com elas. O policial, incomodado com cheiro forte do que supunha ser drogas, vasculhou os cinzeiros da van. Na realidade, o odor de borracha queimada provinha do aquecedor meio defeituoso do veículo. E o policial não nos revistou…

Garden Lodge, a magnífica casa de Fred em Kensington, era testemunha de seu excelente bom gosto. O lugar estava repleto de antiguidades e peças de arte maravilhosas, distribuídas em harmonia com suas “quinquilharias”, objetos pessoais e fotografias. Contudo, a despeito da grandeza, sentia-se ali um ambiente acolhedor. Não havia exposto, em Garden Lodge, nenhum indício óbvio do trabalho de Fred. Todas as centenas de álbuns de platina, ouro e prata, além dos prêmios, placas e estatuetas tinham sido mantidos discretamente longe

da vista.

Numa parede da cozinha, jazia uma tela de uma pintura a óleo, moderna e facilmente esquecível, que Fred adquirira durante uma turnê na América do Sul. Como o quadro era imenso, sugeri despachá-lo para a Inglaterra amarrado na tampa da caixa do piano Steinway. Fred gostou da ideia, pois assim sua nova peça de arte chegaria depressa em casa. “Mas e aqueles homens da alfândega?”

– Não se preocupe, Fred. Se perguntarem, direi que um fã lhe deu de presente. Duvido que eles vão pensar que você seria capaz de pagar por essa coisa.

Minha insolência mereceu uma carranca de Fred.

Quando visitei Brian em sua casa, numa área tranquila às margens do rio Tâmisa, ele me ofereceu a costumeira xícara de chá. Sentado na sala, reparei numa prateleira semicircular, bem no meio de uma das paredes. Perguntei se ele pretendia colocar ali alguma peça nova de decoração, ou algum prêmio recém-conquistado. Não, a prateleira e a pequena almofada de veludo laranja estavam reservadas para Squeaky, seu gato malhado. Brian me explicava isso enquanto equilibrava o chá e biscoitos numa gaveta do armário da cozinha! Como sua casa, aparentemente, estava em reforma, ele não conseguira encontrar uma bandeja. Afinal, é difícil para um cientista e guitarrista ser modelo de dono de casa.

John vivia de forma mais modesta e, sendo o mais anônimo da banda, conseguira preservar um certo grau de privacidade, exatamente o que desejava para sua família. No entanto, ao se mudar para uma casa vitoriana imensa, a fim de melhor acomodar seu clã crescente, lembro-me de brincar com ele, falando que a residência mais parecia algo saído do tabuleiro de Detetive. A gente sempre descolava uma boa xícara de chá na casa de John.

HOMENS VESTINDO COLLANTS

Um dos serviços mais incomuns que fiz para o Queen, ou melhor, para o próprio Fred, foi quando este se apresentou com o Royal Ballet num show beneficente no Coliseu de Londres, no final de 1979. O círculo de amigos de Fred incluía Wayne Sleep e Wayne Eagling, ambos bailarinos clássicos muito respeitados, e Fred estava empolgado com a oportunidade surgida. Entretanto, como era de esperar, ele só aceitaria o convite se pudesse ensaiar até alcançar a absoluta perfeição. Fui convocado porque a participação de Fred acarretava algumas dificuldades: ele cantaria "Bohemian Rhapsody" deitado de costas e sendo carregado no alto por bailarinos que deslizariam pelo palco.

– Mas como nós podemos fazer isso, Ratty?

– *Nós*, Fred?

– Você sabe, você sabe, o microfone, a haste e tudo aquilo… vai atrapalhar, não vai?

– Sim.

– E então?

– Não se preocupe, Fred, podemos arrumar um microfone sem fio para você.

– Ah, sim, muito bom.

Aluguei um microfone sem fio que, nos idos de 1979, era um aparelho, no mínimo, temperamental. Localizei o melhor sistema disponível e em seguida conversei com o técnico de som do Coliseu para me certificar de que não havia nenhum "ponto morto" e que eles tampouco tinham tido problemas com *wireless* no teatro. Tudo parecia funcionar bem. No estúdio Townhouse uma fita foi especialmente mixada para ser utilizada durante o movimento operístico de "Bo Rhap". Fred, então, cantaria ao vivo em cima do restante da música de fundo gravada. Os ensaios correram tranquilos e todo mundo parecia de bom humor no Coliseu no domingo à noite.

Tenho certeza de que Fred estava nervoso, e eu cagava de medo. Não importa quão boa seja a tecnologia de um equipamento musical, sempre é necessário ter um de reserva. Só que, naquele caso, não contávamos com

nenhum equipamento reserva disponível e eu não estaria no palco para resolver quaisquer eventuais problemas. Durante a apresentação, permaneceria no fundo da plateia, à mesa de mixagem, encarregado da tarefa de misturar a voz de Fred com a orquestra ao vivo e de soltar a fita no momento crucial.

Oh, merda, ele me mataria se algo desse errado. Como eu me deixara arrastar para aquilo? Estupidez ou lealdade? Minha maior dor de cabeça foi constatar que a mesa de mixagem ficava atrás de paredes de vidro, e só se ouvia o som através dos pequenos alto-falantes do monitor. Não, não era rock'n'roll. Eu precisava escutar o som ao vivo. O engenheiro de som do teatro dividia a cabine comigo e reparei que ele trocara de roupa – vestia agora um elegante smoking de veludo preto com lapelas de cetim – e fumava cigarros metidos numa piteira longa, no estilo "Noel Coward".

Não, definitivamente não era rock'n'roll.

Antes de Fred iniciar sua performance, eu já havia fumado pelo menos metade de um maço de Benson e, assim que ele começou a cantar, corri para fora da cabine para ouvi-lo ao vivo. Achei o som bom, embora um pouco baixo se comparado ao que estávamos acostumados. Depois de ser ovacionado pelo público por sua interpretação de "Bohemian Rhapsody", ele incendiou a plateia em roupas de gala com uma versão do recém-lançado "Crazy Little Thing Called Love".

No fim do concerto, fui aos bastidores pegar o microfone. Sentia-me satisfeito, mas principalmente aliviado pelo trabalho de Fred ter sido um sucesso.

O camarim dele transbordava de flores, champanhe e "pessoinhas lindinhas" do meio teatral. Com alguma dificuldade, consegui abrir espaço para recuperar o esquecido (e tremendamente caro) microfone, largado sobre uma mesinha lateral. Embora eu quisesse me aproximar e me certificar de que ele estava bem, não tive chance. Fred se encontrava em seu elemento preferido, cercado de admiradores disputando sua atenção. Assim, não me deu um "oi", nem me

agradeceu. E tampouco me convidou para a festa pós-show, no clube Legends, em Mayfair.

Ah, bem, esse era meu trabalho.

Fred gostava de inúmeras casas noturnas não gays de Londres das décadas de 1970 e 1980. Além da Legends, costumava frequentar The Embassy, em Bond Street, Maunkberry, na Jermyn Street e Xenon, em Piccadilly, onde, em 5 de setembro de 1984, comemorou seu aniversário de 38 anos depois de um show do Queen na arena Wembley. Antes da festa, ainda em Wembley, ele tinha reservado um camarim extra, onde reuniu vários de seus ex-amantes convidados e os deixou sozinhos para que se entendessem… Ah, o velho Sr. Mercury travesso.

O dia de seu aniversário, porém, acabou estragado por uma matéria num tabloide com detalhes de sua vida particular. As histórias tinham sido ventiladas por um ex-empregado seu. Era uma pena que alguns dos que trabalharam para ele se aproveitassem de sua generosidade.

FAZENDO FILMES (LUZES, CÂMERAS, FRICÇÃO)

Devido ao declínio da indústria cinematográfica britânica na década de 1970, os estúdios de cinema nos arredores de Londres estavam sendo usados para abrigar outras formas da cultura moderna de entretenimento – em especial bandas de rock. Ao olhar para trás, vejo como estar presente quando o Queen gravou o clipe embrionário de “Bohemian Rhapsody” no estúdio Elstree Film, no norte de Londres, foi emocionante, assim como circular pelos outros estúdios de cinema em geral. Na época, o Queen iniciava uma relação com um novo empresário, John Reid, que também trabalhava com Elton John, Kiki Dee e Kevin Ayers. Nos estúdios Elstree, a banda e Elton John dividiam um depósito, onde guardavam seus equipamentos, arranjo que não durou muito depois que o diretor Stanley Kubrick requisitou a área para ser usada como a cozinha em seu filme *O Iluminado*.

Pode ter sido coincidência, mas certa vez me pediram, com bastante firmeza, para tirar minha van Transit da vaga do sr. Kubrick.

“Aqui está Ratty!”

Muitos cenários de *O Iluminado*, *Guerra nas Estrelas*, *Super-Homem* e outros grandes filmes da época estavam no Elstree. Coisas incríveis.

Depois de sermos despachados de nosso depósito em Elstree, transferimos a crescente coleção de equipamentos de som e palco do Queen para o estúdio Shepperton Film, em Middlesex, no oeste de Londres, onde alugamos um armazém do The Who e sua empresa, a ML Executives. Paul McCartney e Stanley Kubrick compraram ações do Elstree e The Who investiu no Shepperton.

Estava se tornando comum as bandas ensaiarem em estúdios de cinema, já que os prédios dispunham de todo o espaço e instalações de produção necessários para abrigar um grande show de turnê. Era uma experiência surreal ver roqueiros cabeludos comendo na cantina ao lado de “alienígenas” e outros atores e extras em seus figurinos. Pinewood foi um estúdio especial para ensaiar, pois ali estavam os cenários gigantescos dos filmes de James Bond. Creio que todos nós gostávamos de pensar que havia um pouco do 007 no nosso estilo de vida alternativa – com licença para agitar.

Embora o clipe de “Bohemian Rhapsody” fosse considerado uma peça embrionária de promoção na nova era do negócio da música, o Queen não levava todos os seus vídeos a sério. O clipe se convertera numa necessidade, e também, ocasionalmente numa inconveniência. Depois de “Bohemian Rhapsody”, filmamos o vídeo seguinte em Ridge Farm, no condado de Surrey, durante os ensaios do álbum *A Day at the Races*. Bruce Gowers, que dirigira “Bo Rhap”, assumiu mais uma vez a direção dos trabalhos. Filmamos “You’re My Best Friend” no celeiro onde estávamos ensaiando e, naquele verão escaldante de 1976, precisávamos deixar todas as portas abertas, devido à falta de ventilação. Talvez não tenha sido boa ideia incluir centenas de velas para criar a “ambientação”. As pessoas literalmente desmaiavam por causa do calor e da

fumaça e, entre as tomadas, todo mundo fugia de lá. A melhor música (na minha opinião) do álbum *A Day at the Races* foi a soberba e ainda hoje excepcional "Somebody to Love". Esse clipe marcava a volta de um Queen criativo e inovador, utilizando imagens filmadas no estúdio Wessex, em Highbury, no decorrer da gravação do álbum, e incluindo cenas filmadas ao vivo durante o show ao ar livre no Hyde Park, no verão de 1976.

Duas exceções à regra de gravar clipes apenas em shows ao vivo, ou em estúdios, foram "We Will Rock You"e "Spread Your Wings", ambas canções filmadas nos jardins da recém-adquirida propriedade de Roger. Como o imóvel, tecnicamente, ainda não lhe pertencia, pois as chaves não lhe haviam sido entregues, os vendedores nos permitiram usar os jardins, porém não a casa. E, se não me falha a memória, tampouco os banheiros…

Uma espessa camada de neve cobria o chão, estava úmido e muito frio. Incomodado, Fred se refugiava em seu Rolls-Royce, convenientemente estacionado perto da garagem, e aquecia-se com doses de conhaque entre as tomadas. Embora ele quisesse um par de luvas, não encontramos nenhum disponível, nem sinal do encarregado do figurino. Assim, de brincadeira, ofereci-lhe minhas "luvas de *roadie* para carregar caminhão". Essas luvas – de couro bege macio, com um cordão para ajustá-las nos pulsos e usadas por caubóis americanos nos rodeios – eram consideradas sinônimo de um *roadie* estiloso da época. Nós as comprávamos em paradas de caminhão nos EUA e as prendíamos, com um clipe, no cinto da calça jeans, junto com o molho de chaves e outras tralhas. As minhas estavam imundas, os dedos reforçados com fita adesiva e meu nome "RATTY" escrito, com pincel atômico preto e letras maiúsculas, em cada mão, para não haver dúvida sobre a quem pertenciam. Muito agradecido, Fred aceitou minha oferta e as usou no clipe.

The Game tornou-se o álbum de maior sucesso do Queen nos EUA, com dois *singles* ocupando o primeiro lugar nas paradas. Filmamos o clipe do primeiro *single*, "Crazy Little Thing Called Love", num pequeno estúdio de TV na Dean

Street, Soho, em Londres, nos intervalos das sessões de gravação no estúdio de Munique, onde a banda finalizava o álbum. Arlene Phillips, do grupo de dança Hot Gossip, se encarregou da coreografia. Esse evento marcou a volta do Queen aos vídeos "temáticos" e a canção – no estilo dos anos 1950 – trazia os membros da banda metidos em jaquetas de couro, e havia uma motocicleta como adereço. Tudo funcionou muito bem e, mais uma vez, o Queen mudou sua imagem e estava na vanguarda. Todos eles agora, exceto Brian, usavam cabelos curtos, com cortes caretas – que fariam a alegria de qualquer mãe. Brian tocava a nova Fender Telecaster preta que eu lhe arranjara e, quando colocava seus óculos escuros tipo máscara, parecia um inseto gigante. Entre as tomadas do clipe, quando o cabeleireiro estava passando pomada nos cabelos de Fred, este pôs-se a gritar: "Que desperdício!", e o estúdio veio abaixo com as risadas.

Havia duas dançarinas de corpos muito bonitos e roupas provocantes: coletes e shortinhos de cetim pretos e justos, meias finas pretas, suspensórios pretos e sapatos de salto alto pretos. Uma loura e uma ruiva. Oh, céus! É informação demais?

Os dois dançarinos do grupo, embora ágeis, aparentemente não tinham nenhum interesse real nas garotas. No fim das filmagens, o diretor queria fazer uma tomada de fileiras de mãos batendo palmas juntas, para usar no momento em que a canção mencionava "aplausos". De modo que foram abertos buracos, em linhas simétricas, na passarela onde Fred e os bailarinos estavam se apresentando e os "voluntários" se encaixaram no espaço apertado. Em seguida, os painéis laterais foram recolocados. Na hora H, pares de mãos surgiram dos "buracos" e bateram palmas no mesmo ritmo (mais ou menos). Como um "voluntário" que se sentou no chão duro do estúdio, com o corpo curvado e as mãos erguidas e espremidas acima da cabeça, num espaço restrito, eu não estava nada confortável. Entretanto, a visão da loura e da ruiva rebolando pouco acima de mim, em seus trajes *sexy*, era espetacular. Se não me falha a memória, o que convenceu a equipe de apoio a se deixar encaixotar e aplaudir foi a promessa de

que poderíamos ficar com as roupas íntimas das *dançarinas* depois das filmagens. Tenho tantas fotos daquele clipe que poderia considerar, seriamente, montar um *site* para pessoas que gostam desse tipo de coisa.

Gravamos o vídeo de “Play the Game” no mesmo estúdio, na segunda tentativa. Na primeira, chegamos ao local de madrugada, trazendo todo o equipamento, apenas para sermos informados de que Fred não estava se sentindo bem e, portanto, as filmagens seriam canceladas. Nesse clipe, usou-se a técnica Chroma Key, um pano de fundo azul que pode ser substituído, eletronicamente, por diferentes fundos e efeitos durante a edição. O cenário restringiu-se ao mínimo: um pequeno conjunto de bateria sobre uma plataforma e um amplificador pequeno para John e Brian, como num programa pop de TV da década de 1960. John tocava um novo baixo Kramer, que lhe fora dado pelo fabricante, e Brian uma imitação barata de uma Stratocaster. Aliás, eu havia comprado duas guitarras porque, num determinado ponto da música, Brian iria se tranformar: sombrio, perverso, lutaria com Fred e então atiraria a guitarra longe. Em seguida, destruiria o palco. Não lembrava o The Who?

O vídeo começava com o microfone Shure prateado de Fred pendurado sobre o palco. Para torná-lo semelhante a um microfone de rádio, adaptei um conector e, no lugar do cabo, pus arame de cabide, dando a impressão de antena. Fred brotava da parte inferior da tela e sendo aquele o primeiro clipe em que exibia seu recém-cultivado bigode, parecia uma morsa vindo à tona!

No desenrolar do vídeo, quando está coberto de água, de fato se converte numa “morsa alfa”. A ideia para o fundo “em chamas” nasceu da capa do *single* daquela música. Eu tinha tirado algumas fotografias da banda na varanda fria de um quarto no Hotel Hilton de Munique. Na ocasião, estava experimentando alguns filtros graduados que proporcionam graus variados de tonalidade e cor na parte superior de uma foto – no caso, o céu. Fred gostou do processo. Ao ver os negativos, reparou que eu também fotografara as águas do rio Isar usando os mesmos filtros graduados, e aí ficou animado. Segurando uma foto da banda,

que já fora aprovada, contra a luz, experimentou diferentes fundos. Quando enfim, achou o fundo e a posição desejada, prendeu os dois negativos com fita adesiva e os despachou para a empresa de design Creem, para que fizessem um negativo composto. Essa acabou sendo a capa do *single*, a imagem também sendo usada em várias outras funções de relações públicas. Portanto, o fundo da foto é, na verdade, água colorida, não chamas, como tanta gente pensa.

Durante a gravação do álbum *The Game*, na Alemanha, o Queen se dividia entre os estúdios de Munique e Londres, onde gravava a trilha sonora do filme *Flash Gordon*. No estúdio Advision, no West End, a banda filmou o clipe do *single Flash*.

Os vídeos passaram a acompanhar cada lançamento do Queen, o que pelo menos poupava a banda de ter que se apresentar no *Top of the Pops* dublando as próprias músicas diante de uma plateia de adolescentes espinhentos e boquiabertos. Todavia fizemos algumas incursões à BBC Centre, em White City, com uma quantidade mínima de equipamentos para tocar “Good Old Fashioned Lover Boy”, em 1977, e “Las Palabras de Amor”, em 1982. Eu sempre torcia para que o nosso camarim ficasse perto do das bailarinas do show, que dançavam em roupas exíguas, mexendo os corpos esguios de uma maneira muita sedutora.

Quantos adolescentes não ficaram babando defronte da TV nas noites de quinta-feira, esperando-as aparecer e pensando: “Nooooooooossa!”. Pois eu fui um deles. E elas eram ainda mais gostosas ao vivo! Deve haver algo nas dançarinas…

Os clipes do álbum *Hot Space* não resultaram em nada memorável. Os vídeos de “Backchat” e “Calling All Girls” foram gravados simultaneamente num estúdio de TV em Wandsworth, sul de Londres. A banda também viajou para o Canadá, onde gravou “Body Language”, proibido no início por ser erótico demais.

Uma vez escolhido “Radio Ga Ga” como o primeiro *single* do álbum *The Works* a ser lançado, Fred assumiu o controle com firmeza. “Precisamos gravar

um clipe grandioso, porque a canção merece e nós nos acomodamos um pouco em relação aos vídeos. Deve ser algo GRANDE. E vamos gastar MUITO."

As filmagens aconteceram num pequeno estúdio de TV em St. John Wood e no estúdio Shepperton Film, no palco onde o Queen anteriormente ensaiara para as turnês. Aquele clipe monumental converteu-se em mais um marco na carreira da banda. Cenário imenso, centenas de extras do fã-clube do Queen para aplaudir, a edição incluindo imagens em preto e branco do clássico de Fritz Lang, *Metrópolis.* No vídeo, há uma tomada rápida de Fred despedaçando um prédio com as mãos nuas. No alto de um andaime, fazendo pose de macho, ele destruía a montagem de poliestireno e os destroços despencavam, enquanto fumaça e poeira o engolfavam. Como os efeitos especiais não estivessem funcionando a contento, o diretor assistente, pelo megafone, mandou que mais gente atiçasse a fumaça, usando pedaços de papelão para fazê-la flutuar no ar. Enquanto isso, Fred relaxava em sua torre, fumando um cigarro. O diretor assistente, porém, temendo que ele estivesse ficando impaciente porque as coisas não andavam, berrou pelo megafone, com urgência na voz carregada de sotaque: "Mais inflamados, mais inflamados, nós queremos mais inflamados…!".

A palavra, contudo, soava mais como "efeminados". Rindo e se equilibrando precariamente no seu poleiro, Fred gritou lá para baixo: "Eu também, querido, eu também!".

As gravações do clipe de "I Want to Break Free" transcorreram ao longo de dois dias no estúdio Limehouse em Docklands, uma área no sudeste de Londres, e no estúdio Battersea. Posteriormente, filmamos o trecho de balé em que Fred aparece usando orelhas pontudas. Esse vídeo era uma sátira corajosa, sendo bem recebido no Reino Unido, mas não nos Estados Unidos. Como a banda se recusou a gravar um clipe alternativo para o mercado dos EUA, creio que a popularidade do Queen começou a declinar naquele país a partir daí. Considero um fim trágico, porque além de *The Works* ter sido um álbum muito bom, o show ao vivo foi, possivelmente, o melhor do grupo e merecia ser visto pelos

Estados Unidos.[4]

O segundo dia de filmagens de “I Want to Break Free” foi o dia dos vestidos. Sabíamos que Fred sempre se deleitava com esse lance de bichice, mas os outros também entraram no espírito da coisa surpreendentemente bem. John não se importou de vestir-se como uma vovozinha rabugenta, e só bateu o pé quando a maquiadora quis lhe aplicar passas no rosto para parecerem verrugas e pintas. Brian, apesar de convincente no seu papel, provavelmente não irá desistir de seu trabalho atual para “pisar num palco”, e Roger foi até um pouco convincente demais, havendo raspado as pernas para seu papel de colegial. O ambiente no estúdio estava ótimo e todo mundo apreciava o fato de que astros do rock, com seus supostos egos gigantescos, podiam zombar de si mesmos. Na realidade, era uma típica jogada do Queen para mostrar que nunca ficava na mesma, que se esforçava sempre para evoluir e surpreender.

Na manhã seguinte, voei para o Japão acompanhando John, Roger e seu assistente Crystal, para uma viagem de promoção do álbum *The Works* de três semanas pelo Extremo Oriente, Austrália e Los Angeles.

O outro *single* do álbum, *It’s a Hard Life*, foi um clipe demorado e pomposo, gravado no estúdio Arri, em Munique, e que a banda odiou. Fred poderia ter amado vestir trajes superteatrais e pretensiosos, porém os outros estavam bastante desconfortáveis. Nada daquele visual condizia com a direção que o grupo estava tomando. A roupa vermelha, brilhante, exagerada e agarrada ao corpo de Fred, com a fileira de olhos enormes aplicados e um penacho afixada no pescoço o fizeram parecer um camarão tandoori que ficou tempo demais na panela.

---

1 Drama policial da TV britânica, nos anos 1970, que contava as peripécias de dois membros do Esquadrão Voador, um pelotão da Polícia Metropolitana especializado no combate a assaltos a mão armada e crimes violentos em Londres. (N. T.)

2 Uma série de comédias produzidas para o cinema pelos estúdios Ealing – na Inglaterra – durante o período 1947-1954. (N. T.)

3 Tonka é a marca de uma empresa americana, fabricante de brinquedos, conhecida principalmente por seus caminhõezinhos. (N. T.)

4 Na primeira parte deste clipe, os membros da banda aparecem vestindo roupas femininas, numa paródia de *Coronation Street*, uma interminável novela britânica. A segunda parte do vídeo inclui um trecho coreografado por Wayne Eagling e tem a participação do Royal Ballet. Muitos o interpretaram como uma apologia ao homossexualismo e à transexualidade. Embora a paródia tenha sido aclamada no Reino Unido, gerou controvérsias nos EUA, sendo banida da MTV e de outras emissoras por muitos anos. (N. T.)

TRENS, BARCOS E AVIÕES – ÔNIBUS, CAMINHÕES E CARROS

(Posso ver seus documentos, senhor?)

O Queen nunca permanecia muito tempo em Londres e, ansiosos por aventuras, caíamos na estrada de novo. A própria essência da turnê é estar constantemente viajando e deslocando a equipe de cidade em cidade. Usávamos uma vasta gama de transportes nas excursões, de Concorde e jatinhos particulares a balsas e minitáxis (e não é verdade que um dos *roadies* pensava que "Hertz Van Rental" fosse um piloto de corridas holandês). A banda sempre viajou em grande estilo e luxo: primeira classe nos aviões e limusine em terra firme. Limusines separadas – uma para cada um.

Durante nossas extensas viagens, a equipe de apoio enfrentou longas horas em aviões comerciais, numa época em que a seção de não fumantes dos enormes jatos 747 limitava-se a algumas fileiras na cauda do avião. Aqueles também eram os dias em que as aeromoças ainda seriam capazes de compartilhar sua erva havaiana – puxávamos tragadas clandestinas agachados no corredor enquanto o filme rolava na tela. Em meio a risadinhas, não poupávamos as companhias aéreas de nosso senso de humor especial. A empresa belga Sabena ganhou o apelido de "Sabemos bem e não aguentamos", a australiana Qantas virou "Que Antas", e a americana Noroeste da América transformou-se em "Não esta". Nos EUA, a banda começou a voar em aviões alugados, e o primeiro chamava-se "Lisa Marie", um Convair 880 que fora o jato particular de Elvis Presley.

A equipe de apoio viajava separada do Queen, em geral em ônibus de turismo adaptados para excursões, costume que nascera nos EUA no circuito *country*. Um de nossos motoristas foi Sherri, uma atraente garota do sul, um pouco gordinha, que não levava *nenhum* desaforo para casa, de *ninguém*, e mantinha um cassetete sob seu assento, em caso de necessidade. Nunca surgira necessidade. Outro motorista de ônibus americano com quem dividimos momentos felizes foi Bob "Hot Rod" (Pau Quente) Williams, um homem de meia-idade, outrora astro da música *country* e que ainda adorava pegar a estrada. Ele me deu o cartão de visita de um amigo seu, Rudd B. Weatherwax, que treinara a cadela Lassie para a série de TV. Na frente do cartão tinha uma foto de Rudd e Lassie e, no verso, uma impressão da pata do animal.

Na frente do ônibus havia uma espécie de sala de estar e TV, no meio do corredor ficava o sanitário (*sorry*, toalete), e nos fundos os beliches; 12 no total, seis de cada lado, um em cima do outro. Nós nos enfiávamos ali com a única finalidade de dormir. Nos fundos do veículo, existia uma saleta para sessões de "funções corporais". Os sofás podiam ser retirados para transformar a área numa cama gigante e criar o "Tapete do Amor", onde passes para os bastidores às vezes eram trocados por favores sexuais. Os ônibus eram nosso "lar longe de casa" por meses a fio, e as grandes distâncias significavam que não veríamos um hotel durante vários dias e teríamos que recorrer aos vestiários nos locais de show para tomar banho, fazer a babar, defecar etc.

Conservávamos uma pequena sacola com os artigos pessoais sobre os beliches, enquanto nossas malas iam no bagageiro. Doze homens bêbados, suados, dormindo num espaço restrito enfatizou a necessidade de purificadores de ar e de se manter a ventilação no teto totalmente aberta. Deixar as meias e sapatos dependurados para fora das janelas era um tabu, assim como cagar no toalete (o cheiro químico nunca sai realmente). Um beliche bem posicionado era disputado com o mesmo fervor com que os turistas alemães reservam suas espreguiçadeiras na praia: cobrindo-as com sua toalha ao amanhecer. Os beliches

inferiores (desde que distantes do vaso sanitário), revelavam-se os melhores: por estarem mais perto do centro de gravidade não balançavam tanto quanto os de cima. O aconselhável era dormir com os pés voltados para frente, a menos que quisesse uma lesão no pescoço numa freada brusca. Como não havia passadeira elétrica a bordo, colocávamos nossas roupas fedorentas nos pés do beliche, bem distantes da nossa cabeça. Tirar a roupa dentro de um ônibus em alta velocidade – quando cansado, bêbado, ou chapado – é complicado e uma dúzia de marmanjos, de tamanhos e formatos diferentes, preparando-se para dormir numa situação assim é mais engraçado do que qualquer comédia-pastelão.

Quando o pessoal se despia, parecia aquela cena no chuveiro depois de um jogo, todo mundo se olhando de soslaio para medir o tamanho. Os caras britânicos usavam sungas coloridas, ou cuecas classudas da Marks & Spencer. Os americanos, entretanto, eram muito conservadores na escolha de roupas íntimas. Suas cuecas samba-canção lembravam as de meu avô. Nada tinham de pequenas, pelo contrário. Grandes, em geral brancas, muitas vezes térmicas, com costuras pesadas e cós tão alto que me perguntava se não passariam por colarinho. Não me admira que achassem difícil atrair o sexo oposto.

Havia uma habilidade que precisávamos dominar rapidamente, o “surf de ônibus”: manter o equilíbrio no corredor central enquanto sacolejávamos rumo ao nosso destino. Qualquer alteração na velocidade e podíamos acabar sendo jogados contra paredes, portas ou janelas. Outra habilidade necessária consistia em aprender a fazer xixi no vaso sanitário com o veículo correndo pela rodovia. Ter boa mira é importante. Todos os homens conhecem a sensação de bexiga cheia no início da manhã, quando seu pau é um sujeito bem diferente da bolota com que você foi dormir, havendo, durante a noite, desenvolvido mente e tamanho independentes de seus desejos. Cambaleando até o banheiro, você apoia uma das mãos na parede e com a outra segura algo que agora é motivo de orgulho. “Mas por favor, desça um pouco, ok?” Já que é muito doloroso dobrá-lo, você aguarda, até chegar a um ângulo viável e solta. OH… NÃO! Os

respingos se espalharam sobre a tampa e o assento do vaso, no chão e… consegui acertar a parede também? Imaginem essa façanha dentro de um ônibus em movimento…

O Monstro do Ônibus: uma fera mística que se materializava nas profundezas da noite e pegava *você*. Resultado do ataque: boca seca, dor nos olhos, nariz entupido, corpo dolorido, lerdeza e uma total falta de ânimo. Você se sentia péssimo. O Monstro atacava principalmente nas primeiras viagens de uma turnê, quando estávamos tornando a nos adaptar àquela vida pouca ortodoxa. Para combater as perturbações do sono, eu tinha comprado, com receita, um vidro grande de Valium de 5 mg, e distribuía aos colegas fazendo o sinal de V com os dedos, no melhor estilo Churchill.

– Ah, enfermeiro, está na hora do "V"?

– Elevado à potência 5 ou 10?

– Vou ser destemido – que tal à décima quinta?

– Enfermeiro, puxe os biombos!

Brian, Roger e John aceitaram o nosso desafio e pernoitaram no ônibus da equipe de apoio (uma única noite e com seus assistentes a tiracolo). Fred sempre prometia fazê-lo, porém, infelizmente, nunca cumpriu a promessa. Estou certo de que teria sido muito divertido. Fred sem dúvida gostava de se divertir, gostava de rir e, definitivamente, apreciava a vida.

– Ratty, você tem fita adesiva? Preciso levar alguns rolos para o hotel.

– Claro, Fred. Tenho uma caixa cheia. Você quer preta ou branca?

– Oh, preta! Com certeza preta.

– É para consertar sua mala, ou algo assim?

– Hum… não. – Ele gargalhava.

Usávamos fita adesiva (preta) até para fazer cortinas que garantissem um pouco de privacidade em nossa primeira turnê de ônibus pelos Estados Unidos. Na época, era um veículo comum e barulhento, com beliches de metal do exército grosseiramente adaptados para o nosso uso. Naquela ocasião o/a

figurinista-chefe, o “fogoso Dane Clark”, um/uma ex-dançarina de Las Vegas, viajou (algo reservadamente) com a equipe de apoio. Seu beliche ficava abaixo do meu e sempre apareciam bilhetes sobre seu colchão. Não escritos pela minha mão, devo esclarecer! “Oi, Dane, suba e venha me ver numa hora dessas. Com amor, Ratty.” Nada de resposta. Todos nós nos dávamos bem com Dane e, nos dias de folga, ele cortava os cabelos do pessoal da equipe de apoio.

Certa vez, enfrentei uma noite tensa naquele ônibus, perguntando-me se estava prestes a me transformar num cabeleireiro ou dançarino devido a uma pílula que tomara. “Quem está a fim de uma destas? Elas são incríveis”, alguém dissera. Jovem e imprudente, engoli logo uma. Todo mundo caiu na risada, pois eu havia acabado de ingerir uma pílula de hormônio feminino. Assim passei uma noite solitária deitado de costas, apertando meus mamilos de vez em quando para verificar se tinham crescido.

Saímos de Vancouver e descemos pela costa oeste do Canadá até Seattle, no estado de Washington, logo do outro lado da fronteira nos EUA. Viajávamos num ônibus comum. A manhã fora uma correria tremenda e estávamos todos exaustos, no entanto, não havia camas ou qualquer espaço onde nos deitarmos para descansar, apenas bancos estreitos travados na posição vertical. Dick “Bola de Sujeira” Ollet, nosso guru para assuntos técnicos, sentia-se algo debilitado naquela manhã, assim, enfiou-se no bagageiro e apagou. Só depois de passarmos pela imigração americana é que demos por sua falta. Dick, cidadão britânico, morava em Los Angeles e tinha um tipo de visto especial de intercambiado. Infelizmente, como seu passaporte ficara sem o carimbo de entrada nos Estados Unidos para contrabalançar com o de saída do Canadá, aos olhos da imigração dos EUA ele ainda estaria no Canadá e não residindo em solo americano. Dick teria agora que reentrar nos Estados Unidos, mas sem sair…

Novas fronteiras

Via de regra, na Europa não tínhamos que lidar com questões ligadas a vistos

em postos de fronteiras, e os motoristas de ônibus europeus costumavam ser mais despachados e experientes. Não obstante, de vez em quando, a gente ficava preocupado com quem assumia o volante. No meio da noite, quando o ônibus estava parado no acostamento e o motorista sentado ao volante segurando um baseado numa das mãos e estudando um mapa alemão Falkplan de cabeça para baixo, e usando óculos escuros, a frase, “o homem certo para o trabalho certo” talvez viesse à mente.

Após uma noite inteira e a maior parte do dia seguinte na estrada, tudo o que você queria era entrar num hotel, deitar-se numa cama que não se mexia, com lençóis que não pareciam de papelão. Ao nos aproximarmos dos arredores de uma cidade, sempre brotava a eterna esperança de tomar um banho refrescante, nadar ou beber alguma coisa no bar. Não obstante, o hotel podia ser esquivo e sumir num piscar de olhos. Portanto, quando o avistávamos a distância, gritávamos: “Rápido, atrás dele, antes que escape”. Por fim nosso motorista decidiu que a melhor tática seria não nos conduzir diretamente para o hotel, mas circular a área e então tomá-lo de surpresa.

A despeito da turba a bordo, atravessar as fronteiras europeias num ônibus provava-se relativamente simples: deixávamos todos os passaportes com o motorista quando íamos dormir. Antes, porém, colocávamos camisetas e discos no painel, caso houvesse necessidade de suborno. Contudo isso não funcionava quando viajávamos pelo “corredor” entre a antiga Alemanha Oriental e Berlim Ocidental, a ilha decadente no meio do comunismo. Sempre fazíamos esse trajeto à noite e, se estivéssemos dormindo, éramos acordados abruptamente por uma metralhadora abrindo a cortina do beliche. *Guten Morgen*! O guarda da fronteira estudava cada passaporte atentamente, antes de levá-los para ser processados. Como tínhamos que esperar a devolução dos documentos por tempo indeterminado, o ônibus – e nós também – permanecíamos parados em hangares enormes e espelhados, cujas luzes fluorescentes criavam uma névoa esverdeada de aspecto doentio. Numa ocasião, enquanto aguardávamos, um

caminhão cheio de árvores de Natal estava sendo revistado, os guardas enfiavam longos espetos de metal entre as árvores, aleatoriamente, à espera de gritos. Feliz Natal, camaradas.

Meu aniversário de 24 anos caiu num dia de show em Hanover e passei aquela noite de janeiro no ônibus, atravessando a sombria e gelada Alemanha Oriental a caminho da decadente Berlim Ocidental. Brian May me deu os parabéns e indagou se haveria festa no ônibus… Com um engradado extra de cerveja e um pouco de queijo e pães de cebola, estávamos comemorando tanto a data, que não percebemos quando alcançamos a fronteira. Os guardas entraram e nos flagraram assistindo ao final de um vídeo. Não, não é o tipo de filme que você está pensando, mas *Os doze condenados*, no momento em que as tropas aliadas estavam prestes a acabar com o QG alemão com granadas, metralhadoras e luta corpo a corpo. Provavelmente não foi a nossa melhor escolha de filme.

O show de verão em Berlim aconteceria em Waldbühne, que significa “palco no bosque” – uma descrição perfeita do lugar. O palco coberto era uma estrutura permanente, porém o público sentava-se ao ar livre. Esse anfiteatro antigo fora construído na época dos infames Jogos Olímpicos de 1936 e localizava-se atrás do estádio olímpico principal. Consta nos anais que o pintor e decorador Adolf Hitler proferiu muitos discursos no Waldbühne. A construção contava com um túnel estreito de concreto que ia da área arborizada até a parte detrás do palco, sendo esse o acesso para os equipamentos. E também usado por Hitler para chegar em segredo e aparecer no palco como se saído do nada, num passe de mágica. Havia fendas nas paredes das laterais do palco onde francoatiradores se posicionavam e observavam a multidão, à procura de arruaceiros e opositores do novo Reich do homenzinho de bigode. Todo o lugar emanava uma atmosfera estranha, sendo, no verão, muito abafado e úmido, além de repleto de mosquitos. Tony, o cara dos figurinos e detentor do estojo de primeiros socorros, levou montes de spray repelente de insetos e potes de cremes para proteger nossas pernas e nossos braços expostos. Ao anoitecer, quando as luzes poderosas do

show acendiam, funcionavam como verdadeiros ímãs para os esquadrões de insetos voadores e criaturas rastejantes que saíam de suas tocas na floresta escura – e invadiam o palco. Fred não gostou nem um pouco de seu encontro com uma mariposa enorme, descrita depois como “do tamanho da porra de um pterodátilo”, afogando-se em sua bebida em cima do piano – especialmente porque ele quase enfiou o bicho na boca!

Um membro da equipe de apoio, americano, em sua primeira visita à Alemanha comentou: “Puxa, esse tal lugar Ausfahrt (‘saída’ em alemão) deve ser mesmo grande, porque todas as saídas têm uma placa indicando o caminho para lá”.

Noutra ocasião, ao nos aproximarmos da fronteira escocesa, o mandamos se preparar para descer do ônibus com o seu passaporte (escolhemos como escritório de imigração um posto de gasolina na rodovia). A diversidade da Europa o confundiu no instante da sua chegada.

– Você está gostando da Inglaterra?

– É muito bacana, mas não consigo entender o dinheiro.

– Não se preocupe, nós vamos para a Suécia dentro de alguns dias.

– E qual é a moeda deles, dólares ou libras?

– Eles têm a própria moeda: a coroa sueca.

– Ah… Então eu deveria trocar todo o meu dinheiro à medida que circularmos pela Europa?

– Não, basta trocar só o que for necessário. Não vamos permanecer muito tempo na maioria dos lugares.

– Depois da Suécia iremos à Dinamarca, certo?

– Certo.

– E qual é a moeda deles, dólares ou libras?

– É coroa.

– Ah… entendi. Coroa sueca?

– Não, não, não. É a coroa dinamarquesa. É um país diferente. Depois

seguiremos para a Alemanha, onde eles usam marcos.

– Não usam nem dólares nem libras?

– Não…

– Rapaz, esse negócio é uma confusão!

Nós costumávamos nos referir a todo dinheiro europeu, coletivamente, como dracma local ou Vales-Bebidas, e quaisquer moedas que sobrassem recebiam o nome de Estilhaços.

A única experiência "estrangeira" anterior de nosso americano ocorrera quando atravessáramos a fronteira entre o Canadá e os EUA de ônibus, quando a Polícia Vegetal nos parou:

– Vocês vão entregar todas as maçãs, laranjas e bananas imediatamente e colocá-las nas caixas designadas.

– Sim, senhor.

– *E também* as uvas. Não tentem esconder nada de nós!

Creio que a pena para contrabando de abacaxi era de cinco anos de trabalhos forçados em Alcatraz.

SEUS DOCUMENTOS, POR FAVOR (VOCÊ ESTÁ PRESO!)

Às vezes, nas turnês europeias, os assistentes pessoais do Queen tinham a opção de voar e dirigir bons carros, como essa Mercedes bonita e espaçosa. Ao irmos da Bélgica para a França, no meio da noite, fomos parados pelos funcionários na fronteira francesa. Parecíamos suspeitos? Provavelmente. Uma Mercedes branca topo de linha, com placa de Zurique e dirigida por mim, um cara desgrenhado, barbado e de olhos arregalados, saído direto do show em Dortmund. Os outros passageiros eram Jobby, um indivíduo de aparência pouco saudável com passaporte canadense; Sr. Modern, um jovem desengonçado, sempre com uma carranca, dono de um corte de cabelo estranho e passaporte britânico e, por fim, no banco do passageiro ao meu lado, Angelika, minha

namorada alemã de Munique.

– *C’est bon*, companheiro? Podemos *allez*? – gracejei.

– *Non*.

Os oficiais franceses revistaram o carro cuidadosamente, puxando todos os tapetes para fora e batendo nos painéis das portas como se estivessem enviando algum tipo de código Morse gaulês – ou talvez aperfeiçoando seu senso de ritmo? Nada. *Rien*.

– *C’est bon* – agora?

– *Non!*

Arrastamos nossa bagagem até o escritório sob as luzes amareladas que faziam nossa aparência cansada parecer ainda pior. Apesar de a papelada do carro, minha carta de motorista e todos os nossos passaportes estarem em ordem, os franceses ainda insistiram em revistar a bagagem. Em questão de minutos fecharam a minha. Uma dica: sempre coloque o que está sujo por cima de tudo; só os fiscais mais resistentes passarão pela barreira das roupas imundas de um *roadie* – calças e meias velhas, jeans capazes de andar sozinhos e camisetas de duas cores, já que a da região das axilas nunca é a mesma do resto.

Ao revistarem a mala de minha namorada, eles tiraram suas coisas sem o menor cuidado, e a vi apenas franzir o cenho. Porém, quando começaram a manipular sua lingerie e peças íntimas, ela soltou uma torrente de impropérios em alemão. Os fiscais encolheram os ombros e nos liberaram. Enquanto acelerávamos descendo a rodovia na direção de Paris, Angelika resmungou, com seu sotaque bávaro: “*Französiche Aschlöcher* fodidos!” E quem era eu para discordar?

Um Ford Granada não é tão majestoso quanto uma Mercedes e tampouco consegue passar pelas portas de vidro corrediças do Hotel Dragonara, em Edimburgo – por mais que eu me esforçasse. Após o primeiro show, nos arredores de Edimburgo, rumamos para a festa que, como de hábito, envolvia *strippers*, participação ativa dos presentes e quantidades absurdas de álcool. O

destaque da noite foi ver um membro da profissão jurídica amarrado numa cadeira, nu, e sendo massageado com chantilly, no corpo a corpo, por uma *stripper*.

Depois de beber um bocado, estupidamente dirigi de volta a curta distância até o Hotel Dragonara, o teto solar do carro sendo útil para arremessar garrafas vazias de champanhe ao longo da rota. (“Não há necessidade de ser comedido – é um carro alugado.”)

Enquanto tentávamos colocar o Ford Granada no “showroom” da recepção, ouvimos gritos e sons de vidro quebrando na suíte de Fred: ele e Bill, seu parceiro gordinho de Nova Jersey, estavam tendo um pequeno desentendimento.

O que não era incomum.

Dirigir embriagado é um delito imperdoável, mas por sorte, nós, e milhares de outros, o fizemos em algum momento sem que o pior acontecesse – graças a Deus ninguém nunca se feriu. Porém, não há justificativas para isso, nem na Irlanda, onde todo mundo bebe.

Irlanda, a ilha Esmeralda, que abriga castelos místicos, duendes e minivans japonesas – para pessoas pequenas.

Chegamos a Dublin mais tarde do que o esperado, pois o voo saíra atrasado de Zurique. Entretanto, havíamos nos divertido muito, com toda aquela bebida grátis no avião.

No balcão da locadora de veículos, expliquei não ser a pessoa em cujo nome a minivan fora reservada e, honestamente, estava autorizado a retirá-la. Isso não representou nenhum problema, tampouco a minha carta de motorista da Califórnia vencida, ou meu estado de embriaguez. Indaguei se havia um minibar no carro e de que lado da estrada eu deveria dirigir enquanto estivesse na Irlanda. Tudo tranquilo.

Dia do show, sóbrios, e no caminho para Slane Castle fomos parados numa barreira pela Guarda Irlandesa. Baixei a janela e o policial, sorridente, rangeu:

– Bom-dia, rapazes. Vocês estão indo para o concerto?

– Sim.

– Bem, então onde está a bagulhada?

– O quê?

– O troço. Onde vocês o colocaram?

Aquilo ia ser divertido.

– Como é que é?

– A bagulhaaada, vocês sabem, as drogas. Nós somos o esquadrão antidrooogas.

– Hum… o bagulho. Lamento muito, porém não temos nada conosco. Nós trabalhamos no show.

Mostramos nossos passes.

– Ah, agora entendi. Mas têm certeza de que não têm mesmo qualquer *coisa*?

– Certeza absoluta.

– Ok, rapazes – bom dia para todos vocês.

Com uma saudação fomos autorizados a seguir nosso caminho. Não tínhamos nenhum bagulho conosco, exceto um ou dois litros da coisa preta: cerveja irlandesa.

Na década de 1970 ter cabelos compridos e dirigir um veículo que você, provavelmente, não podia comprar, funcionava como um sinalizador para a polícia britânica. O micro-ônibus VW alugado, novo em folha, em que eu era um dos passageiros, foi parado pelos distintos do condado de Somerset. À beira do pânico, rapidamente meti na boca o conteúdo do recipiente de plástico onde guardava meu “estoque” antes que os tiras se aproximassem. Consegui engolir os comprimidos de anfetamina, porém algumas cápsulas “Drácula” – de sangue falso – que estavam junto com as drogas, ficaram entaladas na minha boca. Enquanto os policiais faziam as perguntas de praxe, as cápsulas derreteram e o sangue falso começou a escorrer pelos cantos da minha boca. Vendo isso, meus companheiros de viagem puseram-se a rir, o que chamou a atenção de um dos tiras.

– O que há de errado com seu amigo? Ele parece pálido. E está sangrando.

– Hum… ele arrancou um dente – alguém retrucou.

Eu não dormi a noite toda e acabei no pronto-socorro local.

TRAFICANTE

O ônibus de excursão era uma necessidade nos Estados, todavia a falta de regulamentação atrasou sua introdução na Europa. Portanto, no longínquo outono de 1975, para a turnê *Night at the Opera* no Reino Unido, a banda e a equipe de apoio usaram ônibus comuns. Durante um dia de folga, viajando de Newcastle para Dundee, tivemos uma surpresa quando o ônibus acabou parado na estrada por policiais à paisana que entraram no veículo gritando:

– Esquadrão antidrogas! Todos com as mãos na cabeça. Agora!

Sem dúvida eles estavam procurando a “bagulhada”.

Os tiras ficaram de olho em nós enquanto o motorista dirigia até a delegacia. A busca no veículo resultou na descoberta de um estoque “enorme”: meio baseado e dois pacotinhos de anfetaminas.

Durante o interrogatório, pediram-me para levantar as mangas da camisa a fim de verificarem se havia marcas de agulha!

– Você *parece* o tipo que usa drogas – o policial me disse – e talvez não perceba, mas aqui – ele bateu na lateral da própria cabeça – tem uma mente funcionando mais depressa do que você imagina.

– É mesmo?

Eu estava gripado.

– Podemos cancelar seus vistos, sabe. Impossibilitá-lo de viajar para os Estados Unidos, Japão etc.

– Entendi, foi muito informativo. Posso ir agora?

No momento em que me conduziam para fora da sala de interrogatório, vi Fred numa outra área da delegacia, sendo questionado. Então, ele só andava

totalmente produzido, glamouroso: jaqueta curta de pele de raposa, calça de cetim, faixa na cintura, unhas pintadas de preto, quilos de joias e carregando sua maleta de maquiagem.

– Você usa drogas, senhor Mercury?

– Não seja impertinente, seu estúpido – ele vociferara, fechando a maleta e saindo.

Era verdade. Fred não usava drogas – não naquela época.

Eu usava. Como a maioria do pessoal da equipe de apoio, costumava ter sempre pó de anfetamina, pois era uma turnê dura e uma "levantada" ajudava. A revista conduzida por esse pelotão da elite policial do nordeste da Inglaterra não foi particularmente rigorosa. Entretanto todos nós ficamos muito curiosos para saber por que a polícia montara uma operação tão pesada. Quando indagamos de alguns deles, ao sermos liberados, retrucaram: "Tomem cuidado com quem vocês viajam". Presumimos que tenha sido uma referência a um assistente que chamarei simplesmente de Dan (nome fictício) – um conhecido de um dos caras da equipe de apoio – que fora demitido da turnê. Dan não durou muito tempo conosco, pois ficou deslumbrado com o brilho e o glamour do rock. Em Preston, o empresário deu-lhe algum dinheiro, num gesto de boa vontade, e uma passagem de trem de volta para Londres. Dan não achou graça e gritou que ia se vingar. E se vingou. Assaltou algumas de nossas casas. Porém, ao tentar roubar a residência de Richie, invadiu a casa errada por engano. Grande erro. O vizinho de Richie era um bandido cheio de tatuagens de aranhas na língua e que, na ocasião, estava fora da prisão.

Nunca mais ouvimos falar de Dan…

AMÉRICA DO SUL

(Quanto custa um grama?)

Dan simplesmente sumiu sem deixar rastro… A América do Sul tinha a reputação de ser um lugar onde as pessoas desapareciam; pessoas subversivas e pessoas proeminentes que garantiriam um resgate vultoso, ou pessoas que não se enquadravam. Queen: banda de rock rica, famosa e com gosto por baixarias: seria boa ideia ir para tal lugar?

A década de 1980 viu o Queen assumir corajosos novos desafios nas turnês, entretanto a América do Sul parecia um destino sombrio e assustador que, embora tenha surgido muitas vezes no horizonte, nunca se materializou. O dinheiro e as garantias jamais se equiparavam ao entusiasmo e às promessas dos empresários e *promoters* latinos.

Então, surpreendentemente, anunciou-se que após os cinco shows em Tóquio, em fevereiro de 1981, a turnê *The Game* se estenderia para Argentina e Brasil.

Determinados a ser autossuficientes e não depender de nenhum equipamento local, levamos tudo conosco, inclusive andaimes e palco e, para a viagem aérea mais longa do mundo, de Tóquio a Buenos Aires, tínhamos à nossa disposição um avião cargueiro – Boeing 727 da Flying Tigers. A equipe de apoio inteira rumaria para Buenos Aires via Nova York, num voo comercial da PanAm, e ficamos surpresos ao deparar com Fred a bordo e, mais surpresos ainda, de encontrá-lo na classe econômica. Soubemos então que, mais cedo, ele saíra furioso de seu avião ao descobrir que estava num DC10, um tipo de aeronave envolvida em alguns acidentes recentes graves. Fred só soube que estava num

DC10 quando, já instalado em seu assento de primeira classe, com um copo de alguma bebida cara e borbulhante nas mãos. Apavorado, ele se recusou a partir de Tóquio naquele avião e provocou um atraso no voo porque precisaram retirar sua bagagem. O voo seguinte numa aeronave que não fosse um DC10 era o nosso, e a primeira classe estava lotada.

Deixamos Fred na Big Apple para se divertir e continuamos a viagem. Após passarmos 23 horas cansativas no ar, pousamos em Buenos Aires numa manhã de sol brilhante. Sendo aquela nossa primeira visita à América Latina, ninguém sabia bem o que esperar. Não obstante, nutríamos esperanças. Embora não fosse um país produtor de drogas, a Argentina ficava na região da coca e, portanto, não acharíamos montes de coisas baratas? Ou, sendo um país predominantemente católico, não haveria muitas *señoritas* ardentes e sensuais reprimidas, dispostas a nos manter ocupados? Tínhamos sido veementemente advertidos sobre ambos assuntos. Na Argentina, uma Junta Militar ocupava o governo e a onipresença de tropas armadas e veículos de segurança funcionava como um lembrete enfático e constante. Entre minha saúde, ou um pouco de drogas e uns amassos, decidi ficar com minhas unhas.

O que a Argentina, até então, significara para mim? Carne em abundância (que eles enviavam salgada e enlatada para a Grã-Bretanha), tango e a derrota para a Inglaterra por 1 × 0 (Hurst), nas brutais quartas de final da Copa do Mundo de 1966, no estádio de Wembley, quando o capitão deles, Rattin, acabou expulso por jogo sujo. Posteriormente Alf Ramsey, o técnico da Inglaterra, tachou o time argentino de “animais”. Eles deviam ser um pouco irritáveis por ali, eu supunha.

O então presidente Viola concedera permissão para o Queen tocar no país e motivos políticos, sem dúvida, estavam em jogo. A eleição se aproximava e ele talvez esperasse conquistar o voto dos jovens. O processo eleitoral sul-americano era de alguma maneira esporádico e, apesar de ter levado os primeiros grande shows de rock à Argentina, Viola não durou muito tempo.

Buenos Aires tinha um estilo reconhecidamente europeu. Com suas avenidas largas e cafés assemelhava-se a Madri ou Barcelona. Passamos alguns dias nos recuperando da mudança de fuso horário, nos aclimatando ao calor e umidade e explorando a vizinhança. Depois de liberados pelas autoridades (havíamos sido detidos por tirarmos fotos do porto e alertados para não usarmos shorts apertados – outro delito passível de prisão), informaram-nos que podíamos retirar nossos equipamentos na alfândega, após uma espécie de imposto de importação, ou taxa, ou alguma soma não reembolsável ter sido paga às pessoas *certas*.

Levaram-nos até um canto afastado do aeroporto Ezeiza, dominado pela figura solitária do avião da Flying Tigers, a área isolada criando uma atmosfera que remetia a uma situação de sequestro. Sob um sol escaldante, a carga foi sendo lentamente transferida para os contêineres puxados por caminhões. Ninguém costumava levar protetor solar para descarregar equipamento e eu estava me sentindo cada vez mais quente e vermelho – a descoberta de munições já usadas cobrindo o pátio de concreto só servia para aumentar ainda mais a minha vermelhidão e o ritmo cardíaco.

Todos os espetáculos na Argentina ocorreriam em estádios de futebol, construídos para a Copa do Mundo de 1978. O estádio Velez Sarsfield acolheria o show de abertura em Buenos Aires. A entusiástica equipe local realmente não conseguia acreditar que as apresentações seriam autorizadas a ir em frente, que não seriam canceladas no último momento. Entrementes, não tardaríamos a nos acostumar com promessas não cumpridas. O catálogo de erros que aconteceram nas duas turnês na América do Sul é mais grosso que uma enciclopédia. Basta dizer que a expressão “sem problemas” tornou-se algo que eu não levo mais a sério. Corrupção, mentiras e garantias não cumpridas eram compulsórias. Para a equipe de apoio, as viagens e as condições de vida se revelaram impiedosas, porém, a despeito de todos os contratempos, os shows foram um enorme sucesso e a imprensa mundial testemunhou a energia que embalou Buenos Aires na noite de abertura.

Um jornalista de um tabloide britânico indagou a Gerry Stickells, que parecera envelhecer visivelmente nesse período, o que ele sentira após aquele espetáculo pioneiro. Dissera Gerry: “Depois de meses de negociações, problemas organizacionais e logísticos, instalações e recursos inadequados, o fator ‘local’, mais a possibilidade onipresente e irritante do ‘elemento surpresa’, senti, em geral, um TREMENDO ALÍVIO”.

O jornalista de merda não se impressionou e perguntou: “Então o que escrevo para as pessoas lerem lá na Inglaterra? ‘Empresário do Queen diz que o primeiro grande show de rock já realizado na Argentina foi como uma boa mijada?’”.

Todos nós sabíamos que, devido às condições locais, as coisas não iriam se desenrolar conforme estávamos habituados, mas a banda (que se acostumara a ser mimada em meio ao luxo), não esperava algumas “diferenças”. Eles sempre se locomoviam em limusines. Não em Buenos Aires, onde precisaram se contentar com uma frota de Ford Falcons antigos, sedãs tamanho família que já haviam visto dias melhores.

Findo o primeiro show, o Queen e sua comitiva particular foram amontoados nesses veículos e levados para uma festa em honra à apresentação. Os Falcons tiveram que abrir caminho entre os milhares de fãs que corriam animados atrás da caravana. Uma vez livres da multidão, os motoristas conduziram os carros numa linha ordenada pela cidade até entrarem num posto de gasolina. Furiosos, os assistentes da banda cobraram explicações. Através dos intérpretes, ficaram sabendo que, se não abastecessem, a gasolina ia acabar muito em breve! Enquanto isso, os fãs que perseguiam a carreata chegaram e tomaram conta do posto de gasolina, batendo animadamente nas carrocerias dos Falcons. Fred, em especial, “não achou nada divertido”. Assim resolveu-se que, no futuro, os carros seriam acompanhados por batedores armados e o Queen se locomoveria em blindados militares.

PARA DANÇAR O TANGO, PRECISA-SE DE DUAS PESSOAS

Depois de uma pequena festa após o último show em Buenos Aires, rumei para o Hotel Principado acompanhado de uma bela moça de BA (Buenos Aires) – não, não uma aeromoça da British Airways, isso é outra história.

Além das dificuldades para levar garotas aos nossos quartos, tampouco podíamos sair com nossas chaves, tínhamos que deixá-las na recepção do hotel. Assim, enquanto outros *roadies* desviavam a atenção dos funcionários, apanhei minha chave atrás do balcão.

Peguei Margarita na esquina onde a deixara esperando e, sorrateiros, entramos no elevador, correndo em seguida para meus aposentos. Bati a porta apressado. Enquanto começava a preparar uma bem merecida bebida para nós dois, o telefone tocou: a recepção queria informações sobre a minha convidada.

Neguei tudo e, fingindo cansaço, despedi-me:

– *No comprende, señor.*

Quando já iniciava a construção de uma relação anglo-argentina, alguém bateu à porta. Como o fulano insistisse, não admitindo ser ignorado, a jovem se escondeu no banheiro. Relutante, atendi o funcionário do hotel que, apesar dos meus protestos, insistia na presença de uma mulher ali dentro. Entenda, eu trabalhara duro para chegar àquele ponto e não ia desistir facilmente. Além disso, as garotas "dispostas" não haviam abundado na terra dos pampas e das boleadeiras. E minhas bolas estavam carecendo de mimos. O sujeito não me deu atenção e pôs-se a gritar em espanhol, repetindo as mesmas palavras com tamanha urgência, que a garota apareceu. Abrindo a bolsa, ela tirou sua identidade e mostrou-a ao fulano. Eu já estava ficando nervoso, como acontece quando as pessoas ao seu redor estão falando alto, numa língua que você não entende e, ainda por cima, numa terra com Junta Militar!

Por fim, fiquei sabendo que o funcionário do hotel não passava de um empregado zeloso das regras do estabelecimento, onde todos os hóspedes

precisavam ser registrados, sem exceção, e a identidade conferida. Assinei algum tipo de formulário (qualquer coisa para me ver livre dele e continuar com o assunto em pauta), o qual, conforme descobri posteriormente, indicava o pagamento de pesos extras pela dupla ocupação do quarto! Aquela papelada ficaria para o nosso *promoter*, o s*eñor* Capalbo, destrinchar. Nós iríamos sair da cidade no dia seguinte.

Grato pelo fato de que a polícia secreta não estaria arrancando minhas unhas ou administrando tratamentos de terapia de choque, relaxei. Também sentia-me grato porque nenhum representante do Vaticano resolveria me submeter a uma "inquisição espanhola" devido à minha ligação com uma menina católica que, aliás, não carregava nenhum crucifixo ou terço consigo. E quando ela ajoelhou, não foi para rezar. Fui eu quem acabou chamando por Deus – em inglês. No meu vocabulário, constavam apenas algumas palavras e frases curtas em espanhol, em especial as necessárias para pedir uma bebida ou o café da manhã, indagar onde ficava o banheiro, ou elogiar um jogador do meio de campo.

Marguerita: uma potente bebida latino-americana. Ela também o era, assim como sua amiga, Christina, que ficou com outro membro da equipe. Imaginamos que talvez elas se sentiriam um pouco chorosas quando partíssemos de Buenos Aires na manhã seguinte.

"Não chorem por mim, Marge e Tina". Tam-tam.

Locais alhures

O próximo espetáculo na Argentina seria em Mar del Plata, um *resort* no litoral que, com sua elegância refinada e desbotada arquitetura europeia, assemelhava-se a uma versão latina de Brighton. O nosso hotel, The Provincial, frente ao mar, lembrava os grandes hotéis da década de 1930, com escadarias no estilo *art déco* até o primeiro andar, onde um quarteto de cordas tocava junto à pista de dança circular. As pessoas sentavam-se em mesas pequenas e tomavam chá e café, sob uma abóbada envidraçada. O lugar, muito aconchegante,

lembrava bastante Berlim antes da guerra. Na lista telefônica, montes de Schmidt e Von.

Nessas alturas, já estávamos adaptados às diferentes condições de trabalho e às inexperientes equipes locais, compostas principalmente de rapazes que ajudavam a carregar, descarregar e deslocar equipamentos. Eles não iriam aparecer depois do espetáculo para a desmontagem por dois motivos: primeiro porque não haviam sido pagos como prometido e segundo porque a maioria só trabalhara antes para assistir ao show. Quando o Queen saía de cena, eles também saíam.

Aviso impresso no itinerário: “Para os membros da equipe de apoio que desejarem perder peso, o consumo da água local é recomendado”.

Sempre persistiu um sentimento latente de que a gente podia acabar sendo “derrubado”. Nos banheiros dos bastidores, no estádio, um de nós por pouco não foi à lona no incidente que se tornou conhecido como a “Caganeira de Mar del Plata”.

De lá partimos para Rosario, onde o público demorou a sair do estádio após o show. Na realidade, eles estavam apenas curiosos sobre o que acontecia no palco quando iniciamos o desmonte. Policiais militares formaram uma linha, da largura do campo, e, com cães policiais rosnando, moveram-se como uma onda contra a multidão. As pessoas foram embora.

Estávamos em 1981, um ano antes da Guerra das Malvinas. Terminado o show em Rosario, troquei meu boné de beisebol, que ostentava a frase “I Love New York” – que fora jogado no palco numa turnê anterior nos EUA – pelo boné verde de um jovem soldado do exército, com insígnias de bronze na frente. Ele fizera o papel de segurança enquanto carregávamos o caminhão e efetuamos a troca tomando uma garrafa de Coca-Cola juntos. Na parte interna do boné, constavam seu nome e endereço escritos com caneta azul. Pensei nele no ano seguinte e, desde então, ainda penso, ocasionalmente. Onde será que ele estava quando o conflito se desencadeou? Será que sobreviveu? Se sobreviveu, como se

sente em relação aos ingleses agora?

LÁ NA AMAZÔNIA – SEM REMOS

Nossas “heroicas aventuras” nos levaram para o Brasil, rumo às emocionantes possibilidades acenadas pelo Rio de Janeiro. Contudo as datas dos shows ainda permaneciam ASE: a ser emitida. Nosso voo de Buenos Aires para o Rio foi o mais assustador que jamais encarei. Enfrentamos uma tempestade tropical que jogava o DC10 (sim, ele de novo!) de um lado para o outro como se fosse um aviãozinho de papel. A altitude da aeronave oscilava e meu estômago fora parar em algum lugar na minha garganta. Então, como se por obra de um tsunami, o avião era arremessado outra vez para o alto e parecia que o topo da minha cabeça ia explodir, para, em seguida, sofrer uma pressão desgraçada. Lá fora, tudo estava um breu e, quando relâmpagos cortavam a escuridão, eu pensava, seriamente, que o meu fim havia chegado. Iríamos todos para o grande show no céu.

“A aeronave de carreira que caiu na selva, na rota Buenos Aires-Rio de Janeiro, levava britânicos a bordo”, assim ecoava, em minha mente, a notícia lida em tom solene pelos jornalistas da BBC. Não houve nenhum aviso prévio, a tempestade simplesmente nos atingira de repente, como se para nos lembrar de quem, de fato, estava no comando. As pessoas seguravam seus terços como se as contas estivessem soldadas nos dedos e agarravam-se aos braços das poltronas; café fervente derramado em quem quer que fosse não causaria dor. Mãos faziam o sinal da cruz freneticamente e vozes abafadas murmuravam preces. Dei minha contribuição: “Agora escute, sei que não vou à igreja há muito tempo, mas Você sabe como é, eu *não* perdia as aulas de catequese. Até ganhei um livro por bom comportamento – juro. Pode perguntar à minha mãe”.

Deve ter funcionado, pois a tempestade cessou e desembarcamos no Rio de Janeiro em segurança.

Porque era noite, no trajeto de ônibus até o hotel, quase nada conseguimos

enxergar da paisagem que havíamos imaginado, uma faixa de terra exótica e sensual entre as montanhas e o oceano. Apesar de observar tudo através da janela, com as mãos em concha para cortar o reflexo, o Rio não estava revelando seus encantos. Na manhã seguinte, contudo, nosso estágio no Rio começou no momento em que puxei as cortinas do quarto de nosso hotel circular. À nossa frente, uma montanha exuberante e, esticando bem o pescoço, avistei a praia. Estávamos no Hotel Nacional, na praia de São Conrado, próximo da agitação de Copacabana, Ipanema e Leblon.

O entusiasmo sobre o glamour depressa arrefeceu diante da necessidade das exigentes medidas de segurança: nossas chaves não tinham o nome do hotel, apenas um número codificado e uma corrente para que a pendurássemos no pescoço. Uma pena, porque uma chave legal de um hotel do Rio teria sido um ótimo *souvenir* para se juntar às chaves do Ford Transit. Foram-nos dadas instruções enfáticas: não levar nada, absolutamente nada, para a praia. A vida era boa ali (para nós), porém valia pouco. Quanto mais nos afastávamos da orla, na direção das montanhas, mais pobres os arredores ficavam, chegando ao ponto de os carros não pararem nos semáforos por medo de assalto.

As praias se revelaram ótimas, entretanto nunca encontrei a mítica “garota de Ipanema”, nem mesmo uma de suas amigas.

Pergunta: O que um bando de caras ingleses e americanos faz numa das cidades de maior beleza natural do mundo, e uma das mais excitantes também?

Resposta: Vão para um *pub* inglês.

Quase todas as noites pegávamos um táxi, um Fusca, cujo banco da frente fora removido para que os passageiros pudessem entrar logo no detrás. Depois de negociarmos a tarifa da corrida, partimos e alguém do nosso grupo espirrou. O motorista olhou para nós por sobre o ombro, armou um sorriso orgulhoso, mostrando seus cinco dentes – dos quais três pretos – e comentou: “Ah, co… kein, hein?”. É, companheiro, algo assim.

O dono do Lord Jim Pub era um ex-piloto de avião inglês que, ao decidir se

aposentar ao sol, trouxera algumas coisinhas consigo em cada uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, até montar sua coleção de adereços para cavalos, jogos de dardos, canecas de cerveja, copos *yard*, mesas redondas, gravuras de época e outras parafernálias típicas de um *pub* (embora eu duvide de que tenha conseguido trazer, na sua bagagem de mão, a autêntica cabine de telefone vermelha).

O Brasil foi muito bem-vindo depois da Argentina caríssima (10 dólares por uma cerveja em 1981). De fato, o custo de vida no Brasil era relativamente barato e podíamos gastar e desfrutar do nosso dinheiro, apesar da inflação galopante – nas lojas, as mercadorias tinham um preço de manhã e outro diferente à tarde.

Os mais inventivos da equipe de apoio, que não haviam gastado cada centavo de suas diárias, ou estourado seus cartões de crédito, procuravam *souvenires* de qualidade decente, típicos do lugar e que julgassem um investimento rentável. Basicamente, procurávamos itens que fossem mais baratos do que em casa. Em nossas viagens, compráramos todo tipo de coisas. No Japão: quimonos antigos e tecidos estampados, pérolas e produtos eletrônicos. Na Austrália: opalas e… bumerangues. A Espanha foi ótima para artigos de couro. Na França e Itália, roupas de "festa"; África do Sul, diamantes e os Estados Unidos eram o melhor para jeans Levis, joias de turquesa feitas por índios americanos e chapéus de cowboy. Algo atraente que o Brasil ofereceu foram as pedras preciosas. Mas as joias não interessavam muito ao empresário Gerry Stickells, que queria algumas cabeças encolhidas! Além de nojentas, esses "*souvenires"*, provavelmente de índios assassinados (não creio que muitos tenham morrido de causas naturais), eram ilegais. Gerry não conseguiu comprar nenhuma, porém tenho certeza de que pareceriam encantadoras em sua casa na Califórnia, ao lado das lembranças de guerra, do seu papagaio e dos discos de ouro de Jimi Hendrix.

PULANDO DE ALEGRIA

As apresentações em Belo Horizonte haviam sido canceladas por razões que não valem a pena mencionar, mas as de São Paulo estavam confirmadíssimas. Esse deveria ser nosso primeiro espetáculo brasileiro, pois as autoridades e os *promoters* ainda discutiam se deveriam ou não liberar o Maracanã, no Rio, para um show de rock. Aquele era o estádio com a maior capacidade do mundo e a casa do que, no Brasil, se igualava à religião: o futebol.

A preocupação girava em torno da possibilidade de causar estragos à sagrada arena de jogo. As únicas outras grandes atividades não futebolísticas a ocorrerem ali tinham sido um show de Frank Sinatra e uma visitinha de Sua Santidade, o Papa. Se o Queen tocasse no local, todo o campo precisaria ser coberto para protegê-lo com rolos de grama artificial, conforme acontecera na Argentina.

Como as autoridades brasileiras ainda não estivessem muito convencidas, isolaram uma pequena área do gramado do Maracanã, puseram a cobertura protetora e mandaram vários jovens, cheios de energia, pularem para cima e para baixo por duas horas seguidas. Após essa simulação do comportamento padrão de um concerto de rock, inspecionaram os danos provocados na superfície. Decretaram, então, que o Maracanã permaneceria restrito a jogos de futebol.

Depois de desfrutarmos da paisagem magnífica, sons e sabores do Rio (cerca de 20 dólares o grama), pegamos a ponte aérea para São Paulo, num avião dotado de curiosos buracos, pequenos e simétricos, ao longo do teto da cabine. Explicaram-nos que até recentemente havia alças penduradas ali e passageiros que chegassem atrasados ficavam no corredor, como no metrô de Londres, segurando as alças durante o voo doméstico de uma hora! Saúde e segurança? Nunca ouviram falar…

O enorme estádio aberto do Morumbi, em São Paulo, abrigou 251 mil fãs em dois shows: o maior evento de público pagante de uma banda de rock em todo o mundo. O Queen ficou satisfeito. Realmente criou-se uma atmosfera impressionante quando a banda saiu da boca do túnel – ligado aos vestiários – e

entrou na arena, subindo então as escadas para o palco. Aquele costumava ser o caminho percorrido pelos jogadores de fubebol, para se manterem fora do alcance de objetos jogados pelos torcedores. Além da segurança pessoal do Queen, contamos com a ajuda local do autodenominado Dr. Morte e seus companheiros. O bom doutor afirmou ter “removido”, pessoalmente, dezenas de indivíduos, trabalho recompensado pelas “autoridades”. Orgulhoso, ele exibiu sua poderosa arma automática pelos camarins, inclusive posando para fotos. E não hesitou em pedir o autógrafo de cada um dos membros da banda.

A despeito do sucesso dos shows, os dias seguintes se provariam tensos, enquanto cuidávamos para que os equipamentos fossem retirados do país com segurança. O Brasil exportava muito – café, frutas e outros produtos – contudo os despachava essencialmente por mar e, como ainda nos sentíamos pisando em terreno desconhecido, decidimos que, em virtude das circunstâncias, seria mais prudente retirar tudo o quanto antes por via aérea. O problema resumia-se agora em encontrar um avião de carga disponível e grande o suficiente para atender às nossas necessidades. A divisão de carga da PanAm, ao se inteirar de nossa situação, pediu um preço alto, confiante de que não teríamos outra escolha. No entanto, a Flying Tigers mais uma vez veio em nosso socorro: um avião carregado de máquinas industriais de tecelagem chegaria de Zurique e ainda estava sem carga para o retorno. O Jumbo 747 seria perfeito e fechamos um bom negócio para pousar em Nova York. Todo o material, incluindo palco, andaimes e sistema de som que haviam sido enviados para a Argentina por mar, poderia ser acomodado no avião de uma só vez, com tempo e custos reduzidos. Perfeito. Certo? Bem, o 747 da Flying Tigers exigia que a carga fosse colocada em estrados especiais que poderiam ser acomodados nos trilhos de fixação no porão. Adivinhe de quem eram os únicos estrados adequados disponíveis? Da Varig, a companhia aérea brasileira, e da PanAm, que não estava muito contente com a derrota para a Flying Tigers. Acredito que algum pagamento tenha sido feito às duas companhias durante a longa negociação. Em dinheiro vivo.

Enquanto isso a equipe de apoio estava cansada e puta da vida. Tiramos alguns cochilos deitados em cima das caixas de madeira e quando, enfim, fomos chamados de madrugada para iniciar o carregamento da aeronave, trabalhamos auxiliados pelo café local, cuja versão mais suave pode provocar palpitações. Com as 40 toneladas de equipamento carregadas, retornamos ao deteriorado Hotel Jaraguá já em plena luz do dia. Fiquei um pouco chateado por não ter podido embarcar para Nova York no avião de carga fretado, porque, de acordo com o regulamento, apenas cidadãos dos EUA podiam viajar como passageiros extras. Voar no andar superior de nosso próprio 747, com tudo o que queríamos, poderia ter sido divertido.

América do Sul mais uma vez – sem mais mañanas

A despeito das dores de cabeça e pesadelos, mas impulsionados pela euforia da inovadora primeira turnê, dentro de seis meses estávamos de partida para uma segunda viagem à América Latina. Antes, porém, de continuarmos para a Venezuela, paramos em Nova Orleans, com seu Bairro Francês e ensaios no auditório Cívico. Hora de uma das festas do Queen numa daquelas varandas de ferro forjado com vista para a Bourbon Street.

No dia seguinte, tivemos que passar por exames médicos e sermos declarados aptos e saudáveis para receber o visto de entrada na Venezuela. A maioria de nós estava à beira da exaustão, alguns sofrendo com a diferença de fuso horário e todos querendo saber, de verdade, como estava de saúde, já que não costumávamos nos consultar por vontade própria. Um médico local se instalou com sua maleta preta surrada num camarim manchado de nicotina e ali submeteu cada um dos integrantes da equipe de apoio a um exame básico. Depois nos informou de que éramos um grupo de homens jovens e saudáveis, apesar de duas características notadas em quase todos: frequência cardíaca ligeiramente elevada (devido à experimentação com certos produtos da América do Sul?) e ouvidos sujos, cheios de cera (devido à resistência natural do corpo na

tentativa de bloquear os ruídos desagradáveis num volume alto?).

Rica em petróleo, Caracas converteu-se numa experiência estranha e inquietante. A cidade moderna, de concreto, no alto das montanhas, foi o primeiro lugar onde vi um cadáver na rua. O Queen tocaria num ginásio de esportes, o Poliedro. Depois de conseguirmos fazer o *promoter* local entender que a equipe de apoio, assim como a banda, precisava comer e beber durante os shows, as coisas transcorreram surpreendentemente bem.

Nós nos hospedamos no Anauco Hilton, uma torre enorme onde dividimos apartamentos duplex. A maldição da América do Sul sobre nossos sistemas digestivos ainda não se dissipara e o vaso sanitário de nossos aposentos ficou conhecido como "Escorregador de lama". Além de ingerir o conteúdo dos pequenos tubos de plástico vindos da vizinha Colômbia, não tínhamos muito com o que nos distrair. Com tanta testosterona sobrando, a coisa mais selvagem que conseguimos fazer foi arrancar todas as páginas de dois catálogos telefônicos, confeccionar aviõezinhos de papel e lançá-los para o hotel do Queen, o Caracas Hilton, no outro lado da rodovia. De feras embrutecidas do rock'n'roll, nos convertêramos em Sujismundos!

Perto do Caracas Hilton havia um pequeno parque. Jobby e eu fomos dar uma volta pelo lugar e tirei algumas fotos do prédio antigo junto aos portões de entrada. Após caminharmos um pouco, não vendo nada de interessante, resolvemos voltar. Bloqueando nosso caminho, estava um bando de rapazes vociferantes e barbudos – pareciam estudantes – munidos de bastões, paus e galhos de árvore. Senti-me confuso e muito, muito preocupado. Assim, corremos para o outro lado do parque, apenas para descobrir que a saída também fora fechada por outro grupo de pessoas – com cães. Retornamos aos portões principais, agora realmente sem ter para onde ir. Eu estava apavorado, vendo aqueles homens enraivecidos avançando na nossa direção. Acabaríamos espancados até perdermos os sentidos, ou mortos.

Em meio a todo o terror, consegui raciocinar com um pouco de lógica. "Por

que tantos deles, só para nos assaltarem?”

Instintivamente levantei as mãos, sinalizando rendição, e tentei dizer:

– Não entendo – *no comprende – no comprende*.

A multidão estancou. Percebendo, pela minha pronúncia e sotaque terríveis, que eu não era nativo, os sujeitos nos fitaram intrigados e apontaram a câmera.

Tornei a erguer as mãos e me esforcei para explicar:

– Não, por favor, *musica*, *musica*, *grupo Queen*, sim?

Algumas cabeças assentiram e as armas de madeira foram abaixadas.

– *Me turisto, si?*

Mostrei o hotel e minha câmera. Então Jobby e eu nos pusemos a andar para a saída passando rentes à turba maltrapilha. Ouvindo-os rir, nos sentimos muito humildes. Sem brigas, nos permitiram deixar o parque. Acredito que nos tivessem tomado por jornalistas a serviço das forças de segurança, ou de algum tipo de interesse político indesejável. Foi uma das experiências mais assustadoras da minha vida, a de estar apenas passeando num parque para, segundos depois, enfrentar a possibilidade de sofrer uma morte brutal.

E devido a uma morte, não a minha felizmente, a turnê na Venezuelana foi interrompida. Romulo Betancourt, ex-presidente do país, faleceu num hospital dos EUA. Considerado o pai da democracia na Venezuela, as autoridades decretaram um período de luto oficial, e proibiram toda música, dança ou outras formas de entretenimento. Enquanto discutia-se se o Queen poderia ou não terminar a série de shows agendados, permanecemos numa espécie de limbo, a perspectiva de irmos embora na data planejada diminuindo.

Como os poderes em Caracas se mostravam incapazes de chegar à decisão definitiva a respeito de quando o Queen poderia voltar a tocar, traçamos uma rota de fuga. Partimos para Dallas, Texas, via Miami.

PAÍS BANDIDO

Permanecemos em Dallas além do imaginado, pois os arranjos para a turnê mexicana ainda continuavam nebulosos – ASE, “a ser emitida”, o que vinha se tornando costumeiro. Mais problemas surgiram para entrar no México, um paradoxo, considerando que o problema usual consistia em impedir a entrada ilegal de mexicanos nos EUA. Fomos informados de que estávamos agora, oficialmente, “ajudando os técnicos mexicanos” e toda a equipe de apoio foi transferida para Laredo, na fronteira Texas-México, onde preenchemos os pedidos de visto mais extensos e complexos de toda a nossa longa experiência no assunto. Às perguntas habituais, seguiram outras: sua religião, o nome de solteira de sua mãe, se você sabia ler e escrever, quais outros idiomas falava, o formato de seu rosto, nariz e seu tipo físico geral. Após tirarem nossas impressões digitais, fotografaram-nos de frente e de perfil.

A despeito de toda essa burocracia, ainda não pudemos atravessar a fronteira, porque eles só emitiam três desse tipo de “visto grupal” por dia. Gerry Stickells ia ficando cada vez mais tenso enquanto aguardávamos num hotel em Laredo. Matávamos o tempo bebendo ou lendo os livros de Ken Follet, que haviam se tornado populares entre a equipe. Aquelas histórias de espionagem eram ficção, porém a situação em que nos encontrávamos, não.

No dia seguinte, embarcamos no “El Tigre”, o ônibus que nos levaria ao território de Pancho Villa, onde o *promoter* inútil mais uma vez não tinha resolvido nada. O tempo urgia. Hora do suborno. O escritório mexicano da Alfândega e Imigração parecia saído de uma cena estereotipada de um faroeste *spaghetti*: chão sujo, gorduroso, paredes com a tinta descascando e ventiladores de teto que zumbiam desconfortavelmente. Pessoas com chapéus grandes de palha, surrados, seguravam galinhas e crianças encardidas sentavam-se num canto, com ar desamparado. Atrás do balcão, filas de funcionários, envergando uniformes bege manchados e mal-cortados, e quepes tortos, passavam as papeladas uns para os outros. Estava muito quente, úmido e desconfortável.

Entreguei meu formulário de pedido de visto e o passaporte – com uma nota

de 100 dólares metida na primeira página – a um funcionário gordo, com um lenço imundo ao redor da papada, que ele usava de vez em quando para enxugar o rosto vermelho e inchado antes de enfiá-lo novamente entre as dobras do pescoço. Um grunhido, um carimbo no passaporte e uma furtiva escorregadela de mão sobre o dinheiro e pronto, eu estava autorizado a entrar no México. Então fui.

Para aliviar o tédio da espera, Jim e eu saímos pela porta da área de segurança e pisamos no território mexicano sem que ninguém contestasse. Tomamos uma bebida, um sorvete e retornamos à área aduaneira "segura", novamente sem contestação. Com todos os passaportes carimbados e toda a equipe a bordo, partimos para Monterey pela estrada poeirenta. Após meia hora de viagem, outra barreira policial e mais uma vez o dinheiro mudou de mãos. Os vários shows planejados para Monterrey acabaram reduzidos a um só, porque apesar da grande demanda, os supermercados que vendiam os tão desejados ingressos não tinham mandado imprimir o suficiente a tempo!

O show no Estádio Universitário transcorreu bem, exceto pelo aparecimento inesperado de uma banda de apoio, fato que nos surpreendeu pois não houvera nunca um show de apoio oficial nas cidades sul-americanas onde havíamos nos apresentado. No entanto ali estava, ao pé da escada para o palco, em traje típico completo, com trombetas e tambores, uma banda de Mariachi. Eles protestaram, dizendo haver pago um monte de dinheiro para tocar no show. Mas para quem?

Aconteceram muitos outros incidentes de pessoas que pagaram a outras "pessoas" pelo direito de obter entrevistas exclusivas, fotos, filmagem. Alguém estava se divertindo e embolsando os pesos. Os *promoters* locais adotavam uma atitude evasiva e o *promoter* geral da turnê, radicado nos EUA, escutava os relatos dos muitos problemas ocorridos com incredulidade e, de olhos arregalados, dizia que havíamos insultado sua mãe. Então emburrava e saía dramaticamente, pisando duro.

Após o show, a multidão entusiasmada invadiu o fosso que, naquelas

paragens, separava o campo dos torcedores em partidas de futebol. A rampa que nossa equipe construíra desabou e pessoas caíram no canal seco de concreto. Felizmente, o pior ferimento sofrido por alguém foi uma perna quebrada. Todavia os advogados dos EUA não são os únicos predadores a se precipitarem sobre um caso com potencial de indenização. As autoridades fecharam os portões do estádio e se recusaram a deixar o Queen, ou qualquer um de nós, sair.

Por fim, depois de promessas feitas, acordos assinados e, sem dúvida, mais dinheiro trocado de mãos, permitiram-nos regressar ao hotel. Entretanto, o equipamento e os caminhões continuaram retidos e guardas armados foram posicionados nos portões para assegurar que as ordens fossem cumpridas. Essa tática visava nos fazer perder tempo e nos pressionar a pagar mais – "desculpe, pesos não" – apenas o bom e velho dólar e, de preferência, em notas graúdas. Nessas alturas, tínhamos nos tornado cínicos e desconfiávamos tanto das pessoas com quem estávamos lidando quanto da veracidade dos fatos. Quando enfim partimos para a Cidade do México, uma séria mentalidade de "cerco" se instalara em nosso meio: nós contra o resto, nesta terra de demência latina.

Ao chegarmos à Cidade do México, não havia transporte para levar a equipe de apoio do aeroporto ao resort em Puebla, uma viagem de duas horas. Nosso hotel, o Los Sauces, tornou-se Lost Causes (Causas Perdidas). O lugar, construído para os Jogos Olímpicos de 1968, fora pouco usado desde então. A água da piscina assemelhava-se a tinta preta, com uma espuma translúcida na superfície. Todos os dias, o pessoal do hotel despejava ali barris de produtos químicos, até que a água clareou e, nas palavras deles, achava-se agora "perfeita para o banho". À noite, movidos por litros de tequila, expulsamos nossas crescentes frustrações com um pouco de algazarra e o lançamento de alguns corpos naquele líquido espesso. Os encanamentos do banheiro proporcionavam uma diversão interessante: quando dávamos descarga no vaso, a água borbulhava de volta no ralo do piso do chuveiro antes de fazer seu percurso até o litoral.

Nós ainda sofríamos de "problemas de barriga" provenientes da água, ou de

comer hambúrgueres “chihuahua” – cheios de ossos pequeninos e não identificáveis – no restaurante do hotel.

Um rapaz americano, técnico de iluminação, conheceu uma garota mexicana muito bonita: “Eu *mucho gusto* ir *America”*. Ele era jovem, romântico, e seu cérebro ficava abaixo do cinto.

Zapateria

Roubos representavam uma preocupação constante na América Latina, de forma que as áreas do palco e camarins dispunham de segurança 24h. Apesar disso, durante a noite, trancávamos as caixas com as guitarras e as acorrentávamos a um conjunto de luzes, que por sua vez era suspenso no ar. Em seguida, desligávamos o motor de içamento, desconectávamos o aparelho e o levávamos para o hotel conosco em nosso veículo alugado – algo que nunca fizemos em nenhum outro lugar.

O micro-ônibus VW, com apenas três marchas e nenhuma marcha a ré, também foi equipado com um dispositivo de desativação: um plugue de meio centímetro, daqueles usados para ligar a guitarra ao amplificador. Esse plugue precisava ser inserido atrás da coluna de direção antes de dar partida no motor, e retirado para desligá-lo. Se a chave fosse girada para ligar o motor antes que o plugue estivesse encaixado, você levava um choque bastante desagradável!

O show em Puebla foi verdadeiramente chocante – uma experiência de turnê para nunca mais ser repetida. No primeiro dia, a pressão já se manifestou. A multidão enorme, na fila há horas, arrebentou os portões do estádio. Além das pessoas que compraram os ingressos, milhares de outras invadiram o espaço cuja capacidade acabou perigosamente ultrapassada. Estava evidente que muita tequila fora consumida e os ânimos exaltados. Quando o espetáculo começou, a plateia recebeu bem o empenho musical e teatral do Queen, pois havia um mar de gravadores erguidos no ar. Com fome de rock ao vivo, o público pretendia gravar o show.

Então, sem nenhuma razão aparente, as coisas ficaram feias e objetos passaram a ser atirados no palco. Não, não eram presentes, mas sapatos – um gesto de apreço? Nunca lançavam um par, apenas um pé. A propósito, no fim do show os proprietários estavam fazendo um barulho danado pedindo seus calçados de volta! Porém, quando algumas garrafas choveram no palco, a situação tornou-se preocupante. Para completar, como as pilhas de centenas de toca-fitas já houvessem acabado, estas foram arremessados em cima de nós também. Fred gritou para a banda “manter-se em movimento”, enquanto cantava e se esquivava dos projéteis.

Num determinado momento durante o espetáculo, enquanto eu estava agachado na minha posição habitual, junto do piano, senti algo resvalar no meu braço e cair sobre o tapete do palco, produzindo um baque surdo. Era um parafuso de metal velho, de uns quinze centímetros de comprimento, e parecia ter sido arrancado de uma linha de trem. Legal! A banda escapou ilesa, contudo no vestiário, após o show, o mundo veio abaixo. Furiosos, eles disseram que não fariam mais apresentação nenhuma e voltariam para casa. Gerry no seu papel de Sr. Vaselina como sempre, precisou lubrificar as engrenagens e, diplomaticamente, ponderou que teríamos um show no dia seguinte e depois um tempo livre antes dos últimos shows em Puebla. Se o Queen não tocasse na noite seguinte, seria muito difícil sair do país e os equipamentos com certeza ficariam retidos, sem contar com o “detalhe” da possibilidade de o público organizar um motim.

A banda concordou em fazer mais um show, no entanto exigiu garantias de segurança. Algumas medidas tomadas e postas em prática: o público entraria no estádio bem mais cedo e num ritmo lento; todas as pessoas seriam revistadas na entrada e quaisquer objetos suspeitos e passíveis de serem lançados confiscados, assim como as pilhas dos gravadores. O álcool também estaria proibido. O arranjo soou razoável. Porém, ao som do último acorde, iríamos desmontar tudo e cair fora o mais depressa possível. Apesar de estarmos enfraquecidos devido

aos vários distúrbios digestivos e de não termos recebido nenhum alimento decente e apropriado para consumo no estádio, trabalharíamos na base da adrenalina, pois estávamos todos “desesperados” para ir embora. A polícia fez seu trabalho de confiscar as baterias e os possíveis projéteis, mas outros policiais foram vistos vendendo as mesmas pilhas no interior do ginásio a preços absurdos!

Terminada a movimentação de desmonte após o segundo show, o equipamento seguiu para o aeroporto de caminhão, acompanhado por guardas armados. John Deacon e eu pegamos um voo para Los Angeles. John queria descansar um pouco naquela cidade e a mim caberia aguardar a chegada do equipamento para separar o que permaneceria em Los Angeles e as peças de estúdio a serem enviadas para Munique. Sentados à beira da piscina de uma cobertura em Beverly Hills, com George Harrison, John contou as histórias de horror de nossa viagem mexicana. Pensativo, George narrou sobre a experiência dos Beatles nas Filipinas onde, literalmente, temeram por suas vidas e foram agredidos fisicamente enquanto tentavam deixar o país.

Quando eu soube que o equipamento estava de volta aos EUA em segurança, rumei para Dallas a fim de organizar o transporte e, em seguida, voei para Frankfurt. Então dirigi até Munique, liberei o equipamento na alfândega, organizei a entrega no Musicland e aguardei a banda. Quando o Queen chegou poucos dias depois para continuar a gravação de *Hot Space*, o clima permanecia ambíguo. Era um grande alívio ter saído do México e felizmente o equipamento achava-se agora seguro e em boas condições. Não obstante, a experiência mexicana custara uma fortuna, uma quantia de sete dígitos. Por que dera errado? E de quem fora a culpa?

As desculpas soaram vagas e evasivas. O Queen não conquistara o continente como pretendera e lembretes dolorosos foram espalhados pelas paredes do estúdio na forma de imagens de itens de igual valor ao dinheiro perdido: aviões a jato, mansões no campo, iates, passes de craques do futebol

etc. junto com notas manuscritas sobre a perda. O Queen podia arcar com os custos sem dificuldade, porém, compreensivelmente, não gostou.

Grande Rio

A terceira viagem à América do Sul aconteceu para o Rock in Rio. Devido ao trabalho pioneiro do Queen, o caminho estava aberto para os demais, e a América do Sul já não representava os riscos outrora temidos pelas bandas e empresários. O festival em janeiro de 1985 se estenderia por uma semana, incluindo dois fins de semana, e o Queen seria a principal estrela, pois ainda eram um grande chamariz de público no Brasil.

Partimos da Inglaterra cinzenta debaixo de uma feroz tempestade de inverno e da neve pesada para o ensolarado aconchego do Rio de Janeiro. Nosso voo noturno da Varig aterrissou na manhã seguinte num Rio luminoso e quente. Saímos do aeroporto cercados de hordas de fotógrafos, jornalistas e equipes de reportagem. O Queen ainda não chegara à cidade e então eu não fazia ideia do que aquelas pessoas queriam, até que me vi na primeira página do *Jornal do Brasil* no dia seguinte. Haviam-me confundido com John Deacon. John Deacon, grande astro do rock chegando para um concerto gigantesco, empurrando seu próprio carrinho de bagagem e depois entrando numa Kombi? Além de estampada na primeira página do jornal, minha foto também estava no caderno *Rock in Rio*, ilustrando uma nota segundo a qual “o baixista parecia muito calmo enquanto pegava sua bagagem e atravessava a multidão…”.

A organização brasileira de shows de rock tinha melhorado tremendamente desde a nossa primeira visita. O local das apresentações ao ar livre, no sul da cidade, fora construído para esse fim. Conforme o esperado, os brasileiros, empolgados e expressivos, receberam o show do Queen com enorme entusiasmo. Eu me sentia prontíssimo para me divertir um pouco antes da próxima apresentação, quando Gerry me pediu para ajudá-lo a resolver um problema.

– Hummm… Que tipo de problema?

Sucedeu-se que o *roadie* do guitarrista de jazz americano George Benson tinha abandonado/ou sido demitido/ou levado um tiro/ou algo assim, portanto, será que eu poderia cuidar das coisas relacionadas com a guitarra no palco nos dois shows que George faria? Falamos em dinheiro e a cifra, em dólares, era razoavelmente vultosa. Ok então. Não enfrentei dificuldades significativas, pois além do equipamento não ser muito, tratava-se de uma experiência revigorante depois dos espetáculos ensurdecedores aos quais eu estava acostumado. O show de George Benson correu muito bem e não padeci da tensão e angústia que sempre experimentava durante uma performance do Queen. Tive apenas de lidar com uma corda de violão quebrada. Após a apresentação, declinei do amável convite para uma reunião nos bastidores com o sr. George, visto que seria um culto das Testemunhas de Jeová! Cada um na sua, mas por que, oh, meu Senhor, *por que* essas pessoas sempre batem na porta *tão* cedo na manhã de domingo? Quando ainda estou tirando uma soneca, ou curtindo uma ressaca?

Depois da segunda apresentação do Queen, pediram-me outro favor. Eu poderia permanecer na cidade mais alguns dias e esperar as fitas de vídeo do show, gravadas no local, e levá-las pessoalmente para Londres? Sim. Parecia-me um favor razoável: ficar no ensolarado Rio, hospedado agora no Hotel Sheraton – com sua praia particular – receber algumas diárias extras e desfrutar de cocaína barata ao invés de aguentar o frio cinzento e desolador de Londres. O único problema seria passar meu aniversário de 30 anos no Rio de Janeiro. Bem, isso poderia virar tópico de conversas no futuro. Depois do meu jantar de aniversário num restaurante à beira-mar, retornei ao bar do hotel e tentei xavecar algumas garotas argentinas, mas quebrei a cara. Eu não conseguia entender. Será que perdera meu charme ao bater nos 30? Talvez elas fossem lésbicas? Sim, era isso, definitivamente lésbicas. Ou então ainda era muito cedo após as Malvinas?

Compensei o fora tomando uma ou duas das potentes caipirinhas com meu colega Robert “Plug” Usher, *roadie* de Angus Young, o guitarrista verticalmente

prejudicado do AC/DC.

– Brasil – lugar de onde vêm as nozes.

SUN CITY

(*Blik*, ou seja, não entendi nada)

Depois das pioneiras aventuras na América do Sul, qual terra compradora de discos seria a próxima vítima da máquina de turnê do Queen, que por onde passasse deixava um rastro de saques e conquistas? Mencionava-se a Rússia ocasionalmente em conversas discretas, porém aqueles eram os primeiros anos da década de1980 e ainda os dias da Cortina de Ferro. A Dama de Ferro estava no seu auge no Reino Unido e o *apartheid* reinava na África do Sul, com Nelson Mandela definhando atrás das grades na prisão de Robben Island.

“Sucesso garantido! Certeza absoluta!”

Partimos para a África do Sul.

Ano: 1984; o Grande Irmão estava nos observando. E ele é um membro do conselho do Sindicato dos Músicos.

Rica em minérios, a África do Sul regularmente entregara ao Queen uma riqueza enorme em prêmios na forma de discos de ouro, platina ou diamante, metais preciosos nativos do país. Após alguma discussão de cunho prático, político e moral, foram agendados onze shows e na arena Super Bowl, com “público misto”, em Sun City. Os ingressos esgotaram-se num átimo e poderia ter sido vendido o dobro, o que agradou muito a banda. Ser grande e popular sempre agradava ao Queen. Embora não agradasse a todo mundo.

ISSO NÃO CONSTA NO FOLHETO

Após uma bem-sucedida turnê europeia que culminou com festas da pesada

em Viena, encontro-me com os outros chefes de departamento na escura, úmida e desolada área de carga do aeroporto de Frankfurt. Eu pouco dormira nos últimos dois dias. Estou suado, sujo e dolorido. Minha calça jeans precisa urgentemente de uma lavanderia.

O glamour do rock’n’roll sofre quando você gasta incontáveis horas em hangares imensos, frios e miseráveis, cercado de toneladas e toneladas de equipamentos pesados e montanhas de outros bens com destino aos quatro cantos da terra. Internacional? Sim. Exótico e excitante? Não. Não há nada para comer ou beber, exceto o chá ou café nojentos de uma máquina a 15 minutos de distância. É proibido fumar e qualquer cochilo, enquanto você espera as engrenagens da burocracia girarem, tem que ser tirado em cima de caixas de carga duras e imundas. Porém, os cheiros rançosos, combinados com a fumaça e zumbidos de um aeroporto frustram as tentativas de descanso.

Assim que o sinal verde da alfândega era dado, uma onda de adrenalina desencadeava as atividades frenéticas: colocar o equipamento nos estrados o mais depressa possível, verificar se tudo estava seguro e na posição correta, e cair fora. Muitas vezes, durante esses momentos da minha carreira na música, considerei outros ramos de emprego. Esses momentos trabalhosos, deprimentes e horríveis não constavam no folheto sobre o estilo de vida rock’n’roll que eu lera.

Será que Fred fazia ideia do que eu passava nesses momentos? Não. Sendo tão perfeccionista, ele simplesmente esperava profissionalismo de todos os envolvidos e que o conforto de um universo conhecido – representando por um palco de 20 × 17 metros – aparecesse onde quer que o Queen tocasse. Fosse por magia, ou sangue, suor e lágrimas.

Carregamento encerrado, conseguimos engolir um pouco da ração de aeroporto, tomar um *stein* da cerveja alemã de despedida e em seguida pegar um voo da Lufthansa para Joanesburgo.

Acordei como é de praxe quando se dorme em aviões: meu pescoço parecia

ter encolhido, minha boca estava travada e até meus cabelos doíam. Então olhei para fora da janela. Vi que havíamos pousado. Seria Nairóbi? Estávamos reabastecendo? Minha primeira visão da África foi a de um lugar simples e insosso, nada semelhante às brochuras de férias suntuosas e atraentes.

Após a aterrissagem em Joanesburgo, mais tarde naquela manhã, descemos os degraus da aeronave para a pista negra e reluzente do aeroporto Jan Smuts e fomos brindados com uma temperatura escaldante. Através da massa de calor, avistamos carros blindados e uma forte presença militar à distância. Caramba! Será que eles tinham ouvido falar do Queen, de nossas festas e comportamento em geral hedonista? Aquele pessoal era um pouco linha dura ali, segundo o que me haviam dito. Será que iriam nos causar aborrecimentos?

Ao nos aproximarmos do terminal, eu estava me sentindo cansado e um pouco lerdo. Lembro-me de pensar que Jan Smuts devia ser o nome de alguma malandra local. No saguão de desembarque vi cartazes impressos com a palavra "Slag"[1] e fiquei bastante confuso. O que estava acontecendo? O africâner não é uma língua com a qual eu estivesse familiarizado, mas que lugares essas garotas frequentavam? E, o mais importante, elas desejariam entradas para o show?

Depois de passarmos pelas pessoas encantadoras da imigração sul-africana, o assessor do *promoter* local nos acompanhou até um hotel do aeroporto onde aguardamos ser chamados de volta pela alfândega para retirar nosso equipamento do avião de carga.

Como de hábito, a chamada aconteceu no meio da noite, quando já estávamos deitados e dormindo. O que também não consta no folheto.

Tendo convencido o funcionário da alfândega – estiloso em sua bermuda e camisa brancas impecáveis, com as insígnias douradas de seu posto – de que tudo estava em ordem (e por falar nisso, ele teria amigos ou familiares que gostariam de assistir ao show?), começamos a carregar os contêineres que seriam levados nos caminhões plataformas.

O cara atarracado da empresa de transportes, que trocara a região central da

Inglaterra pela “boa-vida” na África do Sul – casa com piscina, churrasqueira, posse de arma e uma cerca eletrificada de arame farpado –, trouxe seu grupo de carregadores. O sujeito claramente se deleitava com sua própria riqueza e poder e fez questão de enfatizar que os negros que compunham sua equipe estavam “todos em ótima forma, sem um único grama de gordura”.

Eu não sabia muito bem como interpretar o comentário, porém, quando aquele homem preconceituoso apontou para mim e gritou para os carregadores: “Façam tudo o que o patrão aqui mandar”, fiquei realmente atordoado. Com o auxílio de uma empilhadeira, começamos a transferir as caixas de carga para os contêineres. Os trabalhadores agiam de forma bastante cautelosa em relação a mim, contudo, quando me viram entrar num contêiner, sem camisa e suado, mostraram-se verdadeiramente confusos. Por que um homem branco faria um trabalho braçal, servil e sujo?

Do interior do contêiner, eu orientava os caras no solo, dizendo-lhes quais caixas queria e em que ordem. Em seguida as distribuía conforme achava melhor.

Chegamos então aos amplificadores Vox AC30 de Brian, que deveriam ser colocados sobre uma pilha já arrumada. Expliquei ao rapaz que estava comigo o que iríamos fazer. Ele pegou um lado da caixa, eu peguei o outro e falei: “Vamos lá”. Embora eu tenha erguido o meu lado, ele não levantou o seu corretamente e a pesada caixa de madeira desabou no chão. Ágil, pulei fora do caminho. Esse tipo de incidente não era incomum e eu estava acostumado. Quando você carrega caminhões todas as noites, com carregadores diferentes, que falam línguas diferentes, com a adrenalina fluindo e a pressão de terminar tudo o quanto antes, mal-entendidos acontecem.

O jovem negro saltou para trás, pressionando-se contra a parede do contêiner e fitando-me com olhos arregalados, o horror estampado em sua face. Suspeitei de que esperava uma bronca minha, ou até ser fisicamente punido por seu erro.

Foi um incidente desconcertante. Garanti-lhe que tudo estava ok, que não se

preocupasse e que apenas continuasse o trabalho. Com um pouco de paciência, logo encerramos parte do serviço e descansamos alguns minutos na parte detrás do contêiner cheio. Ofereci aos rapazes uma rodada de meus cigarros Benson, comprados na *duty free*, e percebi que aceitaram com uma gratidão nervosa.

Aquele evidente sistema de segregação constituiu uma experiência nova e terrivelmente desagradável para mim. Senti-me muito desconfortável sendo visto como uma espécie de "amo" entre pessoas que tiveram a infelicidade de haver nascido sob um regime vergonhoso.

A política não era, de jeito nenhum, uma questão que me motivasse, ou mesmo me interessasse, pois vivi minha vida inteira no mundinho irreal e limitado do rock'n'roll. Mas havia algo de muito errado naquilo tudo.

Ao amanhecer, quando terminamos de carregar todos os contêineres, levaram-nos pelo cenário deslumbrante do Transvaal até Sun City, e a uma cama bem-vinda.

Quando você dormiu pouco, está esgotado e acabou de enfrentar uma longa turnê pela Europa, tem o direito de ficar um pouco zonzo e permitir que sua mente lhe pregue peças. Todavia seria miragem ou realidade o que vimos quando entramos em Sun City, após uma viagem de carro de três horas? Sun City é um centro de entretenimento no estado independente de Bophuthatswana, na república da África Austral. Não existem fronteiras, só uma placa de madeira na beira da estrada informando onde você "está entrando", como se apenas marcasse a passagem de um condado para outro.

Essa Las Vegas no meio do mato, um lugar bizarro com o qual deparar, me provocou uma sensação estranha, como se a qualquer instante eu fosse avistar placas anunciando shows de Tom Jones ou de Liberace dependuradas em prédios guardados por seguranças. Naquelas plagas se desenrolara a dramática batalha de Rorkes Drift, em 1879, inspiração para o filme *Zulu*, que transformara o jovem Michael Caine em astro. A batalha ocorrera num 23 de janeiro, o dia do meu aniversário.

Não há muita gente que saiba disso!

Será que essa banda britânica conquistadora teria que se preocupar com os nativos cerca de 105 anos depois? Bem, todo o imbróglio começara muito antes – lá na minha terra.

O xis da questão, porém, não eram os zulus negros e sim uma lista negra. Quando o Queen anunciou os futuros planos envolvendo Sun City, a imprensa o condenou com severidade. Devido ao sistema do *apartheid* vigente, consideraram a turnê uma aprovação do regime, ainda que em Sun City o público fosse supostamente "misto". Levantou-se também uma teoria contrária, perversa em sua lógica, segundo a qual tocar em Sun City não significava tocar na África do Sul de verdade, portanto, por que o alarde? Para mim aquilo soava como papo de advogado.

O Queen jamais assumiu a postura de uma banda politicamente engajada e sempre se esforçou para dar às pessoas um bom produto, fosse uma gravação, um clipe, ou um concerto ao vivo. O tempo inteiro eles buscavam se aventurar em territórios novos e desafiadores onde tocar e conquistar. Um Queen imperialista?

Faturar nunca constituiu a principal preocupação dessas turnês e nunca se comprometeu um show apenas para ganhar um dinheirinho fácil. Para o Queen, a qualidade vinha sempre em primeiro lugar. Além de serem tidos como os maiorais.

Porque não fazia segredo de seus planos, a banda tornou-se o bode expiatório de muitos outros artistas britânicos e americanos famosos, que tocaram em Sun City, mas mantendo a discrição, entrando pela porta dos fundos e saindo com montes de dinheiro. Paradoxalmente, esse rol incluía grandes nomes negros.

A África do Sul para mim? Realmente adorei ver leões, elefantes, rinocerontes e crocodilos. Faça um safári – assim como o folheto recomenda.

“DÁ-LHE” – E A VOZ PIFA

Os shows em Sun City foram marcados cuidadosamente para os fins de semana, de modo a maximizar o público que viria das cidades sul-africanas distantes e que, ao adquirir o ingresso, se hospedaria nos hotéis locais, comeria nos restaurantes, beberia nos bares, jogaria nos cassinos e compraria toda sorte de mercadorias e *souvenires*. Como o show já estivesse tão bem ensaiado, pois vinha da recém-terminada turnê europeia, tudo andava no piloto-automático, para a banda e a equipe de apoio, com a performance do Queen e o espetáculo como um todo recebendo elogios entusiasmados. Pessoalmente considero *The Works* o melhor conjunto de palco, iluminação e som de todas as turnês da banda. A equipe de apoio foi uma das melhores e trabalhava com maior entrosamento do que nunca. E além de a banda haver reunido uma grande combinação de canções, eles estavam tocando especialmente bem.

O grito de guerra de Fred antes do início do espetáculo costumava ser: “Dá-lhe”. Na realidade, “Dá-lhe PORRA!” Mas a gente nunca sabia o que sairia do polido vocabulário de Freddie Mercury. Isso nos mantinha no pique. E ele também.

Tudo ia perfeitamente bem até Fred, depois de uns dois shows, começar a ter dificuldades com a voz logo na primeira canção. Ele passava a impressão de estar sentindo muita dor e as bebidas quentes de mel e limão que eu lhe preparava todas as noites se mostrariam inúteis devido à seriedade do problema. Depois de algumas músicas, ele olhou para mim, balançou a cabeça e falou consigo mesmo: “Não, não, não posso continuar”. Com passos firmes, rumou para a saída, à direita do palco.

O resto da banda parou de tocar e também se retirou enquanto o público, compreensivelmente, emitia sinais de descontentamento.

Aos poucos as luzes da casa se acenderam e o *promoter*, bastante nervoso, se dirigiu à multidão inquieta explicando que, lamentavelmente, Freddie estava sentindo muita dor de garganta e não conseguiria continuar o espetáculo. Uma

notificação seria transmitida pelo rádio e imprensa e os ingressos daquela noite deveriam ser guardados porque serviriam para os shows remarcados. Essa explicação foi recebida com algumas vaias, assobios e gemidos, mas a plateia aceitou a notícia razoavelmente bem e saiu de forma ordenada.

Um especialista, convocado às pressas em Joanesburgo, já se achava a caminho num jatinho particular. Fred nunca precisara de nada parecido antes e a situação provocou considerável preocupação.

Após a primeira consulta com o médico em seu camarim, lá estava Fred, metido num robe, saltitando, bebendo e tagarelando! Ele se mostrou entusiasmadíssimo com a ideia de um grande show ao ar livre, no Ellis Park, o estádio nacional, para fazer as pazes com o público. O quê? Aquele parecia o Fred normal, otimista depois de um bom show e alguns tragos, certo? Não, errado. O médico lhe aplicara uma poderosa injeção de cortisona, que proporcionara alívio imediato, porém temporário. O esteroide tirara a dor e reduzira a inflamação, entretanto a raiz do problema permanecia e estava longe de ser simples. Para poder cantar de novo, Fred teria que fazer repouso absoluto em sua suíte – especialmente climatizada – e se submeter a tratamentos adicionais.

Problemas de voz não eram nenhuma novidade, contudo, naquela ocasião, haviam sido severa e seriamente agravados pela poeira que o vento soprava do deserto e dos arbustos. A maioria dos cantores acabava sendo afetada, disseram-nos depois. Inclusive o bom amigo de Fred, Elton John.

Nada disso constara na brochura que recebêramos e quando Fred ficou a par da informação… bem, eu não poderia repetir seu palavreado em nenhuma brochura. Enquanto se recuperava em sua suíte – repleta de umidificadores e climatizadores – ele me convidou para tomar uma bebida. Durante sua convalescença, passava a maior parte do tempo ouvindo música e estava alucinado pelo álbum recém-lançado de Prince, *Purple Rain*. Fred amava a imagem que Prince criara para si e o considerava tão comercial quanto Michael

Jackson, mas com um apelo sexy e a ousadia de Jimi Hendrix.

Ao comparar, de modo favorável, algumas das letras de Prince com as de Hendrix, citou a canção “When Doves Cry” e o verso: “*Dig if you will the picture”* (algo como, “Saca, se você puder, a imagem”) e exclamou:

– Deus, como eu gostaria de ter escrito isso. É bom pra cacete!

Cuidado com a voz, Fred…

Movido por sua férrea determinação, Fred se recuperou bem e foi capaz de realizar os shows restantes. Ele raramente escutava os conselhos de alguém: um médico mandando-o reduzir a bebida porque iria danificar seu fígado? Sem chance. Um médico aconselhando-o sobre os cuidados para garantir seu maravilhoso dom de cantar? Sim.

O descanso forçado acabou se convertendo num período agradável para o resto da banda, que voou num Learjet particular para desfrutar das delícias da exuberante ilha Maurício, no oceano Índico.

Durante o show final, rolou uma breve “guerra de tortas” no palco utilizando chantilly, outros produtos lácteos e Spike, um músico de apoio contratado pelo Queen. Spike era tecladista que também tocava guitarra rítmica em “Hammer to Fall”, havendo sido descrito por alguém da plateia como: “Quem é aquele *roadie* gordo que entra no palco e toca guitarra?”.

Um insulto aos *roadies*, se você quer saber.

Durante o blecaute, antes do bis, um dos assistentes da banda veio até mim, gritando:

– Tire todo o creme e toda aquela outra merda do palco. Fred está louco, pois fica escorregando e entra em pânico, com medo de ferir o joelho de novo.

A voz de Fred fora consertada, todavia, os ligamentos do joelho “mercurial”, feridos durante algumas brincadeiras num clube de Munique antes da turnê, ainda inspiravam cuidados.

O que não impediu Sr. Mercury de jogar tênis em Sun City. Ele era bom nisso também.

Freddie Mercury era bom em quase tudo que decidia fazer.

Enxugando todas

Havia vários bares no complexo de Sun City e bebíamos muito, e sem pagar nada, no exclusivo bar do Club Prive, onde os grandes apostadores costumavam jogar. Embora não jogássemos, bebíamos e comíamos ali de graça, pois nosso *status* temporário de "pessoas interessantes" por associação nos franqueava o acesso. Travamos um bom relacionamento com todos os *barmen* e lhes demos passes para os shows. Mas, caso o *barman* fosse negro, acabavam não lhe permitindo entrar, ainda que o passe fosse de "Acesso a todas as áreas". Agora que penso nisso, não me lembro de ter visto muitos negros na plateia. Pergunto-me se teria havido algum.

Bebíamos muito, todas as noites, e então cambaleávamos de volta para nossos quartos, pulando uma cerca de arame para cortar caminho. Às vezes levávamos conosco alguma companhia feminina, moças de Birmingham que trabalhavam como crupiês e distribuidoras de cartas no cassino. Seus penteados cônicos, que deviam precisar de uma lata inteira de laquê para mantê-los na vertical, aliados à maquiagem carregada e ao uniforme de trabalho – brilhante e repleto de acessórios metálicos – faziam as garotas parecerem personagens saídos de um episódio de *Jornada nas Estrelas* da década de 1970. Impressão só agravada por seus pesados sotaques da classe operária de Birmingham, uma língua que soava alienígena quando em dobra sete.[2]

Assisti-las tentando pular a cerca de arame farpado com seus vestidos de noite justos era hilário, e um feito impossível. Por fim, as garotas simplesmente desistiram. Tiraram o vestido e pularam a cerca trajando apenas suas roupas íntimas e sapatos de salto alto. A visão de uma mulher jovem e atraente, numa pose um tanto indigna, vestindo calcinha e sutiã enquanto o sol africano nascia atrás da colina, banhando tudo de um vermelho-sangue, foi um momento comovente e poético.

Para espantar um pouco o tédio dos dias de folga, passamos a jogar boliche no início da noite, com exceção do figurinista-chefe, Tony Williams. Tony, o Galês, que gostava de beber, e, convenientemente, se transformava em Sr. Hyde – o Monstro – esquecia o que acontecia na noite anterior. Fora Sr. Hyde e não Tony Williams quem, semanas atrás, num hotel na Holanda, tentara fazer um strike ao jogar boliche. Como a bola fosse parar direto na canaleta, ele, infeliz com o resultado de seus esforços, dera um soco na parede ao lado, quebrando a mão. Após a cirurgia, para a colocação de pinos, Tony passou a trabalhar, e beber, somente com uma mão e a equipe viu-se obrigada a pôr a linha na agulha para Shirley, como Fred o chamava, a fim de que continuasse cuidando dos figurinos.

O AGRESTE MORTAL

Passar a noite num safári, no parque de animais que cercava Sun City, consistia numa tremenda diversão. Collie e eu levantamos um verdadeiro acampamento britânico no local após tomarmos emprestada a Bandeira Nacional que Fred exibia no palco e desfraldá-la sobre nossa tenda.

Acordei no meio da noite ao escutar todos aqueles guinchos, murmúrios e demais ruídos assustadores que são ouvidos nos filmes de Tarzan. Mas Collie, *com certeza*, não se parecia com Jane, nem mesmo usando uma cueca de pele de leopardo sob a luz romântica da lamparina.

No mato, há muitas coisas perigosas à espreita, não obstante, a mais letal de todas – e um assassino comprovado de acordo com o nosso guia – era uma ameaça estacionária: cocô de rinoceronte!

Pelo visto, os rinocerontes gostam de se aliviar nas trilhas que cortam a mata e esse depósito considerável transforma-se muito depressa, sob o abrasador sol africano, em algo duro feito pedra. Se os jipes de safáris descem correndo as trilhas e batem nesses montes mortais camuflados, capotam. O que não consta nas apólices de seguro, nem mesmo na lista de advertências em letrinhas miúdas:

“Perda de membros ou de olhos devido à merda de rinoceronte”.

Levaram-nos depois até o cercado dos felinos, leões pequenos e leopardos grandes. Todos esses animais ostentavam um número de código para pesquisa, exceto um deles, chamado Nigel. Conservei-me a uma boa distância, pois aqueles marotos eram um pouco brincalhões demais para meu gosto.

Podíamos desfrutar de outras formas de entretenimento saudável: piscinas, quadras de tênis e um campo de golfe. Os americanos da equipe eram doidos por esse jogo e costumavam levar seus tacos nas turnês, escondidos nas caixas de equipamentos. O campo de golfe tinha uma enorme desvantagem: COBRAS. De todos os tipos, inclusive as cuspideiras, deslizando por toda a grama e alojamentos.

Esses répteis traiçoeiros pululavam ao redor de Sun City e haviam feito inúmeras vítimas. Assim, com as advertências em mente, o americano Joe Trovato, designer de iluminação da banda, partiu com alguns de seus compatriotas para uma partida de golfe. Infelizmente Joe passara a maior parte da noite anterior enchendo a cara no bar e estava se sentindo muito, muito indisposto.

Iniciado o “Queen Open”, Joe, que já estava mais verde que o campo que o cercava, tomou o taco de seu caddie negro, ergueu-o no ar e preparou-se para desferir a primeira tacada. O grande esforço, contudo, provocou uma reação fisiológica no seu corpo debilitado e ele vomitou e cagou na hora e ao mesmo tempo. De verde, Joe estava agora branco feito uma folha de papel e vermelho de vergonha, as cores nacionais corretas para alguém de ascendência italiana. Seu leal caddie o cobriu com uma toalha e o acompanhou de volta ao quarto.

Ninguém do Queen jogava golfe, tampouco os britânicos da equipe de apoio. Assim Collie e eu escapamos para dar uma olhada na região. John Deacon nos emprestou seu carro alugado para que o levássemos até a entrada da arena do Super Bowl. Partimos para o sul naquele BMW topo de linha para Rustenberg, a cidade mais próxima na estrada para Joanesburgo.

Apesar de, provavelmente, não estarmos correndo nenhum perigo real em Rustenberg, o ambiente pareceu-nos pesado e encurtamos a excursão, regressando ao santuário branco da Fortaleza Sun City. Mas eu não era mais branco: estava ficando vermelho como uma lagosta por ter subestimado o sol africano. Com a vermelhidão da pele e meus cabelos tingidos de louro e com mechas vermelhas e azuis (moda na época), eu parecia um papagaio. Papagaio bonitinho, papagaio bonitinho, Peter bonitinho. Meu trabalho era algo que eu podia fazer agora praticamente como um papagaio: em troca de um punhado de sementes jogados na minha tigela de ração.

DINHEIRO E DIAMANTES

Por sorte nenhum de nós era jogador inveterado, pois havia muitas maneiras de perder o seu punhado de sementes no cassino de Sun City, ou nos corredores de caça-níqueis que prometia “Mais randes em suas mãos”. O uso da moeda sul-africana restringia-se àquela circunstância e não podíamos trocá-la com facilidade. Os contratos para os shows do Queen costumavam ser feitos exclusivamente em dólares, porém os *promoters* tinham que fornecer moeda local para as pequenas despesas. Então o que fazer com todas as diárias excedentes quase sem valor no fim da viagem a Sun City?

Gastar tudo? Mas em quê? Mesmo a *duty free* do aeroporto só queria dólar, libra ou marco. Moedas de ouro Krugerrands ou diamantes, comprados dos principais joalheiros sul-africanos, com presença maciça em Sun City, foram as escolhas mais populares de nosso grupo quanto às quinquilharias para levar para casa a fim de agradar a namorada, ou fazer um pé-de-meia. Entretanto, para adquirir diamantes não havia ninguém melhor a quem recorrer do que ao “Sr. X” (não consigo me lembrar do nome dele e tenho certeza de que isso o faz feliz).

O Sr. X, um contato da equipe local, vinha de Joanesburgo a Sun City tratar diretamente com as bandas visitantes e equipes de apoio que desejavam comprar gemas. Antes do show, dirigiu-se a um camarim nos bastidores, onde afinávamos

os instrumentos. Usáramos aquela sala especial com frequência para negociar com fornecedores locais de substâncias ilícitas e embora ali tivessem estado muitas pedras de cocaína enfileiradas, as pedras do Sr. X eram, grama por grama, muito mais valiosas.

O indivíduo que apareceu em nada se assemelhava a um comerciante de diamantes. Metido numa jaqueta encardida, de náilon com capuz, calça amarrotada e chinelos, aquele sujeito de meia-idade, de cabelos desgrenhados e oleosos, parecia o tipo que vende doces a crianças na porta da escola. Jogada no ombro, trazia uma sacola barata, imitando couro, de onde tirou montes de papéis de seda dobrados, recheados de diamantes de todos os níveis: quilate, claridade, cor e corte.

Como se mostrasse nervoso, nós o asseguramos de que estava em total segurança, no solo sagrado da sala de afinação. As transações foram efetuadas de forma muito mais proveitosa do que teriam sido com outros joalheiros, a respeito de quem o Sr. X falou sem um pingo de gentileza. Certas pessoas ricas, ao mandarem avaliar suas compras por seguradoras inglesas, tampouco falaram bem…

A sala de afinação era um lugar especial, e apenas pouquíssimas pessoas cruzavam a soleira da porta. Cartazes afixados na porta proibiam a entrada de metidos a besta, aproveitadores, agentes, advogados e outros. Você podia ser importante o suficiente para entrar rapidamente no camarim do Queen, mas nunca na sala de afinação, exceto quando convidado por alguém da equipe pessoal da banda. Considerávamos aquela a nossa sala íntima e secreta.

“Você pode vir verificar a energia elétrica na sala de afinação?”; traduzindo: “Vamos puxar um fumo?”. Também conhecido como “teste de atitude”.

Na sala de afinação havia um baú com os sintetizadores de guitarra Strobe, um amplificador compacto Fender Champ, transformadores de voltagem e quaisquer itens de valor. Num canto, um colchão de ar. Equiparamos o baú com fechaduras especialmente fabricadas, além de uma chave Allen de segurança.

Como o púnhamos no caminhão em primeiro lugar, quando começávamos o desmonte do show, o usávamos para guardar sacos plásticos cheios de dinheiro nas ocasiões em que portar quantias vultosas ao passar pela alfândega poderia ser arriscado, proibido ou impraticável. O colchão de ar permanecia à disposição de John Deacon, que acreditava piamente no poder de recuperação do descanso e do sono regrado. Também funcionava para ele como um refúgio dos dramalhões no camarim do Queen. Sendo o *roadie* de John, eu tinha permissão para utilizar o colchão, desde que lhe contasse os detalhes depois…

Na sala de afinação eu relaxava, fazia a manutenção e limpeza das guitarras de John e Fred e mudava as cordas dos instrumentos. Um novo conjunto de cordas sempre era colocado depois de três ou quatro shows, mais ou menos o mesmo intervalo em que a maioria do pessoal da equipe de apoio trocava de meias. Na sala de afinação eu podia me esconder e aprimorar minhas habilidades como guitarrista, esforçando-me para produzir sons que impressionassem quem porventura passasse do outro lado da porta fechada. Talvez houvesse um músico ali dentro? Não, definitivamente não. Porém uma guitarra elétrica de peso é um brinquedo muito sedutor, um ícone perigoso e tentador de se ter nas mãos. É capaz de gerar um barulho maior do que você mesmo. É incrível! O botão de volume de uma guitarra elétrica é a extensão da sua emoção reprimida.

É uma pena eu não poder realmente tocar.

A sala de afinação era um bom lugar para distrair as garotas, ou deixá-las por alguns instantes, enquanto lhes arranjávamos passes. Por sorte, nunca tentei entretê-las fazendo uma serenata com minha guitarra, ou teriam ido embora. Não havia ingresso para o show que valesse tanto. Desde a turnê *Jazz*, o uso da figura feminina nos passes do Queen sempre esteve em debate; uma garota bunduda, nua, numa bicicleta; o passe para a turnê *Magic* mostrava outra vez a bunda de uma garota de pé, de fio dental, sobre um banquinho, enquanto desenhos dos integrantes da banda dançavam embaixo. A mensagem subliminar: encham os estádios “enfiando a bunda nos assentos”.

Passes laminados extras, e os destinados a serem distribuídos no decorrer na turnê, eram designados como “John Doe” ou “Jane Doe”, os nomes utilizados pelos departamentos de polícia nos Estados Unidos para corpos não identificados. Na turnê *The Works*, em Sun City, surgiram passes e etiquetas de bagagem revolucionários, de alumínio; o metal traduzindo a aparência industrial do set. Nos passes estava estampado o desenho de uma máquina palmatória rotativa que dava algumas palmadas numa jovem operária de construção civil, e a inscrição na lateral instruía “use esta lateral”. Para quê? Os passes das turnês tinham evoluído; passando dos simples cabelos compridos e da frase “Tudo bem, cara – estou com a banda” para um sistema de alta segurança com diversos níveis de autorização.

Entretanto, em breve eu não precisaria de um passe para ter acesso ao meu emprego. Decisões haviam sido tomadas. Eu olhara outra brilhante brochura de carreira.

Sempre leia as letrinhas miúdas.

---

1 Gíria para “piranha” em inglês. (N. T.)

2 Em *Jornada nas estrelas*, “dobra espacial” é um sistema fictício de propulsão com velocidades superiores à da luz; dobra sete equivaleria a 325 vezes a velocidade da luz. (N. T.)

PENSEI QUE TIVESSE ACABADO

(Quase)

Existem quatro estações, quatro cantos da Terra, quatro cavaleiros do apocalipse e quatro músicos do Queen. Eu estive lá, vi tudo, fiz tudo – e de quebra ainda ganhei várias camisetas.

Músicos irão dizer-lhe que há quatro batidas em um compasso – e eu já dei muitas batidas em bares. Talvez até demais.

Era a hora de ir embora, hora de seguir em frente.

Antes da turnê europeia de *The Works*, que emendara na viagem a Sun City, eu decidira ter tido o suficiente do estilo de vida rock'n'roll. Queria um trabalho normal. Mais ou menos.

Minha decisão de deixar o Queen fora amadurecida ao longo do tempo, e não acontecera nenhum incidente, ou motivo em particular, que houvesse me levado a desistir de uma vida de rock. Apesar de ocupar um cargo importante dentro da estrutura de uma das maiores bandas do mundo, desejava algo mais, algo que me estimulasse e me satisfizesse. Tampouco queria trabalhar para outras bandas, a despeito das propostas generosas que recebi.

Estávamos na década de 1980, com Maggie Thatcher no poder, quando, supostamente, o "dinheiro corria solto". Entretanto, a recompensa financeira de trabalhar para o Queen com certeza não constituía uma razão para eu ficar pois, dentro da indústria, eles tinham a reputação de não pagarem grandes salários ao seu pessoal. Por ocasião da gravação de *The Works*, em 1984, eu sabia que estava ficando física e mentalmente esgotado, que trabalhava como nunca. A lealdade às vezes pode se tornar uma fraqueza e, como não houve nenhuma

oportunidade real, nem desejo para o meu crescimento dentro da organização Queen, resolvi ser aquele o momento ideal para sair, para cair fora enquanto ainda estava no auge da minha profissão.

Eu também vinha me desiludindo com a indústria da música em transformação e chegara a um ponto em que sentia uma necessidade imperiosa de mudar a fim de me satisfazer interiormente.

Há muito sabia que desejava me tornar um fotógrafo; era o que realmente amava fazer, o que me animava e inspirava. Não obstante, estaria mergulhando em águas desconhecidas e contaria apenas com meu limitado conhecimento do mundo da fotografia, um pouco de talento e muita fé, além da experiência, profissionalismo e capacidade de resistência que eu desenvolvera atuando no negócio da música.

Ter sido o chefe da equipe de apoio do Queen me dera confiança nas minhas habilidades e a crença de que eu poderia ir em frente e realizar outras coisas com sucesso. Apesar de haver sido só um trabalho para mim, mais tarde percebi como a minha posição havia sido importante e quão bom eu era na minha função. Todavia, conhecia as minhas limitações.

Dei o aviso prévio e deixei a folha de pagamento como funcionário em tempo integral da Queen Productions Ltda. em janeiro de 1985, logo depois de fazer 30 anos de idade. Sempre prometera a mim mesmo sair do negócio da música antes dos 30, e mais ou menos conseguira cumprir a promessa.

Minha decisão de deixar o Queen vazou durante os ensaios para a turnê, em Munique. Eu já tinha me aconselhado com algumas pessoas em quem confiava e a quem respeitava; de modo que os outros acabaram descobrindo.

Empenhei-me, de verdade, em contar ao Fred pessoalmente, mas, para minha surpresa, não foi fácil. A despeito de nossa estreita relação, Fred, não raro, era muito difícil de ser abordado, ou de estar sozinho no momento adequado. Esse momento adequado nunca chegou. Ele nunca estava a sós, ou com o humor adequado, ou no lugar certo.

– Fred, podemos conversar um instante?

– Mais tarde, querido, mais tarde.

Creio que ele estava tentando evitar a questão porque, apesar de ser um homem de personalidade forte, ousado, capaz de enfrentar qualquer desafio, Fred, às vezes, punha certas coisas de lado, esperando que desaparecessem.

O "Mais tarde, querido, mais tarde", jamais se materializou, porém ficou bastante claro que ele sabia que eu estava saindo, e que eu sabia que ele sabia – no entanto nada foi dito. Fred indagou a Gerry Stickells o motivo da minha decisão e Gerry ofereceu-lhe uma resposta simples: "Porque ele agora quer ser fotógrafo, não um *roadie*."

Então, inesperadamente, numa pausa dos ensaios, Fred me perguntou, num tom ríspido e formal:

– Quer dizer que você está nos deixando, hein?

– Sim, estou – retruquei, com uma sinceridade estoica.

– Certo. – Ele balançou a cabeça e sorriu para mim.

Nada mais foi mencionado.

Fred sabia que eu me dedicaria ao serviço como sempre, até a hora de minha partida. E de fato, na turnê *The Works* assumi ainda mais responsabilidades e trabalhei mais do que em qualquer outra turnê.

Se eu houvesse abandonado o Queen para trabalhar com outra banda, Fred nunca teria me perdoado. Mas, como estava indo me dedicar às "artes", sem dúvida isso ele conseguia entender.

Roger ficou chocado com minha resolução de sair, contudo, após uma conversa, compreendeu minhas razões. Antes que surgisse uma oportunidade de falar com Brian, alguém lhe contou e ele me procurou correndo no Sugar Shack. Bastante chateado, pediu-me para ficar, prometendo "colocar as coisas em ordem". Era tarde demais, eu já havia me decidido e dinheiro não representava mais um problema. John já estava a par do assunto, pois havíamos conversado sobre isso várias vezes.

John também se encontrava numa fase de mudanças. Em 1984 deixou o cabelo crescer novamente, num estilo “afro”. Começou a fumar, aos 33 anos, e passou a sumir das gravações, dizendo apenas a mim onde estava indo. Ele me fazia confidências e parecia estar de saco cheio. John jamais tentou me convencer a ficar, entendia os motivos pelos quais eu queria ir embora e, de alguma forma, dava a impressão de desejar poder fazer o mesmo.

Acho que John nunca mais foi exatamente o mesmo depois dessa fase.

I want to break free. (Quero ser livre.)

Começa a beneficência

Como parte da negociação da minha saída, concordei em fazer o Rock in Rio e a etapa final da turnê *The Works* na Nova Zelândia, Austrália e Japão em abril e maio de 1985, como *freelance*, pois então já começava a definir minha nova carreira como fotógrafo. Encerrada a turnê japonesa em Osaka, pensei que tudo acabara, que nunca mais tornaria a rastejar sob um piano ou dentro de um caminhão sujo. Errado.

Mal retornara ao estúdio alugado, que dividia com um colega, e estava trabalhando duro para fazer minha nova carreira deslanchar, quando recebi um telefonema – a banda ia tocar num evento chamado *Live Aid*.

O Queen não concordara em participar de imediato, mas, uma vez decidido, trataria-se de *business* como sempre. Sendo este show uma única apresentação em Londres, não me tomaria muito tempo, nem tiraria o foco da minha nova carreira, de maneira que concordei em ajudar. Os ensaios da banda aconteceram no Shaw Theatre, em Road Euston, Londres e, refletindo o verdadeiro profissionalismo com que o Queen sempre encarava as coisas, o pessoal-chave das turnês foi trazido dos EUA.

Um “probleminha” envolvendo o piano Steinway de Fred lembrou-me de que ele podia ser um puto difícil quando queria. Talvez eu tivesse deixado o

Queen oficialmente, mas ele ainda queria me manter em ponto de bala. Como de costume, resolvemos a pendenga e, no decorrer dos próximos dias, o Queen definiu a sequência dos 20 minutos de música que se tornou histórica no rock. Comprei vários relógios grandes de plástico branco para distribuí-los ao redor do palco; assim a banda poderia monitorar a si mesma quando a contagem regressiva começasse. Com tanto material a escolher, muitos pensavam que o Queen entraria em discussões constantes a respeito das músicas que iria tocar. No entanto, as coisas se encaixaram rapidamente e, embora outras combinações fossem testadas, a banda chegou a uma seleção final por unanimidade – e sem birras demais. O *play list* incluía três músicas de Fred, três de Brian e uma de Roger. John? O cara que compôs o *single* de maior vendagem do Queen e vários outros? John muito raramente fazia qualquer estardalhaço. Ele deixava rolar.

Aquilo não seria um show do Queen; não havia enormes equipamentos de iluminação, fumaça, pirotecnia ou clipe de introdução para empolgar a plateia. A escolha óbvia para uma banda de rock seria abrir o espetáculo com uma música agitada, para deixar o pessoal subindo pelas paredes. Não.

No concerto *Live Aid*, Mel Smith e Griff Rhys Jones apresentaram o Queen segundos depois de concluirmos a verificação do palco. Enquanto os aplausos de boas-vindas diminuíam, Fred sentou-se ao piano e começou a tocar “Bohemian Rhapsody”.

Simplesmente brilhante. O público sabia a letra de cor e, após a ovação inicial, pôs-se a cantar junto a criação mais conhecida da banda. A multidão já se encontrava no local há mais de sete horas e precisava de algo que a reanimasse. O Queen deu-lhe isso e foi magnífico. E além de magnífico, barulhento! O engenheiro de som, Trip Khalaf, tinha limitado o volume do sistema de som, mas acabou colocando-o no talo para o show do Queen. Se você não pode cegá-los, ensurdeça-os! Fred mostrou ao mundo por que era o maior *showman* da época e esteve com a plateia na mão. A energia, o astral e a vibração reinantes foram verdadeiramente maravilhosos e aquele se consagrou como o primeiro e,

de longe, o melhor dos grandes shows de cunho humanitário. O *Live Aid* havia mobilizado as atenções no momento certo. Depois, os shows beneficentes converteram-se numa espécie de “movimento de manada”, com disputa por posição, valor no mercado e tempo de TV. Contudo, os egos das muitas estrelas presentes naquele dia de julho não se chocaram e, numa atitude sem precedentes, Fred até permitiu que seu piano fosse usado por outra pessoa, no caso, Phil Collins. A norma de permitir-se apenas 20 minutos por artista vigorava com rigor, devido à necessidade de fazer coincidir o cronograma de execução com o tempo na TV. O palco giratório circular fora dividido em três partes iguais, como “fatias” de uma torta, o que possibilitava que uma banda se preparasse e outra desmontasse seu equipamento enquanto a terceira estava tocando.

Isso funcionou de forma bastante eficiente e pude assistir à apresentação do The Who enquanto nosso equipamento era desmontado e preparado para o carregamento. Instalado na frente do palco, havia um sistema de semáforo, com lâmpadas verde, amarela e vermelha, a fim de que os artistas se monitorassem. Quando a primeira luz acendia, a banda sabia que lhe restavam cinco minutos, a segunda sinalizava dois minutos – portanto, que terminassem a música o mais rápido possível – e a luz vermelha dizia: “Seu tempo acabou. Saia ou vamos cortar o som”.

Lá estava eu assistindo ao show do The Who, que transformara a detonação de seus instrumentos em arte, quando notei a luz vermelha piscando furiosamente. Os gerentes de palco e o pessoal da produção estavam ficando ansiosos: quem teria coragem de desplugar o The Who?

Sinais foram feitos para o sr. Roger Daltrey, que respondeu à sua maneira peculiar e única, chutando todas as luzes e quebrando-as antes de terminar a canção.

Peguei-me sorrindo e vi Bob Geldof atrás de mim, pulando e sacudindo os braços como um “moinho de vento”, no melhor estilo de Pete Townshend quando fingia tocar guitarra.

O espírito do rock’n’roll de fato esteve presente ali, naquela data, e a humanidade também. Quando todo o elenco cantou junto “Feed the World”, foi uma visão e uma atmosfera verdadeiramente inacreditáveis. Sinto-me privilegiado por haver estado lá, e aquele continua sendo um dos dias mais memoráveis da minha vida. Muitas vezes ainda ouço comentários de que me “viram” no concerto *Live Aid*, durante a apresentação do Queen, e escuto observações menos lisonjeiras sobre meu jeans cortado! “Estava muito quente”, retruco em minha defesa.

O Queen também ficou “quente”. A experiência os impressionara sobremaneira, renovando-lhes a crença no que faziam e a vontade de prosseguir. Acredito que existira uma possibilidade real de a banda ter se separado nessa época; todos estavam cansados e um tanto saturados. Também a queda de sua popularidade nos Estados Unidos os havia afetado bastante e precisavam de algo para reacender seu ímpeto e a crença no próprio talento. Pois não precisavam se preocupar: tinham sido a melhor banda do dia e roubado a cena, além de haverem surpreendido um monte de gente que não era fã do Queen. A banda demonstrou de forma inequívoca o quanto apreciara a contribuição de todos de sua equipe, que trabalharam sob grande pressão e, como sempre, desempenharam suas funções com profissionalismo. Fomos presenteados com uma foto emoldurada da banda no palco de Wembley e uma placa de metal onde estava gravado:

LIVE AID
13 DE JULHO DE 1985

OFERECIDO A

PETER HINCE

COM OS AGRADECIMENTOS DE

BRIAN, FREDDIE, JOHN E ROGER

QUEEN

Depois de minha pequena contribuição para a história do rock, mantive contato com a maioria das pessoas ligadas à organização Queen e realizei alguns trabalhos fotográficos para a banda. Então, no ano seguinte, no início da primavera, fui convidado para ser *roadie* de Billy Squier enquanto ele gravava em Londres.

Hum… aquela "coisa de rock" de novo?

Entretanto, como não seria um trabalho em tempo integral e haveria flexibilidade de horários, o que me permitiria continuar tentando me estabelecer como fotógrafo, aceitei. Os custos para montar meu negócio tinham sido elevados e os lucros permaneciam baixos. Um pagamento regular seria bem-vindo e o fato de eu me dar bem com Billy também pesou na minha resolução.

Mais ou menos na mesma ocasião, convidaram-me para fazer a próxima turnê do Queen, *Magic*. Após refletir e me aconselhar com uns poucos amigos, recusei a proposta. Minha decisão provocou surpresa, pois simplesmente presumiram que eu aceitaria. Argumentei que passara muito tempo me dedicando ao meu negócio e que embora ainda não estivesse colhendo frutos, uma interrupção prejudicaria o ritmo, e talvez até acabasse perdendo trabalhos

significativos, ou novos clientes.

E, o mais importante, eu já não era um *roadie*, e sim um fotógrafo.

Foi uma decisão dolorida. Além de saber que bons amigos meus participariam da turnê, o estilo de vida rock'n'roll fizera parte da minha vida por mais de 12 anos, e vestígios disso tudo continuavam no meu sangue. Sentia-me como alguém que ainda não saíra da "reabilitação".

Passei na casa de Fred para vê-lo e explicar a situação pessoalmente.

Ele retrucou:

– A questão é o dinheiro, não é? Não se preocupe, vamos dar um jeito.

Quando esclareci que não se tratava de dinheiro, ele entendeu, porém não disfarçou a decepção.

– Então você pode vir aos ensaios e treinar meu pessoal – insistiu.

Além de ser um astro do rock bem-sucedido, Billy era um americano culto e que apreciava o que de melhor Londres tem a oferecer. Ele conhecia Fred, contudo ainda não o havia visitado em Garden Lodge, o lar que Fred tanto se esforçara para construir.

Varamos inúmeras noites em Garden Lodge, com Billy tocando algumas de suas novas canções para Fred. E Fred sendo Fred, opinava sobre o que deveria ser feito. Billy estava encantado com as sugestões e apesar de Fred dizer: "São suas músicas, querido, não minhas", combinamos uma ida de Fred ao estúdio Sarm – onde o Queen gravara muitos de seus primeiros trabalhos – para cantar em duas faixas que o tinham particularmente agradado: "Love Is the Hero" e "Heart of Mine", cujo título Fred mudou para "Lady With a Sax Tenor". Billy quase estourava de satisfação, pois tinha Fred na mais alta conta. À medida que eu passava mais tempo com Fred e as pessoas que o cercavam, mais percebia o quanto ele estava longe de se sentir confortável com a ideia de que eu não participaria da turnê *Magic*. Também circulavam boatos de que ele nem faria a turnê por motivos pessoais.

Depois de tentar me distanciar de minha antiga vida, o que naturalmente

incluía Fred, eis que me descobria sendo arrastado para perto dele de novo. Para completar, não me sentia convencido de que as medidas tomadas para cobrir minha saída iriam funcionar a contento para Fred e John.

Encontrava-me num dilema.

Discuti o assunto com Billy e ele me ofereceu total apoio. Eu não queria deixá-lo na mão no meio de seu projeto de gravação, e ainda queria me afastar um pouco do passado e seguir em frente com minha nova vida e carreira. Billy ponderou que eu deveria fazer a turnê, pois sabia quão estreitos eram os laços que me uniam a Fred.

Após a última sessão de gravação de Billy e Fred, fomos todos ao restaurante indiano favorito de Billy, em Westbourne Grove. Fred adorava comida indiana, mas só frequentava lugares onde era conhecido e se sentia à vontade. Aquele não se encaixava nessa categoria. Sentamos numa mesa reservada, longe do burburinho, porém as pessoas não tardaram a reconhecê-lo. Não obstante, Fred agiu de forma tranquila, em atenção a Billy, que escolhera o lugar. Quando Billy e Terry – motorista e faz-tudo de Fred – foram ao banheiro (ou algo parecido), falei: “Ok, Fred, vou fazer a turnê para você”. Ele foi sincero em seus agradecimentos e, tão logo Terry voltou, comunicou-lhe a novidade.

Retornamos a Garden Lodge e lá ficamos o resto da noite. Fred fez questão de me agradecer várias vezes, insistindo: “Você sabe que pode ter tudo o quiser, não sabe?”.

Billy, desejando demonstrar a Fred sua gratidão pela contribuição e orientação nas duas músicas, resolveu lhe dar um presente. Assim, fomos às compras. Billy escolheu uma lembrança bem ao gosto de Sr. Mercury: uma raposa de bronze sobre um pedestal de mármore, peça original no estilo *art decó*. Em seguida Billy viajou para umas férias curtas e eu levei o presente, em seu nome, para Fred. Este ficou animadíssimo, pois adorava presentes. Sem se importar que a peça estivesse embrulhada em jornal e dentro de uma caixa de papelão, pôs-se a andar de um lado para o outro, à procura do melhor local para

encaixar a raposa.

Nessa altura, eu estava convencido de haver tomado a decisão certa: as despesas gerais e responsabilidades de um estúdio compartilhado seriam cobertas pelo dinheiro da turnê, e ainda sobraria o suficiente para me manter por algum tempo depois.

Fechei o acordo com Gerry Stickells; a negociação durou cerca de dez segundos: cem dólares por semana a mais do que na turnê na Austrália/Japão do ano anterior. Estava longe de ser "qualquer coisa que eu quisesse", mas isso nunca fora o problema, e nem sequer abordei a questão.

Achei ótimo rever e me reunir com meus velhos colegas nos ensaios, contudo algo não estava de todo certo. O clima parecia-me diferente e faltavam a unidade e camaradagem de uma família bem entrosada. Essa última turnê, a *Magic* de 1986, revelou-se uma experiência bastante diferente de qualquer outra turnê do Queen. As coisas tinham mudado depressa, a despeito de eu haver estado afastado apenas um ano. O negócio mudara, e não, especificamente, a banda ou a equipe de apoio. A nossa foi a maior de todas as turnês daquele verão, e sem dúvida devido ao desempenho fenomenal da banda no concerto *Live Aid* de 1985.

O espetáculo elaborado do Queen crescera, porém a máquina bem azeitada de outrora agora rangia, como se estivesse carregando peso demais. Sobrecarregada, perdera algo da elegância simples de antes. Sinto-me muito feliz de ter feito a turnê, considerando haver sido a derradeira. No entanto, não a apreciei como as anteriores.

O tamanho dos shows, a maioria ao ar livre, evidentemente exigiu um número maior de pessoas trabalhando, porém era gente demais. A coisa se transformara naquela espécie de jogo em que o importante era mostrar o quanto você era importante. Tratava-se de colecionar cargos. Política e treta. Um circo ridículo.

Em todas as turnês anteriores da banda, você sabia a quem pertencia

praticamente cada um dos passes laminados para os bastidores; agora os distribuíam a esmo, e muitos paravam nas mãos de idiotas desprezíveis.

A situação se tornou tão absurda, que para a segunda metade da turnê novos passes – com um nº 2 impresso – foram emitidos a fim de evitar falhas na segurança.

O Queen era grande e o *timing* estava certo, mas a banda tinha sido grande por muitos anos e todo o exagero e publicidade espalhafatosa apenas criava um ambiente falso que alienava e dividia as pessoas.

Todos nós havíamos mudado um pouco, e ainda que eu estivesse executando o mesmo trabalho que realizara durante anos a fio, e ainda que possuísse a confiança e a habilidade para fazê-lo, era diferente. Apesar de continuar sendo leal e profissional, não considerava mais aquele o meu "verdadeiro" trabalho.

A era se fora, e também se fora a sensação especial criada em tantas turnês. Apesar de o show ser bom, o equipamento de iluminação pelo qual o Queen sempre fora conhecido era pobre. Imenso e caro, contudo assemelhava-se a uma árvore de Natal gigante. Simplesmente avantajado, todavia destituído do dinamismo dos anteriores.

Em Knebworth, no último show do Queen ao vivo, de algum modo eu pressentia que seria o derradeiro para todos nós. Embora não tivesse ideia do estado de saúde de Fred, eu percebia aquele como o último show para mim e para eles. John também estava com um humor estranho e, sem motivo aparente, jogou seu baixo contra os alto-falantes após a música final. Antes do bis, eu já havia consertado e afinado o instrumento sem nenhum problema. Ele me pediu desculpas, porém, aparentemente, não estava se divertindo.

O lado duro do rock'n'roll havia, efetivamente, tomado controle e uma nova era – com o apoio e propaganda das grandes marcas – começara. Sinto-me tão satisfeito por ter decidido sair quando saí. Não existe, aparentemente, mais nenhum divertimento e as pessoas envolvidas agora levam a si mesmas e à indústria muito a sério. É importante lembrar que ninguém que eu conheço,

músico ou *roadie*, entrou no negócio só por dinheiro.

Uma vez que a poeira baixou, após essa derradeira turnê, voltei ao meu estúdio e tentei retomar as coisas de onde as deixara cerca de doze semanas atrás. Pouco tempo depois, fui convidado para um grande evento, a comemoração dos 40 anos de Fred. A festa temática – "use um chapéu maluco" – aconteceu nos jardins de sua casa e usei o mesmo boné, com as mãos batendo palmas, que usara no Japão, quando Fred me perseguira pelo palco.

No outono daquele ano, Fred gravou seu *single Great Pretender* e me contratou para fazer a foto da capa e depois para as fotos do clipe. O humor no estilo *roadie* ainda estava vivo quando Crystal e eu, no estúdio, reescrevemos o verso inicial cantado por Fred: *"Oh, yes, I'm the great… big bender!"* (Oh, sim, eu sou o grande… pederasta!) Entretanto, a despeito desse lembrete irreverente e vulgar do passado, eu sentia que estava finalmente fora da estrada. O velho jargão "eu estou com a banda", já não era mais verdadeiro. Eu estava no meu próprio caminho.

Ninguém jamais poderá tirar de mim o que vivi ou alcancei, todavia temos que viver no presente, não no passado. Mais sessões de fotos com Fred e o Queen surgiram, além de convites para as festas suntuosas de Fred – incluindo jatinhos particulares, passagens na classe executiva e hotéis de luxo, tudo pago pela generosidade de Sr. Mercury. Também recebi convites para jantares no Garden Lodge, para festas de Natal e outras recepções. Era bom ser lembrado e saber que todos haviam entendido por que eu deixara o Queen para trabalhar com fotografia.

O mundo vai sempre se lembrar daquelas palavras imortais no estádio de Wembley, em 1966: "Algumas pessoas estão em campo – elas acham que está tudo acabado…". E cerca de 20 anos depois, no Knebworth Park, e umas poucas semanas depois de o Queen ter tocado no *Live Aid*, no velho e famoso estádio Wembley, certamente estava tudo acabado.

Vi e falei com Fred Mercury pela última vez na festa de aniversário de 20 anos do Queen, no exclusivo Groucho Club, no Soho, em Londres. Ele estava sentado a uma mesa grande, num salão reservado do andar superior, e eu numa mesa oposta à sua, com minha namorada Julie, John Deacon e sua esposa, Verônica. Ao me ver, Fred acenou, me chamando. Então, quando cheguei à sua mesa, ele se levantou, me abraçou de leve, me deu um beijo no rosto e disse: “Obrigado por ter vindo, fico grato”.

Foi assim. A última vez em que o vi. Eu não fazia ideia.

Ao olhar para trás, sinto-me grato por ter tido uma vida tão incrível trabalhando com o Queen e gostaria de lhes agradecer. Sem dúvida eles também me agradeceriam. Devo muito à banda e em especial ao Fred. Sinto muitíssimo a falta dele.

Fred deu-me tantas coisas ao longo dos anos. Não apenas presentes, demonstrações de afeto ou *souvenires*, mas também lembranças de valor inestimável – algumas das quais acabei de compartilhar com você. Ele também me transmitiu a importância da autoconfiança e do trabalho duro para conseguir o que se quer da vida; e absorvi muito de sua criatividade e ética profissional só de estar na sua presença. Ele acreditava que “o talento se revela” e que, seja lá o que você fizer, “faça-o com qualidade e estilo – *darling”*.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas que, desde o meu tempo com o Queen, fizeram este livro acontecer e me encorajaram no melhor estilo “vai nessa”: John Blake, Michelle Signore, Louisa Somerville, John e Nadia Cameron-Blakey, Vernon Reeves, Julianna Mitchell, Stefano Pesenti, Ian Craig e Alastair Campbell.

Tive a sorte de viajar bastante e conhecer pessoas de todas as nacionalidades e de diferentes estilos de vida. Além de todos do Queen e os óbvios amigos e familiares etc., eu gostaria de agradecer às seguintes pessoas dentre as milhares que conheci e com quem trabalhei durante meus muitos anos com o Queen; pessoas que foram solidárias, generosas, que me respeitaram e acreditaram em mim. E há aqueles que me ajudaram durante muitos momentos de dificuldade, me fizeram companhia no bar, ou simplesmente me acompanharam com segurança de volta ao meu quarto de hotel. Se você não está na lista e acha que deveria estar, peço desculpas. Há sempre a reedição dos livros para consertar as coisas…

Em nenhuma ordem especial: Gerry e Sylvia Stickells, Reinhold Mack, Jimmy Barnett, Billy Squier, Joe Trovato, Jim Devenney, Trip Khalaf, John Collins, Chris Taylor, Brian Zellis, John Harris, Geoff Workman, Mike Stone, Roy Thomas Baker, Fred Mandel, Morgan Fisher, Anderson Richie, Phil John, Michael Hince, Robin Mayhew, Pete Brown, Mary Austin, Veronica Deacon, Chrissy Maio, Dominique Taylor, Joe Fanelli, Peter Lubin, Mike Wilderink, Edwin Shirley, Chris Wright, Ian Haynes, David Bernstein, Neal Preston, Barry Levine, Tony Williams, Robert Usher, Pete Cornish, David Morris, Dick Ollet,

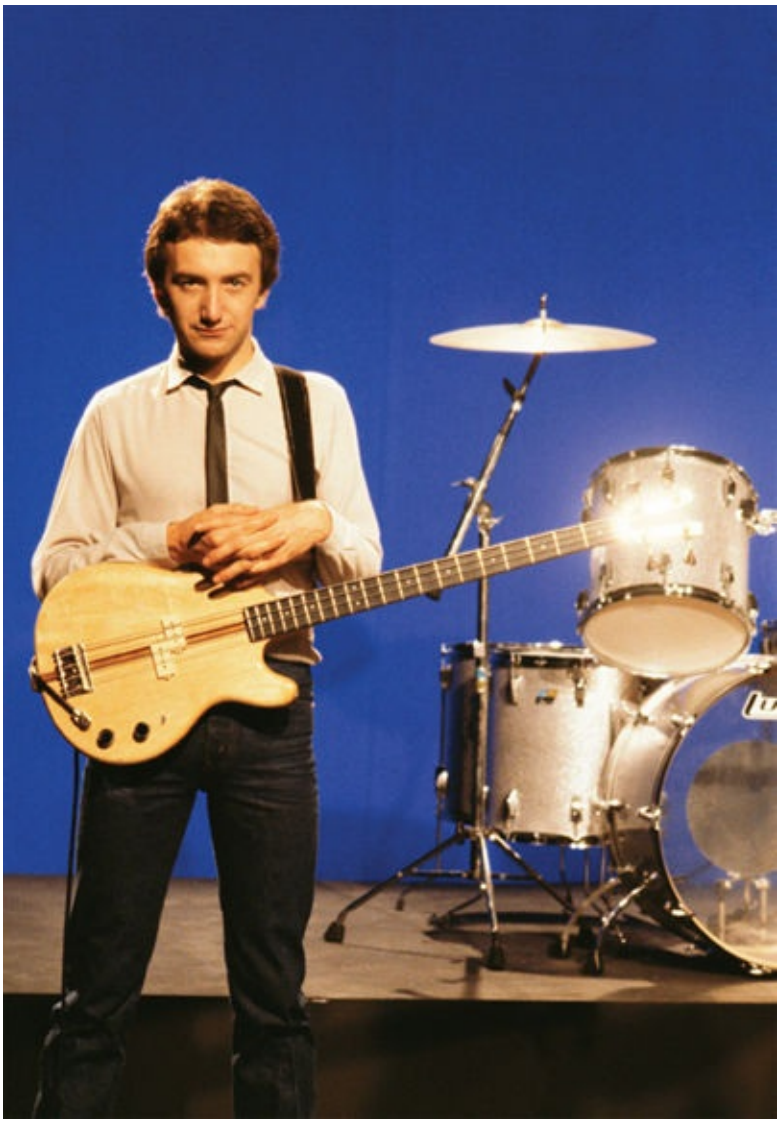
Vicky Everett e David Martin.

Este livro foi impresso pela Prol Editora Gráfica para a Editora Prumo Ltda.

MAPLE LEAF GARDENS
TORONTO, CANADA
QUEEN
U. S. WINTER TOUR 1977
14
PETE HINCE
ACCESS
ALL AREAS
Boarding Pass
QUEEN
CREW
WANTS
YOU
AVALON ATTRACTIONS BRINGS
QUEEN
AT THE FABULOUS FORUM
FRI JUL 11 1980 AT 7
NO REFUNDS OR EXCHANGES
QUEEN
NÉPSTADION
KÖZÉPLELÁTÓ
IN CONCERT
QUEEN
Donnerstag, 19. Mai 1977, 19.00 h
Sporthalle St. Jakob
Basel
Mitwirkende
3. STAB
MÜNCHNER
OLYMPIAPARK
GMBH
Queen
QUEEN
INVITES YOU TO A HALLOWEEN PARTY
ELEVEN P. M., OCTOBER 31, 1978
THE IMPERIAL BALLROOM
of the
FAIRMONT HOTEL
Please Wear Button for Admittance
Jazz-Festival
Montreux
002323
13
Jeudi 13 juillet 1978 20 h
Casino Montreux
Fr. 55.— Taxe comprise
RIO
RIO DE JANEIRO

Isto era o que eu via todas as noites – olhando Freddie cantar “We Are the Champions” no piano de cauda Steinway. John é a silhueta logo atrás. Com a fumaça cenográfica e a iluminação dramática, forma-se uma imagem evocativa – uma imagem que eu vi inúmeras vezes e precisava capturar. Esta foto foi tirada na Budokan Arena, em Tóquio, em fevereiro de 1981.

Julho de 1982. Brian tocando a guitarra Fender Broadcaster de Roger no set de gravação do videoclipe de “Back Chat”.



John com um baixo Kramer no set do videoclipe de “Play the Game”, em Londres, em maio de 1980.

Roger no set de gravação do videoclipe de “Somebody to Love”, nos Wessex Studios, em Londres, em novembro de 1976.

Montreal Forum, no Canadá, em novembro de 1981 – o concerto para o vídeo de “We Will Rock You”.

A vista da lateral esquerda no momento do retorno da banda ao palco em meio à fumaça e às explosões pirotécnicas para o interlúdio “heavy metal” de “Bohemian Rhapsody”.

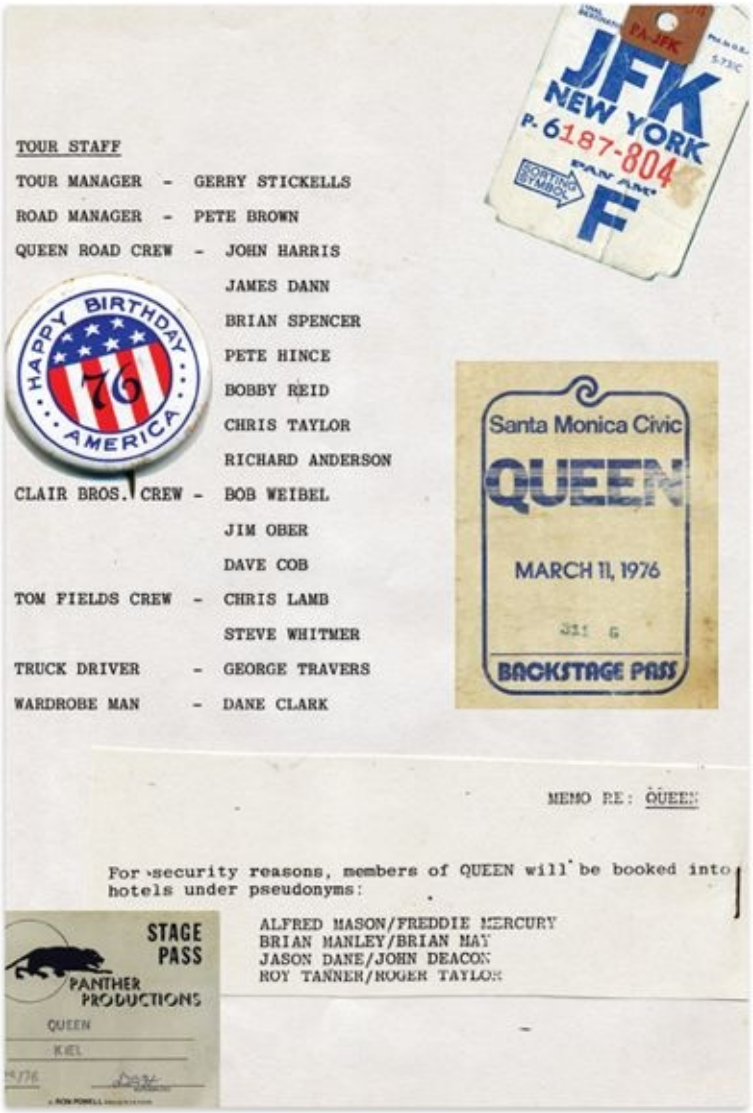
A vista da lateral direita do palco, mostrando a banda e o público. O bar e o setlist podem ser vistos atrás das caixas de retorno do piano.

Novembro de 1982, estádio Seibu Lions, em Tóquio. Esta é uma vista aérea do Queen e do tecladista substituto Fred Mandel no piano de Freddie, tocando “Crazy Little Thing Called Love”.

Queen sendo ovacionado após o último bis na arena Budokan, em Tóquio, em fevereiro de 1981.

Janeiro de 1978. A gravação do videoclipe de “We Will Rock You” e “Spread Your Wings”, rodado no jardim da casa de Roger, em Surrey.

A gravação de “Radio Ga Ga” nos Shepperton Film Studios, em novembro de 1983.

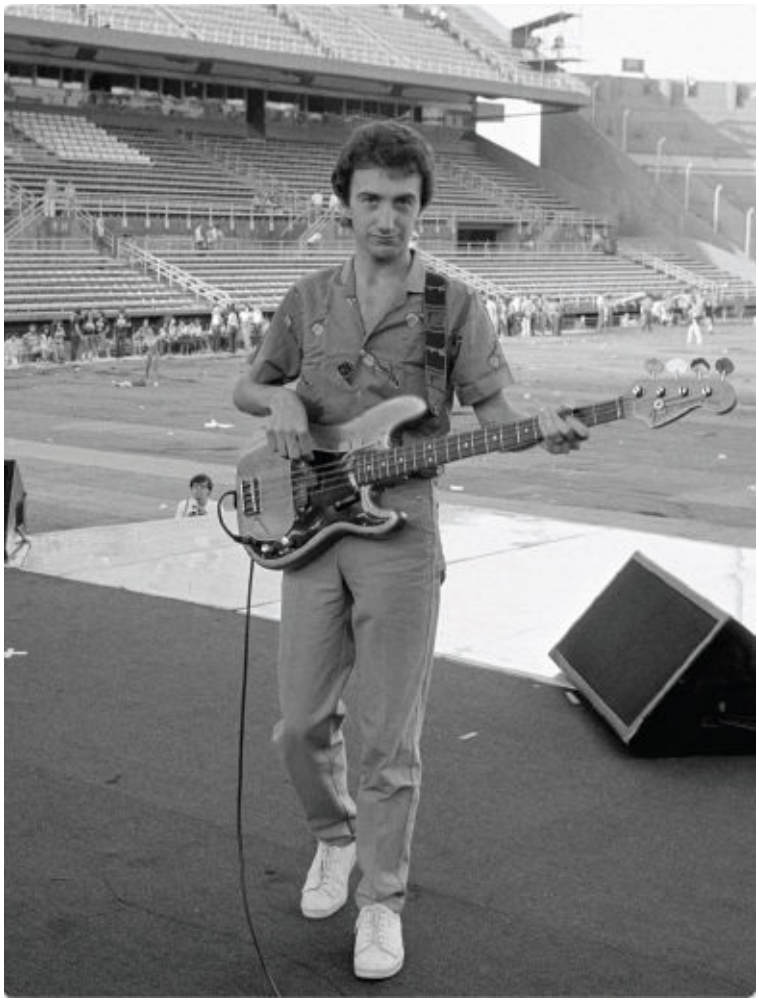


Página da equipe de apoio com o itinerário da turnê norte-americana de 1976. O pedaço de papel grampeado dá os pseudônimos usados pelos músicos quando se hospedam em hotéis.

À esquerda: Fred com dançarinas no set do videoclipe de “Crazy Little Thing Called Love”, gravado em setembro de 1979.

À direita: Agosto de 1978. Fred com a amante Mary Austin nos jardins do hotel Eden au Lac, em Montreux, na Suíça.

Puebla, México, em outubro de 1981. Fred ao piano, que tinha um sintetizador no topo. Ambos os teclados estão refletidos em seus óculos espelhados.



John durante a passagem de som no estádio Velez Sarsfield, em Buenos Aires, Argentina, em fevereiro de 1981 (esquerda), e em Puebla, no México, em outubro de 1981 (direita).

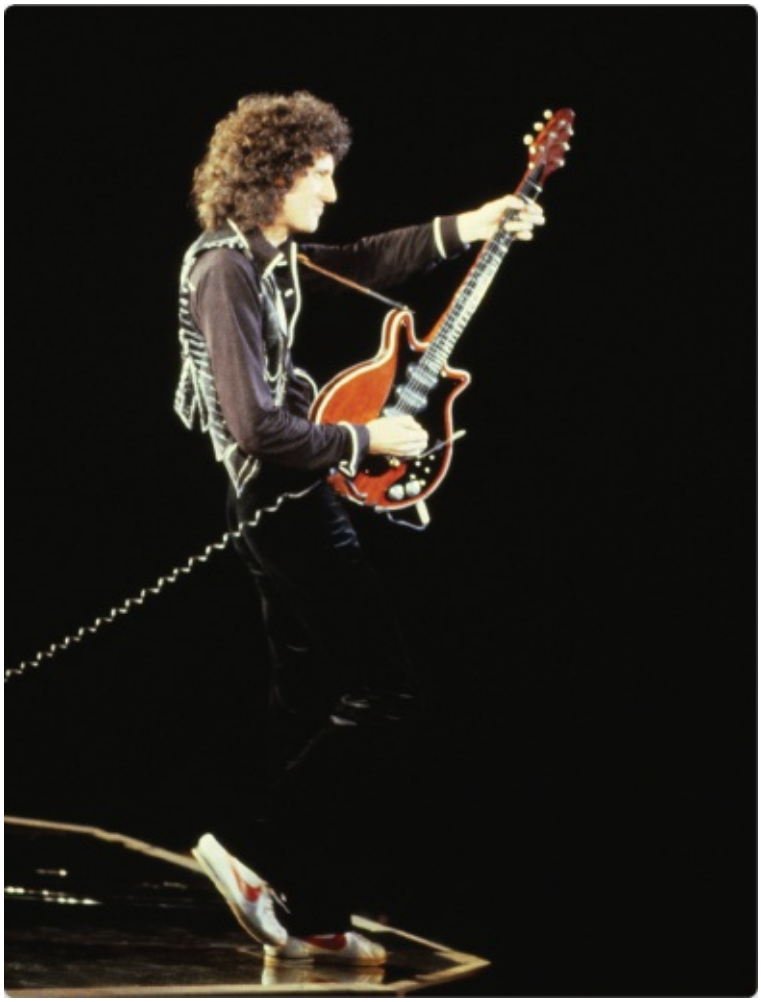
John vestido de “vovó” no set da gravação do videoclipe de “I Want to Break Free” em Londres, março de 1984.

Londres, março de 1984. Roger vestido como uma “colegial fumante” no set de “I Want to Break Free”.

Maio de 1980. Roger com sua bateria prateada, no set do videoclipe “Play the Game”.

Novembro de 1981. Roger deixa clara sua lealdade ao departamento de bateria nos estúdios Musicland, em Munique.

Saúde! Brian bebe um caneco de cerveja alemã, no Englischer Garten, em Munique.



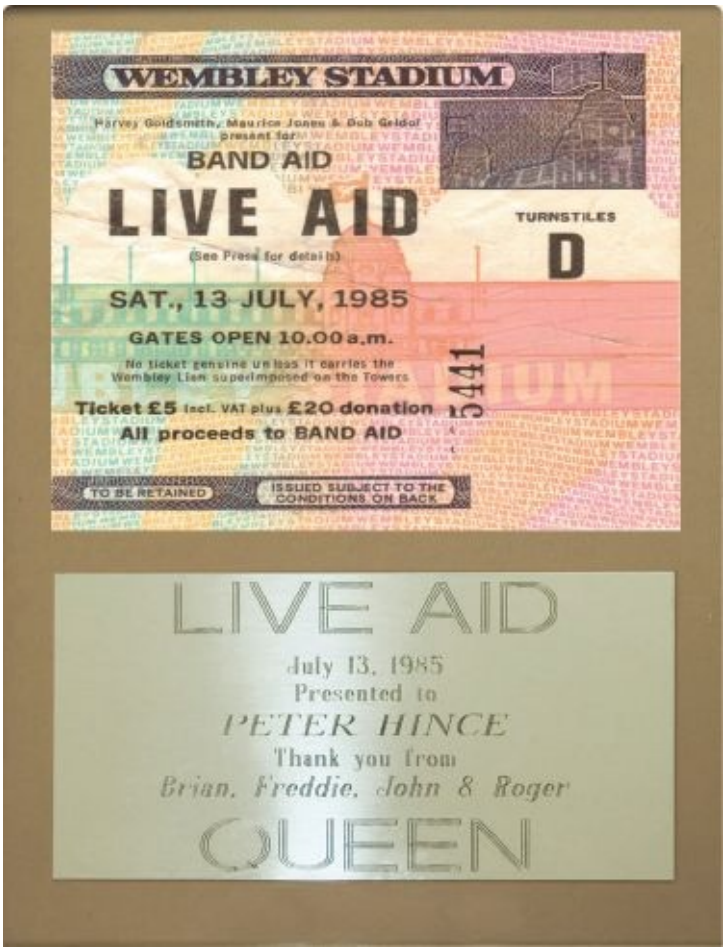
Brian durante um solo de guitarra no Forum de Montreal, no Canadá, novembro de 1981.

Passagem de som em Puebla, México, em outubro de 1981.

Esta página e a seguinte: Momentos de trabalho e lazer no estúdio Musicland, em Munique.

→20
→20A
4 4 5
→21A
Y FILM 5063
KODAK SAFETY FILM 5063
→23
→23A
→24
→24A
DAK SAFETY FILM 5063
KODAK SAFETY FILM

Brian “descansando” com baquetas – Munique, 1981.



O prêmio Live Aid dado a mim pelo Queen.

Com Brian May e seus amplificadores AC30 no Oakland Coliseum, na Califórnia, em 1980.

Verificando o braço do baixo de John, EUA 1977.

Freddie na passagem de som no Estádio do Morumbi, em São Paulo, em março de 1981. O Queen tocou para 251 000 pessoas em duas noites – o maior público pagante já registrado para um show ao vivo.

Agosto de 1978. Roger no “salão” do Casino de Montreux, que foi usado como sala de estúdio para gravar o álbum Jazz.

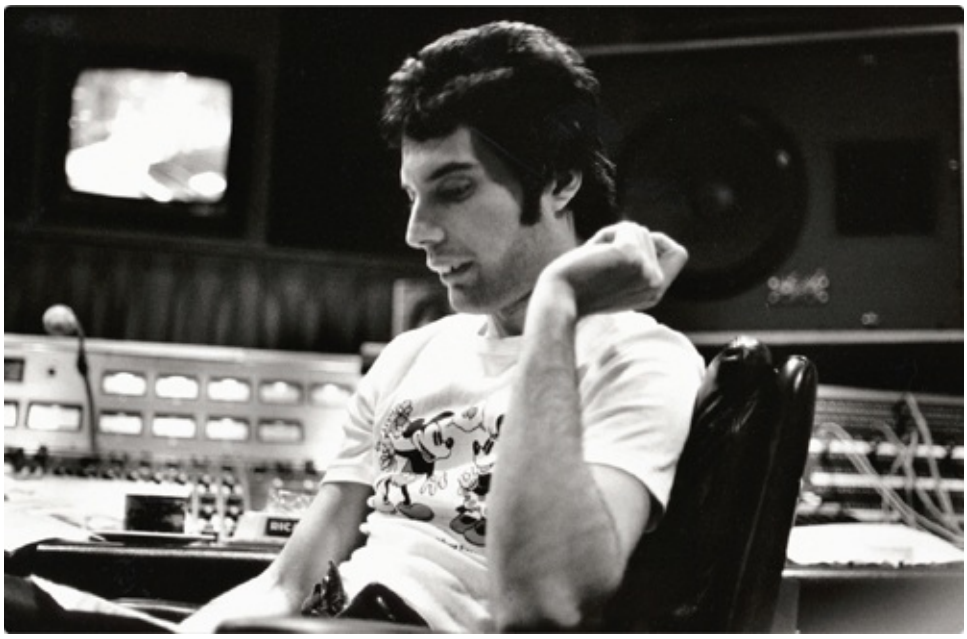
John com seu baixo Musicman Stingray tocando “Tie Your Mother Down” durante a gravação de um vídeo ao vivo, em Miami, 1977.

Brian no estúdio em Munique, em 1981.

Fred ensaiando para a turnê europeia The Game, de 1980.

Novembro de 1983. Freddie luta com o tempo no set do videoclipe de “Radio Ga Ga”.

Freddie em dois momentos na sala de controle do estúdio Mountain, em Montreux.



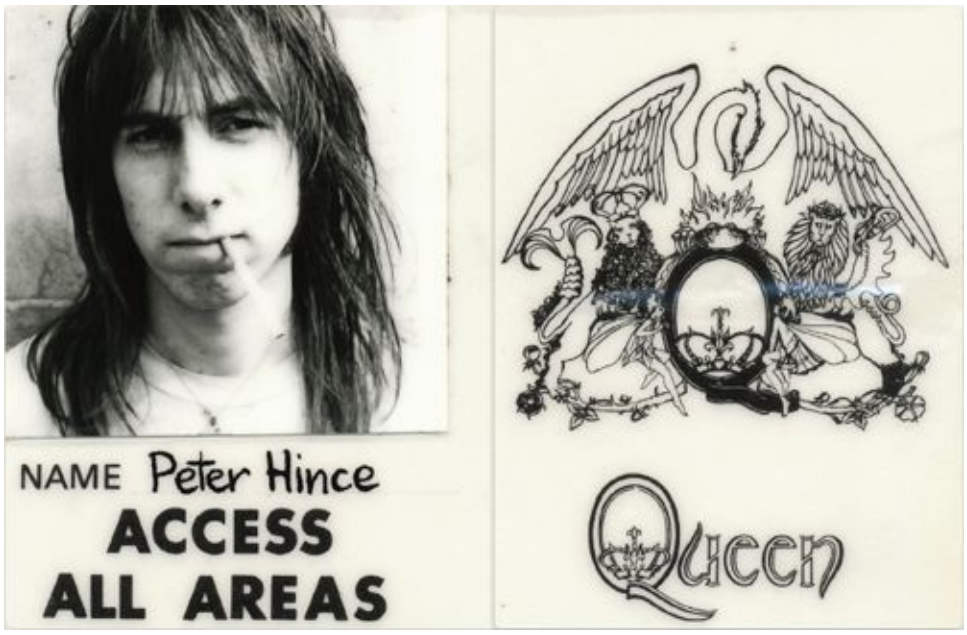
Durante a realização de Hot Space, em 1981 e, abaixo, durante a mixagem do álbum Live Killers, em 1979.

A banda com o produtor alemão, Mack, 1981.

John com o “outro” Fred – o tecladista substituto Fred Mandel, 1982.

Um dos três armários de roupas do camarim do Queen.

Momento de descontração com John Deacon, após o primeiro grande concerto sul-americano, no estádio Velez Sarsfield, em Buenos Aires, fevereiro de 1981.



O meu passe livre para os concertos de verão do Queen, no Reino Unido, em 1976.

Com uma das minhas fiéis escudeiras, a câmera Nikon, no lado de fora do estúdio Mountain, em Montreux, em 1981.

Título original: *Queen Unseen*
Copyright © 2010 John Blake Publishing Ltda.
Texto © 2010 Peter Hince

Em acordo com Pontas Literary & Film Agency

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direção Editorial
Jiro Takahashi

Revisão
Marcia Benjamin
Denise Dognini

Editora
Luciana Paixão

Arte
Marcos Gubiotti

Editora assistente
Anna Buarque

Produção digital
Equire Technologies

Preparação de texto
Lucas Puntel Carrasco

Imagens de capa e miolo: © Peter Hince

Algumas das imagens deste livro estão disponíveis em versões impressas autografadas pelo autor. Para mais informações visite o site: www.peterhince.com

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H554q Hince, Peter

Queen nos bastidores [recurso eletrônico] : minha vida com a maior banda de rock do século XX / Peter Hince; tradução Maria Elizabeth Hallak Neilson. – São Paulo: Prumo, 2013.
296p., recurso digital

Tradução de: Queen Unseen
Contém caderno de fotos
ISBN 9978-85-7927-255-4 (recurso eletrônico)

1. Mercury, Freddie, 1946-1991. 2. Hince, Peter. 3. Queen (Conjunto musical). 4. Músicos de rock – Inglaterra – Biografia. 5. Rock – Inglaterra – História. 6.Livros eletrônicos. I. Título.

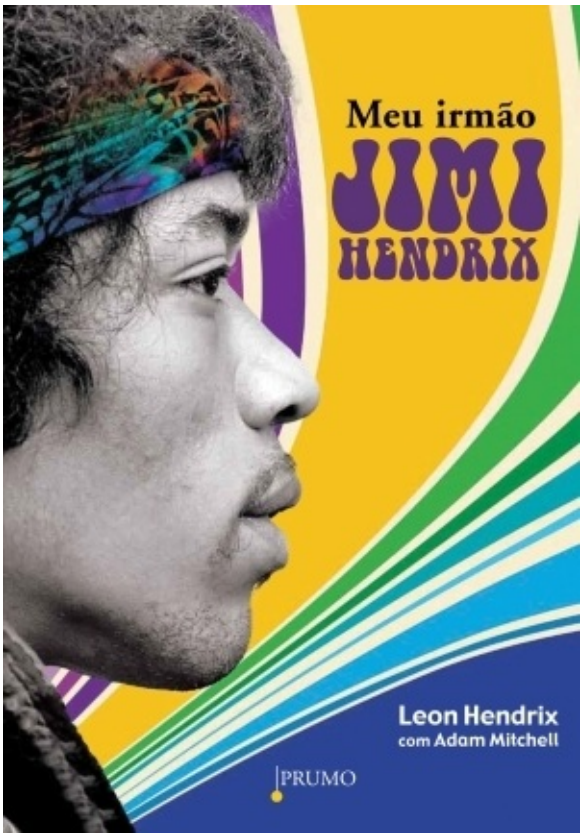
13-0925. CDD: 927.8166
CDU: 929:78.067.26

Direitos de edição para o Brasil: Editora Prumo Ltda.

Rua Júlio Diniz, 56 – 5º andar – São Paulo/SP – CEP: 04547-090
Tel.: (11) 3729-0244 – Fax: (11) 3045-1512
E-mail: contato@editoraprumo.com.br
Site: www.editoraprumo.com.br

O Autor

PETER HINCE conheceu os integrantes do Queen em 1973 quando ainda era um adolescente e os músicos faziam os shows de abertura para o Mott The Hoople, um dos grandes nomes do rock inglês da década de 1970. Pouco depois, ele começou a trabalhar em tempo integral para o Queen e permaneceu com a banda até o último concerto deles, em 1986. Peter deixou a indústria musical para iniciar uma carreira como fotógrafo de publicidade, profissão que ainda exerce, paralelamente ao ofício de escritor.


Meu irmão
JIMI
HENDRIX
Leon Hendrix
com Adam Mitchell
PRUMO

Meu irmão Jimi Hendrix

Hendrix, Leon
9788579272608
296 páginas

Compre agora e leia

Mais de quarenta anos após a morte do maior guitarrista de todos os tempos, Jimi Hendrix continua encantando a todos com sua música e conquistando novos fãs. Sim, há inúmeras biografias do músico, m as esse livro traz pela primeira vez um relato único e revelador desse grande ícone do rock: uma biografia intimista narrada por seu irmão caçula – Leon Hend rix. Em uma vertiginosa viagem ao passado, o autor nos leva a conhecer uma faceta não explorada de Jimi Hendrix, seus dias antes da fama, a partir de sua infância em Seattle, onde a fascinação por ficção científi ca e seres extraterrestres o ajudavam a escapar dos problemas familiares, da relação conturbada com os pais. Leon rememora ainda o encantamento que a música produzia em seu irmão ainda criança, até os experimentos extravagantes que anos mais tarde o consagrariam como o maior guitarrista de todos os tempos. Em comemoração ao que teria sido o 70o aniversário de Hendrix, a Editora Prumo traz o relato comovente de Leon Hendrix – lançando uma no va luz sobre a lenda da guitarra.

Compre agora e leia

Como os franceses inventaram o amor
Nove séculos de romance e paixão
Marilyn Yalom
PRUMO

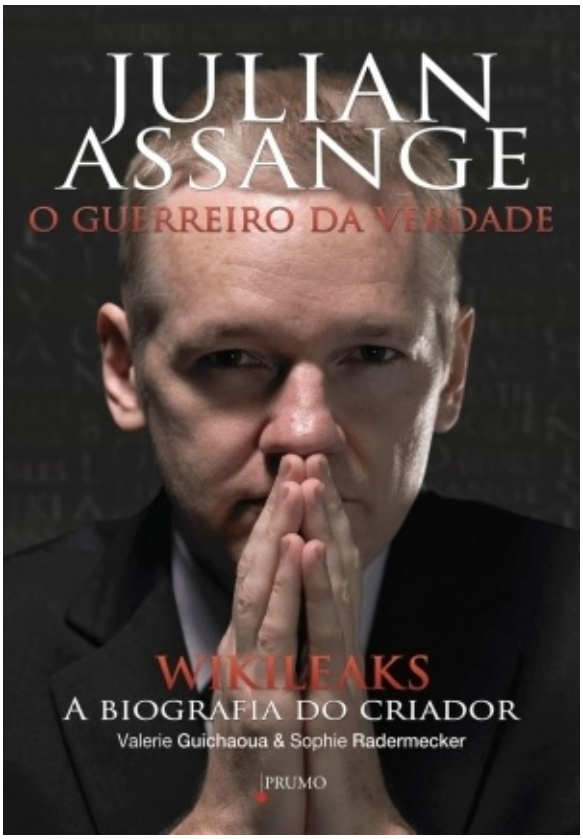
Como os franceses inventaram o amor

Yalom, Marilyn
9788579272820
368 páginas

Compre agora e leia

Os franceses são reconhecidos no mundo todo como mestres na arte de amar. A consagrada acadêmica americana Marilyn Yalom, assumidamente uma admiradora dessa faceta tão representativa da cultura francesa quanto a celebrada culinária do país, investiga as origens e o desenvolvimento do conceito de amor como o conhecemos (ou desejamos) através da literatura e da história da França.Nesta viagem, que atravessou nove séculos, a escritora conta com a companhia de ilustres personalidades, reais e imaginárias. De Abelardo e Heloísa a Marguerite Duras, passando por Cyrano de Bergerac, Balzac, Rimbaud, Madame Bovary, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e muitos outros personagens da cultura francesa que personificam todas as nuances do heroísmo romântico que povoam o imaginário dos que sonham com o verdadeiro amor. Como os franceses inventaram o amor é um trabalho acadêmico primoroso, embalado em uma prosa cativante que certamente irá seduzir os leitores. E Marilyn Yalom, mulher do escritor se revela uma charmosa guia em uma expedição pelo desejo, pelo romance e pelo sexo à francesa, incansáveis fontes de inspiração para o resto do mundo.

Compre agora e leia


JULIAN
ASSANGE
O GUERREIRO DA VERDADE
WIKILEAKS
A BIOGRAFIA DO CRIADOR
Valerie Guichaoua & Sophie Radermecker
PRUMO

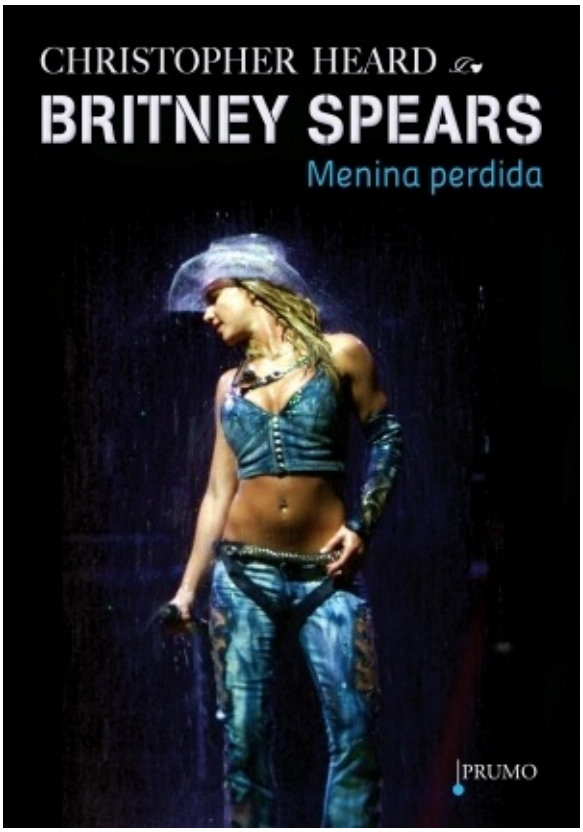
Julian Assange

Guichaoua, Valerie
9788579272301
312 páginas

Compre agora e leia

Julian Assange, fundador do WikiLeaks, é talvez o homem mais polêmico da atualidade. O seu site foi responsável por constranger a maior potência do planeta, contribuir para a derrocada de governos tirânicos e desmascarar escândalos financeiros. Revelações que lhe trouxeram muitas inimizades, a alcunha de inimigo do estado e uma vida de fugitivo. Visto como um herói por alguns e um anti-herói por outros, Julian Assange é antes de tudo um ser humano, com qualidades que lhe renderam a notoriedade internacional, mas, ao mesmo tempo, podem lhe custar a liberdade. As jornalistas investigativas Valerie Guichaoua e Sophie Radermecker trazem à tona um perfil completo e profundo sobre este homem que não tem pátria ou bandeira e que busca a verdade a qualquer custo.

Compre agora e leia


CHRISTOPHER HEARD
BRITNEY SPEARS
Menina perdida
PRUMO

Britney Spears

Heard, Christopher
9788579272349
256 páginas

Compre agora e leia

Apesar de todas as polêmicas dos últimos anos, Britney Spears ainda se mantém no superestrelato: possui legiões de fãs, promove turnês ao redor do mundo, é vista como uma diva pop milionária. Acompanhe os altos e baixos da carreira da menina do Sul dos Estados Unidos que teve de crescer e se reinventar para continuar na mídia e se consagrar como a grande estrela da música. De certo modo, sua história segue o clássico roteiro de muitos artistas que começaram cedo no show business: estrela-mirim, sucesso relâmpago, fama, dinheiro e decadência. Invariavelmente, alguns poucos conseguem sobreviver a essa fórmula, e é isso o que Britney vem tentando fazer nos últimos anos, procurando dar a volta por cima e demonstrando seu amadurecimento pessoal e artístico.

Compre agora e leia

O ex-CEO da companhia
conta como foi construída a marca
mais popular do mundo

NEVILLE ISDELL *com* DAVID BEASLEY

PRUMO

Nos bastidores da Coca-Cola

Isdell, Neville
9788579272837
240 páginas

Compre agora e leia

"Depois de tantos relatos requentados da história da Coca-Cola, este livro constitui um verdadeiro sopro de ar fresco. Este vívido relato dos quarenta anos de carreira de Neville Isdell na gigante dos refrigerantes, desde o início, dirigindo um caminhão de entregas na África, até atingir o topo, como o CEO que tirou a empresa do fundo do poço, o livro está repleto de histórias dos bastidores da empresa e lições de negócios aprendidas a duras custas." – John Helyar, coautor de Barbarians at the GateA Coca-Cola é a marca mais reconhecida e próspera do mundo, cruzando fronteiras geográficas, linguísticas e culturais. A história da criação, do marketing e da recriação da marca é contada pela primeira vez por um executivo da própria companhia, Neville Isdell. Um homem cuja carreira de mais de quarenta anos o levou a viajar o mundo inteiro e a escalar da base até o topo da pirâmide organizacional. Nos bastidores da Coca-Cola oferece um ponto de vista sem igual. Franco, divertido e repleto de sabedoria do mundo real dos negócios, este livro é um relato fascinante de toda uma carreira em uma lendária empresa.

Compre agora e leia